

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO

ALEXANDRE PITO GIANNONI

UMA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA EXPLICITADA PELAS  
ABORDAGENS DA FUNÇÃO IMAGINATIVA (1917-1960)

CAMPO GRANDE

2018

ALEXANDRE PITO GIANNONI

UMA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA EXPLICITADA PELAS  
ABORDAGENS DA FUNÇÃO IMAGINATIVA (1917-1960)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Inara Barbosa Leão.

CAMPO GRANDE

2018

ALEXANDRE PITO GIANNONI

UMA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA EXPLICITADA PELAS  
ABORDAGENS DA FUNÇÃO IMAGINATIVA (1917-1960)

Dissertação apresentada à Comissão  
examinadora do Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia da  
Universidade Federal de Mato Grosso  
do Sul, como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em  
Psicologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Inara Barbosa Leão – Orientadora  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr. Nilson Berenchtein Netto – Membro externo  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof. Dr. David Victor-Emmanuel Tauro – Membro interno  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Renata Bellenzani – Suplente  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

CAMPO GRANDE

2018

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Janine, por todo carinho, confiança e ajuda nesses dois anos de mestrado em Campo Grande.

Ao meu pai Alexandre, por todo o carinho, ajuda e por todas nossas conversas durante esses dois anos de mestrado.

Ao meu avô João, pela inspiração e por toda sua dedicação à história, que proporcionou que me apaixonasse também pela história.

À tia Juju, por todo o carinho, ajuda e inspiração acadêmica durante o período do mestrado.

A Luana, por todo amor, carinho, ajuda, momentos compartilhados e, principalmente, paciência nestes últimos meses de mestrado.

A Vic, por todo o carinho, amizade, trabalhos compartilhados, mas, acima de tudo, por toda sua camaradagem.

A Raquel, pela amizade, camaradagem, brincadeiras, mas principalmente pela companhia em vários momentos destes dois últimos anos.

Aos camaradas Everton e Esli, por todo o carinho, camaradagem e pelos vários momentos compartilhados em Campo Grande neste último ano.

Aos amigos de Jaboticabal: Lambão, Gigi, Ricardo e Amanda, que nestes últimos meses me ajudaram muito no fim dessa dissertação, e por todo o carinho e amizade desde sempre.

Aos amigos do bar do Zé em Jaboticabal: Zezinho e Rosana, Breno, Servidone, Cebola, Zé Furim, Chico, e a todos os outros que não caberiam apenas nos agradecimentos desse trabalho. Obrigado pelo carinho, e por todos os momentos que sempre me ensinaram que a psicologia deve a cada dia mais estar a serviço da classe trabalhadora.

Aos camaradas do PCB/MS: Dirceu, Marçal, Esli, Everton, Willian, Alê, Dani, Amabe e Jennifer, por me manterem na militância durante esses dois anos em Campo Grande. E, por todo o carinho, amizade, e principalmente toda a camaradagem neste período.

A Inara, pelos dois anos de carinho, amizade e orientações para essa dissertação.

Ao Netto, por toda sua contribuição em minha trajetória acadêmica, e novamente por aceitar em fazer parte desse trabalho.

À Turma de Psicologia 2020 da UFMS, por ter me proporcionado minha primeira experiência na docência, mas, principalmente, por toda a paciência ao longo da disciplina. Obrigado pelo carinho, também são parte desse trabalho.

Ao professor David, pelos momentos valiosos durante as aulas, e principalmente pela avaliação deste trabalho.

A todos aqueles que diretamente ou indiretamente fizeram parte desse trabalho.

A CAPES, pela bolsa

*Nenhuma dissertação psicológica pode substituir, no ser humano, o que este sente, se ele mesmo não experimentou o amor, o ânimo combativo, o ato de criar. Minhas próprias sensações, ou emoções me são proporcionadas de outra forma, desde outra perspectiva, por assim dizer, que para os outros. As emoções, pensamentos e sentimentos do sujeito, são seus pensamentos, seus sentimentos. São suas emoções, um pedaço de sua própria vida, de sua própria carne e sangue.*

*Serguei Leonidovich Rubinstein*

## RESUMO

Esta dissertação visa recompor uma história da Psicologia Soviética, desde o governo Leninista até o final do período Stalinista (1917-1953), tal como, ela se apresentou nos tratamentos dados à Função Psicológica Superior Imaginativa. Para cumprimos nosso objetivo, realizamos esta pesquisa bibliográfica mantendo como visão metodológica e respaldo analítico o materialismo histórico-dialético. Buscamos demonstrar a importância da função imaginativa no desenvolvimento da Psicologia Soviética. Compreendemos que a imaginação é uma função psicológica superior prática, que se desenvolve pela mediação da atividade social do sujeito na sociedade em que vive. Por ser assim, encontra-se ausente em crianças muito pequenas e não é compartilhada com nenhum animal. A imaginação, assim como qualquer outra função psicológica superior, é primeiro um processo interpsicológico e, no decorrer do desenvolvimento humano, é interiorizada pelos processos de atividades do sujeito na sociedade em que vive tornando-se um processo intrapsicológico. Portanto, tínhamos como hipótese teórica que as condições materiais, tecnológicas e científicas para o desenvolvimento da psicologia na União Soviética, entre 1917 até 1960, permitiram ao mesmo tempo avanços e retrocessos nos estudos da função imaginativa. Também destacamos a relevância da imaginação no avanço técnico, científico e artístico da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S). Neste sentido, encontramos as contribuições da imaginação presentes no crescimento econômico e superestrutural da União Soviética. Além disso, a função imaginativa, também se fez presente na investigação criadora para a elaboração de uma nova ciência psicológica, que teve como visão de ser humano e do mundo o marxismo. Por conseguinte, destacamos autores que contribuíram para a criação de uma teoria da imaginação entre os períodos Leninista e Stalinista, tais como: Rubinstein, Vigotski, Luria, Liublinskaia e Ignatiev. Todos estes teóricos desenvolveram pesquisas sobre as contribuições da imaginação na construção de uma nova sociedade. Tratando-se do desenvolvimento histórico da psicologia soviética, iniciamos nossa análise a partir da Revolução de Outubro de 1917, que criou novas condições para o desenvolvimento da psicologia soviética. Destacamos a partir de autores como: Petrovski, Smirnov, Lomov, Levitin, Anániev, Borovski, Shuare, Vega, entre outros, os caminhos encontrados pela ciência psicológica soviética desde a Revolução até o fim da década de 1950. Buscamos destacar os períodos de avanços e retrocessos nesta área do conhecimento, em específico, das teorias da imaginação. Explicamos também como as abordagens sobre a Função Psicológica Superior Imaginativa participaram da promoção da criação de condições para o avanço das pesquisas desta ciência. Por fim, apresentamos as conclusões finais desta dissertação, comprovando nossa hipótese dos avanços e retrocessos nas abordagens da imaginação. Apresentamos ainda sua relevância para várias áreas de atuação da ciência psicológica, tais como: História da Psicologia, Psicologia do Desenvolvimento, Avaliação Psicológica, entre outras.

**Palavras-chave:** História da Psicologia Soviética, Função Imaginativa, Desenvolvimento da Imaginação, Leninismo, Stalinismo.

## ABSTRACT

This dissertation aims to rebuild a history of the Soviet Psychology, since the Leninist government until the end of the Stalinist period (1917-1953), as it presented itself in the treatments given to the Imaginative Superior Psychological Function. To fulfill our goal, we conducted this bibliographic research sustaining the historical and dialectical materialism as methodological approach and way of analysis. We seek to show the imaginative function's importance in the Soviet Psychology's development. We understand that imagination is a praxical superior psychological function that develops through mediation of an individual's social activity in the society he lives in. As it is, imagination is absent in little kids and is not shared with animals of any kind. The imagination, as any other superior psychological function, is first an interpsychological process and during human development, is internalized by the individual's activity process in the society that he lives, becoming an intrapsychological process. Therefore, we had as theoretical hypothesis that the material, technological and scientific conditions for psychology's development in the Soviet Union, between 1917 and 1960, allowed at the same time, progress and backsliding in the studies of imaginative function. We also highlight the relevance of imagination to the technical, scientific and artistic progress in The Union of Soviet and Socialist Republics (U.S.S.R). This way, we found imagination's contribution to the economic and superstructural growth of Soviet Union. Furthermore, the imaginative function was also present in the creative investigation for the elaboration of a new psychological science that had Marxism as world and human vision. Thereafter, we highlight the authors that contributed to the creation of an imagination theory between the Leninist and Stalinist periods, such as: Rubinstein, Vigotski, Luria, Liublinskaia e Ignatiev. All of these theorists developed researches on imagination's contribution to the building of a new society. About the historical development of soviet psychology, we began the analysis from the 1917's October Revolution, which created new conditions for the soviet psychology development. We highlight from authors as: Petrovski, Smirnov, Lomov, Levitin, Anániev, Borovski, Shuare, Vega, and others, the paths found by soviet psychological science since the Revolution until the end of the 1950s. We aimed to highlight the periods of progress and backslidings in this knowledge area, specifically, in the imaginations theories. We also explained how the approaches about Imaginative Superior Psychological Function participated in the means' promotion for the progress of researches in this science. Lastly, we present the final conclusions for this dissertation, proving our hypothesis of progress and backslidings in the imagination's approaches. We also present its relevance for other expertise areas of psychological science, such as: History of Psychology, Development Psychology, Psychological Evaluation, and others.

**Keywords:** History of Soviet Psychology, Imaginative Function, Imagination Development, Leninism, Stalinism

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 - A CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO PARA A PSICOLOGIA</b> .....	25
1.1 – A TEORIA DO REFLEXO.....	36
1.2 – ATIVIDADE E CONSCIÊNCIA.....	37
1.3 – O PSIQUISMO NA HISTÓRIA.....	42
<b>2 - UMA NOVA PROPOSTA PARA A PSICOLOGIA</b> .....	46
2.1 - ANTECEDENTES MATERIAIS E HISTÓRICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA PSICOLOGIA.....	46
2.2 - NO PRINCÍPIO FOI O ATO! NOVOS RUMOS PARA A PSICOLOGIA PÓS-REVOLUÇÃO E A NECESSIDADE DO DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO.....	54
2.3 - CONTRIBUIÇÕES DO MARXISMO PARA UMA HISTORIZAÇÃO DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA: INTRODUZINDO A IMAGINAÇÃO NA HISTÓRIA.....	60
<b>3 - A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA: UMA CRIAÇÃO PELA IMAGINAÇÃO</b> .....	72
3.1 - A IMAGINAÇÃO NAS PESQUISAS DE E. I. IGNATIEV.....	73
3.2 - DE VOLTA A 1917: OS PRIMEIROS PASSOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA TEORIA SOBRE A IMAGINAÇÃO.....	84
3.3 - 1922: O PRINCÍPIO DA CRIATIVIDADE NA ATIVIDADE.....	98
3.4 - O PRIMEIRO E O SEGUNDO CONGRESSO DE PSICONEUROLOGIA DE TODA A RÚSSIA: NOVAS DETERMINAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO TEÓRICO DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA.....	102
3.5 - A IMAGINAÇÃO EM VIGOTSKI: O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TEÓRICO DE 1924 A 1934.....	108
3.6 - OS PRINCÍPIOS DAS CONTRADIÇÕES E A IMAGINAÇÃO NAS PESQUISAS TRANSCULTURAIS DE LURIA.....	141

<b>4 - A DÉCADA DE 1930: CONTRADIÇÕES NOS AVANÇOS E RETROCESSOS NA ATIVIDADE CRIADORA DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA.....</b>	<b>146</b>
4.1 - 1934: A CRIAÇÃO DA PSICOLOGIA MARXISTA COMO FINALIDADE DA ATIVIDADE CRIADORA.....	153
4.2 - 1936: UM ANO DE TERROR E RETROCESSOS PARA A PSICOLOGIA SOVIÉTICA.....	158
4.3 - ESCOLAS E TENDÊNCIAS DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA NA DÉCADA DE 1930.....	166
<b>5 - A DÉCADA DE 1940: IMAGINAÇÃO, ATIVIDADE CRIADORA E OS TRABALHOS DOS PSICÓLOGOS SOVIÉTICOS FRENTE À SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....</b>	<b>175</b>
5.1 - A IMAGINAÇÃO EM SERGUEI LEONIDOVICH RUBINSTEIN: UMA NOVA EXPRESSÃO DAS LEIS GERAIS DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA.....	181
5.2 - A SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1940: NOVOS RETROCESSOS EM VELHOS COSTUMES.....	195
<b>6 - O FIM DO STALINISMO E O PRINCÍPIO DE UMA NOVA SISTEMATIZAÇÃO PARA A PSICOLOGIA DA IMAGINAÇÃO.....</b>	<b>200</b>
6.1 - A CONFERÊNCIA PAVLOV E AS NOVAS DETERMINAÇÕES PARA A UNIÃO ENTRE ATIVIDADE NERVOSA SUPERIOR E ATIVIDADE PSICOLÓGICA SUPERIOR.....	201
6.2 - A SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1950: O PRINCÍPIO DO DEGELO DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA.....	205
6.3 - 1959: O PENSAMENTO NA CRIAÇÃO CIENTÍFICA E A ANÁLISE DOS PRODUTOS DA ATIVIDADE.....	213
6.4 - A IMAGINAÇÃO EM ANNA ALEXANDROVNA LIUBLINSKAIA E A NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	216
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>220</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>246</b>

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos uma recomposição da história da Psicologia Soviética, desde o governo Leninista até o final do período Stalinista (1917-1953), tal como ela se apresentou nos tratamentos dados à Função Psicológica Superior Imaginativa. Para tanto, mantivemos como fundamento epistemológico e metodológico a visão de mundo que sustenta a teoria psicológica soviética, ou seja, o materialismo histórico-dialético. Esta fundamentação nos permitirá, também, manter maior coerência analítica, visto que, após a Revolução de Outubro de 1917, a psicologia na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.) iniciou um trabalho para a reconstrução dessa ciência a partir da filosofia marxista.

Neste sentido, vale retornar a algumas discussões filosóficas sobre a existência da realidade objetiva e, conseqüentemente, da verdade objetiva. Para o marxismo, enquanto visão de mundo, a realidade existe independentemente da existência da consciência humana. Essa noção já encontra-se explicitada nos trabalhos de Marx (2008) e Lenin (1967). Portanto, na teoria psicológica soviética, partimos da condição de que a realidade existe, sendo a consciência decorrente do real. No momento em que adotamos uma visão de mundo marxista, devemos também apresentar a noção de que existe na ciência uma verdade objetiva, que é histórica e passível de ser conhecida pelos seres humanos, desde que existam condições materiais, políticas e intelectuais para sua recomposição.

A Psicologia Soviética, que se erigiu partindo dos fundamentos de uma filosofia materialista, histórica e dialética, se apropriou dessas noções básicas do marxismo para desenvolver suas teorias psicológicas, inclusive, sobre a imaginação. As escolas que surgiriam no desenvolvimento psicológico da União Soviética partiam da compreensão de que a realidade existe materialmente, e as consciências individuais são decorrências das ações dos homens sobre esta realidade, por conseguinte, a verdade é histórica e processual (SMIRNOV, 1978).

É neste sentido que afirmamos que não seria coerente com a filosofia marxista, apenas descrever uma função psicológica superior, ou seja, a imaginação. Devemos buscar sempre a origem do processo que propomos estudar, pesquisar e avançar na apresentação do que conhecemos sobre o objeto. Portanto, necessitamos descobrir quais os motivos iniciais que levaram determinado elemento da consciência – a imaginação – a ser valorizada pela teoria soviética da psicologia.

A contribuição do marxismo para a psicologia seria tal como escreveu Rubinstein (1963), um método ou uma lógica que se encontra ao longo de toda sua obra. Não devemos transformar a psicologia em uma fraseologia marxista, mas operar com a lógica dos trabalhos de Marx para o desenvolvimento dessa ciência. Assim, torna-se de capital importância a coerência com a filosofia de Marx e, por esse motivo, Vigotski (2007a) escreveu que, na psicologia, deveríamos sempre explicar e não apenas descrever processos psicológicos. Sem embargo, as teorias da imaginação que se desenvolveram na União Soviética, entre 1917 e 1960, exige também a apresentação do desenvolvimento histórico da ciência psicológica, demonstrando seus avanços e retrocessos da psicologia desde a Revolução de Outubro de 1917. Devemos destacar que esse marco histórico foi de extrema importância e decisivo para uma nova proposta de pesquisa sobre a teoria da imaginação.

A imaginação é um processo que se desenvolve na consciência humana como uma das suas funções psicológicas superiores. Ela teve grande importância no desenvolvimento da psicologia soviética, embora o tratamento teórico dado a ela tenha sido menor do que o feito a outras funções, como, por exemplo, pensamento, linguagem, atenção, memória etc. De modo breve<sup>1</sup>, podemos afirmar que a imaginação é uma função psicológica superior, que se desenvolve a partir da atividade do sujeito na sociedade em que vive, portanto está ausente em crianças muito pequenas e não é compartilhada com nenhum animal. A imaginação, assim como qualquer outra função psicológica superior, é primeiro um processo interpsicológico, e no decorrer do desenvolvimento humano, torna-se um processo intrapsicológico (VIGOTSKI, 2009a). Os produtos elaborados na atividade criadora dos seres humanos são retirados da própria realidade, estes passam por um processo de refração e reflexão, e voltam a ser objetivados na realidade a partir da reelaboração da imaginação (IGNATIEV, 1960).

Na psicologia soviética, que nasceu após a Revolução de Outubro, a imaginação ocupou um importante papel para a construção da nova sociedade. Desde Vigotski (2009a), Ignatiev (1960), Rubinstein (1967), Luria (2013) e até mesmo Lenin (1981), em sua obra *O que fazer*, trataram das contribuições deste processo psicológico para o desenvolvimento daquela sociedade. Relacionaram a imaginação, principalmente, ao desenvolvimento técnico e científico, indicando-a como função orientadora destes processos. Isso porque, para transformar o mundo na prática, segundo Rubinstein (1967),

---

<sup>1</sup> Retornaremos ao longo de todo esse trabalho para as diversas escolas e teorias da psicologia soviética que trabalharam no avanço teórico das explicações sobre a função imaginativa.

o sujeito deve saber primeiramente transformá-lo mentalmente. E é essa a exigência que cumpre a função imaginativa na reconstrução de uma sociedade e na criação de um novo ser humano socialista.

Pelos motivos acima, por se tratar de outra sociedade, devemos ter a clareza de que nos propomos a abordar um processo psicológico que, ainda que tenha contribuído para a construção de uma sociedade, devemos entender suas limitações para o período social em que vivemos. Devemos considerar que é uma ciência que se desenvolveu em outro período histórico, sob determinadas circunstâncias que poderão não se apresentar nunca mais: uma sociedade sem classes, que privilegiava no seio de suas pesquisas o desenvolvimento emancipador dos seres humanos. A psicologia se fazia como uma necessidade na construção de uma nova sociedade e na criação do novo homem e da nova mulher socialista. (VIGOTSKI, 1998a).

Não apenas trabalhavam no desenvolvimento da personalidade desses novos sujeitos, mas também na criação do comportamento moral dessa nova sociedade. Entretanto, antes da Revolução de Outubro de 1917, a imaginação foi sempre uma função psicológica superior marginalizada nos estudos da psicologia tradicional (ROZET, 2008). Quando os psicólogos se ocupavam desses estudos, os resultados eram meramente mecanicistas e idealistas, ou ainda reducionistas, restringindo os estudos da função imaginativa ao pensamento criador.

Foi apenas com a elaboração da nova teoria psicológica baseada no materialismo, histórico e dialético que foram dadas as devidas condições epistemológicas e ontológicas para o estudo da função imaginativa. Luria (1992) atribuiu o fato do surgimento de uma nova psicologia ao nome de Lev Semiónovich Vigotski (1896-1934).

Luria explicou que Vigotski foi um dos primeiros teóricos a identificar a chamada crise na psicologia, tal como propor uma nova abordagem nessa ciência para retirá-la de uma crise filosófica e metodológica (VIGOTSKI 1999a). Portanto, foi graças ao trabalho de Vigotski e seus colaboradores que se desenvolveu uma nova teoria psicológica responsável pelo estudo das gêneses das funções psicológicas superiores (VYGOTSKI, 1983). Esse fato abriu a possibilidade de investigações sobre os mais variados processos psicológicos, incluindo a função imaginativa, a partir de uma abordagem que buscasse sempre a origem do surgimento e o modo de desenvolvimento de uma função psicológica superior.

Pela primeira vez na história da psicologia, a gêneses e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores tornaram-se passivas de explicações, ao invés de apenas

descrições, tal como era feito na psicologia tradicional ou ainda negado pelas teorias comportamentalistas do princípio do século XX (LURIA, 1979a). A imaginação, portanto, foi pela primeira vez explicada por meio de uma teoria marxista, assim como todas as outras funções psicológicas superiores e de forma mais específica, toda a origem do psiquismo humano. No entanto, Vigotski não foi o único teórico na psicologia soviética ao explicar a imaginação. Entre os períodos Leninista e Stalinista do Estado Soviético, identificamos vários outros pesquisadores que propuseram o desenvolvimento de uma teoria da imaginação.

Portanto, para esta dissertação realizamos uma pesquisa bibliográfica em que destacamos os seguintes autores, responsáveis pelo desenvolvimento de teorias sobre a imaginação: Rubinstein (1967, 1986), Luria (2013), Liublinskaia (1979) e Ignatiev (1960). Devemos ainda mencionar que a escolha destes autores e de suas teorias se deu, em primeiro lugar, pela questão histórica das pesquisas realizadas entre estes dois períodos destacados neste trabalho, ou seja, o Leninista (1917-1923) e o Stalinista (1924-1953). Entretanto, estenderemos nossas análises até 1960, avaliando qual o impacto do fim do Stalinismo<sup>2</sup> na psicologia, e também pelo grande número de pesquisas publicadas até 1960 que foram realizadas no período de Stalin, incluindo os estudos da imaginação descritos por Ignatiev.

Neste sentido, destacamos como objetivo geral deste trabalho, recompor uma história da psicologia soviética entre os períodos Leninista e Stalinista (1917-1953), tal como se apresentou nos tratamentos dados à função imaginativa. Para, além disso, temos como objetivos específicos: 1) A identificação de autores na história da psicologia soviética, que contribuíram para o desenvolvimento de uma psicologia de base materialista, histórica e dialética; 2) Contextualizar o conceito de imaginação em outras escolas da psicologia soviética, que desenvolveram suas teorias a partir da filosofia marxista, e; 3) Identificar os impactos do stalinismo, conservados nas pesquisas dos psicólogos soviéticos até 1960.

No entanto, ao buscarmos materiais que pudessem nos ajudar nessas tarefas, nos deparamos com alguns entraves teóricos. Por exemplo, as poucas teses e dissertações na psicologia brasileira que trataram sobre a história da psicologia na União Soviética, e

---

<sup>2</sup> Nesta dissertação, destacamos quais os impactos positivos e negativos da figura de Stalin para o desenvolvimento da psicologia soviética, apresentamos também o que ocorreu com essa ciência após seu falecimento em 1960. Avaliamos que ter o conhecimento das repercussões do stalinismo para a psicologia soviética é de capital importância para recompor sua própria história.

também da função imaginativa a partir de um estudo marxista, evitando assim o ecletismo teórico. Sem embargo, para cumprirmos nossos objetivos, trabalhamos em maior número com fontes de autores estrangeiros.

Nas buscas que realizamos por teses e dissertações encontramos, no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), poucos trabalhos que se referissem a uma Teoria da Imaginação pautada no materialismo histórico-dialético. Em primeiro lugar, realizamos uma busca geral, procurando pela palavra imaginação no site do BDTD. Dessa pesquisa, encontramos 147 resultados, sendo 85 dissertações e 62 teses relacionadas com o tema de pesquisa. Todavia, refinamos as pesquisas adicionando a palavra psicologia. Nesta nova busca, localizamos 33 trabalhos, dos quais 17 eram dissertações de mestrado e 16 teses de doutorado. Seleccionamos, portanto, quatro trabalhos que consideramos importantes para as discussões sobre a teoria da imaginação. Destacamos os trabalhos de Cruz (2002), França (2006), Fé (2012) e Furtado (2012).

Outra busca, que realizamos no mesmo site do BDTD, teve como tema a história da psicologia. Dessa vez encontramos 434 trabalhos, sendo 286 dissertações e 148 teses sobre o tema. Posteriormente, refinamos nossa pesquisa inserindo na busca: história da psicologia soviética. Dessa nova pesquisa, localizamos 12 trabalhos, dos quais 8 eram teses de doutorado, e 4 dissertações de mestrado. Nessa nova consulta, seleccionamos apenas um trabalho, o de Almeida (2008).

Sem embargo, tínhamos como objetivo dessa busca no site do BDTD encontrar materiais que discutissem as teorias da imaginação, relacionando-as com a história da psicologia na União Soviética. Dentre nossas pesquisas, apenas cinco resultados chamaram a atenção como já mencionamos acima. Foram as produções de Cruz (2002), França (2006), Fé (2012) e Furtado (2012). Embora, apesar de discutirem a imaginação a partir de uma concepção vigotskiana, nenhum desses trabalhos se propõe reconstruir a história do desenvolvimento teórico e geral dessa função psicológica superior, demonstrando os avanços e retrocessos dos estudos da imaginação. Outro trabalho que nos chamou a atenção foi o de Almeida (2008), pois nossa proposta era semelhante a dele. Todavia, em sua tese, elegeu a memória como condutora de seu trabalho, ou seja, estudando o desenvolvimento geral e teórico dessa função psicológica superior na história da psicologia soviética.

Portanto, uma dificuldade inicial que encontramos durante a realização dessa pesquisa é que os materiais acerca dos estudos sobre a imaginação na história da psicologia soviética são escassos. E que, no Brasil, não possuímos estudos que realizaram

essa proposta até então. Por esse motivo, trabalharemos com escritos de autores que viveram e fizeram a própria psicologia soviética.

Como ensinou Smirnov (1978), a história está presente nos sujeitos de uma ou outra forma, pois são eles que fazem a história. Ou ainda, como lembraram Marx e Engels (2007), o primeiro pressuposto de toda a história é a existência de pessoas, pois são elas que criam as condições para o desenvolvimento histórico da sociedade. Por isso, encontramos em autores como: Rubinstein (1963, 1967), Luria (1979,1992), Petrovski (1985a, 1985b), Smirnov (1967), Lomov (1977, 1987, 1989), Levitin (1982), Anániev (1947), Ananyev (1959), Borovski (1928), Shuare (2016), Vega (1993), entre outros teóricos, elementos que nos permitiram reconstruir historicamente os acontecimentos da psicologia soviética, que contextualizaram os avanços e retrocessos no desenvolvimento das Teorias da Imaginação.

Como a nossa hipótese teórica indagava se as condições materiais, tecnológicas e científicas para o desenvolvimento da psicologia na União Soviética, entre 1917 até 1960, permitiram ao mesmo tempo avanços e retrocesso nos estudos da função imaginativa, mantivemos como orientação central desse trabalho a visão de mundo do materialismo histórico-dialético na psicologia. Buscamos assim, evitar ecletismos teóricos ou ainda aproximações entre diferentes epistemologias. Tão pouco, partimos de uma visão de que a psicologia é uma ciência multiparadigmática, que possui diversos objetos de estudo, adotando assim, uma concepção eclética e de conciliação científica.

Devemos salientar que, em 1923, em um congresso sediado em Moscou, os psicólogos presentes decidiram que a psicologia deveria se orientar pelo materialismo histórico-dialético (SHUARE, 2016). Essa decisão foi tomada de modo coletivo, seguindo o processo adotado para a construção de uma sociedade, portanto, buscando a superação do desenvolvimento teórico e prático da psicologia até então.

Para explicar melhor a nossa proposta, devemos registrar que, com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991, a política de conciliação de classes se tornou hegemônica e é espalhada pelo mundo pelos órgãos de incremento do capitalismo, portanto, a tarefa da criação de um novo ser humano socialista deixa de existir. No mundo ocidental, os embates teóricos, antes tidos como condição para o desenvolvimento científico, são substituídos pelas propostas multiparadigmáticas. Na psicologia isso se desenvolveu e se agrava cada vez mais, tornando-se aquilo sobre o que Leontiev (1978) já alertava em seu livro *Atividade, consciência e personalidade*, ou seja, que a psicologia já não se preocupava mais em elaborar uma teoria geral. Portanto, todas as teorias

existentes na psicologia, desde a mais reacionária até a mais revolucionária, poderiam – e deveriam – conviver em harmonia.

A preocupação e o alerta de Leontiev (1978) sobre o abandono das tentativas de elaborar uma teoria geral na psicologia se concretizam nos dias de hoje, e se pode identificar a conciliação teórica, em específico no Brasil, na publicação de Bock, Furtado e Teixeira (2001)<sup>3</sup>. Esse é um fato de grande preocupação para a psicologia, inclusive um alerta para as teorias da imaginação. A criação de uma teoria geral para a psicologia é de grande importância, como já escreveram Vigotski (1999a) e Rubinstein (1967). É por meio dela que se investigariam os problemas específicos dessa ciência, o que para Rubinstein se transforma na máxima de que compreendemos o geral para poder explicar o específico. Por exemplo, qualquer desvio da função imaginativa<sup>4</sup>, deve ser buscado a partir de suas leis gerais, neste sentido, aquilo que torna-se uma exceção é motivo de novos estudos nesse campo científico da psicologia. Neste sentido, as explicações sobre o desenvolvimento da imaginação feitas pela psicanálise, análise do comportamento, *gestalt*, psicologia associacionista etc., são distintas daquelas dadas pelas teorias da imaginação criadas pela ciência psicológica soviética.

Ao aproximar todas essas teorias ou uni-las de forma mecânica, temos como resultado uma nova concepção eclética, perdendo toda a discussão filosófica que embasa os fundamentos dessas abordagens. É por isso que Vigotski (2009a), apesar de encontrar várias contribuições na psicologia associacionista de Ribot, não simplesmente adota suas ideias, inserindo nelas uma fraseologia marxista, mas sim apontou suas contribuições e limitações para o avanço da teoria da imaginação. Do mesmo modo, não podemos conceber como correto, tanto a teoria da imaginação de Vigotski como a de Freud. O primeiro partiu de uma visão de mundo materialista, compreendendo que a imaginação é um processo secundário à criança, ou seja, ela se desenvolve na atividade. Por sua vez, o segundo, acreditava que a imaginação “[...] é primária, que é uma forma presente desde o princípio na consciência infantil, de onde procede todo o resto da consciência da personalidade [...]”. (VIGOTSKI, 1998b, p. 114). Unir Vigotski e Freud de forma

---

<sup>3</sup> Lembremos, que o livro citado acima não é o responsável pela proposta multiparadigmática na ciência psicológica, que ocorre desde sua criação como ciência, resultado de uma crise filosófica, segundo Rubinstein (1963). A utilização dessa referência apenas serviu como um exemplo das propostas de conciliação teórica que existem na ciência psicológica.

<sup>4</sup> Por exemplo, devemos conhecer o geral para poder explicar qualquer patologia referente à função imaginativa. Em outro trabalho, demonstramos a partir de uma análise do livro *O duplo*, de Fiódor Dostoiévski, a participação da imaginação no delírio do personagem Golyádkin (GIANNONI; CARVALHO, 2014).

mecânica, não nos auxiliaria, por exemplo, nas explicações da teoria da imaginação, mas sim criaria uma nova fraseologia, baseada em um ecletismo teórico.

Ao adotar uma concepção conciliadora, compreendendo que existem psicologias ao invés de uma ciência psicológica, abrimos precedentes para aceitar toda e qualquer teoria como a correta. Desde a visão de mundo marxista, sabemos que a utilização de várias teorias para explicar um mesmo fenômeno não permite encontrar a verdade objetiva (LENIN, 1967). O materialismo de Pavlov, que foi fundamento de uma teoria psicológica no princípio do século XX, retornando na década de 1950, com a tarefa de erigir uma teoria psicológica baseada em Marx e Pavlov, é outro exemplo que poderíamos mencionar. Vigotski (1999a), já em 1927, buscava uma saída do materialismo de Pavlov para fundamentar sua nova teoria, embora o fisiólogo russo fosse um materialista, seus fundamentos eram distintos dos de Marx, desde o modo de conceber os seres humanos até seu método de pesquisa, que partia do mais simples para o mais complexo (PAVLOV, 1980). Por isso, trabalhar com autores de bases epistemológicas distintas para identificar os problemas sobre a imaginação, resultaria em uma pesquisa confusa, sem uma consistente base científica. A superação de determinados temas da psicologia não ocorre pela união mecânica e eclética de várias abordagens, mas sim a partir de uma nova síntese objetivada nessa ciência (RUBINSTEIN, 1963).

Entretanto, na atual ciência psicológica, as propostas ecléticas estão presentes a todo instante no cotidiano científico. Por exemplo, desde a década de 1980, a inserção dos teóricos soviéticos na psicologia brasileira, apareceu como grande contribuição nos trabalhos práticos da escola da PUC de São Paulo, principalmente com o grupo da professora Silvia Tatiana Maurer Lane (1933-2006). Em seu livro *Psicologia social: o homem em movimento*, publicado pela primeira vez em 1984, podemos encontrar as categorias trabalhadas pelos psicólogos soviéticos, como atividade, consciência e personalidade, em específico por Leontiev (1978). Assim, novos autores começaram a fazer parte das pesquisas brasileiras na ciência psicológica, como foi o caso de Vigotski. Contudo, nem todos os teóricos brasileiros mantiveram a coerência epistemológica de Vigotski com o marxismo. Alguns tentaram aproximações de bases filosóficas completamente distintas. Por exemplo, esse foi o caso de Ogasawara (2009), que em seu diálogo entre Vigotski e Skinner, concluiu que as duas abordagens não são opostas, apenas apresentam algumas diferenças. No entanto, na aparência das duas teorias, podemos realmente encontrar várias similaridades. Entretanto, em sua essência, são opostas, desde a base filosófica até o objetivo científico que deveriam cumprir com a

sociedade em que foram elaboradas. Por exemplo, Vigotski e Skinner não chegariam às mesmas conclusões sobre a teoria da imaginação, pois partem de visões de mundo completamente diferentes. Partindo de uma ideia similar, Rozet (2008) escreveu que: “Igual à definição de fantasia<sup>5</sup>, o conceito genérico em que se coloca a criação, muda na dependência da posição teórica do investigador [...]”. (p. 17). A definição de imaginação e criação será diferente em teóricos que utilizam distintas visões de mundo.

Portanto, esse é o motivo pelo qual trabalhamos com autores que partiam de um mesmo fundamento filosófico<sup>6</sup>. Essa escolha é necessária pelo fato de que, mesmo com a tentativa da conciliação teórica e a harmonização das teorias psicológicas, os estudos acerca dos processos da imaginação continuam marginalizados, hoje com uma nova característica: muitos destes trabalhos apresentam propostas multiparadigmáticas e, conseqüentemente, ecléticas (GIANNONI; MENEZES, 2018).

No entanto, a marginalização da imaginação nem sempre esteve presente nos estudos da filosofia. Essa é uma característica presente - na verdade - na ciência psicológica. Teorias idealistas e reducionistas durante muito tempo desprezaram a importância dessa função psicológica superior para o desenvolvimento humano (ROZET, 2008). De um lado, encontramos as abordagens idealistas atribuindo características inatas à imaginação, tal como descreveu Vigotski (1998b) ao criticar a concepção de Freud sobre esse processo psicológico. Além disso, outro problema referente ao idealismo nas explicações da imaginação foi em atribuir uma característica causal aos seus produtos, pois, seriam apenas frutos de meras combinações acidentais.

Outra tendência que marginalizou os estudos da imaginação na psicologia relaciona-se com as teorias reducionistas, limitando essa função ao comportamento ou ainda à memória, percepção e ao pensamento (ROZET, 2008). Pela dificuldade de se explicar o que era a imaginação, sua redução para a memória e ao pensamento, trouxe

---

<sup>5</sup> Rozet (2008) utiliza imaginação e fantasia como sinônimos. O motivo da preferência do conceito fantasia encontra-se na seguinte citação: “o longo período em que esteve ignorada a fantasia deixou certas marcas na terminologia dos recentes trabalhos sobre a criação: neles a palavra ‘fantasia’ ou ‘imaginação’ são usadas muito pouco, embora alguns investigadores, como por exemplo Holt (237) e Singer (336), falam diretamente sobre renascimento do interesse pela fantasia”. (p. 12-13 – Grifos no original).

<sup>6</sup> Isso não significa escrever que não devemos ler as pesquisas de outras abordagens da psicologia, mas sim realizar um trabalho tal como o de Vigotski (1998b, 2009a), buscando as contribuições dos autores, todavia criticando-os a partir de nossa orientação teórica. Um trabalho de revisão histórica da teoria da imaginação feito pela psicologia soviética, pertence ao psicólogo da Bielo-Rússia, Issac Moiseevich Rozet (1927-1992). Em seu livro Psicologia da fantasia, Rozet (2008) demonstrou as contribuições para os estudos da teoria da imaginação desde a filosofia grega, até a psicologia tradicional de seu tempo. No entanto, sempre partindo de uma visão de mundo do materialismo histórico-dialético, neste sentido, realizando uma crítica as teorias idealistas, mecanicistas e reducionistas, buscando superar as concepções de sua época.

vários retrocessos para as teorias dessa função psicológica superior. A falta de um método científico consistente para se explicar esse processo, também contribuiu para a falta de estudos dessa área da psicologia. Portanto, se Rozet identificou contribuições desde a filosofia<sup>7</sup> grega, na psicologia do final do século XIX e princípio do XX, essa situação mudaria por completo. Sobre isso, Rozet escreveu que:

Sem embargo, nos grandes sistemas psicológicos que substituíram ao associacionismo, a fantasia é entregue ao esquecimento quase totalmente. Nas obras dos representantes da Escola de Würzburg, do condutismo e da psicologia da gestalt, não se encontrou lugar para a fantasia, e sequer às vezes esse conceito é mencionado (como, por exemplo, nos primeiros trabalhos de Watson), é tão só para fazer cair sobre as críticas. A exceção, neste sentido, é a psicanálise, que sempre dava uma grande importância à fantasia. (ROZET, 2008, p. 10).

Já mencionamos, a partir de Vigotski (1998a) que, embora a psicanálise apresente a importância da imaginação, isso ocorre por meio de uma tendência idealista, acreditando que esse processo é primário, estando desde o princípio na consciência da criança. As outras teorias que Rozet mencionou em sua citação foram as que se desenvolveram no princípio do século XX, portanto colocando os estudos da imaginação no esquecimento. Outro feito da psicologia tradicional encontra-se nas tentativas, segundo Rozet (2008), de extinguir o termo imaginação, “[...] por considerá-lo injustificável desde o ponto de vista científico”. (p. 11).

Neste sentido, já no princípio do desenvolvimento da psicologia como ciência, encontramos as dificuldades metodológicas em estudar esse processo psicológico superior. A grande contribuição da teoria soviética da psicologia encontra-se no fato de compreender que a imaginação “[...] não se manifesta como um problema particular [...]”. (ROZET, 2008, p. 11). Ou seja, não nos interessa atribuir a determinado sujeito a qualidade de criativo, ou a outro, a de não criativo, mas sim compreender como a atividade promove o desenvolvimento da imaginação, criando assim uma personalidade criativa.

Nesta teoria, partimos da concepção de que todos possuem a possibilidade do desenvolvimento da função imaginativa, desde que se criem as devidas condições de educação sistematizada para que isso ocorra. Sem embargo, a imaginação jamais pode ser considerada inata, tampouco deve ser reduzida ao comportamento, à memória, ao pensamento, ou ainda, a uma característica casual (RUBINSTEIN, 1967).

---

<sup>7</sup> Rozet (2008) iniciou seu livro apresentando as contribuições de Lucrécio para os estudos da imaginação.

Portanto, destacamos a necessidade de se conhecer a história do desenvolvimento das teorias da imaginação na União Soviética, visto que o desenvolvimento dessa função é de grande importância para uma personalidade emancipadora. Neste sentido, devemos evidenciar também a posição adotada por Kedrov e Spirkin (1967) sobre o desenvolvimento científico. A ciência não pode se limitar ao velho, mas deve criar condições para descobrir e estabelecer novas leis científicas. Se os estudos sobre a história do desenvolvimento de uma teoria da imaginação não ocorreram ainda, devemos demonstrar sua importância – da função imaginativa – para uma nova sociedade. Esse fato encontra-se apresentado e justificado ao longo desta dissertação. Iliénkov (1977) já expressou a importância de se reconstruir a história de determinada ciência, pois, para ele, reorganizamos o velho para criar o novo. Pretendemos assim, reconstruir a história das teorias sobre a função imaginativa, visando contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas teóricas e práticas sobre esse assunto na ciência psicológica.

Entretanto, realizamos essa tarefa escrevendo hoje, no seio de uma sociedade de classes, que iniciou e pode encerrar a sua existência no modo de produção capitalista, que apenas sobrevive devido à exploração do trabalho alheio. Uma sociedade de classes que não proporciona as condições materiais e instrumentais adequadas para o desenvolvimento integral da personalidade humana. Um meio cultural em que a psicologia é necessária para a manutenção do próprio sistema capitalista, e não na transformação real, concreta e verdadeira dessa sociedade em seu oposto (RUBINSTEIN, 1967). Esse fato, evidenciado em uma sociedade de classes em seu molde burguês, é totalmente contrário àquilo que Vigotski (1998a) escreveu sobre a importância do meio cultural para o desenvolvimento de um novo ser humano. Assim sendo, simplesmente não podemos transpor a teoria da psicologia soviética para este contexto social. Entretanto, também não podemos desdenhar e negar as bases filosóficas que embasaram essa teoria junto a suas contribuições.

Neste sentido, para mantermos a coerência com o materialismo histórico-dialético, partimos da tese levantada por Marx (2008), de que o desenvolvimento material cria as devidas condições para o surgimento da consciência humana. Assim sendo, o desenvolvimento científico somente é possível a partir da criação de condições materiais que possibilitem o surgimento da ciência. Portanto, o primeiro capítulo dessa dissertação é dedicado à investigação do desenvolvimento científico da psicologia enquanto ciência. Realizamos uma análise sobre a importância da filosofia para a psicologia soviética, destacando o valor da revolução científica de Marx e Engels, no desenvolvimento de um

novo materialismo histórico e dialético, que superou as limitações das teorias mecanicistas dos séculos XVII e XVIII, sendo de capital importância para a criação de uma nova teoria psicológica posteriormente no século XX. Apresentamos ainda a relevância do desenvolvimento do capitalismo para o surgimento da psicologia, buscando na acumulação primitiva explicada por Marx (2013), elementos significativos para a objetivação da psicologia enquanto ciência no século XIX. Abordamos em específico, as principais categorias do marxismo-leninismo, que foram apropriadas por essa ciência, após a Revolução de Outubro de 1917, tendo como objetivo a reconstrução da psicologia. Apresentar tais categorias é fundamental para a compreensão da história da psicologia soviética, visto que, em determinados períodos históricos do desenvolvimento dessa ciência, encontramos a necessidade dessas apropriações. Desde a Revolução de Outubro de 1917, já constatamos a utilização das categorias do marxismo na reconstrução da psicologia soviética.

No segundo capítulo, apresentamos a proposta da psicologia soviética para o fim de uma crise metodológica e filosófica. Para isso demonstramos como os antecedentes materiais e políticos foram importantes para o surgimento de uma nova psicologia. Portanto, defendemos que essa nova ciência apenas pôde se desenvolver após os atos revolucionários, culminando na Revolução de Outubro de 1917.

Começamos a argumentar sobre a necessidade do desenvolvimento da função imaginativa para a construção de uma nova sociedade, visto que, após a Revolução, novas necessidades se fizeram presentes, tais como: a educação para a constituição de um novo ser humano socialista, a educação de camponeses para o trabalho com a maquinaria, entre outros. Devemos lembrar que a Rússia era um país que mantinha ainda um sistema semifeudal. Assim, como apresentado por Luria (1992), era de extrema importância novos métodos de ensino e educação para que os trabalhadores construíssem uma nova sociedade. Além de que, encontramos nas contribuições de Kopnin (1966), a importância da imaginação para o desenvolvimento técnico e científico de uma nova sociedade.

No terceiro capítulo destacamos a história da psicologia soviética, tal como ela se explicita nas teorias da imaginação que se desenvolveram entre os períodos Leninista e Stalinista. Para isso iniciamos nossa análise naquilo que consideramos como o mais desenvolvido, em relação às pesquisas e teorias da imaginação nestes dois momentos, ou seja, os trabalhos de Ignatiev (1960). Retomamos desde as primeiras abordagens sobre a imaginação, considerando os autores iniciais que contribuíram para uma discussão marxista na ciência psicológica pós Revolução de Outubro de 1917. Apresentamos a

importância do I e II Congresso de Psiconeurologia de Toda a Rússia para a sistematização da psicologia baseada no marxismo. Ainda analisamos as primeiras teorias sobre a imaginação desde 1923, com Rubinstein (1986), até o princípio da década de 1930 com Vigotski (1998b, 1999b, 2003, 2007, 2009a, 2012) e Luria (2013). Apresentamos, portanto, como as teorias da imaginação se desenvolveram, participando do desenvolvimento técnico e científico de uma nova sociedade.

No quarto capítulo destacamos o desenvolvimento da imaginação e atividade criadora na década de 1930. Apresentamos as contribuições de Rubinstein (1963) para a sistematização de uma teoria da atividade e dos princípios básicos da psicologia soviética. Esse é um fato de capital importância para o desenvolvimento da ciência psicológica, visto que Rubinstein sistematizou os princípios gerais encontrados nos trabalhos dos psicólogos soviéticos. Também destacamos os retrocessos dessa ciência, já na primeira metade da década de 1930, enfatizando seu acirramento, a partir de 1936, com as críticas tendenciosas de Talankin (2000) e Rudneva (2000) sobre a denominada Teoria Culturalista de Vigotski e Luria. Por fim, apresentamos as escolas e tendências que consideramos como mais importantes para o desenvolvimento da psicologia soviética, ao longo de toda a década de 1930, tendo como principal expressão a objetivação da atividade criadora. A primeira escola apresentada é a de Leningrado, em que destacamos a importância teórica de Miasíschev e Ananiev. Por sua vez, a segunda tendência da psicologia soviética apresentada, nos anos de 1930, é da Geórgia, com a relevância dos trabalhos de Uznadze para essa ciência.

O quinto capítulo é dedicado às explicações sobre o desenvolvimento de uma Teoria da Imaginação durante a década de 1940, assim como o papel da ciência psicológica frente à Segunda Guerra Mundial, destacando os avanços científicos da psicologia na primeira metade deste período. Apresentamos a importância dos trabalhos realizados por diversos psicólogos na recuperação de soldados e civis lesionados durante a guerra. Também ressaltamos o desenvolvimento da imaginação em Rubinstein (1967), todavia, neste momento, com novas contribuições para o avanço das teorias sobre a função imaginativa. Além disso, salientamos suas semelhanças com as pesquisas realizadas por Vigotski (2009), demonstrando as proximidades de ambos na compreensão dessa função psicológica superior. Por fim, destacamos os novos retrocessos e censuras que se iniciaram, já na segunda metade de 1940, que ocorreram por meio de perseguições políticas e acusações sobre cosmopolitismo. Esse novo período foi marcado por censuras e destituições de cargos ocupados por vários professores e pesquisadores nas

Universidades. Neste sentido, a psicologia soviética sofreria um novo retrocesso, retornando as pesquisas pavlovianas já no fim de 1940 e princípio de 1950.

O sexto e último capítulo se inicia com o que consideramos o maior retrocesso da psicologia soviética: A conferência Pavlov, que definiu que a ciência psicológica deveria ser reconstruída sob os fundamentos pavlovianos. Novas perseguições marcam esse princípio da década de 1950, forçando os psicólogos, novamente, a se adaptarem a esse novo momento histórico. Analisamos o impacto da morte de Stalin para a psicologia, destacando as aberturas políticas, após 1953, e o retorno dos teóricos que haviam sido censurados no período stalinista. Neste sentido, apresentamos a importância da despersonalização da figura de Stalin nas ciências humanas e sociais (KEDROV; SPIRKIN, 1967). Posteriormente, ressaltamos a importância da obra de Rubinstein (1959) sobre o pensamento na criação científica para os estudos da função imaginativa. Encerramos esse capítulo destacando a relevância dos estudos de Liublinskaia (1979) para o desenvolvimento da imaginação na infância, em específico, expondo o ensino sistematizado como fundamental elemento para desenvolver a imaginação.

Encerrando nosso trabalho, apresentamos as conclusões finais que encontramos ao longo de nossas análises. Destacamos a importância de se estudar e pesquisar sobre a história da psicologia, em específico da abordagem soviética explicitada pelas Teorias da Imaginação. Também apresentamos a relevância deste trabalho para futuras pesquisas de várias áreas dessa ciência, tais como: a própria história da psicologia, desenvolvimento humano com ênfase na imaginação, avaliação psicológica, entre outras.

## **1 – A CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO PARA A PSICOLOGIA**

A psicologia soviética que se baseou na filosofia marxista foi elaborada a partir da criação das novas condições materiais após a Revolução de Outubro de 1917. A partir desse marco, novas teorias surgiram na ciência psicológica. Algumas defendendo a continuação da psicologia como abordagem idealista, outras como comportamentalista, e ainda outras como uma soma mecânica dessas duas concepções teóricas (SHUARE, 2016). Foram necessários alguns anos para a institucionalização da psicologia enquanto ciência marxista<sup>8</sup>. Entretanto, qual a importância da visão de mundo de Marx para a ciência psicológica da antiga União Soviética?

Shuare (2016), ao iniciar sua apresentação sobre a psicologia soviética, escreveu que a principal diferença encontrada nessa concepção científica é sua relação com a filosofia. Para Shuare, desde o princípio da psicologia soviética, existiu a busca por uma concepção filosófica que orientasse os trabalhos dessa nova abordagem. Neste sentido, os teóricos soviéticos encontraram, no materialismo histórico-dialético, um método que seria indispensável para qualquer trabalho nessa ciência, tanto prático como teórico.

Por sua vez, Rubinstein (1963) escreveu que a principal contribuição de Marx, Engels e Lenin para a psicologia seria um método. Portanto, o único caminho para a criação de uma ciência psicológica marxista deveria ser uma investigação criadora. A significativa importância do materialismo histórico-dialético para a psicologia encontrava-se na conservação das principais teses de Marx, Engels e Lenin.

Neste sentido, a psicologia enquanto qualquer ciência que se desenvolveu, a partir do materialismo histórico-dialético, se apropriou de teses tais como: reflexo da realidade, atividade humana, material, ideal, entre muitos outros que foram de capital importância para o desenvolvimento da psicologia (SHUARE, 2016). Tratando-se do desenvolvimento científico, podemos considerar que, para o materialismo histórico-dialético, a ciência é um reflexo do mundo objetivo, conjunto de importantes conhecimentos desenvolvidos por homens e mulheres no meio cultural em que vivem (KEDROV; SPIRKIN, 1967).

Assim, o materialismo histórico-dialético, em específico, compreende que a ciência é um importante elemento cultural, diga-se de passagem, a forma superior em que

---

<sup>8</sup> Nos capítulos posteriores, apresentaremos a importância de alguns teóricos, assim como o desenvolvimento da psicologia enquanto ciência marxista após a Revolução de Outubro de 1917.

encontramos acumulados os conhecimentos humanos. A ciência é um reflexo do mundo que se refrata na consciência humana e se comprova por meio da prática social. Essa é uma das principais condições da ciência psicológica. A ciência é também um sistema conceitual que explica determinado fenômeno do mundo externo. As explicações realizadas por essa forma de conhecimento orientam que os seres humanos prevejam determinados fenômenos e, neste sentido, atuem na intervenção ou transformação da sociedade (KEDROV, SPIRKIN, 1967). No marxismo, o conhecimento não se resume a descrições, ou ainda, pelo consenso de um discurso subjetivo, mas sim deve ser demonstrado por meio da verdade denominada como objetiva (LENIN, 1967). A partir de Lenin, afirmamos que a verdade objetiva existe, sendo um acúmulo de verdades relativas, assim sendo, uma condição histórica.

Portanto, para a psicologia soviética que se apropriou da teoria do reflexo de Lenin, a realidade é sempre refletida pelos seres humanos. Neste sentido, o mundo existe independentemente da existência de seres humanos. A consciência é sempre secundária ao próprio mundo (LENIN, 1967). E a partir do avanço científico, é possível a descoberta da verdade objetiva.

Devemos ainda afirmar que, segundo a filosofia marxista, a ciência é um saber, exclusivamente humano, fruto do trabalho humano. Para Kedrov e Spirkin (1967) a ciência na modernidade se constitui como uma imensa área subdividida em várias ciências. No decorrer do trabalho, os autores apresentam e destacam, em especial, duas grandes áreas do conhecimento: 1) A ciência da natureza - as ciências naturais e; 2) As ciências da humanidade e da sociedade. A partir do desenvolvimento científico, novas possibilidades foram abertas para a humanidade:

Com ajuda das ciências, a humanidade exerce seu domínio sobre as forças da natureza, desenvolve a produção de bens materiais e transforma as relações sociais. A ciência contribuiu para a elaboração do conceito materialista dialético do mundo, libera o homem de seus preconceitos e superstições e aperfeiçoa suas faculdades mentais e convicções morais. (KEDROV; SPIRNKIN, 1967, p. 8).

A ciência abriu uma nova possibilidade para a humanidade, contudo, em uma sociedade de classes, essas possibilidades abertas são restritas para a classe trabalhadora. Sobre o surgimento de descobertas científicas, Lukács (2013) escreveu que algumas das grandes mudanças na ciência decorreram da vida prática, do cotidiano do mundo do trabalho. O trabalho abre sempre uma nova condição de domínio da natureza e o

conhecimento científico surgiu como um meio que permitiu esse domínio. É por isso que Lenin (1967) escreveu que, a condição posta pela humanidade de dominar a natureza, a partir de suas necessidades, demonstra um caráter da verdade presente na teoria e comprovado pela prática. Entretanto, a ciência como condição do desenvolvimento de um novo ser humano, que orientou o desenvolvimento da psicologia soviética, permitiu o desenvolvimento de novas características psicológicas e de convicções morais. A defectologia, por exemplo, foi uma área do saber humano, que, por meio da ciência, permitiu a intervenção e a transformação da vida de crianças com as mais diversas deficiências. Para crianças cegas, surdas, mudas, entre outras, foram permitidas verem, ouvirem, sentirem e imaginarem o mundo em que viviam. O que lhes foi negado durante anos foi permitido pelas condições que essa nova sociedade ofereceu para o desenvolvimento da ciência. Estes jovens, que frequentavam a escola de Zagorsk, desenvolveram-se ao ponto de se tornarem doutores nas mais variadas áreas do saber humano (ILHÉNKOV<sup>9</sup>; GURGUENIDZE, s/d). Parece-nos que a ciência é, portanto, um importante instrumento que orienta todo o desenvolvimento humano, porém é também condicionada pelos próprios meios de produção.

Não podemos negar que o capitalismo criou as condições necessárias para o desenvolvimento científico. Afinal, vale lembrar de que “ao longo da história, a burguesia desempenhou papel altamente revolucionário”. (MARX; ENGELS, 2012, p. 46). Todavia, o revolucionário transformou-se em seu próprio contrário. A burguesia “[...] transformou o médico, o jurista, o sacerdote, o poeta e o homem das ciências em assalariados ao seu serviço”. As contradições acerca do desenvolvimento científico foram postas para atender aos interesses da burguesia. Iliénkov, ao escrever sobre o desenvolvimento científico, mencionou o episódio da bomba de Hiroshima. Escreveu que, após o ataque, um homem da ciência “[...] declarou com satisfação, após ouvir as notícias da destruição de Hiroshima: ‘Que magnífico experimento da física!’” (ILIÉNKOV, 1971, p. 5). Aquilo que resultou em uma descoberta, também foi a condição do assassinato, diga-se de passagem, a sangue frio, de milhares de pessoas.

No entanto, não podemos desdenhar a ciência como um mal que prevalece entre os seres humanos. Como já mencionamos, foi ela quem criou as devidas condições para novas – e melhores – qualidades da produção e reprodução da vida social (MARX; ENGELS, 2007). Escrevemos, pesquisamos e fazemos ciência no seio de uma sociedade

---

<sup>9</sup> Devido as diferentes traduções, o nome de Evald Vasilievich Iliénkov (1924-1979), ora ou outra, aparecerá escrito de forma diferente, mantendo a originalidade da citação.

de classes. Porém, demonstramos que a ciência na União Soviética tinha outro objetivo: a emancipação humana. A defectologia e as experiências tais como a de Alexander Ivanovich Mescheryakov (1923-1974), descritas em seu livro *Acordando para a vida*, são materiais que comprovam os objetivos tidos pelos soviéticos após a Revolução de Outubro de 1917.

Tratando-se da psicologia enquanto ciência, podemos afirmar que, no momento da Revolução, essa área do saber humano encontrava-se em crise. A crise na psicologia se iniciou junto com seu nascimento enquanto ciência, a partir da não criação de uma teoria geral. Encontramos, já no princípio da crítica de Vigotski (1999a), sua afirmação de que “a psicologia está grávida de uma disciplina geral, mas ainda não deu à luz”. (p. 212). Por sua vez, Rubinstein (1967) apontou o acirramento da crise metodológica da psicologia após a Primeira Guerra Mundial. Rubinstein argumentou, em seu texto sobre a crise na psicologia que, após a Primeira Guerra, ocorreu uma luta, não apenas metodológica, como também ideológica na ciência. Desta luta ideológica na psicologia, Rubinstein escreveu que

A crise da psicologia alcançou seu ponto culminante quando se desenvolveu a psicologia da conduta (como a reflexologia na Rússia e como o behaviorismo na América). A psicologia condutista, que considera a conduta como objeto da psicologia, manifestou com especial clareza a crise mediante a sua interpretação do conceito central de toda a psicologia atual, a saber, o conceito de consciência. (RUBINSTEIN, 1967, p. 79).

Após a Revolução de Outubro de 1917, as teorias comportamentalistas assim como as psicanalistas dominavam o cenário da psicologia. Vigotski, segundo Luria (1992), revisou grande parte de todas as abordagens psicológicas de seu tempo, a fim de buscar a criação de uma teoria geral para a psicologia. Seria na superação de todas essas abordagens que surgiria uma nova psicologia: a marxista.

A afirmação de Rubinstein (1967) sobre uma disputa ideológica na ciência psicológica é de grande importância para a apresentação da psicologia na União Soviética. Essa ciência, que nasceu a partir de uma necessidade imposta pela burguesia, guarda uma imensa dívida com a classe trabalhadora. A história que encontramos a partir de manuais de psicologia tais como de Brennan (1999), Schultz e Schultz (1981) e Figueiredo e Santi (2008) são as versões que apresentam o surgimento dessa ciência a partir dos experimentos de Wundt.

Ao contrário do que escreveu esses autores, Rubinstein também enfatizou a importância dos experimentos de Wundt para a criação da psicologia, todavia, para ele, a indústria possuiu um importante papel no desenvolvimento dessa ciência. O avanço da indústria, que resultou, portanto, no desenvolvimento científico de áreas materialistas do saber humano, tais como: a astronomia, a física, a química a geologia e, assim por diante, não derivou de imediato no desenvolvimento da psicologia. Todavia, abriu as possibilidades para o desenvolvimento filosófico que, no século XIX, serviria de base para edificar a ciência psicológica (RUBINSTEIN, 1967). Não foi de modo tão mecânico nem mesmo imediato que a psicologia encontrou condições para desenvolver-se experimentalmente com Wundt. Houve outros milhares de homens e mulheres que possibilitaram as condições para que essa ciência pudesse se desenvolver.

Também devemos evidenciar o fato exposto por Hobsbawm (1982), escrevendo que a urbanização das cidades cresceu de forma veloz, já a partir de 1850, apresentando novas condições para o surgimento de uma ciência psicológica. Já que, até o presente momento, não havia existido nenhuma necessidade da criação de uma psicologia do camponês. É apenas na organização da cidade que essa necessidade surge como condição posta para seu desenvolvimento. A mesma organização, que ainda segundo Hobsbawm, não contemplava a própria classe trabalhadora. O historiador escreveu em seu livro *A era do capital* que, enquanto os construtores lucravam com a venda de imóveis para a classe média, os trabalhadores viviam em espaços conhecidos como barracões de aluguel. Isso quando não ocupavam os locais abandonados pelas classes mais elevadas. Hobsbawm apresentou este contexto - os barrocões de aluguel - na Alemanha. Nesta contradição, do final do século XIX, surgiu uma nova teoria na psicologia, atendendo aos interesses dessa classe média. Peter Gay, em seu livro *Freud uma vida para o nosso tempo*, possui uma passagem sobre o caso de Anna O., a denominando como uma “paciente tão exemplar é que ela realizou sozinha grande parte do trabalho da imaginação”, não apenas isso como também “uma paciente de cultura e dotes excepcionais, bondosa e filantrópica, dada a obras de caridade, ativa e às vezes obstinada, e extremamente perspicaz”. (GAY, 2012, p. 81). Parece-nos que Anna O. não vivia em nenhum barracão de aluguel, pelo contrário, vinha de uma pequena parcela da pequena burguesia. Culta e de grande conhecimento, esse fato ausente da classe trabalhadora permitiu que o tratamento fosse satisfatório em suas interpretações. Mas, não devemos negar as contribuições da psicanálise nos estudos psicológicos. O inconsciente, por exemplo, surgiu como um grande avanço na ciência psicológica. Apenas não devemos esquecer as origens dessa ciência.

Ao retornarmos ainda mais no desenvolvimento da ciência psicológica, encontraríamos antes de Wundt, do desenvolvimento industrial, da reorganização das cidades, um período que deu às devidas condições para o surgimento dessa ciência, ou seja, aquilo descrito por Marx (2013) como a Assim chamada acumulação primitiva<sup>10</sup>. Todavia, o que a acumulação primitiva tem a ver com a própria origem da ciência? Ou ainda da psicologia?

Marx, ao explicar a acumulação primitiva, de princípio, a descreveu como:

Essa acumulação primitiva desempenha na economia política aproximadamente o mesmo papel do pecado original na teologia. Adão, mordeu a maçã e, com isso, o pecado se abateu sobre o gênero humano. Sua origem nos é explicada com uma anedota do passado. Numa época muito remota, havia, por um lado, uma elite laboriosa, inteligente e sobretudo parcimoniosa, e, por outro, uma súcia de vadios a dissipar tudo o que tinham e ainda mais. De fato, a lenda do pecado original teológico nos conta como o homem foi condenado a comer seu pão com o suor de seu rosto; mas é a história do pecado original econômico que nos revela como pode haver gente que não tem nenhuma necessidade disso. Seja como for. Deu-se, assim, que os primeiros acumularam riquezas e os últimos acabaram sem ter nada para vender, a não ser sua própria pele. E desse pecado original datam a pobreza da grande massa, que ainda hoje, apesar de todo seu trabalho, continua a não possuir nada para vender a não ser a si mesma, e a riqueza dos poucos, que continuamente, embora há muito tenham deixado de trabalhar. (MARX, 2013, p. 785).

Até hoje, pagamos pelos erros de nossos ancestrais, é o que nos contou a burguesia. Trabalhem, se um dia quiserem enriquecer, é o que nos contou, até hoje, a burguesia. Contudo, será que essa elite laboriosa, ironizada por Marx, tinha realmente a prática do labor? Se continuarmos caminhando no texto de Marx (2013), ainda encontramos que, na verdade, o que caracterizou a acumulação primitiva não foi o trabalho diário de alguns e a vagabundagem de outros, mas sim a separação direta do produtor de seus meios de produção. O separar-se não se deu de modo casual, muito menos pela vadiagem dos produtores, mas está marcada pelo extermínio, assassinato e, principalmente, pelos acordos firmados ente aristocracia e uma nova classe que começava a colher suas primeiras flores.

Os acordos realizados entre aristocracia e seus protegidos, permitiram iniciar um processo histórico que resultaria na máxima: o trabalhador é livre para vender sua força

---

<sup>10</sup> Assim como a acumulação primitiva não é a causa do desenvolvimento do capitalismo, também não é a causa inicial do desenvolvimento da psicologia. Rubinstein (1967), ao reconstruir a história da psicologia, apresentou os estudos relativos a essa ciência desde a Grécia antiga. Todavia, a acumulação primitiva é apresentada, nesse trabalho, como uma condição para o desenvolvimento da psicologia enquanto ciência.

de trabalho. No entanto, segundo Marx (2013) essa liberdade apresenta-se de duas formas. O trabalhador é livre, pois não é um escravo, não é uma propriedade ou mercadoria, mas também está livre das amarras dos meios de produção. Neste sentido, só lhe restou vender a única mercadoria que possuía: sua força de trabalho. Entretanto, a venda de sua força de trabalho não resultou de uma mera vontade própria, assim como, nos pregou até os dias de hoje, a ideologia burguesa.

Não podemos negar que a burguesia libertou os servos e vassalos da Idade Média, todavia, como escreveu Marx (2013), não podemos nos atentar apenas a esse fato apontado pelos historiadores burgueses. Ao libertar as pessoas de suas vidas de servidão, a burguesia teve de transformá-los em trabalhadores livres para que voluntariamente vendessem sua força de trabalho. Portanto, a expropriação dos meios de produção foi a forma encontrada para converter o camponês, o servo e o vassalo em trabalhador liberto das amarras da servidão. Trocou-se um grilhão por outro. Os trabalhadores, despojados de suas terras, ou seja, de seus meios de produção, começaram a ser empurrados cada vez mais em direção às cidades. Estas que ainda, segundo Marx, começam a florescer em conjunto com uma indústria ainda primitiva já no século XV. Apenas quatro séculos marcam a distância da reorganização das cidades como grandes centros urbanos e a criação de uma psicologia científica.

Não foi apenas a criação da indústria urbana e de um proletariado livre dos meios de produção que a burguesia possibilitou essa nova era. A superlotação das cidades fabris por trabalhadores sem emprego era gigantesca. Rubinstein (1967), ao reconstruir a história da psicologia no mundo moderno, escreveu que a jovem burguesia via a decadência do mundo feudal. Porém, não apenas sua decadência, mas a condenação que perdura até hoje dos trabalhadores. Digamos que a decadência do mundo feudal com a libertação dos camponeses de seus meios de produção resultou em uma nova decadência, desta vez, presente de princípio no início das cidades fabris: a miséria da classe trabalhadora. Portanto, expulsos de suas terras com toda essa rapidez, não foram de princípio introduzidos à indústria que estava ainda em processo de desenvolvimento. Os poucos, que conseguiram, se submetiam a maçantes jornadas de trabalho. É também, neste sentido, que devemos concordar com Hobsbawm (1982) quando ele escreveu que o crescimento da vida na cidade anunciava novas formas dramáticas na vida da classe trabalhadora que por sua vez, tiveram de se acostumar - tornando até mesmo natural - a exploração de sua força de trabalho. Portanto,

[...] depois de ter sua terra violentamente expropriada, sendo dela expulsa e entregue à vagabundagem, viu-se obrigada a se submeter, por meio de leis grotescas e terroristas, e por força de açoites, ferros em brasa e torturas, a uma disciplina necessária ao sistema de trabalho assalariado. (MARX, 2013, p. 808).

A nova classe trabalhadora, que ainda não encontrava-se inserida por completo na indústria, teve de se sujeitar à vagabundagem, mendicância, assassinatos, prostituições, entre outras condições deploráveis de vida, possibilitados pelo ganho da liberdade das amarras do feudalismo. Essa condição perdurou durante séculos – e é encontrada até hoje nos grandes centros urbanos -, contudo, no prelúdio do nascimento da psicologia, encontramos que não foi de forma casual que a psicologia, enquanto ciência, nasceu na Europa. Não se constitui aqui a tentativa de realizar um eurocentrismo científico nesse trabalho, mas apenas apresentar as condições materiais e objetivas que permitiram o desenvolvimento da psicologia. Para isso, podemos recorrer a uma passagem de Hobsbawm, em que ele escreveu que:

Quem diz cidade de meados do século XIX, diz “superpovoada” e “cortiço” e, quanto mais rápido a cidade crescesse, pior era em sua superpopulação. Apesar da reforma sanitária e do pequeno planejamento que ali havia, o problema da superpopulação talvez tenha crescido neste período sem que a saúde tenha melhorado, quando não piorou decididamente. As maiores melhorias neste setor só começaram a ocorrer no final de nosso período. As cidades ainda devoravam suas populações, embora as cidades inglesas, na qualidade de mais antigas da era industrial, estivessem próximas de se reproduzirem a si mesmas, isto é, crescer sem a constante e maciça transfusão de sangue representada pela imigração. (HOBSBAWM, 1982, p. 220).

A afirmação de Hobsbawm, coincide em sua essência, com a de Illich (1975). Todavia, Ivan Illich, trabalhou em seu livro: A expropriação da saúde, uma tese de que, o ato médico em si, não extinguiu as várias doenças presentes nas cidades no final do século XIX e princípio do século XX. Mas foi a organização estrutural e o desenvolvimento de condições sanitárias que permitiram que tais doenças fossem extintas. Entretanto, do que nos serve tais informações para a psicologia? Apenas para sustentar nossa afirmação de que a superpopulação que ocupava a cidade deveria ser controlada, contida, colocada em seu devido lugar. Rubinstein (1967) exemplificou com algumas obras, como a de Spencer, por exemplo, qual seria o novo trabalho dos futuros psicólogos, naturalizando os processos de desenvolvimento psicológico. É também, nessa indústria, presente nos novos centros urbanos, que a psicologia se glorificaria na tentativa de selecionar e recrutar trabalhadores aptos para cumprir suas tarefas. A tal aptidão

retornará ao longo de toda a história dessa ciência. A psicologia, portanto, cumpriu e cumpre até hoje uma tarefa histórica, de contenção das massas em suas assim chamadas teorias científicas. Parafraseando Hobsbawm, podemos escrever que, a distância entre a psicologia e a classe trabalhadora era - e ainda é - “imensa - e intransponível.” (HOBSBAWM, 1982, p. 236). Intransponível até que se mudem os modos de produção e reprodução da vida social.

Por sua vez, Marx, em seus Manuscritos de Paris, afirmou que a psicologia ainda não havia apreendido a verdadeira essência humana, contudo isso não impediu que fosse utilizada para a seleção de trabalhadores aptos a cumprirem determinadas tarefas na indústria. Marx escreveu que:

Uma psicologia para a qual este livro, portanto precisamente a parte mais presente e perceptível de modo sensível, a parte mais acessível da história, está fechado, não pode[ndo] se tornar uma ciência *real*, plena de conteúdo efetivo. O que se deve pensar, em geral, de uma ciência que abstrai *solenemente* desta grande parte do trabalho humano e não sente em si mesma a sua incompletude, enquanto uma riqueza do fazer humano assim expandida nada lhe diz senão, talvez, o que se pode dizer numa palavra: “*carência*”, “*carência comum!*”? (MARX, 2010a, p. 111 - Grifos no original).

Devemos concordar com uma afirmação, ainda que de 1844 sobre a psicologia enquanto ciência que se abstrai das discussões do trabalho humano como condição ontológica para o desenvolvimento do ser social (LUKÁCS, 2013). Porém, devemos atualizar a máxima de Marx. Hoje, a psicologia não se abstrai mais do trabalho, apenas de sua essência. O trabalho, na psicologia, é sempre - ou quase sempre - encarado como emprego. Os processos de recrutamento e seleção, que crescem a cada dia mais, foi um grande meio encontrado pela psicologia já no fim do século XIX e início do século XX para a realização de avaliações psicológicas (RUBINSTEIN, 1967). Tais fatos, já comentados brevemente nesse trabalho, foram contrapostos pela psicologia soviética, em específico, pelos trabalhos dos defectólogos (ILHÉNKOV; GURGUENIDZE, s/d). No entanto, podemos afirmar que a psicologia desprende muita atenção ao trabalho. Contudo, não a sua importância no desenvolvimento social do ser, mas sim em sua forma estranhada, que não reconhece no produto final sua própria participação (MARX, 2010a).

Portanto, devemos deixar claro que não foi apenas a realização dos experimentos de Wundt que criaram as condições para o desenvolvimento da psicologia como ciência. Houve outros momentos de grande importância: a acumulação primitiva, a reorganização das cidades, o crescimento industrial, entre outras citadas anteriormente. Neste sentido,

se o pecado original da economia política foi enobrecer a burguesia como classe que trabalhou e batalhou para conquistar toda sua riqueza, enquanto, a atual classe trabalhadora aspirava à vadiagem e o ócio, podemos afirmar que o pecado original da psicologia repousa em um fato parecido. Em sua essência, consiste em engrandecer algumas figuras e responsabilizá-las individualmente pela criação dessa ciência, descartando ou ainda não atribuindo o devido valor no desenvolvimento histórico do capitalismo e das novas necessidades criadas por ele. A psicologia ainda insiste em seu passado vergonhoso, como talvez Mefistófeles, em sua eterna indagação sobre estar tudo no passado. “Que devemos ler neste texto? É como se nunca tivesse sido! E, todavia, isso move-se ainda em certa região, como se existisse”. (GOETHE, 1980, p. 300). A cada novo instante, devemos lembrar que, insistir no passado glorioso da psicologia, é reproduzir eternamente o erro dessa ciência, no abandono dos interesses daqueles que nunca foram lembrados por ela. Ao menos não enquanto sujeitos que pudessem usufruir desse tipo de conhecimento. Se Brecht (1986) tinha razão em algo, é que nos livros estão apenas os nomes de reis.

Assim sendo, é nessa conjuntura que apresentamos a história da psicologia soviética. Não pretendemos engrandecer alguns nomes, omitindo as condições objetivas que deram origem a uma nova abordagem na psicologia, pois a mesma encontrava-se em meio a uma crise filosófica e metodológica (VIGOTSKI, 1999; RUBINSTEIN 1967; PAYNE, 1968). Toda nova abordagem, que nascia nessa recém-criada ciência, reivindicava seu objeto como principal elemento no estudo da psicologia. Desde a psicanálise, até a gestalt e o comportamentalismo encontramos a tentativa de unificar o objeto de estudos da ciência psicológica, no entanto sem a busca por uma teoria geral.

Neste sentido, não devemos deificar o inconsciente, a percepção, o comportamento e a consciência, mas colocá-los em seus devidos lugares: como condição do desenvolvimento histórico e cultural dos seres humanos. Assim como disse Hamlet a Horácio em que: “há muita coisa mais no céu e na terra [...] do que sonha a nossa pobre filosofia”. (SHAKESPEARE, 2000, p. 46), poderíamos reescrevê-la na forma de: há muita coisa mais no psiquismo do que sonha o pobre inconsciente, o pobre comportamento e a pobre percepção. Os fenômenos jamais podem ser estudados como fatos isolados na ciência psicológica. Ao se fazer isso, perdemos todo o movimento dialético e histórico presente na matéria.

Portanto, a psicologia soviética, em seu nascimento, evidenciou a necessidade da busca e criação de uma teoria geral. Toda nova objetivação na ciência psicológica, neste

período, se desenvolveu a partir de uma atividade e investigação criadora, visto que, nos clássicos do marxismo não encontramos uma abordagem psicológica. A atividade criadora fez parte de todo o desenvolvimento da psicologia soviética (RUBINSTEIN, 1963).

O cenário da psicologia, no princípio do século XX, pode ser resumido pelo fracasso teórico e metodológico em objetivar uma teoria geral (RUBINSTEIN, 1967). Várias escolas e abordagens nasceram repentinamente, cada qual apontando seu próprio objeto de estudo. Em cada uma dessas teorias que emergiram na psicologia, um novo objeto era apontado. Esse foi o caso da psicanálise com o inconsciente, da gestalt com a percepção e do behaviorismo com o comportamento. Cada uma dessas três abordagens havia individualizado e isolado uma das características do psiquismo humano, revelando uma incapacidade teórica da própria psicologia (VIGOTSKI, 1999a).

Assim, a psicologia soviética se desenvolveu com o objetivo da criação de uma teoria geral. Não almejavam a criação de mais uma abordagem ideológica nesta ciência, que ainda encontrava-se no princípio de seu desenvolvimento (RUBINSTEIN, 1967). A tentativa de apresentar o contexto da ciência psicológica, nas vésperas do nascimento da psicologia soviética, é de capital importância para a reorganização da história. Assim sendo, para nos valermos de uma expressão de Iliénkov (1977), devemos reorganizar o velho para criar o novo.

Entretanto, antes de adentrarmos aos principais conceitos apropriados pela psicologia soviética da filosofia marxista-leninista<sup>11</sup>, devemos alertar que, no contexto atual da ciência psicológica a crise metodológica e filosófica ainda perdura nos trabalhos científicos. A ausência de uma teoria geral nessa ciência é uma realidade ainda presente na psicologia. Portanto, devemos anunciar: “[...] quanto se mudou do que era!” (MARX, 2013, p. 374).

Apresentamos as condições para o desenvolvimento da psicologia de forma breve e minuciosa. Demonstramos alguns problemas em atribuir a responsabilidade do desenvolvimento dessa ciência a Wundt, omitindo as condições materiais e estruturais do

---

<sup>11</sup> Vale realizar uma pequena explicação sobre as confusões com o termo marxismo-leninismo. O leninismo foi utilizado de forma mecânica na União Soviética após o falecimento de Lenin. Stalin, à frente do partido, utiliza-se do legado de Lenin para desenvolver uma noção mecânica do materialismo de Marx, o que ficou denominado como materialismo dialético e materialismo histórico (STALIN, 1945). Por outro lado, Fernandes (2012) explicou que a maior contribuição de Lenin para o marxismo foi encontrar as devidas condições para realizar a primeira revolução proletária. Portanto, “com ele, o marxismo torna-se politicamente operacional, o que explica por que, depois dele, converte-se em marxismo-leninismo”. (p. 238-239). Neste sentido, manteremos e apresentaremos as contribuições de Lenin para a criação da psicologia soviética.

capitalismo que tornaram necessário o desenvolvimento da psicologia. Apresentamos a chamada crise metodológica dessa ciência, que não possui uma teoria geral. Neste cenário, encontramos o desenvolvimento de uma nova abordagem: a teoria soviética da psicologia. Todavia, vale apresentarmos alguns dos principais conceitos apropriados pelos teóricos soviéticos do marxismo-leninismo.

## 1.1 – A TEORIA DO REFLEXO

Muita confusão se faz sobre a teoria do reflexo utilizada pelos soviéticos. Shuare (2016) escreveu que, em muitos casos, as traduções para o espanhol não contemplaram o verdadeiro sentido dessa teoria. Em alguns momentos foi confundida com a abordagem dos reflexos condicionados de Pavlov, contudo é totalmente diferente da ideia pavloviana.

A teoria do reflexo de Lenin foi apropriada para a psicologia soviética nos trabalhos de Kornilov (SHUARE, 2016). A partir de então, o psiquismo foi compreendido como um reflexo da realidade objetiva, todavia não um reflexo passivo ou mecânico, mas sim ativo e mutável<sup>12</sup>. A teoria do reflexo foi descrita por Lenin (1967), em seu livro *Materialismo e empiriocriticismo*, publicado em 1909. Todavia, a ideia de reflexo da realidade já aparece em Marx (2013). No posfácio da segunda edição de *O capital*, Marx afirmou que o ideal se constitui como o material refletido na cabeça dos seres humanos. No entanto, a teoria do reflexo na psicologia se desenvolveu como ponto central em todos os trabalhos teóricos.

Rubinstein (1968) em seu livro *O ser e a consciência*, publicado em 1957, dedicou todo um capítulo a fim de investigar a importância desse tema para a psicologia soviética. Ao explicar o que era o conhecimento, Rubinstein escreveu que ele se constitui como “[...] um reflexo do mundo como realidade objetiva. A sensação, a percepção, a consciência são a *imagem* do mundo exterior”. (RUBINSTEIN, 1958, p. 43 – Grifos no original). Entretanto, a imagem ou reflexo descrito por Rubinstein não se constitui como algo passivo ou mecânico, mas sim estabelece uma relação ativa, mutável e que regula a atividade do sujeito.

---

<sup>12</sup> Vale escrever que o reflexo psíquico é base para o posterior desenvolvimento de outras categorias da psicologia soviética, visto que é ele quem orienta e regula a atividade do sujeito no mundo. Além disso, a consciência sendo considerada como um reflexo estável da realidade se modifica nos períodos históricos, não apenas, mas também ao longo do desenvolvimento humano.

Neste sentido, afirmar que o psíquico se constitui como um reflexo da realidade objetiva, significa que a consciência é secundária a própria realidade (RUBINSTEIN, 1968). A realidade existe independente da consciência humana, esta foi a tese formulada por Lenin (1967) e apropriada pela psicologia soviética. O reflexo é sempre aquilo que encontra-se fora da consciência, é a imagem do objeto que se reflete e refrata na consciência humana. A refração é a condição para que o reflexo não se constitua como uma imagem mecânica e espectral do objeto. Ou ainda, nas palavras de Rubinstein:

No problema concernente à relação gnosiológica entre imagem e objecto, a expressão concreta do monismo materialista fica formulada na tese seguinte: a imagem do objecto é uma *forma do reflexo da existência das coisas*; é uma forma ideal, quer dizer, reflectida no sujeito, no seu cérebro. Isto significa que *a imagem do objecto não é o próprio objecto, nem é tão-pouco o sinal do objecto, mas sim o seu reflexo*. (RUBINSTEIN, 1968, p. 48 – Grifos no original).

A relação gnosiológica entre sujeito e mundo é uma relação de conhecimento, ou seja, como o sujeito reflete o mundo em que vive. Portanto, para a teoria do monismo materialista, a imagem não é o objeto em si, mas sim o seu reflexo. Assim, o reflexo é ainda “[...] um *processo, uma actividade* do sujeito, no decurso da qual a imagem do objecto se vai fazendo cada vez mais adequada ao objecto”. (RUBINSTEIN, 1968, p. 53 – Grifos do autor). Quanto mais desenvolvido for o conhecimento do sujeito sobre determinado objeto, mais fiel ao próprio objeto é seu reflexo psíquico. Sendo uma atividade ou ainda um processo, podemos afirmar que o reflexo “[...] não é um reflexo morto, ao modo de um espelho”. (RUBINSTEIN, 1963, p. 287)

Neste sentido, concluímos que a teoria do reflexo de Lenin foi de grande importância para o desenvolvimento teórico da psicologia soviética. O objeto que determina a imagem subjetiva, portanto, não se constitui como uma simples cópia do objeto em si, mas depende intrinsecamente da atividade humana para seu desenvolvimento. Portanto, é nela que deteremos nossa análise sobre a apropriação da teoria marxista pela psicologia soviética.

## **1. 2 – ATIVIDADE E CONSCIÊNCIA**

A teoria da atividade desenvolvida por grande parte dos teóricos soviéticos possui também sua essência na filosofia marxista. Como principais expoentes dessa abordagem encontramos Aleksei Nikolaievich Leontiev (1903-1979) e Serguei Leonidovich

Rubinstein (1889-1960)<sup>13</sup>. Autores tais como: Shuare (2016), Smirnov (1967), Petrovski (1985b), Lomov (1977,1989) e Anániev (1947) apresentam as contribuições de Leontiev e Rubinstein para o avanço teórico da psicologia soviética.

Todavia, a categoria da atividade, tal como compreendida pelos psicólogos soviéticos, foi também apropriada da teoria social de Marx. Já em suas Teses sobre Feuerbach, Marx escreveu na primeira que:

O principal defeito de todo materialismo até aqui (o de Feuerbach incluído) consiste no fato de que a coisa (*Gegenstand*) – a realidade, a sensualidade – apenas é compreendida sobre a forma do *objeto (Objekt) ou da contemplação (Anschauung)*; mas não na condição de *atividade humana sensível, de práxis, não subjetivamente* [...] por isso ele não entende o significado da atividade “revolucionária”, “prático-crítica”. (MARX, 2007 apud MARX; ENGELS, 2007, p. 27 – Grifos no original).

Para Marx, o principal defeito de todo o materialismo até então era compreender a atividade não como *práxis*, ou seja, que contemplasse a atividade prático-objetal e teórica. A prática não deve nunca ser separada da teoria, portanto, no marxismo, prática e teoria formam uma unidade da atividade. É neste sentido que para Rubinstein (1963) a atividade deve ser sempre prática e teórica. Uma atividade que não englobe em suas ações uma característica teórica é meramente uma reprodução mecânica.

No marxismo, a principal atividade dos seres humanos na sociedade em que vivem é o trabalho. É ele o responsável pela transformação da natureza, objetivando novas criações no mundo que, por sua vez, passam a condicionar a própria atividade humana no trabalho (RUBINSTEIN, 1967). Vale ainda escrever que o trabalho é para Marx:

Um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2013, p. 255 – Grifos do autor).

---

<sup>1313</sup> As duas abordagens embora possuam suas convergências, também possuem suas divergências e, durante as décadas de 1940 e 1950, Leontiev e Rubinstein disputaram os meios universitários com suas respectivas teorias. Todavia, a abordagem da atividade de Rubinstein caiu no esquecimento após seu falecimento em janeiro de 1960.

O trabalho para Marx (2013) transforma a natureza e ao mesmo tempo modifica o sujeito. É por isso que para Rubinstein (1967) a atividade é aquilo que transforma o mundo e ao mesmo tempo desenvolve a personalidade dos seres humanos. Entretanto, o trabalho não é a única atividade que dirige a vida dos seres humanos. Rubinstein, por exemplo, apresentou em seus Princípios de psicologia geral uma série de atividades denominadas como atividade guia, que ocorrem em determinados períodos do desenvolvimento humano.

Rubinstein (1967) destacou o jogo e o estudo como duas outras atividades guias que orientam os seres humanos em seu desenvolvimento. Todavia, devemos escrever que todas as atividades estão relacionadas, de alguma forma, com a principal atividade humana, ou seja, com o trabalho. As brincadeiras infantis, por exemplo, representam situações cotidianas do trabalho, e o estudo aparece como uma preparação para o trabalho em si. Por fim, Rubinstein também assinalou em seu livro diversos tipos de trabalhos, tais como: do operário, inventor, investigador e artista. Todos são considerados atividades que transformam o mundo e, ao mesmo tempo, humanizam o sujeito.

No entanto, também devemos esclarecer que a atividade humana não é mera ação mecânica no mundo, mas sim um ato consciente. A atividade tal como ela ocorre no meio cultural é exclusivamente humana. Marx, já em 1844, escreveu em seus Manuscritos econômico-filosóficos que:

O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É *ela*. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto de sua vontade e da sua consciência, Ele tem atividade vital consciente [...] a atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis porque a sua atividade é atividade livre. (MARX, 2010a, p. 84).

Os seres humanos não modificam o mundo de modo imediato, tais como os animais, portanto são os únicos que possuem uma atividade consciente. Neste sentido, apontamos a importância da atividade para o desenvolvimento da consciência. Rubinstein (1967) apresentou a importância de se compreender atividade e consciência como uma unidade, todavia não uma identidade. Compreendendo que a consciência e a atividade formam uma unidade, Rubinstein ainda escreveu que em um primeiro momento, a atividade desenvolve a consciência, mas também é por ela desenvolvida, compondo uma relação dialética entre ambas.

Portanto, o sujeito, que entra em atividade a partir de uma necessidade, busca sempre resolver determinado problema, atingir uma determinada finalidade. Quando o sujeito possui conhecimento de sua atividade como um todo – os motivos de sua necessidade, as ações que executa para resolver a atividade e sua finalidade -, podemos afirmar que ele é consciente da atividade (RUBINSTEIN, 1967). Por exemplo, na atividade de estudo, podemos destacar dois momentos principais: 1º) Para o sujeito se dar conta do que conhece, deve compreender o que o motivou conhecer e; 2ª) Para dizer que alguém se apropriou conscientemente no estudo, devemos ter a clareza de que a apropriação representa uma finalidade, ou seja, o sujeito deve ter consciência dos conhecimentos apropriados. Quando algum desses dois momentos não são conscientes para Rubinstein, podemos escrever que a atividade ainda é inconsciente. Todavia, passiva de se tornar consciente no momento da mediação do outro. É por isso que a relação dialética entre o inconsciente e a consciência não encontra-se “[...] separadas por infranqueáveis barreiras”. (RUBINSTEIN, 1968, 365).

É de notável interesse o problema do inconsciente e sua relação dialética com a consciência nas obras de Rubinstein. Para ele, a oposição entre ambos também determina a atividade do sujeito na realidade. Todavia, o problema da atividade consciente ou inconsciente, na psicologia soviética, se derivou em outra categoria: a experiência/vivência ou ainda o problema da *perejivanie*<sup>14</sup> (RUBINSTEIN, 1967).

Embora os processos psíquicos sejam formas históricas e culturais de elementos da consciência, Rubinstein afirmou que eles apenas existem pela própria experiência do sujeito com esses mesmos fenômenos. Ou seja, é sempre a experiência de um determinado processo psicológico: do sentimento, da memória, da imaginação, do pensamento e assim por diante. É neste sentido que Rubinstein escreveu que:

Não há nenhuma dúvida de que nada do que nos é dado em nossa experiência direta, pode nos ser dado de outra forma. Em nenhuma descrição, por mais viva que esta fosse, um cego poderia perceber a policromia do mundo, nem um surdo reconhecer o caráter musical de seus tons, a não ser por meio da percepção direta. Nenhuma dissertação psicológica pode substituir, no ser humano, o que este sente, se ele mesmo não experimentou o amor, o ânimo combativo, o ato de criar. Minhas próprias sensações, ou emoções me são proporcionadas de outra forma, desde outra perspectiva, por assim dizer, que para os outros. As emoções, pensamentos e sentimentos do sujeito, são *seus*

---

<sup>14</sup> Nas traduções para o português, inglês e espanhol, a palavra *perejivanie* aparece ora como experiência, ora como vivência. Todavia, essa tradução não contempla o real significado dessa palavra. Delari Junior e Bobrova Passos (2009) escreveram um texto intitulado: Alguns sentidos da palavra “*perejivanie*” em L. S. Vigotski notas para estudo futuro junto à psicologia russa, em que realizam uma série de explicações sobre esse conceito.

pensamentos, *seus* sentimentos. São *suas* emoções, um pedaço de sua própria vida, de sua própria carne e sangue. (RUBINSTEIN, 1967, p. 19 – Grifos no original).

A grande contribuição de Rubinstein, logo no princípio de seu livro, repousa no fato de atribuir grande importância para a vivência. Neste sentido, o processo psicológico se desenvolve em conjunto com o fato do sujeito experimentar determinado fenômeno, determinada situação. Toda manifestação dos processos psicológicos difere uma da outra por ser determinada pela experiência de algo, por exemplo, pelo amor, ódio, liberdade etc. Todo novo processo é, também, uma nova vivência para o sujeito da atividade. Entretanto, Rubinstein ainda destacou que a experiência segue algumas leis específicas, portanto sendo determinada por uma característica pessoal, enquanto, para ele, o saber ou ainda o conhecimento seria embasado por um contexto objetivo. Assim sendo, a experiência se forma ou se desenvolve quando determinado fenômeno ou acontecimento é importante ou significativo para o sujeito. A emoção e o saber tornam-se de grande valia para o desenvolvimento da experiência. Afirmamos que existe a experiência quando o sujeito viveu algo ou experienciou determinado fenômeno (RUBINSTEIN, 1967).

É neste sentido que podemos definir o inconsciente na relação entre vivência e consciência. Por exemplo, para Rubinstein é possível que existam sentimentos inconscientes. Dito de outro modo, um incômodo, relacionado às sensações interoceptivas e proprioceptivas<sup>15</sup> que o sujeito não possui conhecimento da causa nem do objeto que produziu esse sentimento (RUBINSTEIN, 1967). O sujeito possui a vivência real, todavia não o conhecimento para explicá-la ou ainda não explica sua experiência de forma adequada e condizente com o objeto em si. Faltam elementos e conhecimentos sobre o objeto para poder relacioná-lo com a vivência em si. É por isso que o inconsciente para Rubinstein (1963) pode ser caracterizado como: “[...] uma inclinação de que desconhecemos o objeto”. (p. 218). Portanto, nos aproximamos da caracterização do inconsciente como a vivência sem o conhecimento.

Por fim, devemos escrever que o problema da atividade consciente e inconsciente não se resume a essas explicações. Trabalhos como os de Rubinstein (1963, 1967 e 1968), Leontiev (1978, 1986 e 2004), Galperin (1982), Petrovski (1982 e 1985a), entre muitos

---

<sup>1515</sup> As sensações interoceptivas e proprioceptivas são as mais básicas e primitivas dos seres humanos. A primeira é responsável por transmitir aquilo que ocorre dentro do sujeito, em suas vísceras etc. Por sua vez, a segunda orienta o sujeito em sua locomoção no ambiente (LURIA, 1991). Para quem quiser saber mais sobre as sensações interoceptivas e proprioceptivas, vale consultar o livro Curso de psicologia geral Volume II: Sensação e percepção, escrito por Luria.

outros teóricos soviéticos se dedicaram a explicar e desenvolver essa categoria em seus trabalhos. Neste sentido, nos encaminhamos para a apresentação do próximo tópico de importância neste trabalho: o psiquismo na história.

### **1.3 – O PSIQUISMO NA HISTÓRIA**

Nosso próximo ponto, que também foi de extrema importância para o desenvolvimento da psicologia soviética, não é nenhum conceito em si, mas a importância de situar o psiquismo na história, feito realizado por todos os teóricos que trabalharam com o materialismo histórico-dialético. Shuare (2016) afirmou que uma das grandes e principais contribuições de Lev Semiónovich Vigotski (1886-1934) para a psicologia soviética foi situar o psiquismo no tempo. Para Shuare, Vigotski foi o primeiro teórico a realizar tal feito, neste sentido, podemos afirmar que, nas mudanças históricas, altera-se também o desenvolvimento psicológico dos seres humanos.

Portanto, o desenvolvimento psicológico, tal como afirmou Mukhina (1995), não é algo inato ou ainda que se desenvolve em um determinado momento da vida dos seres humanos. Ele apenas ocorre quando cria-se as condições adequadas para seu desenvolvimento, ou seja, quando existe a possibilidade da educação. Como o psiquismo não é inato, seu desenvolvimento também se modifica em determinados períodos históricos. Por exemplo, o desenvolvimento psicológico do camponês não é o mesmo do operário. Esse fato foi comprovado por Luria (2013) em suas pesquisas transculturais. No entanto, também podemos afirmar que, na mudança estrutural do feudalismo para o capitalismo, mudou-se por completo a relação do desenvolvimento psicológico dos seres humanos. A história foi outro elemento apropriado pelos soviéticos da doutrina marxista.

Vale lembrar que em 1859, em sua Contribuição à crítica da economia política, Marx escreveu que:

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (MARX, 2008, p. 47).

Portanto, ao se modificar os meios de produção, altera-se também as condições para o desenvolvimento social, político e intelectual dos seres humanos. Ou ainda, podemos afirmar que de toda sua consciência. O desenvolvimento tecnológico e científico, por exemplo, também é outro que afeta intrinsecamente o desenvolvimento psicológico dos seres humanos. Esse é um fato destacado por Ignatiev (1960) em suas pesquisas sobre a imaginação. Para ele, o avanço científico e tecnológico abre novas possibilidades para as objetivações da função imaginativa.

Rubinstein (1963) destacou que as sensações humanas, assim como outras funções psicológicas superiores e o estudo da psicologia em geral são históricas. Esta também é outra tese que encontramos nas obras de Marx. Em 1844, em seus Manuscritos econômico-filosóficos, Marx (2010a) destacou a importância de se compreender que as sensações humanas são apropriadas a partir da relação que o sujeito estabelece com o outro, neste sentido, Marx já destacava que o conhecimento e as funções psicológicas de forma geral não são inatas. Assim sendo, apresentou como exemplo a atividade científica como apropriação do meio cultural. Para ele:

Posto que também sou *cientificamente* ativo etc., uma atividade que raramente posso realizar em comunidade imediata com outros, então sou ativo *socialmente* porque [o sou] enquanto *homem*. Não apenas o material da minha atividade – como a própria língua na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, a minha *própria* existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade e, com a consciência de mim como um ser social. (MARX, 2010a, p. 107 – Grifos no original).

Neste sentido, afirmamos a partir de Marx (2010) que toda atividade humana é primeiramente, apropriada do meio cultural e também depende do desenvolvimento das forças produtivas materiais para se desenvolver. Portanto, o avanço dos meios de produção em conjunto com a atividade humana é uma relação histórica. A partir dessa afirmação, encontramos outra contribuição de Marx e Engels (2007) que permite demonstrar o vínculo entre o desenvolvimento material e a história. Para eles:

O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. [[Riscado no manuscrito: O primeiro ato *histórico* desses indivíduos, através do qual eles se diferenciam dos animais, não é o fato de eles pensarem, mas sim o de eles começarem a *produzir seus víveres (Lebensmittel)*.]] (MARX; ENGELS, 2007, p. 42 – Grifos no original).

A partir do momento em que os seres humanos criam condições para a produção e reprodução da vida social, também ocorre o primeiro ato histórico. Assim sendo, no

avanço dos meios de produção, assim como com o desenvolvimento científico, tecnológico e artístico, o psiquismo se modifica de diversas maneiras. Cada mudança histórica é também acompanhada de um novo desenvolvimento psicológico dos seres humanos. Cada nova apropriação do sujeito é uma condição humana. Portanto:

Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos de sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, |VII| são no seu comportamento *objetivo* ou no seu *comportamento para com o objeto* a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade *humana*; seu comportamento para com o objeto o *acionamento da efetividade humana* (por isso ela é precisamente tão múltiplice (*vielfach*) quanto múltiplas são as *determinações essenciais* e *atividades humanas*), *eficiência humana* e *sofrimento humano*, pois o sofrimento, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano. (MARX, 2010a, p. 108 – Grifos no original).

Toda a apropriação humana é, portanto, apropriação histórica dos elementos culturais acumulados na história. As relações estabelecidas entre as funções psicológicas superiores e o sujeito modifica-se nas mudanças históricas proporcionadas pela atividade humana. A atividade que se altera permite novas objetivações humanas, é por isso que Lukács (2013) escreveu que, ainda não existindo condições materiais para determinadas objetivações, “[...] o pôr do fim permanece um mero projeto utópico, uma espécie de sonho, como o voo foi um sonho desde Ícaro até Leonardo e até um bom tempo depois [...]”. (p. 57). É neste exemplo do voo de Ícaro até o primeiro voo realizado no século XX que apontamos a necessidade de se compreender o psiquismo na história. O primeiro não é igual ao segundo, apresentando elementos diferentes em suas objetivações como, por exemplo, o mito e a ciência.

Por fim, salientamos que “a *formação* dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui”. (MARX, 2010a, p. 110). Essa foi uma afirmação feita por Marx, em 1844, que continua atual até os dias de hoje. Além disso, os manuscritos econômico-filosóficos, que foram publicados apenas em 1932, exerceram grande influência sobre os teóricos soviéticos que, a partir da década de 1930, se dedicavam a superar as limitações que ainda possuíam sobre o método de Marx. É a partir desse material que autores como Rubinstein (1963), Leontiev (1978), entre muitos outros se dedicaram a sistematizar uma teoria geral para a psicologia soviética. O novo materialismo elaborado por Marx e Engels, portanto, apresentou a história como grande contribuição para o desenvolvimento teórico dos psicólogos soviéticos. Neste sentido, apresentamos a importância de se compreender não apenas o psiquismo na história, como

também as relações históricas que se deram ao longo do desenvolvimento da psicologia na União Soviética. Assim, adentramos aos caminhos percorridos pelos psicólogos soviéticos, já que para Marx (2010a, p. 112), “[...] a história inteira é a história da preparação/ a história do desenvolvimento”.

## **2 - UMA NOVA PROPOSTA PARA A PSICOLOGIA**

Apresentaremos uma nova teoria, a qual surgiu sobre novas propostas sociais e, principalmente, a partir de um trabalho coletivo e não individual. Desde o primeiro congresso de Psiconeurologia, em 1923, a decisão coletiva foi de reestruturar a psicologia sob as bases do materialismo histórico-dialético. As decisões não eram tomadas a partir de uma vontade pessoal<sup>16</sup> ou ainda um individualismo presente nas sociedades de classes, mas seguiam a proposta política de uma nova sociedade estruturada no centralismo democrático.

A teoria soviética da psicologia não se desenvolveu do nada, nem negando todos os princípios da psicologia ocidental. Entretanto, a crítica feita às teorias incapazes de explicarem os processos superiores do psiquismo humano foram as bases pelas quais se edificou toda a psicologia soviética. Isso encontra-se presente desde os primeiros anos pós Revolução de Outubro de 1917, já com Mihail Yakovlevich Básov (1892-1931) e Pavel Petrovich Blonski (1884-1941) (SHUARE, 2016). Dirigiremos agora nossas explicações para a origem da psicologia soviética, expressando assim como fez Shuare: A psicologia soviética começou com a Revolução de Outubro de 1917. A partir de agora, destacaremos ainda a imaginação<sup>17</sup> como unidade de análise do desenvolvimento teórico e conceitual dessa ciência nos períodos leninista e stalinista.

### **2.1 - ANTECEDENTES MATERIAIS E HISTÓRICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA PSICOLOGIA**

Como já afirmamos anteriormente, a psicologia soviética não surgiu do nada, muito menos, repentinamente, como que se fosse criada por uma força divina. Sua origem perpassa por toda uma condição de atraso do próprio desenvolvimento das forças produtivas materiais da Rússia pré-capitalista. Conhecemos ainda muito pouco dessa teoria no ocidente. São poucos os livros sobre a história da psicologia na União Soviética, neste sentido, recontar esse momento é ainda um grande desafio. Recorremos a diversas

---

<sup>16</sup> Essa afirmação se tornará mais clara ao adentrarmos no desenvolvimento da psicologia soviética, contudo, no período stalinista, poderemos perceber que essa condição aparece como retrocesso da ciência psicológica, diga-se de passagem, como de todas as ciências humanas e sociais da União Soviética.

<sup>17</sup> Justificaremos no momento certo, a escolha da função imaginativa como categoria de análise desse período histórico, entretanto adiantamos que nossa intenção não é individualizar um processo superior, mas demonstrar como os soviéticos deram a devida importância à imaginação, que não foi dada nas teorias ocidentais da psicologia.

fontes, algumas de teóricos que vivenciaram este período de transição para o socialismo e, outros que escreveram após tal momento histórico.

Nosso comprometimento com a história deve-se pelo que Smirnov (1978) expôs em seu livro *O homem soviético: A formação da personalidade socialista*. Apesar de várias passagens mecanicistas e pela adoção de uma fraseologia marxista e não pela criação de uma teoria da personalidade marxista, assim como fizeram outros autores como Rubinstein (1967), Leontiev (1978), Vygotski (2012), Bozhóvich (1976), entre outros na União Soviética e também Sève (1979), no ocidente, encontramos um ponto de partida histórico que nos auxiliou a justificar alguns de nossos posicionamentos. Um deles é: Por que retornar à história? Para Smirnov:

A história está presente, duma ou doutra forma, em cada indivíduo. E isso porque o mundo que nos rodeia é um produto do desenvolvimento histórico e também porque os grandes acontecimentos históricos continuam a exercer a sua influência nas gerações seguintes. Aqui aparece de modo muito claro a seguinte regra: quanto mais profundamente um acontecimento transforma as bases da vida social, mais prolongada e forte é a sua influência no desenvolvimento posterior da história. E se queremos compreender como e para onde marcha a nossa sociedade contemporânea, devemos compreender antes de onde é que ela vem. (SMIRNOV, 1978, p. 79).

A história é condição para encontrarmos os nexos e as origens dos estados atuais da psicologia, já que, sua gênese é um dos fatores mais importantes para os marxistas. Por esse motivo, percorremos toda essa linha histórica, desde as origens da ciência, passando pela expropriação camponesa e, encontrando nela, várias condições que garantiram o surgimento das necessidades para a criação da psicologia como ciência. A organização da vida na cidade, o crescimento industrial, a criação de máquinas cada vez mais desenvolvidas e que exigiam do trabalhador sua atenção voluntária, memória voluntária e, principalmente, uma imaginação fossilizada, foram condições objetivas criadas pelo capitalismo e que condicionaram o posterior desenvolvimento da psicologia.

É por isso que brevemente retornaremos à Rússia Czarista que, até fins do século XIX, poderia ser considerado um país ainda economicamente feudal. Sua produção partia basicamente do campesinato e a pequena indústria que se desenvolveu em algumas cidades era mínima perto de outros países da Europa. Assim, apesar da Rússia do século XIX ter apresentado o mundo com obras clássicas da literatura, arte, música e também com algumas descobertas científicas - lembremo-nos de Séchenov e Pavlov, por exemplo -, sua condição geral era de que três quartos da população eram ainda analfabetos. Nesta condição contraditória encontramos que foi apenas em 1861 que ocorreu a abolição da

servidão, novamente representando um atraso perto de outros países capitalistas europeus, que tinham já neste período uma classe trabalhadora organizada, que iniciava a reivindicação de seus direitos básicos para sobrevivência. (SMIRNOV, 1978).

Logo, podemos comparar a expropriação dos camponeses da Rússia com o restante da Europa, pela longa distância de tempo entre este mesmo fato histórico. Se, em países como a Inglaterra essa condição se iniciou, como escrito por Marx (2013), a partir do século XIII, na Rússia, a expropriação dos meios de produção do campesinato ocorreu apenas no século XIX, portanto, demarcado por um período de seis séculos de distância. Este fato demonstra-nos qual era a situação econômica e política da Rússia Czarista perto dos outros países que se desenvolviam a partir dos modos de produção capitalista. No entanto, como expressou Manfred (1981), a rapidez da substituição do trabalho manual pelo mecanizado ocorreu em um período de vinte anos, marcando, portanto, uma grande diferença com os países europeus que se valeram da acumulação primitiva. Esse fato, como salientou Manfred, deu-se pelo simples motivo de que “[...] o capitalismo russo nascente pôde utilizar a experiência industrial já adquirida pelos países capitalistas avançados do Ocidente, e aprender muito com eles”. (p. 2).

Porém, o caminho tomado pela Rússia, após a abolição da servidão, não se distinguiu tanto daquele mesmo processo descrito por Marx (2013) em sua análise da acumulação primitiva. A partir da chamada libertação dos camponeses das amarras do feudalismo, os acontecimentos não se distinguiram tanto daqueles tomados pelo resto da Europa desde o século XIII. Podemos até mesmo destacar alguns, os mais importantes, como: 1) O acúmulo de grandes quantidades de terras nas mãos de poucos; 2) O arrendamento de parcelas das terras para famílias que haviam de produzir para o arrendatário; 3) O princípio da industrialização urbana e; 4) A condução da população camponesa para as cidades industriais que começavam a crescer na Rússia já no final do século XIX. Devemos ainda lembrar, que essa última condição tornou-se um fator decisivo para o desenvolvimento do capitalismo na Rússia e determinando a criação de uma nova classe proletária que surgia também já em fins de 1800 (MANFRED, 1981). Tal classe constituiu-se segundo as análises de Smirnov (1978), como o principal motor para a Revolução de Outubro.

Pela condição tardia do desenvolvimento do capitalismo na Rússia e da organização lenta da classe operária nas reivindicações de seus direitos, os trabalhadores russos eram submetidos, segundo as análises do historiador soviético Manfred (1981), a condições desumanas de trabalho. Assim, enquanto no resto da Europa, a classe operária

já garantia minimamente condições que asseguravam sua subsistência, na Rússia, isso se dava ao contrário. Essa foi uma das condições também expostas por Manfred e por Smirnov (1978) para a tomada de consciência dos trabalhadores, que dariam origem as primeiras tentativas revolucionárias neste país. Entretanto, as primeiras exigências de direitos não vieram do campesinato e muito menos da pequena classe operária que acabara de nascer, mas sim de membros da sociedade denominados *narodniki*, ou ainda, os populistas. Como descreveu Manfred, esse grupo surgiu da ala culta da Rússia Czarista e, como primeiro ato, vestiram-se como camponeses - cerca de mil jovens - e se dirigiram até o campo para incitarem os camponeses a se organizarem nacionalmente em uma revolta geral. Uma pobre expressão do socialismo utópico que fracassou em sua tarefa, contudo um breve avanço nos saltos de consciência dos grupos camponeses. Mas, com o fracasso dessa primeira tentativa de despertar - no sentido literal da palavra - uma consciência no campesinato, muitos populistas abandonaram a missão. Outros retomaram as atividades pregando contra a palavra do Czar, organizando uma imprensa clandestina, denunciando assim os atos políticos desse governo.

Deste primeiro grupo que conduziu as primeiras tentativas de despertar a consciência revolucionária dos camponeses, derivou-se outro, dessa vez com ações táticas que propunham o assassinato do Czar. Esse grupo se denominou como *Narodnaya Volya* ou A vontade do povo. Considerados como terroristas pelos governantes russos, essa nova organização chefiou grande parte dos atentados ao Czar, tendo sucesso no assassinato de Alexandre II em 1º de março de 1881. Todavia os *Narodnaya Volya* iriam descobrir que atos isolados e determinações pessoais em si não são suficientes para o desenvolvimento revolucionário de uma nova sociedade. Faltava ainda uma teoria que oferecesse as condições para a criação da organização entre o operariado e o campesinato. Após o assassinato do Czar, em 1881, os membros desse grupo sofreram perseguições severas, muitos foram presos e assassinados. Alexandre Ulianov, irmão mais velho de Lenin, foi um dos presos e executados posteriormente, depois de ser capturado noutra tentativa de atentado contra o novo Czar (MANFRED, 1983).

Todavia, com o passar do tempo, os movimentos populistas da Rússia Czarista começaram a enfraquecer. Alguns dos sobreviventes do grupo de A vontade do povo, dirigiram suas atenções para as esferas liberais da sociedade, outros começaram a avaliar e, conseqüentemente, estudar o movimento operário de outros países do ocidente. Entretanto, é apenas depois do contato com as obras de Marx e Engels que os intelectuais russos começaram a dirigir sua atenção ao movimento operário. Foi apenas com Guirguy

Valentinovitch Plekhanov (1856-1918) que o marxismo encontrou sua primeira expressão na Rússia Czarista. Plekhanov, um membro de A vontade do povo, traduziu, em 1882, O manifesto do partido comunista de Marx e Engels. Foi ele também o responsável pela propagação das ideias marxistas na Rússia, fundando uma organização denominada Grupo de emancipação do trabalho (MANFRED, 1983).

Nas tentativas da superação das teorias utópicas, idealistas, conservadoras e, pondo fim aos movimentos populistas, encontramos as ideias de um homem que revolucionou todas as esferas políticas da Rússia já no fim do século XIX: Vladimir Ilitch Ulianov ou apenas Lenin (1870-1924). Lenin havia dedicado grande parte de sua vida em se aprofundar nos estudos teóricos do marxismo, contudo levando sempre a sério a ideia de *práxis* presente nas obras de Marx e Engels. Nunca esqueceu o movimento operário e, portanto, se dedicou em vida “[...] à educação política e ideológica dos operários, espalhando as ideias socialistas e unindo os trabalhadores para a ação revolucionária”. (MANFRED, 1983, p. 14). Lenin foi a figura que conduziu, de certo modo, os trabalhadores da Rússia a tão sonhada Revolução<sup>18</sup>.

Ainda neste período, que demarca o fim da Rússia Czarista, como escreveu Smirnov (1978), os valores presentes na sociedade eram transmitidos como: autocracia, nacionalismo e, principalmente, ortodoxia. Qualquer doutrina científica que ia contra um desses princípios era rejeitada, por exemplo, foi o que ocorreu com Séchenov e sua teoria materialista das explicações dos processos psíquicos. Suas ideias, tais como, o reflexo do cérebro, foram proibidas de serem difundidas entre as universidades russas. Séchenov se viu cercado, como escreveu Rubinstein (1963), por uma luta ideológica entre materialismo e idealismo, conseqüentemente, foi censurado pelo espírito idealista conservado em seu período histórico. Tal situação é demarcada ainda por Rubinstein como um impedimento da ala idealista da filosofia e psicologia de que Séchenov desenvolvesse uma escola materialista nessa ciência. Esse fato encontra-se conservado nos textos apresentados por S. L. Rubinstein. Sobre o período que antecedeu a psicologia soviética e a ciência de certa forma geral, encontramos que:

Seus inimigos, os idealistas que ocupavam as cátedras de psicologia e de filosofia como representantes da ciência oficial, alcançaram dessa maneira, e com isso causaram um dano enorme ao progresso da ciência psicológica não só na época czarista, mas, ademais, no período soviético. Como queriam que

---

<sup>18</sup> Por motivos específicos desse trabalho e pelo curto tempo, optamos por não apresentar a primeira tentativa revolucionária em 1905. Demonstramos, portanto, até aqui, quais eram as condições presentes na sociedade czarista, que atuaram como um dos motores para a Revolução de Outubro de 1917.

Séchenov fosse privado da possibilidade de forjar na Universidade sua própria escola de psicólogos, quando chegou no período soviético, depois da Revolução de Outubro, não houve entre nós, psicólogos, que procedessem de Séchenov, na mudança, não eram poucos os psicólogos que procediam de Chelpanov, os quais, ainda manifestando-se depois contra ele - como fizeram, por exemplo, Kornilov e outros - partiam com tudo, de Chelpanov, haviam passado por sua escola e haviam se formado ao seu lado. (RUBINSTEIN, 1963, p. 332).

Não se constitui nenhum absurdo afirmar que a psicologia na Rússia czarista havia se desenvolvido completamente como ciência idealista até os momentos decisivos da Revolução de Outubro de 1917. Embora a ciência russa tivesse como representantes figuras tais como Séchenov, Pavlov e Bechterev, as repercussões de seus trabalhos iam contra a moral ortodoxa defendida pelo Czar. Rubinstein (1963), citando Bechterev, escreveu que, no livro *Os reflexos do Cérebro*, publicado em 1860 por Séchenov, encontrava-se um esquema geral das chamadas funções psicológicas. Entretanto, os processos superiores eram reduzidos ao movimento externo, ou seja, a conduta ou comportamento. Todavia, o que nos interessa aqui é quem sabe, demonstrar, por meio de fatos, a tese levantada por Smirnov (1978) sobre a história presente nos indivíduos de uma forma ou outra. Neste caso, a história estava presente na ciência psicológica, a qual até o período revolucionário se desenvolveu como tendência idealista. Nela conservaram-se os valores morais desta velha sociedade, sendo destruídos pós Revolução de Outubro de 1917. Portanto, o motivo primordial da não existência de escolas materialistas na psicologia russa, até o fim da primeira década do século XX, remonta ao conflito entre materialismo e idealismo no século XIX. Também, somente nos comprova a ideia de Marx (2008) de que “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual”. (p. 47).

Não havia condições, portanto, para o desenvolvimento revolucionário de uma teoria na psicologia neste período. Embora já houvesse representantes progressistas na ciência, vimos, até então, que as universidades eram dominadas por uma ala conservadora, mantendo as posições políticas e ideológicas presentes no czarismo. É por isso que uma nova teoria só poderia surgir sob novas condições a partir de um novo modo de produzir e reproduzir a vida socialmente. Devemos apontar que o contrário é impossível, uma nova teoria não pode surgir única e exclusivamente a partir de teorizações. Adentraríamos em um idealismo filosófico afirmando tamanho absurdo. Neste sentido, elegemos a Revolução de Outubro de 1917 como condição para o início de uma nova psicologia.

A Revolução que, segundo Hobsbawm (1995), foi filha da Primeira Guerra Mundial, trouxe uma nova condição a todos os que viviam na Rússia. Se, toda a barbaria que acometia os camponeses e trabalhadores russos no século XIX já havia sido suficiente para o início de uma organização política marxista, no decorrer da primeira guerra essa determinação histórica apenas aumentou. Mas devemos lembrar de que as condições para uma Revolução Socialista não estavam dadas. Como vimos alguns parágrafos acima, as condições do desenvolvimento do capitalismo na Rússia eram ainda primitivas. Toda a certeza que havia neste período era a de que a queda do Czar conduziria o país em direção a uma revolução burguesa. No entanto, outro problema estava presente nas relações políticas da Rússia: os representantes liberais, além de não ocuparem cargos representativos no governo, não possuíam também condição alguma de conduzir o país rumo a uma revolução burguesa. Sobre isso, Hobsbawm escreveu:

Em 1917, Lenin, cujas esperanças não tinham ido muito além de uma Rússia democrático-burguesa em 1905, também concluiu desde o início que o cavalo liberal não era um dos corredores no pátio revolucionário russo. Era uma avaliação realista. Contudo, em 1917 estava tão claro para ele quanto para todos os outros marxistas russos e não russos que simplesmente não existiam na Rússia as condições para uma revolução *socialista*. Para os revolucionários na Rússia, sua revolução *tinha* de espalhar-se em outros lugares. (HOBSBAWM, 1995, p. 65).

Tais eram as condições postas na Rússia nas vésperas da Revolução de Outubro de 1917. A avaliação correta de Lenin atuou como uma das fundamentais peças da engrenagem que conduziria o partido *bolchevique* à vitória. No entanto, antes do sucesso dos *bolcheviques*, uma revolta tiraria o Czar do poder, substituindo-o por um governo democrático e provisório. Uma manifestação de operárias, no dia 8 de março, que exigiam basicamente pão, foi suficiente para demonstrar a fragilidade do governo do Czar, que foi, portanto, destituído do poder. Em seu lugar surgiu um governo provisório e frágil, que logo seria destituído pelo partido *bolchevique*. (HOBSBAWM, 1995).

Entretanto, aquilo que distinguiu a Revolução de Fevereiro e a de Outubro foi, essencialmente, que a primeira era uma revolução burguesa, trabalhando na destituição dos resquícios do mundo feudal e propondo a chamada democracia burguesa. Diferentemente dos *bolcheviques*, os *mencheviques*, que faziam uma leitura mecânica da obra de Marx e Engels, avaliaram que fevereiro era o único caminho viável para a Rússia. O capitalismo deveria se desenvolver assim como já havia feito no restante da Europa e, somente quando países como Inglaterra, França e Alemanha fizessem a revolução

proletária é que, a Rússia seguiria esse mesmo destino. De outra forma, podemos avaliar que, para os *mencheviques*, a revolução, seria fruto de uma receita revolucionária.

A fragilidade do governo provisório de Kerensky se demonstrou logo nos primeiros dias, frente às revoltas e exigências dos camponeses e trabalhadores que, em grande parte, voltavam a pedir pão e terra para cultivo. Lenin, como um grande conhecedor das necessidades do povo, se utilizou dessas exigências para fazer crescer o número de organizações de proletários e de camponeses, que se juntaram ao partido *bolchevique* nas vésperas da revolução (HOBSBAWM, 1995).

Após a Revolução de Outubro, Trotsky (1979) em uma análise sobre as contribuições do processo revolucionário, escrevia que os atos que sucederam outubro repercutiram o resto do mundo. Essa também foi a análise feita por Hobsbawm (1995), que apontou a importância de Outubro de 1917 nas várias revoluções que surgiram ao longo do século XX. Trotsky, em seus estudos sobre outubro, escreveu:

Ainda não nos demos conta exatamente do que fizemos e de como o fizemos. Depois de outubro, parecia que os acontecimentos na Europa se desenvolveram por si próprios, com tal rapidez, que nem sequer nos deram tempo para assimilar teoricamente as lições de Outubro. (TROTSKY, 1979, p. 9).

Digamos apenas que a Revolução de Outubro resultou em um movimento de grande impacto em todo o mundo. Vários foram os países que tentaram reproduzir os feitos dos revolucionários *bolcheviques*, todavia, sem muito sucesso, não levando em consideração os fatos históricos e culturais do desenvolvimento material de cada país. É nesse fato que repousa nossa voluntariedade em avaliar o processo revolucionário para a psicologia, estudá-lo e compreender quais foram seus resultados imediatos e em longo prazo. Não podemos reproduzir de forma mecânica uma revolução, como se ela viesse do céu para a terra, devemos partir da terra para o céu (MARX; ENGELS, 2007). As tentativas de reproduzir a revolução em outros países da Europa foram compreendidas como “ [...] um triste papel repetindo ininteligivelmente uma fórmula *decorada*, em vez de *estudarem* as particularidades da nova situação real”. (TROTSKY, 1979, p. 20, grifos do autor). Do impacto mundial da Revolução, Politzer (1968, p. 63) escreveu que, “ a União Soviética, ao mesmo tempo que é o baluarte da paz, é também o da civilização. A pátria do socialismo é também a pátria da razão, a sede do iluminismo”.

Foram nestes fatos revolucionários que Luria (1992) escreveu que pela primeira vez as portas das universidades se abriram para todos, não levando em consideração o

quão bem - ou não - estavam preparados para ingressar no ensino superior. Todavia, esta não era a principal preocupação pós-processo revolucionário, pelo contrário, não se considerou quem estava – ou não – apto a ingressar na universidade. O dever agora era criar condições suficientes para a criação da personalidade do novo ser humano socialista. A psicologia assumiu essa tarefa do desenvolvimento do novo ser humano socialista, entretanto as abordagens mecanicistas ou de orientações idealistas da psicologia não podiam cumprir essa tarefa. Por detrás da criação do novo homem e da nova mulher socialista estava também o dever de reconstruir a psicologia, assim como analisado por Payne (1968).

Portanto devemos compreender que a psicologia na União Soviética não nasceu de um fato quimérico, nem tão pouco em um ambiente harmonioso, como pregam os conciliadores da psicologia. A psicologia soviética foi fruto e resultado de um processo histórico, iniciando-se ainda na Rússia Czarista, contudo, encontrando sua expressão de desenvolvimento após a Revolução de Outubro de 1917, tendo como primeiras expressões de uma nova psicologia as propostas de Blonski e Basov, cujos trabalhos serão alvos de nossa próxima análise.

## **2.2 - NO PRINCÍPIO FOI O ATO! NOVOS RUMOS PARA A PSICOLOGIA PÓS-REVOLUÇÃO E A NECESSIDADE DO DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO**

Abordaremos nesse momento os novos caminhos tomados pela ciência psicológica na União Soviética, analisando na história as contribuições desse período para o desenvolvimento da psicologia. Um dos pontos iniciais que devemos salientar é o da criação do novo homem e da nova mulher socialista. Essa condição era um dever e uma obrigação para todos os grupos de psicólogos e educadores que trabalhavam neste período.

Ao eleger a imaginação como categoria de análise da história da psicologia soviética, alguns problemas surgem à tona. O primeiro é relacionado aos materiais que escolhemos para analisar. A grande dificuldade é em relação à língua russa e, conseqüentemente, seu alfabeto cirílico que se distingue do nosso. Portanto, estamos trabalhando com traduções feitas principalmente para o espanhol, inglês e português. Todavia, esse não se constitui como um melhor caminho para se realizar uma análise histórica. Outro grande problema é analisar como se deu a compreensão e o

desenvolvimento dos trabalhos da função imaginativa nos períodos leninista e stalinista, devido à falta de acesso que possuímos ainda sobre o segundo período. Também porque, apesar de conseguirmos realizar algumas autocríticas sobre esse momento histórico, a maioria das críticas do stalinismo não são feitas pelos comunistas e sim pela burguesia. Neste sentido, ainda não avaliamos quais foram as contribuições e os retrocessos causados pelo stalinismo. Para isso deveremos compreender brevemente este período.

Levando em consideração os meios de análise do materialismo histórico-dialético, encontramos em Marx (2008) que a anatomia dos seres humanos é a chave para a anatomia do macaco, ou seja, é sempre o mais desenvolvido que explica o menos desenvolvido. Neste sentido, partiremos dos estudos da imaginação como função psicológica superior e das análises feitas por Evgeniy Ivanovich Ignatiev (1904-1969). De Ignatiev, possuímos apenas um único material, que encontramos no livro intitulado Psicologia sob o título: A imaginação. Este manual escrito para professores foi publicado em 1960 no período pós Stalinista, em que Nikita Sergeivitch Khrushchev (1894-1971) já havia feito seu famoso Informe secreto, denunciando os crimes cometidos por Joseph Vissarionovich Djughashvili, ou apenas Stalin (1879-1953). Portanto, iniciando o processo que ficou conhecido como desestalinização da União Soviética (KHRUSHCHEV, 1956).

Nosso maior objetivo neste momento, consiste em conseguir explicar o que é a imaginação, suas características gerais e particulares, almejando inseri-la na história da psicologia soviética como uma importante função psicologia superior. Até porque, em sua análise, o psicólogo bielo-russo Rozet escreveu que a função imaginativa havia sido marginalizada pela psicologia ocidental. Algumas vezes ela foi reduzida a outros processos psicológicos, por exemplo, ao pensamento. Outras, ela simplesmente adquiriu um caráter idealista e inatista na psicologia, como foi o caso das explicações da psicanálise (ROZET, 2008). Neste momento partimos da tese de que:

[...] nas sociedades primitivas - aquelas que estão dando seus primeiros passos no desenvolvimento histórico -, pode se ver que a construção psicológica completa dos indivíduos depende diretamente do desenvolvimento da tecnologia - o grau de desenvolvimento das forças produtivas -, e da estrutura do grupo social ao que o indivíduo pertence. (VIGOTSKI, 1998a, p. 111).

A Rússia de longe era uma sociedade primitiva, nem tão pouco mantinha ainda relações que eram de base histórica primitiva, todavia, havia acabado de superar o modo de produção feudal. Portanto, como deveriam agir após a Revolução de Outubro de 1917? Essa foi uma das discussões levantadas por Trotsky (1978) em que ele escreveu que a

briga entre os *bolcheviques* e os *mencheviques* era essencialmente pela forma que a Rússia deveria se desenvolver. Os primeiros acreditavam que o socialismo era a solução, enquanto os segundos defendiam que o capitalismo deveria se desenvolver primeiro para que houvesse as condições da luta proletária. A revolução havia sido feita, Outubro triunfou, no entanto, quais seriam os caminhos a tomar neste momento para o desenvolvimento material da Rússia? Marx (2010a) já havia alertado que os modos de produção no capitalismo promovem o estranhamento do trabalho. O trabalhador não reconhece o produto final de seu labor, no lugar, a figura do dinheiro é deificada e o trabalhador deveria garantir sua subsistência e de sua família em troca de vender sua força de trabalho. Seria a melhor condição para uma sociedade socialista? Acreditamos que não. O motivo já foi exposto por Marx, entretanto, no que nos diz respeito ao desenvolvimento de uma personalidade socialista, Vigotski salientou que:

Em suas clássicas descrições do primeiro período do capitalismo, Marx aborda com frequência o tema da corrupção da personalidade humana, que tem sua origem no crescimento da sociedade industrial capitalista. Em um extremo da sociedade, encontramos a divisão entre o trabalho manual e o intelectual, a separação entre a cidade e o campo, a brutal exploração do trabalho de mulheres e crianças, a miséria e a impossibilidade de um desenvolvimento livre e completo do pleno potencial humano; e no outro extremo os preguiçosos e a luxúria. (VIGOTSKI, 1998a, p. 111).

Esse seria o principal problema da escolha de transpor as máquinas para o desenvolvimento da sociedade socialista. A indústria não escolheu pátria, nem tão pouco se adequou a um determinado modo de produção. Essa relação se deu ao contrário: é o trabalhador que deveria se ajustar à máquina. Na aquisição da indústria do capitalismo, surgiu portanto outro problema: como evitar o estranhamento do trabalhador no processo de trabalho que continuaria sendo dividido socialmente? A criação de um novo ser humano deveria obrigatoriamente abolir qualquer forma de estranhamento presente no processo laboral. A educação cumpriu neste momento um importante dever: permitir que os trabalhadores tivessem consciência de seu processo de trabalho. Mas, qual seria a importância da imaginação em toda essa discussão? Devemos chamar a atenção de que, para Vigotski, a consciência se constitui como aquilo que permite com que os sujeitos atuem no mundo. As funções psicológicas superiores, por exemplo, a imaginação, são elementos que fazem parte da consciência humana. A imaginação, como processo que permitiria que o trabalhador visualizasse um quadro distinto, daquele atual, para seu

futuro, deveria ser desenvolvido. Ou ainda, como denominado por Ignatiev (1960), uma atividade criadora no trabalho técnico. Por isso Vigotski, ainda escreveu que:

De maneira que a combinação da manufatura com a educação não será um meio para a criação de gente plenamente desenvolvida, como que também, o tipo de pessoa que será necessária para trabalhar neste processo de manufatura altamente desenvolvido será substancialmente diferente do tipo de pessoa que costuma ser o resultado do trabalho produtivo durante o período recente do desenvolvimento capitalista. (VIGOTSKI, 1998a, p. 116).

A necessidade de se unir o trabalho à educação esteve presente durante todo o período soviético. Em livros como os de Makarenko (1959)<sup>19</sup> e de Latíshina (1984)<sup>20</sup>, por exemplo, podemos encontrar diversas passagens sobre a educação para o trabalho, essa seria a condição posta para superar o estranhamento presente no processo de trabalho, pois o trabalhador deveria conhecer todo o processo e o que estaria por detrás dele<sup>21</sup>. Também, em Lomov (1977), encontramos que, nas décadas de 1920 e 1930, as pesquisas dos psicólogos soviéticos estavam diretamente ligadas ao desenvolvimento psicológico na infância e da atuação do ensino técnico dos alunos. Portanto, as pessoas neste novo período não apenas deveriam possuir as habilidades de operar uma máquina, como também teriam de ter um pensamento conceitual, uma memória voluntária, atenção voluntária, a imaginação representativa, entretanto, mais do que ela, deveriam possuir uma imaginação criadora. Esta última já seria evidenciada antes mesmo da Revolução de Outubro de 1917, já nos escritos de Lenin (1981), intitulado: O que fazer? Neste texto encontramos a necessidade de se pensar uma nova sociedade e o dever de se imaginar outro quadro social que não fosse o da exploração do homem pelo homem. Concordamos, portanto, com Vigotski, quando ele expressou a necessidade de que:

A educação deveria julgar o papel central na transformação do homem - este caminho de formação consciente de novas gerações; a forma básica para mudar o tipo humano histórico. *As novas gerações e suas novas formas de educação são a principal rota que seguirá a história, e que criará o novo tipo de homem.* Neste sentido, o papel da educação social e politécnica é extraordinariamente importante. As ideias básicas da educação politécnica são uma tentativa de superar a divisão entre trabalho físico e intelectual e de reunir o trabalho e o pensamento, que foram feitos separados durante o processo de

---

<sup>19</sup> Anton Semenovitch Makarenko (1888-1939)

<sup>20</sup> Dilyara Ismailovna Latsíshina, todavia não encontramos informações biográficas sobre a autora.

<sup>21</sup> Esses são apenas dois exemplos dos trabalhos sobre a educação. Não podemos esquecer também as contribuições de Nadzda Konstantinova Krupskaja (1869-1939) para a educação do novo homem e da nova mulher socialista.

desenvolvimento do capitalismo. (VIGOTSKI, 1998, p. 119 - Grifos no original).

Em toda transformação das forças produtivas materiais o meio social também passa por mudanças. Para Vigotski (1998a), a modificação do ser humano socialista deveria partir da destruição daquilo que causa o estranhamento do trabalho, a escravidão pelas máquinas e todas as forças de opressão que existem no modo de produção capitalista. Neste sentido, a divisão entre trabalho físico e intelectual deveria ser abolido. A educação, portanto, deveria cumprir esse novo papel da transformação e criação de uma personalidade socialista. Entretanto, devemos ainda entender que essa mudança ocorreu sob outras determinações históricas, ou seja, a partir de um modo de produção socialista. Acreditar que a educação criaria um novo ser humano socialista em uma sociedade capitalista determinaria a fetichização da educação, tornando-a em algo que seria incapaz de realizar nos modos de produção capitalista. Podemos ainda parafrasear Marx (2013) em sua análise das jornadas de trabalho em *O capital*. Marx, apesar de reconhecer os avanços para a classe trabalhadora que resultou na diminuição das jornadas de trabalho, também sabia que a exploração da força de trabalho ainda continuaria. Assim sendo, termina sua análise de forma irônica mencionando o quanto se modificou do que era. Apesar da classe trabalhadora ter ganho novos direitos, o capitalismo ainda continuaria. Transpondo a análise de Marx para a educação, destacamos que apenas atuar como educador consciente não resulta na criação de um novo ser humano, essa transformação deveria ocorrer sob outras formas de produção e reprodução da vida social, em específico, no socialismo. Tentar criar uma sociedade socialista unicamente por meio da educação é o mais puro fetichismo dela própria e uma grande utopia.

No entanto, jamais descartaríamos a importância da educação para a classe trabalhadora. Manfred (1983) nos lembrou do papel que cumpriu Lenin no desenvolvimento consciente de trabalhadores. É por isso que uma transformação social deve levar em consideração a tomada dos meios de produção, todavia, de forma consciente, o operário deve ter consciência do mundo em que vive. Contudo, existirão aqueles que sempre afirmarão que pelo fim da União Soviética, um novo ser humano nunca existiu. Platonov (1969) iniciou seu livro apresentando uma entrevista de Iuri Gagarin, ao retornar à terra do primeiro voo espacial tripulado por um ser humano. Ele escreveu que:

Durante a conferência de imprensa consagrada ao sucesso do primeiro voo espacial dum homem, a bordo da nave-spútnik “Vostok”, um correspondente da imprensa ocidental fez uma pergunta em que usou a expressão “mandaram-vos”. Ao que Iúri Gagárine replicou:  
- Gostaria de substituir “mandaram” por “confiaram”. E sinto-me muito feliz e orgulhoso da confiança que em mim depositaram. (p. 15).

A educação de um novo ser humano, obrigatoriamente, passa também pela revisão e modificação de todos os valores morais presentes na sociedade. Embora a experiência soviética tenha se encerrado, encontramos na memória e nos registros históricos os caminhos vitoriosos na criação de novos valores presentes nesta nova sociedade.

Apresentamos, portanto, as contribuições da educação para a criação de um novo ser humano. A constituição dessa nova personalidade deveria passar pelo amplo desenvolvimento da consciência desses sujeitos e de suas funções psicológicas superiores. Acreditamos, também, que desenvolver amplamente as funções psicológicas do novo homem e da nova mulher socialista foi um meio que a União Soviética encontrou de transformá-los em sujeitos conscientes de suas atividades. Na indústria, essa determinação não se deu ao contrário. O trabalhador na indústria soviética deveria ser aquele que não executasse sua atividade de modo mecânico e involuntário. É por isso que as funções psicológicas superiores atuavam como um importante papel na direção consciente da atividade dos trabalhadores. Em específico, a imaginação encontrou-se presente na cristalização das formas criadoras do trabalho de produções técnicas e industriais<sup>22</sup> (IGNATIEV, 1960).

Até aqui, já sabemos que a imaginação cumpriu um importante papel frente ao desenvolvimento da indústria no regime soviético. O operário deveria ser aquele que executasse uma atividade criadora e não mais reprodutiva, tais como as encontradas nos modos de produção capitalista. Todavia, como poderíamos inserir a imaginação na história? Torná-la uma unidade de análise histórica que permitirá avaliarmos as contribuições da psicologia soviética? Essa deverá se constituir como nossa nova tarefa nesse trabalho.

---

<sup>22</sup> É interessante apontar que nem mesmo na psicologia soviética, a ideologia estava isenta. Em muitos momentos, no trabalho, foi criada uma tendência ideológica, todavia, que se direcionava para a construção de uma sociedade socialista e, sua superação no comunismo.

### **2.3 - CONTRIBUIÇÕES DO MARXISMO PARA UMA HISTORIZAÇÃO DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA: INTRODUZINDO A IMAGINAÇÃO NA HISTÓRIA**

Um dos mais importantes instrumentos que possuímos é a história. É ela a responsável por avaliarmos os longos períodos que se transcorreram até os dias de hoje. Também é quem nos permite projetar um futuro diferente. A reconstrução da história é sempre um processo complicado, pois lidamos com evidências, documentos, materiais bibliográficos, e não descrições narrativas de outros sujeitos. É também, nesse processo de recontar a história de algo, que cumpre um importante papel a imaginação. Como poderíamos reconstruir fatos que não se encontram em nossa experiência? Para essa resposta, temos a função imaginativa como grande exemplo. Não podemos lembrar a Revolução de Outubro de 1917, pois não vivemos este período, mas, por meio dos documentos e materiais acumulados ao longo da história, podemos imaginar os fatos que se sucederam neste momento.

Assim sendo, como expressou Plekhanov (1926), toda coisa no mundo possui sua causa, na imaginação, essa determinação não é diferente. Demonstramos já que os soviéticos, ao estudarem a imaginação, atribuíram a ela grande importância, enquanto a psicologia ocidental marginalizou e reduziu os estudos desse processo superior (ROZET, 2009). Atribuímos a causa dos estudos da imaginação à sua importância para o desenvolvimento no novo ser humano socialista e suas contribuições para a indústria soviética. Até porque, a história se inicia nos modos de produção. Lembremos de que,

O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. [[Riscado no manuscrito: o primeiro ato histórico desses indivíduos, através do qual eles se diferenciam dos animais, não é o fato de eles pensarem, mas sim o de eles começarem a produzir seus víveres (Lebensmittel).]]. (MARX; ENGELS, 2007, p. 41-42).

Diferentemente dos animais, que alteram a natureza pela sua simples presença, os seres humanos a modificam pelas suas necessidades e vontades. A história da humanidade é, portanto, a história das forças produtivas que, por sua vez, também é a história da luta de classes (MARX; ENGELS, 2012). Os seres humanos não repetem a história da natureza, mas a criam a partir dela, transformam-na, a humanizam a partir de necessidades. A natureza humana é, portanto, natureza transformada, humanizada (ILIENKOV, 1977). A imaginação novamente é apresentada na história e em seu

potencial criador no desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, na evolução técnica da sociedade.

A criação de condições que garantam a subsistência da humanidade é o primeiro pressuposto de Marx e Engels (2007) para a história. Esse ato histórico descrito pelos autores deve ser evidenciado para garantir que não adentremos a um marxismo-vulgar em nossas análises neste trabalho. No marxismo vulgar encontramos, segundo Hobsbawm (1983), alguns pontos que os historiadores marxistas devem evitar. O primeiro erro cometido pelos historiadores vulgares do marxismo constitui-se naquilo que Paulo Netto (2011) chamou de fatorialismo. Nele, o fator econômico seria determinante em todos os processos da vida social. Compreender, por exemplo, que é apenas o ser que condiciona a consciência tornou-se, portanto, uma tese puramente mecânica. O ser é aquele que condiciona sim a consciência em um primeiro momento da vida, entretanto, em um segundo instante, é a consciência que atua diretamente em seu ser social. A própria história de Marx que encontramos descrita por Lenin (2001) é a prova de que a relação entre o ser a consciência não é unilateral, mas sim, dialética uma via de mão dupla. Foi o que Rubinstein (1968) demonstrou em sua análise sobre o desenvolvimento da consciência e sua relação com o ser social. Contudo, retornando ao exemplo de Marx, se a relação da consciência fosse apenas de uma única via, sendo determinado pelos fatores econômicos, Marx haveria abandonado sua vida revolucionária logo nos primeiros anos, pois ela era para ele extremamente aversiva. Não esqueçamos que a fome, a miséria e a morte de vários de seus filhos o assombraram até o fim de sua vida, contudo, contrariando todas as condições postas pelo capitalismo, exerceu sua função revolucionária entrando para história da humanidade. Evitando o marxismo vulgar, portanto, na psicologia, poderíamos escrever que a atividade do sujeito no mundo, em que vive, cria condições para o desenvolvimento de sua consciência, porém essa consciência, ao se desenvolver, também cria condições para que ocorra a atividade (RUBINSTEIN, 1967).

Entretanto, evitar o marxismo vulgar não é uma simples tarefa, justamente pela mecanização dessa doutrina durante o regime stalinista na União Soviética. A história, portanto, não pode ser minimizada ao fator meramente econômico, assim como não pode ser explicada por concepções místicas e idealistas (KUUSINEN, 1960). No marxismo, encontramos que a história é criada por seres humanos e não por forças divinas ou atos meramente acidentais e evolutivos. As condições objetivas - ferramentas e meios de produção - garantem a continuidade da história, desde que haja novos sujeitos para criarem novas ferramentas e meios de produção. O capitalismo, período histórico que

vivemos, não é fruto de um mero acidente ou ainda de uma evolução casual da natureza, mas constitui-se como a negação da própria natureza, humanizando-a, modificando-a e transformando-a. Assim é criada a história, ela é feita por homens e mulheres, entretanto os que movem a engrenagem são aqueles que não são lembrados por ela. Até aqui, escrevemos sobre os meios de produção e a forma que os seres humanos garantem sua subsistência. Entretanto, acreditamos que não explicamos ou ainda deixamos claro que esta relação não ocorre de modo isolado e também individual. Essa relação não ocorre tal como na ilha de Robson Crusoé, mas sim entre indivíduos reais que produzem coletivamente para a reprodução da sociedade. Os modos de produção aqui encontram sua primeira contradição. Devem ser operados de modo coletivo, todavia, constituem-se - no capitalismo - como propriedade privada e não coletiva.

Adentramos, em outro meio de inserir a imaginação na história da produção técnica. Na União Soviética, os modos de produção eram coletivos, os meios para se criar novas formas de trabalho encontram-se postos na atividade criadora do sujeito. O desenvolvimento da imaginação enquanto função psicológica superior era necessário para uma nova sociedade. A Rússia acabava de sair de um modo de produção quase feudal, adotando minimamente os modos de produção capitalistas, todavia, a população rural, até mesmo após a Revolução, não conseguia imaginar novas possibilidades de desenvolvimento social. Esse fato encontra-se conservado nos Materiais de Luria (2013). O autor realizou uma série de pesquisas com vários camponeses sobre o desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores. Em específico, sobre a imaginação, podemos escrever que muitos camponeses entrevistados por Luria não conseguiam formar quadros representativos de imagens sobre as cidades e nem dos novos modos de produção. Lomov (1967) também apontou considerações importantes sobre esse período, escrevendo que as principais áreas de preocupação para os psicólogos neste momento eram a educação e o trabalho. É, neste sentido, que Petrovski (1985a) escreveu que a psicologia foi dividida no final dos anos de 1920 em várias ramificações. Delas, surgiram: psicologia do trabalho, psicotécnica, psicologia pedagógica, patopsicologia, psicologia social, entre outras. No entanto, todas cumpriam um papel de significativa importância neste primeiro momento de desenvolvimento econômico na União Soviética. Segundo Petrovski, “[...] a principal tarefa de todo o povo da República Soviética era a tarefa de aprender a trabalhar”. (p. 15). Além disso, Petrovski ainda afirmou a importância da psicologia pedagógica neste novo processo, relembrando os ensinamentos da educação para o trabalho. Entretanto, houve

ainda, maior contribuição da psicologia para as áreas técnicas do trabalho. Petrovski escreveu que:

O traço característico que teve a psicologia do trabalho em meados dos anos trinta foi modificar o centro de atenção no trabalho de investigação do problema da seleção profissional a tarefa de racionalizar os métodos politécnicos e profissionais para a aprendizagem e a organização do processo laboral e formar a perícia e a destreza. (PETROVSKI, 1985a, p. 15).

Esse era um caminho necessário, cumpria o dever científico de ensinar a nova população a trabalhar, a operar novas máquinas e assim por diante. Devemos lembrar que a distância entre campo e cidade posta pelo capitalismo ainda não havia sido superada. Essa deveria ser uma das principais superações para a constituição de uma sociedade socialista. É neste sentido que Kuusinen (1960) escreveu que, na interpretação marxista,

[...] do processo histórico como algo sujeito a leis se opõem por igual às noções subjetivistas, que consideram a história como conglomerado de fatos casuais, e ao fatalismo que nega o valor da atividade consciente dos homens, de sua capacidade para atuar na marcha do desenvolvimento social. (p. 69).

Não acreditamos que a União Soviética atuou de forma causal - mecanicista -, ou ainda casual - idealista -, em seu desenvolvimento social. Mas, o desenvolvimento consciente nesta sociedade era o principal objetivo. Assim sendo, não individualizamos a imaginação como processo especial nem tão pouco principal para o desenvolvimento de toda a sociedade socialista. A imaginação é um processo, que homens e mulheres dessa nova sociedade deveriam desenvolver, entretanto, não apenas ela, e sim todas as outras funções psicológicas superiores que permitissem a atuação consciente naquela sociedade. Sobre o fatalismo, como determinação histórica da vida dos seres humanos, encontramos em Rosental e Iudin (1975) uma boa explicação que nos permite refutar todo e qualquer argumento de que os seres humanos seriam pré-determinados, fosse por uma força divina ou apenas pela sociedade que nasceu. O capitalismo determina sim os processos pelos quais os sujeitos se desenvolvem, todavia, isso não é uma predeterminação, diga-se de passagem, pelo simples fato de que: nem sempre foi assim e, nem sempre precisará ser assim. Até porque os fatos que se conservam na história são aqueles “[...] da ação, da luta e do esforço de milhões de seres humanos”. (KUUSINEN, 1960, p. 69).

Também deve fazer parte de nossa análise explicações acerca do fenômeno que estamos trabalhando, ou seja, a imaginação. Recuperar a imaginação na história da psicologia soviética não significa apenas descrever fatos isolados e dados sobre essa

função psicológica superior, tal como realiza as ciências que se baseiam no positivismo (KUUSINEN, 1960). Até então, não descrevemos apenas o surgimento da psicologia como uma ciência, mas, explicamos a necessidade de se criar uma psicologia científica, retornando ao surgimento do capitalismo, a sua condição encontrada na acumulação primitiva, na expropriação das terras comunais e, principalmente, na nova liberdade fabril e no surgimento da classe operária. Todos os fatos apresentados contribuíram para o surgimento da psicologia como ciência. Portanto, explicamos os motivos que estão por detrás das descrições vagas dos manuais de psicologia. Com a imaginação essa condição não deve ser diferente. Não podemos apenas descrever a imaginação como uma função psicológica responsável pela atividade representativa ou ainda criadora. A imaginação possui sua importância na história da União Soviética, em específico, da psicologia e também da educação dos soviéticos. Neste sentido, afirmamos que para o marxismo “[...] cada acontecimento histórico se produz uma única vez e não pode repetir-se. Não pode haver um segundo Napoleão nem um segundo suicídio de Hitler”. (KUUSINEN, 1960, p. 74). Entretanto, não é nenhum absurdo afirmar que certos traços individuais se repetem, todavia sempre carregando o novo e nunca repetindo o que já foi. Por isso que Kuusinen ainda afirmou: “por diversas que sejam as condições da construção do socialismo nos distintos países, sempre encontraremos algumas leis gerais: a necessidade da ditadura do proletariado”. (p. 74).

Essas são leis gerais, concretas e que existem na realidade, não simples abstrações que pretendem explicar os acontecimentos históricos. Marx (2013), em seu *O capital*, não realiza afirmações abstratas sobre o surgimento do capitalismo. Pelo contrário, por exemplo, apresentou documentos e dados concretos sobre a expropriação dos camponeses por decretos de reis e monarcas. A partir de então, pôde abstrair na história elementos concretos, ou seja, a história feita por seres humanos e não por nenhuma casualidade divina, “o histórico é a vida em si”. (ROSENTAL, 1961, p. 379). É também Marx (2008) que expressou que categorias mais simples expressam sempre relações simplificadas, devendo, portanto, partir sempre do mais complexo para compreender o menos desenvolvido. É isso que pretendemos ao inserir a imaginação na história. Partimos das explicações mais complexas, neste sentido, mais desenvolvidas sobre a função imaginativa. Não casualmente a complexidade das explicações da função imaginativa se deu no fim do período stalinista com um grande crescimento no desenvolvimento tecnológico e científico da União Soviética. A história, portanto, não está dada, deve ser descoberta. Como bem expressou Rosental:

Todo estudo histórico se apoia em leis objetivas descobertas graças à atividade de abstração do pensamento. Mas, a ação destas leis se manifesta frente à forma histórica concreta de um desenvolvimento de fenômenos. A ele se deve o que os fenômenos e os acontecimentos sejam considerados aqui segundo sua sucessão histórica concreta. As categorias que refletem os fenômenos e as relações determinadas devem, então, neste caso, ser igualmente consideradas e dispostas segundo a linha histórica da evolução. Sem embargo, inclusive, se aplicarmos o método histórico, devemos mostrar, seguindo passo a passo o desenvolvimento real da história, como a lógica objetiva do desenvolvimento, é dizer, as leis que existem e atuam em forma independente de nossa consciência e nossa vontade, se abrem caminho através de todas as peripécias e de todos os zigzagueios. (ROSENTAL, 1961, p. 383-384).

Não nos cabe afirmar quem foi o vilão e o herói da União Soviética, ou o quão malvado foi Stalin. Os acontecimentos que marcaram os períodos de 1917 até 1953 estão conservados na história de forma objetiva, cabe a nós descobri-los. Assim sendo, não é nenhum absurdo afirmar que, no período Stalinista, o desenvolvimento tecnológico e dos meios de produção atingiram um nível maior do que no período Leninista. São muitos os motivos que podem ser apresentados, desde o falecimento de Lenin, em 1924, até a miserável situação econômica que se encontrava a Rússia até a Revolução de Outubro de 1917. Devemos, portanto, remontar o processo histórico, que culminou nos trabalhos de Ignatiev (1960) sobre a psicologia da imaginação.

Todavia, essa não é uma simples tarefa de abstrações e criações da realidade por meio do pensamento. Não devemos criar a história que já foi vivida, mas sim encontrar os nexos objetivos que nos permitem recontar determinados períodos históricos. É por isso que Engels (2008) escreveu que somente podemos compreender, portanto, uma determinada sociedade, ao compreender seus meios de produção. As ideais que são condições de como os seres humanos produzem e reproduzem sua vida materialmente devem ser destacados para uma reconstrução histórica que siga os caminhos objetivos do materialismo histórico-dialético.

Já afirmamos que, aquilo de mais desenvolvido que possuímos sobre os estudos da imaginação na União Soviética, estão conservados nos materiais de Ignatiev (1960), diga-se de passagem, que produziu e dirigiu suas pesquisas ainda no período Stalinista. Vale realizar uma pequena menção sobre o Stalinismo, justamente pela falta de acesso e de críticas produzidas entre os marxistas por esse período. Avaliamos novamente as questões objetivas e não morais. Este período marcado por diversas controversas permitiu por um lado o desenvolvimento tecnológico e científico da União Soviética. Contudo, travancou o desenvolvimento da própria ciência psicológica, censurando diversos psicólogos e reduzindo a psicologia a uma ciência objetivista, baseada em Pavlov

(SHUARE, 2016). Ao mesmo tempo, Kedrov e Spirkin (1967) escreveram que o período Stalinista se constituiu como um grande retrocesso à ciência, em específico, as humanas e sociais, que cultuavam a figura de Stalin em todas as pesquisas, produzindo um personalismo desnecessário. Um exemplo que poderíamos citar encontra-se em Rubinstein (1967). Após seu livro ser censurado, o autor realizou uma série de revisões e autocríticas para a publicação de sua segunda edição. Como condição para a publicação de uma nova edição, teve de citar o camarada Stalin em seu capítulo sobre personalidade. Rubinstein escreveu que Stalin havia apresentado aos soviéticos a personalidade de Lenin como exemplo a ser seguido. Também citou seu famoso livro Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico. Entretanto, a passagem que deixa claro o culto à personalidade de Stalin após a morte de Lenin, encontra-se nas seguintes palavras:

Marx, disse uma vez que na fase superior do comunismo o trabalho deixaria de ser somente meio de vida para converter-se na primeira necessidade vital. Lenin e Stalin seguiram desenvolvendo logo esta ideia do trabalho como necessidade, a concretando sobre a base da prática da revolução e reconstrução socialista. (RUBINSTEIN, 1967, p 692).

A partir de 1930, tornou-se uma tradição e necessidade, entre os psicólogos citar Stalin, colocando-o como continuador das ideias sociais de Lenin. Não apenas Stalin, como já mencionado, também Pavlov era a base de todas as pesquisas e textos escritos pelos psicólogos soviéticos já no final de 1940. Mas do que realmente se constituiu esse fenômeno chamado stalinismo? Será mesmo que enquanto conhecedores da psicologia soviética, marxistas etc., conhecemos todos os detalhes deste período? Acreditamos que não, assim como as críticas que possuímos de Stalin, ainda são insuficientes produzidas pelos marxistas. Devemos avaliar esse período a partir de nexos objetivos da história e não subjetivista, idealistas e morais. Faremos assim como propõe Paulo Netto (1984), apresentar o fenômeno Stalinista atribuindo não tanta importância à personalidade de Stalin, mas aos fatos e acontecimentos deste período histórico. Esse caminho brevemente foi tomado para não reduzir as discussões da psicologia soviética, entre os períodos de 1930 a 1950, tomando como explicações a personificação da figura de Stalin.

As posturas tomadas por Stalin foram, segundo Paulo Netto (1984), a sustentação do socialismo em um só país. A defesa dessa ideia deu-se pelo atraso econômico e industrial da Rússia e dos problemas imediatos que deveriam ser resolvidos para a população soviética. Portanto, temos a compreensão de que a necessidade do desenvolvimento industrial era algo imediato. De forma resumida, podemos afirmar que,

na década de 1950, todo o atraso econômico encontrado pelos Revolucionários de 1917 já não existia mais, e a União Soviética era a segunda maior potência do mundo.

O texto base de Ignatiev (1960) foi publicado pelo editorial Grijalbo do México em 1960. Concluimos, portanto, que suas pesquisas foram feitas neste período de desestalinização. Nos dados biográficos que encontramos do autor, que foram escritos por Strelianova (2010), estão conservados fatos de que suas pesquisas se deram, principalmente, após seu retorno como soldado da Segunda Guerra Mundial, período de recuperação econômica da União Soviética no pós-guerra.

Mas, o degelo da União Soviética, como bem lembra Paulo Netto (1984), não se deu da noite para o dia. O famoso relatório secreto de Nikita Khrushchev, apenas permitiu que o processo se iniciasse. Mas, as posturas tomadas pelo próprio partido como, por exemplo, as tomadas de decisões descentralizadas e de cima para baixo, deram origem a um neostalinismo. É neste cenário<sup>23</sup> que Ignatiev produziu e lançou suas pesquisas sobre a imaginação. Portanto, reafirmamos que a necessidade do desenvolvimento da imaginação encontra-se intrinsecamente ligada ao desenvolvimento técnico da sociedade.

No entanto, o crescimento técnico proporciona também outro tipo de desenvolvimento na sociedade, sendo este, o científico. A ciência que se desenvolveu, dada a coletivização dos meios de produção e também ao caráter socialista atribuída a suas pesquisas como um dever patriótico, começa agora a influir diretamente no desenvolvimento técnico. Essa é uma via sempre de mão dupla, uma relação dialética que se expressa nos meios materiais e históricos da sociedade. Resumindo, o desenvolvimento técnico da sociedade permitiu o crescimento científico, que por sua vez criou novas condições para as criações técnicas. Não precisamos buscar exemplos absurdos que sustentem nossa afirmação. Basta retornarmos novamente ao começo do livro de Psicologia recreativa do teórico Platonov. Nele, o autor iniciou sua obra escrevendo sobre as façanhas do primeiro cosmonauta do mundo, ou seja, o primeiro ser humano a conhecer o espaço (PLATONOV, 1969). Porém, esse fato só foi permitido pelo desenvolvimento técnico e pela massiva industrialização da União Soviética que, segundo Paulo Netto (1984), ocorreu de forma rápida e superando qualquer tempo que os países capitalistas ocidentais levaram para se industrializar. Portanto, as condições materiais e objetivas no desenvolvimento técnico são necessárias para o surgimento de qualquer área científica. Sem sombra de dúvidas, podemos afirmar que aquilo que permitiu que a União Soviética

---

<sup>23</sup> Nosso conhecimento sobre a psicologia no período stalinista ainda é muito precária, assim como, todo nosso conhecimento sobre a psicologia soviética.

lançasse ao espaço seu primeiro cosmonauta, repousa em seu desenvolvimento coletivo dos meios de produção.

A imaginação foi um assunto relativamente bem trabalhado pelos teóricos soviéticos. Desde psicólogos e pedagogos até filósofos e ideólogos compartilharam das hipóteses e teorias sobre essa função psicológica superior, e seu papel no desenvolvimento científico e técnico da sociedade soviética. Por exemplo, o filósofo Kopnin, que em sua obra *Lógica dialética* dedicou um capítulo a explicar e relacionar a imaginação com a ciência dialética. Para o autor, a necessidade da imaginação repousa na abertura de novas hipóteses, leis e generalizações para novas teorias. Portanto:

A índole da ciência moderna pressupõe especialmente um amplo emprego desta classe de imaginação. Por exemplo, a física moderna estuda realidades inacessíveis à experiência direta sensível, sem imaginação nada poderia fazer, pois é tão necessária como o ar. Um homem que careça de imaginação nada tem que fazer na ciência moderna. (KOPNIN, 1966, p. 485).

A importância da imaginação foi atribuída por Kopnin até mesmo para as ciências duras. Não é apenas um devaneio do pesquisador das ciências humanas apoiar-se em sua imaginação para elaborar novas hipóteses e teorias, pelo contrário, a imaginação é necessária até mesmo nas chamadas ciências exatas. O pesquisador que não se apoia em sua imaginação para criar poderá até mesmo, segundo Ignatiev (1960), acumular fatos, mas não realizar novas descobertas. Neste sentido, parece-nos correto afirmar que a imaginação era uma função de grande importância para a sociedade soviética, visto o desenvolvimento desta em poucos anos, como já comentamos brevemente a partir da obra de Paulo Netto (1984).

Para quem ainda não se convenceu sobre a necessidade da imaginação na atuação prática, ou melhor, na construção de uma nova sociedade, encontramos nas palavras de Lenin algumas explicações que podem auxiliar nossos argumentos sobre a imaginação na técnica e na ciência. Em seu célebre *O que fazer*, Lenin apresentou a imaginação como uma função necessária ao trabalhador consciente de seu futuro. Segundo ele, o operário deveria manter sempre um sonho realístico sobre o que realizar com seu trabalho coletivo. Em suas palavras, encontramos que:

[...] os sonhos não produzem nenhum dano, inclusive podem sustentar e reforçar as energias do trabalhador... Nos sonhos esta índole, não há nada que deforma ou paralise a força do trabalho. Todo o contrário. Se o homem estivesse privado por completo de sua capacidade de sonhar assim, se não pudesse adiantar-se uma vez ou outra e, contemplar com sua imaginação o

quadro inteiramente acabado do trabalho que começa a tomar forma por suas mãos, não poderia imaginar de forma alguma quais os motivos que o obrigaram a empreender e a levar a frente difíceis e penosos projetos no campo das artes, das ciências e da vida prática. (PÍSAREV, S/D, apud LENIN, 1981, p. 189).

As palavras de Lenin foram tomadas emprestadas, na verdade, de Písarev. No entanto, já encontrava-se expresso em: O que fazer, qual era a importância da imaginação para a nova classe trabalhadora. Devemos escrever que essa posição defendida por Lenin foi também mantida na sociedade soviética. Atribuindo grande valor a essa função psicológica superior, em específico, na atividade prática humana. Na construção das condições sociais que é permitida pelo trabalho (RUBINSTEIN, 1967).

A imaginação não é unicamente um objeto exclusivo da psicologia. Outras ciências também se utilizam dela, assim como o próprio senso comum. A imaginação está presente na psicologia como função psicológica superior, a qual encontra-se organizada em um sistema psicológico, e em conjunto com outras funções psicológicas superiores encontra sua expressão na atividade criadora (VIGOTSKI, 2009a). Na pedagogia, encontramos também a imaginação, como condição que deve ser utilizada pelo pedagogo para o ensino e o desenvolvimento de seu aluno (VIGOTSKI, 2003). Na filosofia, por sua vez, a imaginação possui uma ligação direta com a gnosiologia, neste sentido, busca auxiliar as explicações e hipóteses de como os seres humanos conhecem a realidade (KOPNIN, 1966). Já no senso comum, encontramos frequentemente as falácias sobre a imaginação estar calcada em algo inexistente, ou ainda, que a criança possui uma imaginação mais desenvolvida que a do adulto (VIGOTSKI, 2009a). Mas, acima de tudo, é fácil notar que a imaginação enquanto processo psicológico que orienta a atividade humana, encontra-se presente em todos os momentos da vida prática. Quando uma determinada pessoa conta uma história, outra pessoa imagina os fatos descritos na narrativa (IGNATIEV, 1960). Assim sendo, encontramos a necessidade posta da imaginação em si para seu desenvolvimento na União Soviética para a criação de uma nova sociedade socialista baseada na produção técnica e científica. Justamente porque “a imaginação na ciência não é um objetivo em si<sup>24</sup>, mas um meio de conseguir um conteúdo objetivamente verídico no conhecimento”. (KOPNIN, 1966, p. 487). Este é um dos motivos da valorização da função imaginativa no meio soviético.

A imaginação na produção técnica foi de grande auxílio para o desenvolvimento soviético. Contudo, como já mencionamos, a ciência também em um determinado

---

<sup>24</sup> Kopnin, na verdade, se refere à filosofia quando apresentou a imaginação como um meio.

momento começa a influir diretamente nos modos de produção no meio técnico. A imaginação deveria fazer parte da personalidade do cientista soviético como explicou Kopnin (1966). No exemplo dele, encontramos as explicações de um biólogo soviético que comenta a origem da vida na terra. Todas as suposições levantadas por ele, assim como as várias imagens formadas para descrever o processo do princípio da vida, encontram-se calcadas na função imaginativa. Já no caso de quem criou - o biólogo - encontramos a imaginação criadora. No caso de quem lê sua teoria, estamos diante da imaginação representativa, pois o sujeito deve representar mentalmente os resultados apresentados no livro. Um exemplo que facilitaria a compreensão dessa teoria repousa neste próprio trabalho. Em um momento dessa dissertação, apresentamos a história da psicologia vista pelos marxistas. Todavia, a expressão vista que utilizamos serve apenas como uma analogia para facilitarmos a compreensão do texto. Não enxergamos, literalmente, o processo histórico pelo qual a psicologia se desenvolveu, nem tão pouco vivenciamos o período da expropriação das terras comunais que forçaram os camponeses a se mudarem para as cidades e colocarem em prática sua nova liberdade fabril. Entretanto, ao recorrermos a imaginação, podemos construir objetivamente quadros, narrativas, imagens, descrições e principalmente explicações deste período que não vivemos. É, portanto, nossa imaginação que nos permite levantar a tese de que: não foi simplesmente o laboratório de Wundt o responsável pela criação de uma ciência psicológica, mas sim todas as condições e mudanças materiais, econômicas e sociais desta nova sociedade capitalista, criando as condições e necessidades para o surgimento da psicologia. A verdade não está dada aos olhos do pesquisador, mas deve ser descoberta por ele. Todavia temos a certeza de que existem ainda muitos nexos a serem descobertos sobre as condições que impulsionaram a criação da psicologia enquanto ciência. Para nos valermos de uma expressão utilizada por Engels (1962), é nosso acúmulo de verdades relativas que nos permite chegar a uma verdade absoluta, que por sua vez será um dia substituída por novas explicações mais próximas e condizentes da realidade.

Vale lembrar de que, se ainda não possuímos as condições adequadas para realizarmos certas afirmações, caberá as futuras gerações encontrarem novos nexos e complementar cada vez mais a verdade absoluta. Escreveu Marx (2008) que os modos de produção condicionam a vida política, social e intelectual, neste sentido, as condições materiais que possuímos neste momento ditam os meios de nossas descobertas, ainda que de forma imperfeita. Os modos de produção influem diretamente sobre o processo intelectual de um trabalho, de uma pesquisa, ou ainda do próprio objeto que está em pauta

nesta pesquisa. Por exemplo, para que serve o capitalismo criar condições para que todos os seres humanos desenvolvam sua imaginação - não apenas, mas todas suas funções psicológicas superiores - e, a partir disso, permitam-se criar quadros diferentes do que vivem hoje: nem sempre foi assim, é assim, mas não precisa ser assim. Permitir isso é criar as condições da própria ruína deste sistema.

Assim, continuamos com nossa afirmação de que mesmo com todos os problemas presentes no sistema soviético, ele foi o primeiro a renovar a psicologia de modo que caminhasse para o fim de sua crise, tornando-se uma ciência e, finalmente atendendo aos interesses e necessidades de todos os seres humanos (RUBINSTEIN, 1967). Não apenas, de certa parcela ou classe, mas de toda a humanidade. No capitalismo, a psicologia está fadada a reproduzir os mesmos erros que vem cometendo desde sua criação. Ela não mudará a vida de pessoas, enquanto os próprios psicólogos não perceberem a necessidade de se mudar o atual sistema vigente. Enquanto isso, a chamada ciência psicológica insiste em olhar apenas para o que quer, para nos valermos de uma expressão de Dostoiévski (2013a, p. 82), podermos escrever que a psicologia ainda requer tomar “consciência da própria consciência”.

Portanto, adentramos agora a outro ponto deste trabalho, a história da psicologia soviética, a partir do desenvolvimento das diversas teorias da imaginação. Como caminho tomaremos a imaginação como categoria que nos permitirá encontrar os nexos na história e apresentá-los de forma compreensível. A escolha se deu pela importância dessa função para a sociedade soviética como demonstramos até então.

### **3 - A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA: UMA CRIAÇÃO PELA IMAGINAÇÃO**

A história é escrita pelos vencedores, digamos que alguns vencedores. Muitos detalhes contidos nos nexos históricos não ocorreram tal como nos é ensinado. Na economia política, vimos que, segundo Marx (2013), o pecado original da burguesia é apoiar-se em sua falácia sobre o acúmulo e trabalho que tiveram seus ancestrais, como escreveu Marx: sentem-se o próprio Adão em sua comoção. Na psicologia, também já demonstramos como sua origem não remonta apenas às pesquisas e laboratórios wundtianos. A burguesia, aquela mesma da comoção humana, desempenhou um papel revolucionário para sua criação, no entanto o que um dia foi revolucionário, tornou-se no decorrer da história conservador. Entretanto não precisamos ir tão longe para levantar tal reflexão sobre as mentiras históricas contadas até hoje. Brecht (1986) alertava em sua poesia Perguntas de um trabalhador que lê, os erros históricos e desatentos cometidos por todos. Em suas palavras, encontramos a reflexão de que, quem faz a história acontecer, são sempre aqueles que não são lembrados por ela. Afinal, “[...] o jovem Alexandre conquistou a Índia. Sozinho?” (p. 167). Nos livros, constam diversos nomes, mas não daqueles que permitem o próprio desenvolvimento histórico. É esse alerta que Marx e Engels (2012) transmitem ao escrever que os trabalhadores de todo o mundo nada tem a perder, a não ser seus grilhões. Nesta mesma coletânea de poesias de Brecht encontramos outra - Por que deveria meu nome ser lembrado? -, cujo título já levanta uma série de reflexões acerca de nossa importância na produção e reprodução da vida social. Por que meu nome deveria ser lembrado na história? Qual minha importância frente a outros seres humanos? Nossos nomes não estarão presentes nos anais da história, a vida humana perante ao Capital é descartável e negociável.

Assim como alguns personagens da história são apagados devido seus atos, ou ainda caluniados por suas ações políticas contra um determinado sistema, na ciência também encontramos essa determinação. Em específico, na psicologia, nosso acesso às produções dos soviéticos ainda é restrita. Conhecemos minimamente as produções de Vigotski e seus colaboradores, entretanto não possuímos o conhecimento geral do que representou a psicologia soviética. São vários os nexos que ainda devem ser encontrados, descritos e, principalmente, explicados sobre a história da psicologia na União Soviética, seus objetivos, deveres com a sociedade, mas acima de tudo a teoria que foi forjada frente a um momento revolucionário.

Neste momento do trabalho, almejamos apresentar a história da psicologia soviética desde a Revolução de Outubro de 1917. Como categoria de análise que nos orientará nesta tarefa, trabalharemos com a função imaginativa. O capítulo anterior serviu para justificarmos a escolha deste processo e sua importância para o desenvolvimento soviético. Novamente mencionamos que iniciaremos a apresentação geral desta função, a partir das pesquisas de Ignatiev (1960), o que consideramos como o mais desenvolvido nestes dois períodos do Estado Soviético - leninismo e stalinismo.

Também como material que permitirá nossa reconstrução histórica, trabalharemos com autores que vivenciaram o período revolucionário, que fizeram e registraram parte da história da psicologia nestes dois momentos. Destes autores, nos basearemos nos escritos de Luria (1979a, 1992), Rubinstein (1963, 1967), Petrovski (1985a, 1985b), Lomov (1967, 1989), Borovski (1928), Talankin (2000), Rudneva (2002), Zeigarnik e Rubinstein (1985) e Smirnov (1967). Todos foram escolhidos pelos textos em que descrevem o processo pelo qual as pesquisas soviéticas na psicologia tomaram forma. Entretanto, também trabalharemos com dois comentadores que guardam maior distância destes fatos históricos. São eles: Shuare (2016) e Vega (1993).

Assim sendo, continuamos nosso trabalho encontrando os nexos da psicologia soviética por meio da função imaginativa. Nosso próximo passo, portanto, constitui-se em explicar o que é a imaginação, como se desenvolve e qual a importância deste processo psicológico na vida prática e teórica dos seres humanos. Objetivamos agora desmitificar o idealismo por detrás da imaginação como função psicológica superior.

### **3.1 - A IMAGINAÇÃO NAS PESQUISAS DE E. I. IGNATIEV**

Sobre Ignatiev, na psicologia ocidental, não temos muito conhecimento de seus trabalhos, sabemos algumas informações biográficas sobre o autor e possuímos acesso apenas a um capítulo escrito por ele. O texto encontra-se compilado em um livro escrito para professores denominado: Psicologia. A organização deste material foi feita por Smirnov, Leontiev, Rubinstein e Tieplov. Neste livro, vários psicólogos soviéticos participaram da escrita de um capítulo ou outro. A versão que utilizaremos foi traduzida pelo editorial Grijalbo, no México, em 1960.

Retornando ao nosso autor, encontramos que seu nome completo era Evgeniy Ivanovich Ignatiev, nascido em 1904, na Ucrânia, e falecido em 1969, contudo não possuímos informações sobre o local de falecimento do autor. Como grande parte dos

psicólogos deste período, Ignatiev veio de uma família da pequena burguesia. Seu pai, Ivan Ivanovich, serviu no tesouro do Estado, já de sua mãe não possuímos informações, a não ser que era professora de música e faleceu quando Ignatiev era ainda uma criança (STRELIANOVA, 2010).

No entanto, Ignatiev não frequentou a faculdade de psicologia, mas sim, o instituto pedagógico da Universidade Estatal de Moscou. Entretanto, na segunda metade da década de 1920, é descoberto por K. N. Kornilov, que se tornou seu mentor. Porém, as informações acerca de sua formação, trabalhos, entre outras atividades acadêmicas não estão disponíveis. Também possuímos o conhecimento que Ignatiev serviu o exército vermelho, atuando contra a invasão nazista durante a II Guerra Mundial. Lutou na Polônia, sendo transferido para a Prússia Oriental, onde foi ferido em batalha e premiado com diversas medalhas (STRELIANOVA, 2010).

Nos trabalhos pedagógicos e psicológicos encontramos diversos livros e artigos, contudo, todos em russo, sendo que a maioria são tidos como raridades por estarem esgotados (STRELIANOVA, 2010). Por sua vez, em seu capítulo disponível em espanhol sobre a imaginação, encontramos uma síntese sobre a função imaginativa e seu papel nas diversas áreas humanas.

A imaginação possui uma importância particular na vida dos seres humanos. Quando o sujeito reflete a realidade, ele não atua apenas naquele momento, mas pode reorganizar todo o quadro das imagens que cria sobre o mundo que vive, assim sendo, criar novas imagens, construir novas máquinas, descobrir novas leis científicas ou ainda elaborar novas obras de arte. A imaginação cumpre a tarefa de orientar a humanidade em suas novas descobertas. De princípio, podemos afirmar, segundo Ignatiev (1960), que “a imaginação é a criação de imagens com forma nova, é a representação de ideias que depois se transformam em coisas materiais ou em atos práticos do homem”. (p. 308). A imaginação é no princípio uma atividade ideal que materializa-se na atividade prática dos seres humanos.

No entanto, a função imaginativa não é compartilhada com nenhum animal, sendo um processo tipicamente humano. Por exemplo, a aranha não imagina o formato de sua teia antes de sua criação, contudo os seres humanos são capazes de imaginar sua casa antes de construí-la. A imaginação é uma função cultural e histórica condicionada pela sociedade em que o sujeito se desenvolve. Por este motivo, devemos desmistificar a principal falácia sobre a imaginação, de que ela é uma função que não condiz ou parte da própria realidade, diga-se de passagem, justamente pela imaginação se constituir como a

“[...] criação de algo novo, no princípio unicamente em forma ideal”. (IGNATIEV, 1960, p. 309).

Pela imaginação se constituir como a criação do novo, devemos escrever que existem leis que conduzem o sujeito da atividade ao ato de criação. A imaginação não se desenvolve como uma função inspiradora, momentânea, muito menos pode ser atribuída a um dom. A função imaginativa se desenvolve tal como outras funções e, neste sentido, toma como ponto de partida a própria realidade. O ato de criar deve partir sempre do mundo material, se a realidade antecede a consciência humana, nada pode ser criado do nada (IGNATIEV, 1960). Por mais fantasiosa e fictícia, que pareça uma criação, seus elementos de síntese foram retirados da própria realidade material. Desde as figuras folclóricas até mesmo as explicações divinas, todas possuem seu ponto de partida da própria realidade material.

Pelo fato da imaginação partir sempre da realidade, sabemos ainda que, segundo Ignatiev (1960), a criação está intrinsecamente ligada à prática. É nela que se encontram os problemas que os seres humanos almejam resolver. É na prática que está a necessidade da criação de uma nova máquina, de novas teorias ou ainda obras de arte. Portanto, além da prática ser um critério de verdade, também é aquilo que condiciona as necessidades para as criações humanas.

Por ser um processo tipicamente humano, a função imaginativa também possui uma característica ativa e passiva, assim como todas as outras funções psicológicas superiores. A característica passiva da imaginação não se constitui como nenhum mistério para a ciência. Ela simplesmente ocorre sem nenhuma voluntariedade do sujeito da atividade. Por exemplo, quando ouvimos as descrições de alguém sobre determinada viagem ou animal, podemos involuntariamente imaginar o cenário descrito pelo outro. Já na característica ativa da imaginação, encontramos a voluntariedade do sujeito em representar imagens ou criar novos objetos. É, justamente na voluntariedade da imaginação, que encontramos três qualidades distintas dessa função: 1) A imaginação representativa; 2) A imaginação criadora e; 3) As ilusões<sup>25</sup>. Apresentaremos brevemente cada uma dessas funções a partir das explicações de Ignatiev (1960).

A imaginação representativa considera sempre algo novo para o sujeito, entretanto, perante as criações sociais, o novo para o sujeito não é novo para o social. A

---

<sup>25</sup> Cabe salientar que em outras bibliografias como, por exemplo, em Petrovski (1985a), encontramos o problema das ilusões descrito como sonhos. Por ser tratar de diferentes traduções, utilizaremos as ilusões e os sonhos como sinônimos para essa característica da imaginação.

representação da imaginação encontra-se presente em todas as pessoas e ocorre sempre com uma característica individual. A imaginação representativa está presente em vários momentos da vida do sujeito, por exemplo, quando alguém lê um livro e representa os personagens, os cenários e toda a trama por meio de sua imaginação (IGNATIEV, 1960). Não só na leitura de um livro que encontramos essa qualidade da imaginação, mas também no próprio cotidiano da vida. Já, em 1924, em seu *Psicologia Pedagógica*, Vigotski escreveu que a imaginação é uma importante função para a educação. O professor que se utiliza da imaginação de seu aluno possui melhores condições para o ensino dos mais variados temas, desde matemática até a biologia, história e ciências naturais. Tornamos muito mais didático montar um quadro descritivo e explicativo sobre a Revolução Russa, por exemplo, do que simplesmente dizer que ela ocorreu em 1917, quando os Bolcheviques derrubaram o governo de Kerensky. O aluno, por sua vez, que não é um objeto passivo no mundo, pode se apropriar do conteúdo utilizando sua imaginação para representar fatos e dados que não vivenciou. Portanto, a vivência e experiência do sujeito é um dos critérios para a riqueza dos detalhes de sua fantasia. Com isso, vale escrever que esse é um dos motivos em que a imaginação da criança seja mais pobre em detalhes do que a do adulto. Todavia, essa não é uma determinação causal, e demonstremos mais à frente quando apresentarmos as pesquisas de Luria<sup>26</sup>.

A imaginação representativa possuiu na União Soviética uma ligação intrínseca com o ensino técnico, industrial e, principalmente, a operação de novas máquinas por camponeses que não possuíam a vivência nas operações técnicas. Em suas explicações, Ignatiev escreveu que:

Para interpretar os esquemas técnicos é indispensável um desenvolvimento bastante acentuado da imaginação, sobretudo, quando há que representar-se claramente o funcionamento das máquinas. (IGNATIEV, 1960, p. 312).

Sabemos que a imaginação foi utilizada na União Soviética para o trabalho técnico, ou seja, no ensino da operação de máquinas para os trabalhadores soviéticos. No entanto, a imaginação representativa também possui condições para o seu desenvolvimento. Já escrevemos que quanto maior for a vivência do sujeito mais detalhada é sua representação. Neste sentido, quanto maior foi o conhecimento de alguém perante a realidade, mais desenvolvida é a imaginação representativa. Encontramos

---

<sup>26</sup> Vale adiantar que, quando não se oferecem as devidas condições para a educação do sujeito, sua imaginação se desenvolve sob outra qualidade.

novamente uma via de mão dupla entre educação e imaginação. A primeira, quando se apoia na segunda ocorre de forma didática, todavia também é condição para o próprio desenvolvimento da imaginação. A imaginação promove o ensino, e este o desenvolvimento da função imaginativa.

Qualitativamente diferente da representação na função imaginativa, encontramos a chamada imaginação criadora. É nela que encontramos a expressão ideal que resultará na chamada atividade criadora. Como explicou Ignatiev (1960), “*a criação, ou atividade criadora, é a função em virtude da qual se obtém produtos novos, originais, que se fazem pela primeira vez.*” (p. 312 - Grifos no original). Por meio da imaginação criadora surgem novas máquinas, teorias científicas, obras de arte e novos meios para se resolver velhos problemas.

A imaginação criadora é motivada sempre pela necessidade social, por isso encontra-se intrinsecamente ligada ao meio histórico e cultural. As necessidades de uma determinada sociedade movem as criações humanas. Contudo, devemos desmistificar o caráter intuitivo por detrás da atividade criadora. Toda grande criação humana foi motivo e é finalidade de um longo processo de trabalho. É por isso que quanto mais original, nova e diferente for a criação, mais difícil é sua objetivação. Nas colocações de Ignatiev (1960), encontramos os pilares para nossas afirmações sobre o ato de criar. Para ele “quanto mais original e audacioso é o projeto, mais difícil é sua realização [...] ainda mais, é difícil realizar os projetos originais se o autor não possui os conhecimentos práticos indispensáveis e não conhece sua arte”. (p. 314). Por isso, pontuamos desde o início deste trabalho a importância da atividade prática e teórica da *práxis* na vida dos seres humanos. Sem atividade prática não existe teoria, todavia, sem teoria, não existe prática. Ambas caminham juntas numa mesma via. São, portanto, indissociáveis em qualquer atividade criadora humana, justamente, pela necessidade de ser condição da prática social. Atuar com a teoria na prática e desenvolver a mesma a partir da atividade prático-teórica é a principal condição para a criação de novas teorias, de novas descobertas científicas.

Devemos ainda retornar a discussão da intuição, ou ainda inspiração para a criação humana. Segundo Ignatiev (1960), o ato de criar não se constitui simplesmente como um jogo livre, que não exige trabalho algum de seu criador. Como já demonstramos, todo novo que contém grande significação na sociedade é fruto de um longo processo de trabalho, que às vezes resultará em dias, semanas, meses e até mesmo anos. A própria teoria social de Marx, por exemplo, não surgiu de uma simples intuição de que o trabalhador era explorado pelo capitalista, mas, acima de tudo, os movimentos do real

demonstravam esse fato. Entretanto, coube a Marx delinear as leis que moviam e ainda movem o capital. E, mesmo assim, toda uma vida não foi suficiente para ele explicar todas as leis que regem a sociedade capitalista. Em sua carta à juventude, Pavlov escreveu que “a ciência exige do homem toda sua vida. E se vocês tivessem duas vidas, não lhe seriam suficientes. A ciência exige do homem uma grande tensão e uma paixão imensa.” (PAVLOV, S/D apud IGNATIEV, 1960, p. 317). Portanto, a criação não é uma simples intuição ou inspiração momentânea. A inspiração, no entanto, é a tensão entre todas as funções psicológicas superiores, é o momento catastrófico do ato de criar, das ligações e conexões entre os vários processos psíquicos, no exato momento em que o sujeito busca a solução de um determinado problema. Por isso, concordamos com Ignatiev quando ele escreveu que “toda atividade do homem em estado de inspiração está concentrada no objeto que cria. A inspiração não se pode contrapor ao trabalho; pelo contrário, é o resultado de um grande trabalho”. (p. 317). A inspiração não pode surgir naqueles que não possuem experiência ou esperam milagrosamente a resolução de um problema. Sem o acúmulo de vivências, o estudo, e ainda, todo o trabalho investigativo, não existe inspiração.

Entretanto, a atividade criadora atua em diversas áreas do saber humano, desde o cotidiano doméstico, por exemplo, na resolução de uma simples tarefa, até mesmo nas áreas técnicas, científicas e artísticas. Já advertimos no capítulo anterior que a importância dada à função imaginativa ocorreu por conta do desenvolvimento técnico da União Soviética. A atividade criadora no meio técnico é de grande importância para a criação de novas máquinas ou ainda da reconstrução e aperfeiçoamento das antigas. É neste sentido que Ignatiev apontou:

Quando o trabalho é forçado o homem não está interessado nele, o efetua mecanicamente e, com frequência, inclusive sente repugnância dele. Este trabalho não se concebe com espírito criador e o indivíduo não procura melhorar seus resultados. Somente o trabalho livre cria as condições necessárias para uma atividade criadora. (IGNATIEV, 1960, p. 317-318).

No trabalho industrial, o operário deve conduzir seu próprio processo de trabalho para que ocorra uma atividade livre no sentido teórico e prático da liberdade. Marx (2010a) já alertava, em seus manuscritos de Paris, que o operário não dirige seu próprio processo de trabalho produzindo assim uma atividade estranhada. Para que o trabalhador opere de forma criadora, deve conhecer todo o processo de trabalho, do princípio ao fim. Necessita imaginar toda a produção, a fim de melhorá-la, de criar algo novo e não apenas

reproduzir os movimentos postos pela máquina. No entanto, essa situação no capitalismo está contraposta na divisão social do trabalho, na separação entre trabalho prático e teórico que no fim se encerra na divisão entre classes sociais.

Mesmo a criação técnica segue algumas leis específicas para sua objetivação. Dentre elas, Ignatiev (1960) destaca três etapas que são fundamentais, sendo que toda nova criação já passou por uma delas, são: 1) A preparação da invenção; 2) O trabalho sobre a invenção e; 3) A realização da invenção. Cada um desses períodos é marcado por traços particulares e pelo próprio processo de avaliação da nova criação.

Na primeira etapa, a preparação da invenção surge pela primeira vez como ideia. O inventor realiza uma série de avaliações sobre o que deseja criar, ou seja, se é viável a ideia ou não se já existem condições materiais para sua criação e assim por diante. A segunda etapa surge sempre das condições que se desenvolveu a primeira, neste sentido, ao tomar forma a ideia, resta agora a preparação da invenção, dar corpo ao objeto criado. A criação começa a se objetivar no mundo material, toma forma, entretanto, “concretizar de princípio a solução, nem sempre significa que isto seja já o projeto definitivo. Em muitos casos se buscam novas soluções, já que a primeira, por uma ou outras causas, não satisfaz”. (IGNATIEV, 1960, p. 320). Muitas invenções são submetidas a novas reelaborações, novas sínteses que permitem seu melhor funcionamento. Por fim, na terceira etapa, finalmente surge um modelo ou ainda a invenção por definitiva. Aqui, finalmente a ideia é objetivada por completo na realidade, no mundo material. Todos os detalhes e funções da invenção surgem sintetizados no objeto criado.

Outra área do saber humano intrinsecamente ligada à imaginação é a ciência. Assim sendo, a atividade criadora na ciência é também condição das necessidades apresentadas pela sociedade, são elas que motivam a criação de novas teorias e práticas científicas. Em todas as áreas científicas se faz necessário a imaginação. Lenin, no XI congresso do Partido Comunista, disse que:

[...] injustamente se pensa que ela é necessária apenas aos poetas. É um preconceito bobo! Inclusive nas matemáticas faz falta; a descoberta do cálculo diferencial e integral teria sido impossível sem a fantasia. A fantasia é uma qualidade de grande valor. (LENIN, S/D, apud ROZET, 2008, p. 12).

Não apenas na matemática a imaginação é importante, mas em todas as ciências. Toda nova descoberta científica foi um dia ideia produzida pela imaginação. Pavlov ilustrou bem a necessidade da função imaginativa na ciência ao escrever sobre o trabalho

do “[...] químico, quando analisa e sintetiza para compreender definitivamente o trabalho das moléculas, deve imaginar sua construção invisível” (PAVLOV, S/D, apud Ignatiev, 1960, p. 321). Afinal, o químico não está operando com as moléculas com suas sensações e percepções, mas sim com sua imaginação em um trabalho representativo e criador ao mesmo tempo.

Ignatiev (1960), assim como fez na criação técnica, também elaborou algumas etapas para o desenvolvimento da atividade científica, sendo elas: 1) A preparação da pesquisa; 2) A investigação na pesquisa e; 3) A generalização dos resultados. Cada uma dessas etapas guarda uma particularidade específica na atividade científica.

A primeira etapa, descrita e explicada por Ignatiev (1960), consiste em planejar o problema que será pesquisado. O pesquisador deve levantar suas hipóteses, objetivos e delinear um método que deverá ser seguido ao longo de seu trabalho. Todavia se faz necessário o conhecimento prévio de seu objeto de estudos, pois a revisão dos materiais acumulados ao longo da história sobre o assunto é de grande importância neste primeiro ponto do trabalho. Neste momento, o pesquisador deverá acumular fatos sobre seu objeto. Marx, por exemplo, em seu capítulo XXIV, apresentou uma série de fatos e dados sobre a expropriação dos camponeses, todavia o verdadeiro motivo de desapropriação das terras comunais não estavam contidos apenas nos fatos e dados obtidos por Marx. Coube a ele encontrar nos nexos destes materiais as condições verdadeiras que levaram os camponeses a perderem suas terras e serem depositados nas cidades (MARX, 2013). É por isso que apenas com fatos e dados não se formula uma teoria científica. Neste sentido, concordamos com Ignatiev quando ele escreveu que “o sábio que sem imaginação pode acumular fatos, mas não sairá dos limites deste, não poderá descobrir novas leis da natureza e da sociedade, e não chegará a ser criador de algo novo na ciência”. (p. 322). Portanto, a ciência não se faz com mero acúmulo de fatos e dados obtidos na pesquisa, mas também com a capacidade de manipulação teórica e prática dos fatos, dados e resultados da investigação.

Já na segunda etapa apresentada por Ignatiev (1960) encontramos a comprovação ou não das hipóteses levantadas no início da pesquisa. Neste momento do trabalho, a mesma se dirige para várias direções, podendo até mesmo mudar suas hipóteses iniciais e os objetivos do princípio. A realidade é mutável, dinâmica, portanto a pesquisa deve seguir também o curso da mutabilidade, deve acompanhar os movimentos do real. Por fim, a terceira etapa de investigação científica se encerra na generalização e divulgação dos resultados obtidos, tendo sucesso ou não no fim da pesquisa. Os resultados

satisfatórios de investigação científica não dependem apenas das características individuais da personalidade do pesquisador, nem tão pouco das condições sociais oferecidas. Não podemos negar a importância desses fatores, mas acima de tudo a maior importância no desenvolvimento científico é a troca entre pesquisadores. O intercâmbio entre os vários pensamentos na academia permite uma busca coletiva e individual - ao mesmo tempo - das resoluções dos problemas que estão sendo investigados. Na ciência, existem várias histórias da colaboração mútua entre os pesquisadores para o desenvolvimento científico. Na União Soviética, esse fato se constituiu como uma determinação para a reconstrução da ciência no país. Toda pesquisa era sempre coletiva e nunca individual. Entretanto, podemos citar, por exemplo, a colaboração contínua entre Marx e Engels para a criação de uma teoria que perdura até os dias de hoje. Mas, não é apenas o trabalho direto e a troca entre todos os pesquisadores da academia, mas também e principalmente, o trabalho indireto daqueles que não são lembrados no meio acadêmico. Devemos sempre lembrar de que são os trabalhadores que criam as condições necessárias para nossas pesquisas. Desde o serviço de limpeza das universidades até a produção de energia, tudo depende do trabalho do outro.

A última área do saber humano, mas não menos importante, descrita por Ignatiev (1960), é o campo artístico. Nela, a imaginação cumpre grande papel na atividade criadora e objetivação de novas obras de arte. Os feitos artísticos cumprem um importante papel no meio social, desde um simples divertimento até a educação das emoções humanas. Assim como na criação técnica e científica, Ignatiev apresentou novamente três etapas para a objetivação artística, são elas: “1) A preparação; 2) A criação da obra e, 3) Sua elaboração definitiva”. (p. 325). Toda obra de arte, de grande significação social, ou seja, que ficou marcada na história da humanidade, necessariamente, passou por uma dessas três etapas.

A primeira lei, elaborada por Ignatiev (1960), constitui-se na preparação da obra de arte, neste sentido, devemos desmistificar novamente a intuição e inspiração por detrás da obra de arte. Até mesmo, no campo artístico, o trabalho de estudo, investigação e acúmulo de experiência se faz necessário para a atividade criadora. Como exemplo, podemos apresentar Leon Tolstói e seu livro Guerra e paz. Ignatiev escreveu que segundo informações de Tolstói, os materiais utilizados para escrever sua obra formaram uma biblioteca inteira. Novamente, isto evidencia o trabalho escondido por detrás da obra de arte, ou seja, a eterna lei de que o produto final oculta seu processo de desenvolvimento. A primeira etapa cria, portanto, condições de preparação para a criação da obra, que vem

como segundo período da atividade criadora artística. É por isso que devemos insistir no fato de que a obra de arte não é mera inspiração ou ainda um dom divino, como atribuído por grande parte do senso comum. Pelo contrário:

O artista, ao estudar a realidade a percebe de uma maneira ativa e não passivamente. De maneira ativa ele escolhe o essencial, o característico e típico, e organiza a observação com um fim determinado. O objeto principal da criação artística é mostrar a vida em suas formas mais típicas e características. Para isso é necessário vê-lo assim, em uma época e condições determinadas. O artista não copia a vida, não a reflete fotograficamente em suas obras. Na criação artística a realidade sofre uma refração ao passar através do pensamento geral da obra. O artista elimina o casual procurando colocar mais em manifesto o essencial. Precisamente assim, com a ajuda da imaginação e baseando-se no conhecimento profundo da vida, se criam as imagens imortais em distintos ramos da arte. (IGNATIEV, 1960, p. 326).

A arte não é apenas um reflexo passivo da realidade como expressou Ignatiev, ela é, ao mesmo tempo, reflexo e refração. As imagens, detalhes e materiais retirados do real se refratam nos sentimentos, pensamentos, memórias e, principalmente, neste caso em específico, na imaginação, que atribui as características mais particulares da criação. A arte deve refletir a vida, entretanto deve ir para além dela. Deve anunciar novos períodos históricos, como fez Goethe (1980), por exemplo, ao antecipar o surgimento de novas ídoles morais presentes na nova classe que emergia no fim do século XVIII. A arte deve também antecipar novas descobertas e criações, como fez Júlio Verne em muitos de seus livros. A arte deve divertir, mas, acima de tudo, educar as emoções humanas.

Ao atribuir características individuais na obra, o artista abre também a possibilidade de compartilhar suas emoções com outras pessoas. Por isso, podemos considerar que “*a imagem artística é uma síntese do que o artista tem visto e ouvido de modo disseminado. É um todo novo que se cria pela primeira vez*”. (IGNATIEV, 1960, p. 327 - Grifos no original). Neste sentido, como terceira etapa da criação artística, encontramos a encarnação dolorosa e definitiva da atividade criadora no mundo material. A obra de arte passa a existir na realidade e atuar diretamente sobre nossos sentidos.

Entretanto, essas não são as únicas características atribuídas à função imaginativa. Falta ainda apresentar o problema das ilusões como qualidade especial da imaginação. São as ilusões que permitem que os seres humanos se desloquem, vez ou outra, para o futuro, para que vejam suas criações e sonhos sendo realizados. Segundo Ignatiev, o problema das ilusões na psicologia consiste em sempre imaginar algo dirigido para o futuro, ou seja, em relação à perspectiva de vida na atividade do sujeito. Assim, “as necessidades vitais, que motivam desejos ou tendências, tomam forma de ilusão”.

(IGNATIEV, 1960, p. 334). É aquilo que ainda não existe que o sujeito sonha, entretanto, cabe a sua atividade a realização do sonho. Portanto, “a ilusão inspira o homem, lhe ajuda a lutar contra as dificuldades da vida, lhe dá a possibilidade de olhar o futuro mais distante”. (p. 334). Tudo isso é condição do desenvolvimento da função imaginativa. As ilusões devem ter sempre uma transformadora:

A ilusão sábia que estimula a atividade e possui uma direção social, que ajuda ao homem em suas lutas e lhe estimula no trabalho se pode confundir com o caráter sonhador, vazio e infecundo, falta de fundamento, que debilita o homem e substitui sua vida no mundo real por uma vida imaginativa e cheia de fantasias, que lhe leva a um mundo de ilusões que nunca se poderão transformar em realidade. (IGNATIEV, 1960, p. 335).

As ilusões estão presentes em todas as criações humanas, vez ou outra existe a necessidade de se adiantar e ver a criação em funcionamento. Todavia, o caráter vazio das ilusões também existe, aparece aqui com uma contraposição a sua característica positiva.

Por fim, antes de encerrar a apresentação da função imaginativa por E. I. Ignatiev, vale salientar que o autor também trabalhou e explicou como ocorre o desenvolvimento da imaginação em crianças e adolescentes, portanto desmitificando que a criança possui uma imaginação mais desenvolvida e rica que o adulto. Para Ignatiev (1960), as primeiras manifestações da função imaginativa, na infância podem ser observadas apenas aos três anos de idade. Esse fato comprova novamente que a imaginação é uma função psicológica, tipicamente e exclusivamente humana. A principal condição para o desenvolvimento da função imaginativa na infância é a atividade objetual, ou seja, quando pela primeira vez a criança começa a operar com instrumentos feitos por seres humanos e para outros seres humanos. É, neste momento, que a criança se liberta do mundo imediato e começa a mediar suas relações com instrumentos e objetos. Agora, é possível substituir um cavalo em uma brincadeira por um objeto qualquer. Não é necessário ter um cavalo real para brincar, a criança pode sempre substituir um objeto por outro.

Para a criança, o real e a fantasia, ora ou outra se mesclam, se confundem, neste sentido, afirmamos que por isso a imaginação da criança é menos desenvolvida do que a do adulto. Ushinski expressava que “para a criança não existe o impossível, posto que ainda não sabe o que é possível e o que não pode ser.” (USHINSKI, S/D, apud IGNATIEV, 1960, p. 335). Como condição para o desenvolvimento da função imaginativa, atribuímos a importância do acúmulo de experiência. Quanto mais rica e

detalhada é a educação infantil, maiores são as possibilidades de fantasiar na hora do brincar ou ainda de uma atividade representativa e criadora. Cabe ao adulto essa tarefa de ensinar as leis objetivas que regem a realidade.

No entanto, com o desenvolvimento da criança, sua imaginação muda qualitativamente, se enriquece, ganha novos detalhes e, principalmente, suas vivências no mundo aumentam. A criança, já em idade escolar, consegue antecipar suas criações antes de objetivá-las na realidade. Também se permite controlar sua imaginação nas brincadeiras e jogos que se envolve durante a infância (IGNATIEV, 1960). Tudo isso demonstra a importância da educação da função imaginativa para sua atuação nas atividades técnicas, científicas e artísticas. A imaginação não é um devaneio tolo, mas sim uma grande condição do desenvolvimento humano.

Demonstramos, portanto, como Ignatiev compreendia a função imaginativa e qual era sua importância para a União Soviética. Vale ainda mencionar que o autor, ao longo de seu capítulo sobre a imaginação, realizou vários apontamentos ideológicos sobre a importância da mesma para a sociedade soviética. Em todos os campos do saber humano, destacou os feitos de trabalhadores, cientistas e, principalmente, de artistas soviéticos. Tudo isso demonstrou a importância que era dada a essa função psicológica superior na União Soviética. Entretanto, devemos explicar agora como se desenvolveram as pesquisas sobre a função imaginativa na psicologia soviética desde a Revolução de Outubro de 1917. Devemos encontrar os nexos e processos pelos quais os estudos da imaginação sofreram até retornarmos novamente às pesquisas feitas por Ignatiev. Este será nosso próximo passo neste trabalho.

### **3.2 - DE VOLTA A 1917: OS PRIMEIROS PASSOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA TEORIA SOBRE A IMAGINAÇÃO**

Por onde iniciar um recorte histórico sobre a criação da psicologia soviética que permitiu desenvolver uma teoria sobre a imaginação? Poderíamos iniciar ainda na Rússia Czarista, com os primeiros trabalhos do fisiólogo Séchenov e sua demonstração sobre os reflexos do cérebro (RUBINSTEIN, 1963). Ou ainda, quem sabe, poderíamos retornar aos tempos de Lomonosov e sua teoria sobre os experimentos e observações científicas que deveriam seguir rumos diferentes da filosofia e das observações místicas contidas nas sagradas escrituras (IOVCHUK; OIZERMAN; SCHIPANOV, 1978). Poderíamos também retornar as compreensões fantasiosas da idade média ou aos primeiros filósofos

gregos e a importância que davam a essa função psicológica superior. Todavia, esse é um projeto para toda uma vida. Neste sentido, elegemos como ponto de partida a significativa Revolução de Outubro de 1917, pelo ponto marcante do desenvolvimento de uma nova sociedade, assim como de uma nova ciência para os vários campos do saber humano, em específico, da psicologia. Petrovski (1985b) escreveu, que antes do sucesso nas pesquisas da psicologia soviética, existiu o trabalho de muitos cientistas que estavam envolvidos na reconstrução da ciência psicológica. É por eles que também devemos nos interessar, afinal, por detrás das várias descobertas feitas pelos psicólogos soviéticos, existiram momentos de grandes dificuldades, principalmente da compreensão dos novos fenômenos que estavam acontecendo no mundo. Entretanto, uma das advertências que podemos dar, baseando-nos em Anatoliy Aleksandrovich Smirnov (1894-1980), é que a primeira etapa do desenvolvimento da psicologia soviética caracterizou-se por uma grande luta com a enraizada psicologia idealista, a única aceita pelo Czarismo (SMIRNOV, 1967).

A Revolução de Outubro de 1917, que encerrou-se com o sucesso dos *bolcheviques*, não anunciava apenas as novas mudanças econômicas que viriam pela frente, mas acima de tudo, sociais, políticas e intelectuais. Luria (1992), em seu livro *A construção da mente*, relatou de forma vívida os momentos que sucederam a Revolução Russa. Alexander Romanovich Luria (1902-1977) foi grande colaborador de Vigotski em suas pesquisas. Entretanto, antes de conhecê-lo, viveu o princípio do período revolucionário dentro da Universidade Russa, em específico, na Universidade de Kazan, sua cidade natal. Nas universidades a situação era caótica. Após a Revolução, pela primeira vez na história da Rússia, as pessoas podiam escolher sua profissão. As portas de todas as universidades foram abertas, entretanto, não levando em conta o quão bem ou não estavam preparados os novos universitários.

Na docência, essa situação caótica também se repetia, porém com outra particularidade. Os professores, em sua maioria, conservadores e adeptos ao czarismo, não estavam preparados para lecionar sobre esse novo momento histórico. Surgiam novas temáticas políticas, novos sistemas filosóficos e, principalmente, os professores deveriam dar conta do novo sistema social que nascia naquele momento. Luria (1992) escreveu que alguns docentes da Universidade de Kazan, adeptos à Revolução, tentaram de algumas maneiras modernizar suas disciplinas, inserindo no nome, a palavra social. Contudo, os esforços eram improdutivos e as aulas continuaram iguais às do período que antecederam a Revolução. Ainda sobre a falta de professores, Luria escreveu que:

Os jovens estudantes compunham-se de novatos como eu e dos que restavam do currículo de Chelpanov. Eu tinha a mesma idade e sabia tanto quanto muitos de meus alunos, então passava as noites preparando textos e demonstrações para as aulas do dia seguinte, na esperança de me manter pelo menos um dia a frente de meus estudantes. (LURIA, 1992, p. 36).

A falta de professores pós-revolução ficou ainda mais evidente na descrição feita por Luria, ainda mais tratando-se também da escassa produção intelectual sobre a ciência psicológica na época. Além disso, muitos psicólogos ainda neste período trabalhavam reproduzindo os experimentos wundtianos, buscando na introspecção, experiências imediatas dos indivíduos. Entretanto, aqueles que se envolveram na mudança científica dessa nova sociedade, buscaram realizar o melhor trabalho possível. Na ciência psicológica, segundo Boris Fedorovich Lomov (1927-1989), os psicólogos e teóricos deste primeiro período de desenvolvimento trabalharam para inserir a psicologia na atuação da prática social (LOMOV, 1967). A psicologia até então se caracterizava por sua total vinculação com as teorias idealistas. Por outro lado, a fisiologia materialista de Pavlov, Bechterev e outros se desenvolvia com teorias que explicavam o psiquismo humano por meio dos reflexos condicionados - Pavlov - ou associados - Bechterev.

As teorias científicas não eram as únicas caducas nas universidades russas. Os equipamentos e condições de pesquisa também refletiam o que era ofertado para a ciência na Rússia Czarista. Havia poucos laboratórios de psicologia em funcionamento, sendo que um dos primeiros laboratórios havia sido fundado por Bechterev no fim da década de 1880. No entanto, segundo consta nos relatos de Luria, o laboratório, fundado “[...] no Hospital Psiquiátrico da Universidade de Kazan, havia desaparecido sem deixar rastros.” (LURIA, 1992, p. 30). Tal situação foi decorrência dos anos de profundo conservadorismo político e intelectual do Czarismo, sobretudo, da própria condição econômica da Rússia pré-revolucionária.

É por isso que Shuare (2016) tem como título de seu segundo capítulo A psicologia soviética começa com a Revolução. São as condições revolucionárias, pós 1917, que permitiram o desenvolvimento de uma nova psicologia. Todavia, esse caminho é marcado por erros e acertos, assim como toda descoberta científica. O período revolucionário foi um momento perfeito para o desenvolvimento de uma nova consciência científica. Lomov (1989) escreveu que, mesmo com todos os problemas iniciais, o jovem Estado Soviético colocou como uma das principais tarefas a renovação da ciência no país. Investiu diretamente na construção de vários laboratórios e institutos científicos, mesmo no período de Guerra Civil. Para a ciência psicológica, a revolução

criou novas condições para pesquisa e trabalho. Como exemplo, podemos citar a criação do Instituto do Cérebro em 1918, cuja direção pertencia ao renomado Bechterev. Também, o decreto emitido por Lenin em 1921, dando total apoio às pesquisas de Pavlov junto a uma série de criações de laboratórios e institutos psicológicos. Tudo isso revelou a importância que a Revolução deu a ciência neste novo momento político. Mas, todo conhecimento científico produzido deveria nesse momento atuar no desenvolvimento social. Shuare (2016) escreveu que:

A necessidade de resolver tarefas práticas na dimensão de toda a sociedade tira a Psicologia dos marcos acadêmicos tradicionais e assim esta deixa de ser uma Ciência Relativamente “neutra”, no sentido de suas investigações de laboratório, e obriga não só a verificar seus esquemas explicativos em situações reais, mas também dar respostas para problemas de significação vital para a sociedade. (p. 32).

Portanto, a psicologia soviética se desenvolveu neste marco histórico da Revolução de Outubro, condicionada pelas necessidades sociais. De princípio, a criação de uma psicologia condizente com uma nova sociedade, buscando o desenvolvimento do novo homem e da nova mulher socialista. A educação, neste período, era uma obrigação para o país (LURIA, 1992).

Todavia não foi de imediato que a psicologia se desenvolveu como ciência baseada no materialismo histórico-dialético. Shuare (2016) apresentou três linhas gerais que desenvolveram a psicologia após 1917: 1) A defesa da psicologia tradicional e experimental; 2) A defesa da fisiologia e de suas pesquisas prolongadas para a psicologia e; 3) A defesa da criação de uma psicologia baseada no marxismo. Todas, durante os primeiros anos da Revolução, caminharam juntas.

Após a Revolução de Outubro, alguns autores da psicologia e da filosofia almejavam continuar as pesquisas baseadas na ciência psicológica tradicional. Essa foi a defesa feita, por exemplo, pelo renomado psicólogo pré-revolucionário, Georgi Ivanovich Chelpanov (1862-1936). Chelpanov foi fundador do Instituto de psicologia de Moscou, em 1911, e um filósofo e psicólogo de orientação idealista, responsável pela divulgação dessa ciência no período Czarista. Podemos citar outro exemplo presente nos anais da história da psicologia soviética: Aleksandr Petrovich Necháev (1870-1948). Tanto Chelpanov quanto Necháev acreditavam ser impossível criar uma teoria materialista e objetiva para a psicologia, no entanto, que no Primeiro Congresso Nacional Russo de

Psiconeurologia, ambos se opuseram às decisões tomadas de que a psicologia deveria se orientar pelo marxismo (SHUARE, 2016).

Como representantes da segunda onda de teorias que almejavam explicar o psiquismo humano, encontramos os chamados reflexólogos. A reflexologia se desenvolveu a partir de pesquisas objetivas, criadas pela fisiologia russa com histórico positivo em suas pesquisas. Vale lembrar que Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) havia recebido o Prêmio Nobel de Medicina, em 1904, pelas pesquisas de sua obra: O funcionamento das glândulas digestivas, de 1897 (VEGA, 1993). Todavia também temos uma série de representantes da reflexologia russa. Outro, de grande importância, lembrado apenas por seus feitos na reflexologia, contudo, um grande fisiólogo, anatomista e médico, foi Vladimir Mijáilovich Bechterev (1857-1927). Bechterev trabalhou durante muito tempo almejando desenvolver uma teoria condizente com o marxismo, acreditava que a reflexologia poderia vir a ser a base de toda uma ciência marxista. Porém, após sua morte, houve uma reunião em que muitos reflexólogos “[...] reunidos em 1929 no Instituto Psiconeurológico de Bechterev (Leningrado) em uma sessão intitulada ‘Discussão reflexológica’ decidiram abandonar este enfoque, por ser inadequado para edificar uma psicologia marxista”. (VEGA, 1993, p. 16). Esse fato ocorreu após o falecimento conturbado e mal explicado até os dias de hoje. Pelo que consta, Bechterev havia sido envenenado no ano de 1927, segundo Vega, Bechterev “era o psiquiatra mais conhecido da Rússia e apesar de sua condição revolucionária, pereceu vítima de sua espontaneidade, ao diagnosticar o poderoso Stalin como um enfermo paranoico”. (p. 16).

A reflexologia, nos primeiros anos da Revolução de Outubro, ganhou destaque não apenas nos trabalhos e pesquisas de Bechterev, como de outros de seus seguidores. Geralmente, Bechterev e a reflexologia encontram-se ligados à psicologia, entretanto foram vários os campos de atuação desta ciência. Dentre tais, podemos mencionar apenas alguns: reflexologia da pedagogia, reflexologia da ortopedia, reflexologia genética, reflexologia das massas e reflexologia da arte e do trabalho criativo (PETROVSKI, 1985b). Geralmente, Bechterev é lembrado apenas pelo seu papel na reflexologia, porém, em uma entrevista de Boris Lomov, concedida a Marta Shuare, o psicólogo soviético relatou que injustamente se taxou Bechterev apenas como um reflexólogo. Bechterev, para Lomov, foi o primeiro pesquisador russo a se preocupar ainda com problemas que futuramente dariam origem à psicologia social (SHUARE, 2016). Não apenas em uma entrevista, Lomov apontou a intensa produtividade teórica de Bechterev. Em seu artigo,

Cinquenta anos de psicologia soviética, publicado em 1967, Lomov escreveu que Bechterev foi um grande cientista de seu tempo, para, assim como um teórico com envolvimento social (LOMOV, 1967).

Entretanto, havia também aqueles que almejavam a construção de uma nova psicologia científica. Existem três autores fundamentais que apresentaremos brevemente como condicionantes de uma nova discussão na psicologia. São eles: Mihail Yakovlevich Básov (1892-1931), Pavel Petrovich Blonski (1884-1941) e Konstantin Nikolaevich Kornilov (1879-1957) (SHUARE, 2016). Todos estes autores, não muito conhecidos no ocidente e no Brasil, guardaram uma nova expressão do que viriam a ser as discussões da psicologia soviética. Cada um contribuiu de maneira particular para o desenvolvimento de uma teoria sobre o psiquismo humano, em específico, da função imaginativa. Cada nova discussão avançou para a criação de uma nova psicologia.

Mihail Yakovlevich Básov é ainda um grande mistério para a psicologia ocidental. Dele possuímos um único texto traduzido para o inglês e publicado em 1928 sob o título: Análise estrutural em psicologia desde um ponto de vista do comportamento. Além desse material, encontramos em comentadores trechos e opiniões sobre sua obra. Segundo Shuare (2016), Basov iniciou seus trabalhos no Instituto de Psiconeurologia, na época dirigido pelo psicólogo Aleksandr Fedorovich Lazurski (1874-1917). Trabalhou ao lado de renomados cientistas como o biólogo, psicólogo e pedagogo Vladimir Alexandrovich Vagner (1849-1935), fundador da psicologia comparativa na Rússia. E, com Vladimir Nikolaievich Miasíschev (1893-1973)<sup>27</sup>, psicólogo que desenvolveu diversos trabalhos na psicologia médica e psicopatologia (IPRAS, 2018). Todos esses autores estariam ligados posteriormente com Bechterev, e suas pesquisas dirigidas no Instituto do Cérebro a partir de 1918.

Contudo nos interessa nesse momento as concepções e ideias gerais de Basov. Shuare escreveu que a proposta de Basov era superar as teorias empiristas e subjetivistas da psicologia. Para esse feito, tomou emprestado de seu mestre, Lazurski, “[...] a ideia da adaptação ativa do homem ao meio”. (SHUARE, 2016, p. 34). Foi a primeira vez na psicologia soviética que se deu a importância do ser humano ativo no meio. Embora isso

---

<sup>27</sup> Sobre Miasíschev cabe uma nota de rodapé sobre o desenvolvimento de sua teoria a partir da década de 1930. O autor abandonou assim como outros a reflexologia. Desenvolveu algumas ideias na psicologia sobre a personalidade. Entretanto, também trabalhou com a psicologia na medicina. Para ele, a psicoterapia é um importante instrumento do médico para atingir a cura de alguma psicopatologia (MIASÍSCHEV, 1962). O material sobre a psicoterapia de Miasíschev encontra-se conservado em espanhol no livro Problemas de psicoterapia, dos autores Lebedinski e Platonov. O livro foi publicado pela editora argentina Quetzal em 1962.

tenha ocorrido ainda com uma teoria adaptacionista. Todavia realizava críticas à psicologia idealista de Chelpanov e também à reflexologia de Bechterev. Basov já destacava a importância de compreender o ser humano como sujeito ativo e não apenas passivo no ambiente. Segundo ele,

[...] o homem diferentemente do que ocorre com os animais não só se adapta ao meio, mas adapta o meio a si, atuando sobre ele e transformando o mesmo no processo de trabalho com ajuda dos instrumentos de trabalho (BÁSOV, 1928, p. 249 apud SHUARE, 2016, p. 35).

Já no fim da década de 1910, Basov apontou a importância do trabalho na construção da sociedade e das ferramentas que auxiliam na transformação do meio, tudo isso se identificava no período revolucionário da época. Considerando o ser humano ativo no ambiente, Básov tinha como objeto de estudos para a psicologia a atividade humana, que viria a dominar posteriormente os trabalhos da ciência psicológica na União Soviética. Contudo, Basov não foi além de algumas formulações teóricas que indicavam a importância da atividade, não evidenciou nenhuma particularidade da consciência humana expressa na própria atividade (SHUARE, 2016).

Apesar de não avançar na discussão entre atividade e consciência, Básov, propôs que a psicologia deveria ter seu próprio objeto, também deveria ser uma ciência que se baseasse em uma concepção materialista e monista. Porém, não conseguiu superar o dualismo em sua teoria. Para Shuare (2016, p. 35), “sem dúvida sua solução não é dialética, mas dualista que se expressou em uma divisão entre a estrutura - o mecanismo - da atividade e o meio social que determina o desenvolvimento desta atividade.” Outro fato evidente em sua teoria, que nos permite afirmar que Básov não superou o mecanicismo presente na psicologia da época, encontra-se em sua defesa de que a base fundamental da atividade são os reflexos condicionados.

No que se diz respeito aos métodos da psicologia, Shuare (2016) afirmou que Básov concedeu grande importância ao método genético no estudo do psiquismo. Já neste período, em seus estudos, partia da importância tanto do desenvolvimento biológico como social. Entretanto, dividiu o biológico e o social, adentrando a um dualismo entre indivíduo e sociedade. Apesar de conceber a influência direta do social sobre o biológico, não conseguiu resolver teoricamente o problema dualista presente em sua concepção teórica.

Em sua concepção da atividade, Básov, se utilizou dos diferentes tipos e características dela. Ele a dividiu no jogo, no estudo e no trabalho, entretanto, em seus estudos, não utilizou as diversas atividades humanas para explicar a periodização na infância. Segundo Shuare (2016), Básov acreditava ser impossível aplicar a periodização no desenvolvimento biológico, por serem categorias temporais diferentes umas das outras. Neste sentido, o desenvolvimento biológico e o psíquico não se coincidiram, assim não havendo sucesso em aplicar uma categoria a outra.

Apesar das diversas contribuições de Básov, para o desenvolvimento da psicologia soviética, pós Revolução de Outubro, suas ideias foram duramente criticadas. Seus trabalhos na Paidologia - ciência que estuda a criança - foram censurados a partir da década de 1930 e, segundo Shuare (2016), caíram no esquecimento durante muito tempo. Todavia, existe em Básov um fator que nos interessa para que continuemos os estudos na imaginação: o jogo. Ao diferenciar os tipos de atividade, o mesmo compreendeu que a criança atua de forma diferente que o adolescente ou ainda que o adulto. Assim sendo, o jogo abre a possibilidade para o desenvolvimento, sendo que a função psicológica que possui um salto qualitativo na brincadeira é a imaginação. A partir dos trabalhos de Mukhina (1995), podemos afirmar que a imaginação, função que se manifesta pela primeira vez no fim da primeira infância, se modifica qualitativamente no período pré-escolar com o início das brincadeiras e dos jogos dramáticos. A operação com instrumentos humanos na realidade permite que a criança se desprenda de sua relação imediata com o mundo. Neste sentido, a importância de Básov para nós reside no fato de que ele: 1) Defendeu em suas ideias na psicologia o caráter ativo dos seres humanos no ambiente; 2) As críticas ao idealismo e as teorias mecanicistas na psicologia - embora não tenha superado o mecanicismo em sua própria teoria e; 3) A divisão dos diferentes tipos da atividade humana, em específico, do jogo.

Outro autor contemporâneo a Básov, que contribuiu de significativa maneira para o desenvolvimento da psicologia soviética, foi Pavel Petrovich Blonski (1884-1941), notável discípulo de Chelpanov (IPRAS, 2017). Blonski se graduou na Universidade de Kiev em 1907, posteriormente, foi professor de educação e psicologia de uma escola secundária, frequentada apenas por mulheres. Em 1913, se tonou professor da Universidade de Moscou, ensinando filosofia e psicologia. Também lecionou na Universidade Popular Shanyavsky e Universidade de Cursos Não-Creditados para Mulheres (LEVITIN, 1982). Vale mencionar que, segundo Rivière (1984), a Universidade de Moscou e a Universidade Popular de Shanyavsky foram ambas

frequentadas por Vigotski. Neste sentido, existe grande chance de Blonski ter sido professor de Vigotski ou de tê-lo conhecido neste período. O historiador da psicologia, Guillermo Blanck, escreveu em seu Prefácio para a tradução de *Psicologia pedagógica*, que Vigotski teria feito alguns créditos de psicologia com Blonski, todavia Blanck (2003) não nos apresentou em sua exposição da vida de Vigotski as fontes de onde retirou tal informação. Portanto, não encontramos em nenhuma outra biografia esse dado.

Assim como Bássov, Blonski também foi um crítico da psicologia idealista, em específico, das concepções teóricas de Chelpanov (LEVITIN, 1982). De suas publicações temos conhecimento de alguns trabalhos comentados por seus contemporâneos soviéticos. Contudo, em português, não possuímos nenhuma obra sua traduzida. Encontramos apenas em inglês um artigo, de 1928, chamado: *O sujeito da psicologia e psicopatologia a partir de um ponto de vista genético* (BLONSKI, 1928).

Para Shuare (2016), em Blonski é possível perceber com maior clareza a influência direta da Revolução de Outubro e as novas ideias que adentravam as pesquisas da psicologia. Blonski se interessava diretamente pela educação, provavelmente pela necessidade da época e de uma nova sociedade. Vale lembrar, a maior parcela da população da Rússia Czarista era analfabeta, portanto, a atenção pela educação tomou conta da preocupação de vários teóricos neste momento histórico.

Ao elaborar uma série de críticas à psicologia tradicional, empirista e idealista de seu tempo, Blonski acreditava que a psicologia pertencia a um ramo das ciências biológicas, assim, seu objeto de estudos deveria ser o comportamento humano. Como grande contribuição, apresentou um modelo de ser humano que se modificava em suas relações, ou seja, não seria estático, modificando-se junto com a sociedade (PETROVSKI, 1985b). Segundo Petrovski (1985a), a principal crítica de Blonski às teorias tradicionais da psicologia, era sobre a visão estática que tais abordagens possuíam dos seres humanos. Também foi Blonski o primeiro psicólogo da história da União Soviética a formalizar a teoria de que a psicologia deveria orientar-se pelo marxismo<sup>28</sup> (SHUARE, 2016). Segundo consta nos escritos de Vega (1993) e Petrovski (1985b), Blonski haveria defendido sua ideia da psicologia baseada no marxismo em 1920. Entretanto, Petrovski relembrou que, apesar dessa grande contribuição, Blonski foi

---

<sup>28</sup> Quando apresentarmos os trabalhos de Kornílov, voltaremos a mencionar a defesa do marxismo publicamente, como embasamento teórico para a psicologia. Blonski, segundo Shuare (2016), foi o primeiro a defender o marxismo com clareza em seus trabalhos na psicologia. Entretanto, Kornílov cumpriu um papel essencial na defesa dessa ideia no I Congresso de Psiconeurologia.

incapaz de realizar a reestruturação da psicologia sobre os moldes do materialismo histórico-dialético.

Por se tratar de uma ciência natural, a psicologia deveria se basear nos métodos identificados por essa linha científica. Para Blonski, a observação e os experimentos deveriam embasar toda as pesquisas da psicologia. Mas, ao mesmo tempo que a psicologia é uma ciência biológica, defendeu a ideia de que ela deveria permanecer em total contato com as ciências sociais e econômicas, pelo simples fato de que o comportamento humano é inteiramente dependente dos modos de produção. A psicologia seria, neste ponto de vista, uma ciência tanto biológica como social. Devemos lembrar de que toda a atividade humana é estritamente social. Contudo, estudar o comportamento dos seres humanos significou propor um estudo histórico, encerrando-se em um plano dinâmico e genético (SHUARE, 2016). Isso influenciou diretamente as posições teóricas de Vigotski na psicologia. Porém, Blonski também se limitou a algumas proposições na psicologia. Ele, “[...] afirma que é impossível compreender o comportamento humano sem conhecer o comportamento nos níveis inferiores - vida vegetal, vida animal inferior ou subcortical”. (SHUARE, 2016, p. 40). Blonski, como alguns colegas de seu tempo, parecia não ter domínio teórico sobre a filosofia do marxismo. Já mencionamos, mas vale lembrar de que a anatomia dos seres humanos constitui a chave para todo o conhecimento da anatomia do macaco (MARX, 2008). É compreendendo sempre o mais desenvolvido que compreendemos o menos desenvolvido. Blonski realizou uma afirmação baseada na própria lógica formal e nas concepções cartesianas que baseavam a psicologia do fim do século XIX e princípio do século XX.

Blonski, também formulou em suas teorizações uma psicologia de classes sociais. Para ele, o comportamento individual seria um produto social, neste sentido, refletindo a classe que o sujeito pertence. Assim, cada comportamento individual apresentado seria relacionado a cada situação e ao momento dado, entretanto, a relação classista estaria presente nestas situações (SMIRNOV, 1967).

No que tange os problemas da educação pós Revolução de Outubro, podemos afirmar que Blonski atuou diretamente na tarefa de educar o novo ser humano socialista. Em 1919, escreveu o livro *A escola laboral*, propondo os princípios da educação classista, substituindo a escola formal. Entretanto, conservou em grande parte de sua teoria os aspectos biologizantes que acreditava conduzir o desenvolvimento humano. Para ele, a aprendizagem consistia no “[...] desenvolvimento de novas qualidades embasadas nas capacidades inatas do escolar.” (SHUARE, 2016, p. 41). Portanto, apesar de suas

contribuições, Blonski não conseguiu romper algumas barreiras postas pela ciência de seu tempo. O inatismo e as concepções biologizantes podem ser apontadas como tais barreiras. Mas também podemos lembrar de que as ciências naturais eram as mais desenvolvidas no fim do século XIX e princípio do século XX. Neste sentido, Blonski seguiu o caminho das ciências mais elaboradas que havia na Rússia até então. Apesar de grandes contribuições para o desenvolvimento da psicologia soviética, sendo pioneiro na defesa do marxismo como embasamento filosófico e teórico da psicologia, Blonski foi duramente criticado a partir da década de 1930, em específico, por seus trabalhos paidológicos. Sobre suas contribuições para o estudo da imaginação, podemos afirmar que Blonski influenciou diretamente as pesquisas de Vigotski. Os estudos vigotskianos sobre as funções psicológicas superiores, já no final da década de 1920, encontraram-se baseados no método genético, inclusive os que dizem respeito a função imaginativa. Para Petrovski (1985a, p. 10), “não foi uma casualidade que para L. Vigotski, conhecido psicólogo soviético, esta ideia se convertera no *leitmotiv* de sua criação científica”. Em Petrovski (1985b), encontramos expresso que o método de pesquisa de Blonski dos processos superiores era o estudo genético e dinâmico desses fenômenos, tal como proposto por Vigotski (2007a) em seu capítulo sobre o método. Ao procurarmos nexos e ligações teóricas, descobrimos que os estudos realizados por Vigotski e seus colaboradores não poderiam ter sido feitos sem a presença histórica de Blonski na psicologia.

Dando continuidade ao nosso resgate histórico dos primeiros teóricos da psicologia soviética, que determinaram em certo ponto, os rumos que essa ciência deveria seguir, encontramos outro representante de grande importância para o desenvolvimento da psicologia enquanto ciência marxista: Konstantin Nikolayevich Kornilov (1879-1957). Crítico da reflexologia e da psicologia idealista, Kornilov desenvolveu uma nova abordagem denominada reflexologia. Foi coordenador do Instituto de Psicologia de Moscou, entre os anos de 1923 a 1931<sup>29</sup> e, posteriormente, de 1938 a 1941 (IPRAS, 2018). Todavia, no que se diz respeito a sua importância na ciência psicológica, podemos afirmar que o maior feito de Kornilov foi reunir jovens pesquisadores no Instituto de Psicologia de Moscou, mudando completamente o rumo da ciência psicológica em toda a União Soviética. Foi ele o responsável pela união da famosa *troika* da psicologia soviética: Vigotski, Luria e Leontiev. Apesar da importância de Kornilov para o desenvolvimento

---

<sup>29</sup> Em Levitin (1982), encontramos que Kornilov dirigiu o Instituto de Psicologia de Moscou até 1930.

da psicologia baseada no materialismo histórico-dialético, não encontramos nenhuma fonte direta de seus trabalhos e experimentos, apenas artigos de seus colaboradores que eram publicados em coletâneas coordenadas por ele. Brevemente podemos citar dois textos que encontram-se disponíveis para consulta. O primeiro, A consciência como problema da psicologia do comportamento, escrito por Vigotski e, publicado pela primeira vez em 1925, no livro *Marxismo e Psicologia*, está disponível em português pela editora Martins Fontes na coletânea: *Teoria e método em psicologia*. O segundo texto, *Psicanálise como um sistema monista da psicologia*, escrito por Luria e, publicado pela primeira vez, também, no livro de Kornílov: *Psicologia e Marxismo*, encontra-se disponível online. Todavia, é fácil encontrar a confusão teórica presente nas ideias e, primeiras tentativas de se unir a psicologia ao marxismo, em certos casos, isso era feito de modo mecânico e nada dialético. Dois textos publicados numa mesma coletânea contradizem um ao outro. Brevemente, podemos escrever que, enquanto Vigotski (1999a) demonstrou a importância da consciência como objeto da psicologia, Luria (1977) defendeu a ideia de que a psicanálise não se contradiz com o marxismo. Uma tese um tanto quanto insustentável, criticada e superada posteriormente pelo próprio Vigotski.

Kornilov frequentou a Universidade de Moscou graduando-se em 1910. A partir de então, iniciou sua carreira enquanto pesquisador no Instituto de Psicologia de Moscou, o mesmo fundado por Chelpanov em 1911. Somente em 1916, Kornilov tornou-se professor da Universidade de Moscou. Já, em 1921, fundou o Departamento de Educação na Segunda Universidade de Moscou, sendo nomeado como professor de psicologia. Entretanto, o fato mais marcante de sua vida ocorreu em 1923, após o I Congresso de Psiconeurologia de toda a Rússia. Kornilov foi nomeado diretor do Instituto de Psicologia de Moscou, substituindo seu mestre Chelpanov. Como tarefa, deveria agora reconstruir toda a psicologia a partir do marxismo. Segundo Shuare, Kornilov foi uma figura muito importante no desenvolvimento da ciência psicológica, recebendo “[...] duas condecorações de Lênin e várias medalhas.” (SHUARE, 2016, p. 44).

Kornílov havia sido também aluno de Chelpanov, assim como Blonski. A partir de 1921, iniciou uma série de críticas dirigidas à psicologia idealista. De um lado, Blonski criticava as concepções teóricas de Chelpanov, em seu livro *Ensaio de psicologia científica*, e do outro Kornílov, com seu livro *Teoria das reações do homem*. Ambos iniciam um processo de ruptura com as ideias de Chelpanov, que dariam origem a outros rumos na psicologia soviética. No material escrito por Kornílov continha os resultados de

pesquisas feitas ao lado de Chelpanov, realizadas durante dez anos e com oito mil experimentos concretizados (SHUARE, 2016).

Um fato curioso no desenvolvimento teórico de Kornílov, segundo Shuare (2016), é que, em um primeiro momento, Kornílov defendeu a ideia da separação da psicologia e filosofia. Para ele, a filosofia havia até então impedido o desenvolvimento da psicologia. Essa curiosidade encontra-se descrita em seu livro Teoria das reações do homem, e como escreveu Shuare:

Como ocorre sempre, a rejeição da Filosofia não significa que na obra do autor a mesma não esteja presente, ainda que nem ele mesmo suspeite. Assim, aconteceu com o trabalho de Kornílov, cuja Teoria das reações do homem é um expoente do materialismo mecanicista na compreensão do psiquismo. (SHUARE, 2016, p. 44).

Contudo, Kornílov logo voltou atrás em sua decisão de separar a filosofia da psicologia, propondo no I Congresso de Psiconeurologia a reconstrução da psicologia baseada no materialismo histórico-dialético, ou seja, uma base filosófica<sup>30</sup>. Shuare (2016) ainda escreveu que Kornílov, neste momento estudou atentamente as obras dos clássicos do marxismo, encontrando a superação do dualismo nas teses marxistas. É exatamente após 1923, que Kornílov iniciou um intenso combate as teorias idealistas, reducionistas e mecanicistas da psicologia. O autor também defendeu a tese de que o subjetivo não poderia ser reduzido aos processos fisiológicos, neste sentido, apontando inicialmente que unidade não significa identidade. Entretanto, uma de suas maiores contribuições para o desenvolvimento da psicologia soviética encontra-se em suas formulações do psiquismo como um reflexo da realidade objetiva, aquele mesmo descrito por Ignatiev (1960) ao escrever sobre a imaginação, em específico, a função da atividade criadora artística em refletir a realidade objetiva. Shuare escreveu que:

Ao expor a compreensão que o marxismo tem do psiquismo, Kornilov insistiu em uma segunda tese importante, a saber, que o psiquismo é um reflexo da realidade objetiva que existe de forma independente da consciência. Esclareceu, porém que este reflexo não é passivo, pois não se trata de um reflexo especular. (SHUARE, 2016, p. 46).

---

<sup>30</sup> Além de ter sido o primeiro psicólogo soviético a defender publicamente o marxismo na psicologia - ao menos em um congresso com a comunidade de psicólogos -, também foi o responsável, neste mesmo congresso por afirmar que a psicologia não deveria manter uma característica voltada apenas ao individual, mas sim ao social (PETROVSKI, 1985b).

A afirmação de Kornílov do psiquismo ser um reflexo da realidade objetiva foi de grande importância para os psicólogos soviéticos, que logo adotaram essa tese como lei geral da fundamentação teórica da ciência psicológica. Vale ainda escrever que a ideia levantada por Kornílov na verdade surgiu nos trabalhos de Lenin (1967), em específico, em seu Materialismo e empiriocriticismo, publicado em 1909. E, anterior a compreensão de Lenin, encontramos, no posfácio da segunda edição de O capital, de Marx, a afirmação de que “[...] o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem”. (MARX, 2013, p. 90). Todavia, a noção do reflexo psíquico ganhou forças na psicologia a partir das teorizações de Lenin, como escreveu Petrovski, “[...] a psicologia soviética utiliza amplamente o tesouro que contém as ideias científicas dos trabalhos de Lenin”. (PETROVSKI, 1985a, p. 9). Em outro livro, Petrovski também expressou a importância de Lenin na psicologia, escrevendo que [...] somente a psicologia soviética fez o uso da riqueza das ideias científicas de Lenin em seus trabalhos. (PETROVSKI, 1985b, p. 14)<sup>31</sup>.

No entanto, mesmo com todas suas contribuições, Kornílov não conseguiu desenvolver uma abordagem condizente com a teoria social de Marx. Seu maior problema foi afirmar que a psicologia marxista nasceria da síntese da psicologia empírica e da objetiva, não compreendendo que duas ideias errôneas não produzem uma síntese correta. Não é a soma de duas ou mais teorias que criariam a psicologia marxista, mas sim a superação de velhas ideias e conceitos desta ciência (SHUARE, 2016). Kornílov não atentou-se ao fato de que a nova psicologia - a marxista - só poderia surgir da destruição da caduca e tradicional ciência psicológica, que apoiava-se inteiramente no idealismo e na metafísica (PETROVSKI, 1985a).

Para Kornílov, o reflexo e a vivência eram dois conceitos que não davam conta de explicar o psiquismo humano. Em seu lugar, a proposta era introduzir o conceito de reação nas explicações do psiquismo, que para Kornílov constituiria-se como a síntese do objetivo - reflexo e do subjetivo - vivência (SHUARE, 2016). Segundo consta nos escritos de Vega (1993), a finalidade de reatologia como síntese da psicologia marxista deveria ser de educar as reações das pessoas em uma nova sociedade. Do que consta, posteriormente, dos comentários de Kornílov sobre sua teoria - digamos que uma autocrítica -, ele admitiu o fato de ter fracassado em sua compreensão da dialética. Entretanto, durante os primeiros anos da década de 1920, a teoria de Kornílov era

---

<sup>31</sup> No Brasil, Souza (2015) demonstrou em seu trabalho a importância de Lenin para o desenvolvimento teórico da psicologia soviética.

fortemente difundida e ganhou grande prestígio. O criticismo e as autocríticas tornaram-se, segundo Petrovski (1985b), uma rotina na vida dos psicólogos soviéticos. Mas, antes disso, a influência da reatologia entre os teóricos foi surpreendente, ao ponto de que, nos laboratórios do instituto de psicologia, tudo ganhou o nome de reação, “[...] havia um laboratório de reações visuais (percepção), um de reações mnemônicas (memória), um de reações emocionais, e assim por diante”. (LURIA, 1992, p. 36). Foi surpreendente o peso inicial da teoria de Kornílov entre os psicólogos soviéticos.

Kornilov pode não ter superado os equívocos cometidos nessa época na união entre marxismo e psicologia. Mas, de certo modo, surgiu como uma alternativa da psicologia idealista e da fisiologia que negava os processos superiores dos seres humanos. Foi ele também o responsável pela união de jovens pesquisadores, dos quais conhecemos apenas Vigotski, Luria e Leontiev. Entretanto, muitos outros cientistas que trabalharam para o desenvolvimento de uma psicologia marxista partiram da escola – se assim pudermos chamar – de Kornilov. A história encontra-se repleta de buracos, cabe a nós preenchê-los, lembrando sempre daqueles que ficam esquecidos.

### **3.3 - 1922: O PRINCÍPIO DA CRIATIVIDADE NA ATIVIDADE**

Percorremos até aqui um caminho histórico, elegendo importantes teóricos que mudaram toda a história da psicologia soviética. Básov, Blonski e Kornílov formam aqui uma tríade que propunham rever as bases científicas da psicologia. Já mencionamos que no princípio de 1920, Blonski e Kornílov já defendiam publicamente a ideia de que a ciência psicológica deveria se basear no marxismo, entretanto a defesa concreta dessa tese apenas ocorreu no I Congresso de Psiconeurologia. Todavia, em 1922, surgiu um texto de Rubinstein defendendo os princípios criativos da atividade. No entanto, é interessante notar que a defesa das ideias presentes neste artigo, embora filosóficas, estão ausentes ainda de uma base marxista. Esse fato apenas demonstrou novamente qual foi a importância de Kornílov na defesa da união entre marxismo e psicologia.

O artigo de Rubinstein intitulado: O princípio da auto atividade criativa foi publicado pela primeira vez, em 1922, na revista: Notas científicas da educação superior. O artigo é parte dos estudos de Rubinstein, quando ainda era professor da Universidade de Odessa. A organização e republicação deste material foi feita em 1986 por um aluno e seguidor de Rubinstein: Andrey Vladimirovich Brushlinskiy (1933-2002). Neste sentido,

trabalharemos com a versão apresentada por Brushlinskiy e comentada por ele no final do texto.

Serguei Leonidovich Rubinstein (1889-1960) foi um conspícuo psicólogo soviético, se graduou na educação básica na academia de estudos Richelieu, em Odessa, no ano de 1908. Após esse período, deu continuidade a seus estudos na Alemanha, frequentando as Universidades de Freiburg, Marburg e de Berlin. Nelas, estudou filosofia, psicologia, sociologia, matemática, física, ciências naturais e lógica. Assim como, Vigotski possuía um grande conhecimento de diversas áreas do saber humano, sendo considerado um grande enciclopedista. Ao retornar à Rússia, trabalhou como professor de educação básica, inserindo-se apenas em 1919 na Universidade de Odessa. Todavia, depois de 1922, é censurado e retalhado por professores pré-revolucionários e conservadores da universidade. É apenas, em 1930, que retornou as pesquisas dentro da Universidade, convidado por Bássov. Em 1934, escreveu um artigo de grande importância para a edificação dos pilares da psicologia científica, sendo este: Os problemas da psicologia nas obras de K. Marx (GIANNONI; MENESES; LEÃO, 2018).

Contudo, o artigo que temos em mãos sobre os princípios da auto atividade criativa encontra-se ainda ausente de uma base materialista, histórica e dialética, que marcaria as obras futuras de S. L. Rubinstein. Mas, sobretudo, podemos apontar a precocidade do autor em introduzir nas discussões da psicologia o conceito de atividade, o que estava sendo feito por Bássov e Blonski, como já demonstramos anteriormente (SHUARE, 2016).

O artigo de Rubinstein foi escrito entre seu primeiro período de desenvolvimento científico, diga-se de passagem, enquanto ainda estava em Odessa. É um texto curto, contudo de grande complexidade e importância para a compreensão das raízes da atividade na psicologia soviética. Rubinshtein<sup>32</sup> (1986) iniciou seu artigo realizando uma reflexão sobre o que seria o conhecimento, tomando emprestado considerações de Sócrates e Platão. O interessante a notar é que o problema da educação permeou toda a origem da psicologia soviética. Sendo que, os primeiros e principais psicólogos responsáveis pela edificação dessa ciência partiram dos problemas educacionais.

Devemos apontar ainda que, mesmo em 1922, Rubinstein já atribuía ao aprendizado uma característica ativa, escrevendo que o mesmo deve ser concebido como uma investigação, ao invés de uma “[...] dogmática comunicação e recepção mecânica

---

<sup>3232</sup> Devido a transliteração do nome de Rubinstein, optamos por mantê-lo como na citação original.

dos resultados finais”. (RUBINSHTEIN, 1986, p. 7). No lugar da dogmática e mecânica educação, Rubinstein propõe que o aprendizado deve favorecer os meios para que ocorra o desenvolvimento criativo da auto atividade. Outro fato interessante, que sustenta nossos argumentos dados à importância da educação, principalmente da criação do novo homem e da nova mulher soviética, também é descrito por Rubinstein. Segundo o autor, existia uma série de trabalhos pedagógicos sendo realizados, na tentativa de criar bases educacionais que permitissem a educação criativa da auto atividade.

Em sua discussão, Rubinshtein (1986) apresentou de forma concisa a forma pela qual a ciência compreendia a apropriação do conhecimento. Por um lado, defendeu que a objetividade do conhecimento é independente da cognição. Entretanto, também apresentou as teses empiristas de que o conhecimento é meramente dado sensorialmente quase que de modo passivo. Ao apresentar tais teses, Rubinstein, escreveu uma ideia que representou todo o espírito da época, encontrado na maioria dos psicólogos soviéticos. Já em 1922, o autor defendia a ideia de que o mundo objetivo é independente da consciência. Com isso, já realizava uma série de críticas ao idealismo filosófico presente nas concepções de que os acontecimentos do real dependem da consciência.

É interessante notarmos que, ao longo do texto, Rubinstein, começou a dar forma ao que seria uma explicação da criação na atividade. Para explicar alguns traços particulares da atividade, Rubinstein, se utilizou das obras de arte. Segundo o autor, “quando experienciamos uma obra de arte - digo, lemos uma novela - nós encontramos certas características, dadas arbitrariamente pelo autor [...]” (RUBINSHTEIN, 1986, p. 11). É importante apontarmos que Rubinstein apresentou de forma ainda empobrecida a tese de que podemos avaliar o psiquismo no produto final do trabalho. Devemos lembrar que o produto final oculta o processo pelo qual ele se desenvolveu, portanto é importante reconstruir todo o processo histórico de seu desenvolvimento. Essa noção aparecerá posteriormente em seu trabalho de 1958: O pensamento e os caminhos de sua investigação. Em específico, em um apêndice denominado: O processo do pensar na obra de criação científica. Nele, o autor, realizou uma revisão científica dos trabalhos do químico D. M. Mendeléiev, demonstrando como se deu seu desenvolvimento teórico ao longo de seus trabalhos científicos. Tudo isso foi possível graças ao produto final da atividade, diga-se de passagem, que conservou traços da personalidade, conseqüentemente, dos processos psicológicos do autor (RUBINSTEIN, 1959). O produto final da atividade é de grande valia para a psicologia, contudo remontar seu processo de desenvolvimento nunca é uma fácil tarefa.

Rubinshtein (1986) ainda escreveu que a auto atividade criativa passa a ganhar lugar no mundo pela própria objetivação. Entretanto, o que chamou de auto atividade criativa não pode determinar os traços individuais da personalidade, mas sim suas ações desenvolvem de outra forma a si mesmo, ou seja, sua personalidade. É interessante notar, ainda que primitivamente, a proposta da personalidade se desenvolver, conduzir a própria atividade. A mesma categoria que, a partir da década de 1930, seria um dos pilares na edificação de teoria soviética da psicologia. No entanto Lomov (1977) afirmou que uma das grandes realizações dos psicólogos foi estudar a atividade em um contexto real do desenvolvimento humano. Rubinshtein (1986), seguindo a primitiva lógica do desenvolvimento mútuo entre atividade e personalidade, escreveu ainda que “a individualidade de um grande artista não se manifesta apenas: também é formada no processo de criatividade”. (p. 15). Ou seja, as características individuais da personalidade do artista se desenvolveriam na chamada atividade criativa. Mas, ainda, o artista “ao criar seu trabalho de arte [...] cria a si mesmo em sua própria individualidade estética no processo [...] o próprio criador é criado no ato da criatividade”. (p. 16). A afirmação de Rubinshtein dispensa qualquer comentário que pudéssemos realizar neste momento, a não ser os apontamentos de que, em 1922, já contava com parte de sua teoria da atividade sendo elaborada. Em específico, podemos escrever que a tese do artista sendo criado no próprio ato de criação, se manterá em seus trabalhos. Sendo que a personalidade não apenas se desenvolve na atividade, pois é regente da própria atividade criadora (RUBINSTEIN, 1967).

No encerramento de seu texto, Rubinshtein (1986) levantou uma reflexão acerca do nascimento da criatividade. Nela, notamos também a presença da própria filosofia clássica alemã. Vale lembrar que Rubinshtein frequentou diversas universidades na Alemanha. Para ele, “o pensador é formado apenas pela organização do mundo do pensamento; e uma pessoa espiritual nasce da criatividade espiritual”. (p. 16). Ele não havia ainda rompido todas as barreiras para a criação de uma teoria da atividade, contudo a maior barreira havia já sido derrubada, sendo ela o papel do outro no desenvolvimento. Assim sendo, Rubinshtein, afirmou que “uma pessoa completa em si, não implica, isolada solidão”. (p. 16).

No decorrer do texto, Rubinshtein, ainda defendeu que a pedagogia deveria adotar a concepção que permitisse o desenvolvimento criativo da auto atividade. Embora em seu artigo não exista ainda a presença de uma base materialista, histórica e dialética, já anunciava uma nova tendência nos estudos da psicologia soviética, ou seja, aquilo que

seria um dos pilares de sustentação de toda ciência psicológica: a atividade. O que nos interessa nesse momento é apontar a importância dada à criatividade nesse novo período pós-revolução, que viveram os teóricos soviéticos. A necessidade era do desenvolvimento de uma nova personalidade, neste sentido, que fosse criativa para atuar e resolver problemas nesta sociedade. O novo homem e a nova mulher socialista deveriam ser aqueles que não se desenvolvessem em uma isolada solidão.

### **3.4 - O PRIMEIRO E O SEGUNDO CONGRESSO DE PSICONEUROLOGIA DE TODA A RÚSSIA: NOVAS DETERMINAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO TEÓRICO DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA**

Dois fatos marcantes na história da psicologia soviética determinando todo seu desenvolvimento posterior foram os Congressos de Psiconeurologia entre 1923 e 1924. Conhecemos ainda muito pouco sobre esses dois momentos históricos. Talvez o registro mais conhecido no ocidente seja o de Luria (1992), relatando a aparição de Vigotski no cenário da psicologia e, posteriormente, criticado de forma arrogante, mecânica e nada dialética pelo historiador da psicologia, Guillermo Blanck, em seu prefácio do livro: Psicologia pedagógica de Vigotski. Blanck, ao longo de seus comentários, não apenas no prefácio, mas em todo o livro, realizou destaques desnecessários ao longo de sua apresentação. Poderíamos afirmar que os destaques mais dispensáveis foram os de julgamento moral e acusações de roubos de ideias de outros autores (GIANNONI; MENESES; LEÃO, 2017). Já demonstramos em outro momento neste trabalho, que o materialismo histórico-dialético não se utiliza de julgamentos ou críticas morais em suas pesquisas científicas, mas sim da própria objetividade dos fatos. Sobre a acusação de Blanck, relacionada ao roubo de ideias, devemos lembrar: o roubo existe onde há propriedade privada, no lugar em que a ciência é tratada como valor de troca, ou seja, mercadoria que pode ser roubada. No entanto, estamos diante de uma nova sociedade, que as ideias naquele momento eram muito próximas umas das outras, ou ainda, o conhecimento era compartilhado por todos os cientistas soviéticos. Blanck havia acusado Rubinstein em seus comentários de ter roubado ideias de Vigotski, entretanto apoiou seus argumentos nas falácias de Viktor Nikolaevich Kolbanovsky (1902-1970). Kolbanovsky foi um dos diretores do Instituto de Psicologia de Moscou, entre os anos de 1932 a 1937, (IPRAS, 2018) e o responsável pelas críticas aos Fundamentos de psicologia de Rubinstein, acusando-o de ser um teórico não marxista. Mas, acima de tudo, foi um dos

redatores chefes na discussão da censura das obras de alguns psicólogos, dentre tais encontramos Vigotski e Blonski (PAYNE,1968). É nesta figura que Blanck (2003) se ampara para realizar suas críticas a Rubinstein e não somente a ele, mas também a outros teóricos. No entanto, a opinião sobre Kolbanovsky na psicologia soviética nunca foi um consenso. Smirnov (1967) defendeu em um tópico de seu artigo: Para o quinquagésimo aniversário da psicologia soviética, as críticas dirigidas à pedagogia por Kolbanovsky.

Ainda sobre o roubo de ideais e as acusações fundamentadas nas mentiras ideológicas criadas por Kolbanovsky, devemos lembrar que outros teóricos que nem mesmo conheceram Vigotski, chegaram a resultados similares ou mesmo muito próximos do psicólogo soviético. Ksenia Alexandrovna Abulkhanova, nascida em 1933, e viva até os dias de hoje, é uma seguidora assídua das ideias de Rubinstein. Em um de seus artigos possui uma passagem interessante. A autora escreveu:

Faz quase meio século que o conhecido psicólogo soviético Rubinstein - entre cujos discípulos me encontro - formulou o importante princípio segundo o qual a personalidade se expressa, se forma e se desenvolve na atividade. A especificidade da abordagem psicológica da atividade toma em consideração por uma parte, o aperfeiçoamento da qualidade da atividade pela personalidade, e por outra, o desenvolvimento da personalidade pela atividade. Sève qualificou essa dependência como papel do produto psicológico da atividade. (ABULJANOVA-SLAVSKAIA, 1982 p. 176).

É interessante notar que Abulkhanova encontrou semelhanças entre as teorizações de Rubinstein e do filósofo francês Lucien Sève (1926 -). No entanto, mesmo encontrando semelhanças entre as ideias de Sève, Abulkhanova não julgou que Sève tenha roubado as concepções de Rubinstein, e nem poderia. É muito provável que Sève nem ao menos tenha conhecido a teoria de Rubinstein sobre a atividade. Neste sentido, Abulkhanova, operando com o materialismo histórico-dialético como visão de mundo de seu trabalho, apontou quais eram as semelhanças, abstendo-se de julgamentos morais e pequeno-burgueses.

Essa pequena digressão serviu para demonstrarmos que nem sempre aquilo que está conservado nos materiais da história aconteceu de fato. A história não está dada no imediato, nem tão pouco confirmada pelas autoridades que viveram e registraram este período. Muitas informações encontram-se espalhadas, até mesmo despedaçadas, cabe ao historiador buscar esses nexos. Os fatos que devemos apresentar não estão nos julgamentos morais, nem nas tentativas sensacionalistas de polemizar determinados assuntos partindo do nome do outro. Isso não significa escrever que devemos ser neutros

na própria história, mas que devemos tomar um ponto de vista político dos argumentos encontrados. Acima de tudo, é a objetividade da história que procuramos (SMIRNOV, 1978).

Feita essa pequena digressão, voltamos à história do I Congresso de Psiconeurologia, realizado entre os dias 10 e 15 de janeiro de 1923, na cidade de Moscou. Nele foi formulado sistematicamente que a psicologia deveria se orientar nas bases do materialismo histórico-dialético, ou seja, do marxismo. Segundo Shuare (2016), o que havia motivado grande parte dos psicólogos soviéticos a adentrar a essa investida científica foi um artigo publicado por Lenin, em 1922, denominado: Sobre o significado do materialismo militante. Neste artigo, Lenin insistiu no dever de combater velhos anseios, preconceitos e toda a pseudociência por meio do materialismo combativo. Havia também a necessidade do partido de se aproximar de representantes das ciências naturais que almejam defendê-lo (LENIN, 2013). Devemos lembrar que eram as ciências naturais os campos que mais defendiam o materialismo no fim do século XIX e princípio do XX, embora que isso ocorresse ainda de forma mecânica.

O responsável pela sustentação na defesa do marxismo como orientação para o desenvolvimento da nova psicologia foi de Kornílov, como já havíamos mencionado anteriormente. Luria (1992) relatou que a defesa de Kornílov foi acolhida com empolgação, no entanto, que Shuare (2016) escreveu que, no dia 15 de novembro de 1923, Kornílov, assumiu a direção do Instituto de Psicologia de Moscou. Por sua vez, Chelpanov, junto com Necháev, que haviam defendido a continuação das tendências subjetivistas e empiristas da psicologia, foi destituído de seu cargo. Após esse momento, livros lançados por Necháev e panfletos escritos por Chelpanov criticavam duramente os seguidores do Instituto de Psicologia de Moscou. No entanto, esse foi um grande passo para a construção da psicologia baseada no marxismo, como escreveu Shuare (2016) “[...] reconhecer a necessidade da reconstrução da Psicologia sobre os postulados do marxismo é uma condição necessária, mas não suficiente para reconstruí-la efetivamente”. (p. 55). Segundo as informações de Lomov (1967), Kornilov havia feito uma sistemática apresentação de um artigo intitulado: Marxismo e Psicologia, onde defendeu todos esses pontos que foram expostos até aqui. Portanto, a tarefa de reconstruir a ciência psicológica por meio do marxismo agora estava de fato oficializada e submetida aos esforços coletivos. Em seu livro Estudos em psicologia, publicado em 1985, Petrovski escreveu que, ao olhar o passado, a história da psicologia soviética, podemos perceber a importância do marxismo como orientação filosófica e metodológica para a reestruturação

de toda ciência psicológica. Não apenas isso, mas também a decisão coletiva de uma abordagem única na psicologia, ou seja, a preocupação para o desenvolvimento de uma teoria geral que retirasse essa ciência de sua crise metodológica. (PETROVSKI, 1985b). Entretanto, o maior marco da proposta de Kornilov para a criação de uma psicologia marxista foi segundo Smirnov (1967), o início da destruição das tendências idealistas na psicologia soviética. Esse é um marco de grande importância, pois o novo só pode nascer da destruição do velho.

Por sua vez, o Segundo Congresso Nacional de Psiconeurologia ocorreu, entre os dias 3 e 10 de janeiro de 1924, em Petrogrado.<sup>33</sup> É nele que, pela primeira vez na psicologia soviética, apareceu um autor que futuramente daria origem à expressão mais criativa da dialética na psicologia: Liev Semiónovich Vigotski. Toda a história anterior de Vigotski, a esse congresso, constitui-se ainda como um mistério no ocidente. Das poucas informações que estão disponíveis, e é claro, são relevantes mencionarmos é que, em 1913, Vigotski se matriculou no curso de medicina da Universidade de Moscou, entretanto o trocou pelo de direito. Ao mesmo tempo, frequentou a Universidade Popular Shanyavsky, onde tinha aulas de filosofia e história. Ao se graduar, retornou a sua cidade natal - Gomel - onde se tornou professor, dirigiu algumas peças de teatro e se interessava por assuntos relacionados à crítica da arte<sup>34</sup> (RIÈVERE, 1985).

Seu interesse pela educação, em específico, por crianças cegas e surdas, que não eram educadas em seu tempo, já é notório, em seu *Psicologia pedagógica*, escrito em 1924. Mas, o que é importante escrever neste momento, é que Vigotski mudou toda a direção da psicologia soviética com seus vários colaboradores. Vigotski foi um grande nome da psicologia, no entanto, é lembrado por alguns como: O Mozart da Psicologia, por todos seus feitos teóricos e grande criatividade em resolver problemas científicos (LEVITIN, 1982).

Neste congresso, diferentemente do que narra as palavras sensacionalistas de Blanck, Luria não descreveu que Vigotski fez sua fala “[...] perante um público formado por velhos sábios de barbas grisalhas, esse jovem fez um discurso muito eloquente, sem ler nenhum texto.” (BLANCK, 2003, p. 16). Ao invés disso, Luria escreveu:

---

<sup>33</sup> Nas Referências de Luria (1992), o seguinte congresso consta na cidade de Leningrado, portanto vale esclarecer que se trata da mesma cidade. Após o falecimento de Lenin, no mesmo ano e mês do congresso, Petrogrado foi rebatizada com o nome de Leningrado.

<sup>34</sup> Vigotski se aventurou em vários campos da ciência moderna, dentre alguns podemos mencionar: Direito, filosofia, história, filologia, arte, educação, defectologia, psicologia e, no fim de sua vida, retornou à medicina com interesses particulares voltados à neurologia. Campo seguido por Luria posteriormente no desenvolvimento da neuropsicologia.

Quando Vygotsky se levantou para dar sua palestra, não portava consigo qualquer texto impresso, e nem mesmo notas. No entanto, falava fluentemente, e parecia nunca ter que vasculhar a memória à procura da próxima ideia. Fosse prosaico o conteúdo de sua fala, esta seria admirável pelo encanto de seu estilo. Mas sua fala não foi, de modo algum, prosaica. Ao invés de atacar um tema menor, como talvez fosse conveniente a um jovem de vinte e oito anos que está falando pela primeira vez aos decanos de sua profissão, Vygotsky escolheu como tema a relação entre os reflexos condicionados e o comportamento consciente do homem. (LURIA, 1992, p. 43).

Em nenhum momento, encontramos nos relatos de Luria os velhos sábios de barbas grisalhas, no lugar, encontramos as descrições da primeira impressão pessoal, causadas por Vigotski em Luria. Todavia, Luria apenas enganou-se da apresentação de Vigotski, na verdade ele havia apresentado uma comunicação denominada Os métodos de investigação reflexológicos e psicólogos, que se encontra inclusive publicado pela Martins Fontes na coletânea: Teoria e método em psicologia. No entanto, Vigotski não apresentou um único trabalho neste congresso, mas sim três. Os outros dois, um tanto quanto desconhecidos, foram: Como se deve ensinar agora a psicologia e Resultado de uma pesquisa sobre o estado de ânimo dos egressos da escola de Gomel, no ano de 1923 (SHUARE, 2016).

Sobre a importância da intervenção e fala de Vigotski, repousa um fato de grande interesse para além dos velhos de barbas grisalhas de Blanck (2003). A importância de Vigotski não foi impressionar os anciões da psicologia, até porque Luria (1992) escreveu que Vigotski não conseguiu convencer a todos em seu ponto de vista. Mas, no que diz respeito a verdadeira importância de Vigotski neste congresso, foi ao menos o convencimento de Kornílov em convidá-lo para integrar o jovem grupo de pesquisadores do Instituto de Psicologia de Moscou. Vale ainda escrever que neste congresso, o objeto de estudos da psicologia caminhava rumo ao comportamento dos seres vivos, inclusive dos humanos. Embora houvesse o reconhecimento do caráter ativo dos seres humanos presente nestas teorias, a psicologia soviética encontrava-se na direção de uma ciência comportamentalista. Smirnov (1967), escreveu que a defesa de Vigotski sobre a não exclusão da consciência nas investigações psicológicas foi de extrema importância para modificar e retirar a psicologia de outro precipício dessa vez, não do idealismo, mas sim do comportamentalismo.

Ao ser convidado por Kornílov<sup>35</sup> a compor a jovem equipe de pesquisadores do instituto, Vigotski iniciou uma imensa revisão bibliográfica da psicologia russa e

---

<sup>35</sup> Vale mencionar que Luria também havia sido convidado por Kornílov, em 1923, para integrar a sua equipe de pesquisadores. Segundo as descrições de Luria (1992), seus trabalhos a partir de uma

ocidental. O material analisado por ele deu origem a um texto denominado O significado histórico da crise da psicologia. Uma investigação metodológica. O artigo de Vigotski já foi apresentado aqui neste trabalho, mas vale novamente ser mencionado. É nele que encontramos as bases e princípios que sustentariam uma nova teoria, tais como os argumentos críticos das abordagens idealistas e mecanicistas da psicologia mundial e, principalmente, as saídas e alternativas para a construção de uma ciência psicológica condizente com o marxismo (VIGOTSKI, 1999).

Shuare (2016) resumiu com muita clareza os acontecimentos do II Congresso de Psiconeurologia em quatro itens: 1) O fim das correntes tradicionais da psicologia idealista; 2) Formulação de um programa criado por Kornílov, afim de reconstruir a psicologia sobre as bases do materialismo histórico-dialético, que contaria com a ajuda de jovens pesquisadores; 3) Surgiu o auge das abordagens objetivistas, elegendo o comportamento como objeto de estudos da psicologia e; 4) As primeiras formulações de L. S. Vigotski, que posteriormente dariam origem a uma teoria criativa e, principalmente, condizente com o materialismo histórico-dialético.

É importante apontarmos que o I e II congresso foram dois pontos históricos decisivos para o novo desenvolvimento da psicologia soviética. Artur Vladimirovich Petrovski (1924-2006) foi um eminente psicólogo soviético que trabalhou com a história e teoria da psicologia. Em seu manual, escrito para professores, relatou que a psicologia soviética se apoiou no “[...] uso criador do marxismo-leninismo para resolver os problemas psicológicos. (PETROVSKI, 1985a, p. 7). É importante frisarmos que os congressos de 1923 e 1924 foram decisivos para o princípio da atividade criadora na psicologia, embasada no materialismo histórico-dialético. Digamos que a psicologia, pela primeira vez na história, havia tomado uma decisão coletiva sobre seu desenvolvimento teórico e metodológico, ou seja, sobre seu próprio futuro. Todavia, ainda em Smirnov (1967), encontramos que esses primeiros anos de acertos e erros da psicologia soviética podem ser caracterizados pela intensa luta dos primeiros psicólogos marxistas contra os teóricos idealistas que estavam presentes desde a Rússia Czarista. Nos parece que tornou-se um consenso entre os psicólogos soviéticos definir a primeira década de existência da psicologia soviética como a luta contra o idealismo filosófico (RUBINSTEIN, 1967).

Nos deteremos agora, neste último item apresentado por Shuare, analisando o desenvolvimento teórico de Vigotski, em específico, por suas teorizações sobre a função

---

orientação objetiva no jornal: Problemas de Psicofisiologia do Trabalho e Reflexologia, dos quais haviam sido fundamentais para que recebesse o convite para ir a Moscou e impressionasse Kornílov.

imaginativa. Lembremos que Rubinstein (1986, 1959) expressou que o produto da atividade é uma fonte rica de detalhes do psiquismo humano. Portanto, analisaremos o processo pelo qual Vigotski desenvolveu suas ideias sobre a imaginação e atividade criadora.

### **3.5 - A IMAGINAÇÃO EM VIGOTSKI: O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TEÓRICO DE 1924 A 1934**

De forma geral, apresentamos até aqui um esboço histórico do desenvolvimento da psicologia soviética, que teve seu nascimento marcado com a data da Revolução de Outubro. Entretanto, apenas começou a se desenvolver a partir da visão de mundo do materialismo histórico-dialético nos princípios da década de 1920. Vimos a importância de novos teóricos como Básov e Blonski e do artigo de Rubinstein sobre o desenvolvimento da atividade criadora. Também ocorreu a defesa de Kornilov, no Primeiro Congresso de Psiconeurologia, para que a psicologia adotasse o marxismo como base para a construção de uma nova psicologia. Todavia, um dos fatos que consideramos aqui como o mais importante e decisivo para a psicologia soviética encontra-se conservado nos trabalhos de Vigotski. Nossa intenção neste momento é evidenciar o que é a imaginação para Vigotski, qual sua importância, e que função cumpre a atividade criadora no desenvolvimento social.

Para realizar essa nova tarefa trabalharemos diretamente com seis obras de Vigotski, são elas: 1) Psicologia pedagógica, capítulo 8: O reforço e a reprodução das reações (A memória e a imaginação); 2) Psicologia da arte, capítulo 9: A arte como catarse; 3) Imaginação e criação na infância; 4) O desenvolvimento psicológico na infância, capítulo 5: A imaginação e seu desenvolvimento na infância; 5) Obras escolhidas - IV. Paidologia do adolescente. Problemas da psicologia infantil, capítulo 12: Imaginação e criatividade do adolescente e; 6) A formação social da mente, capítulo 7: O papel do brinquedo no desenvolvimento. Este último, escolhemos pelas afirmações de Vigotski sobre a importância do brincar para o desenvolvimento da função imaginativa.

Assim como fizemos ao longo deste trabalho, continuaremos inserindo os períodos e acontecimentos históricos relevantes para o avanço das teorizações sobre a imaginação. Em Vigotski, em específico, sobre suas ideias acerca da função imaginativa, encontramos como mais desenvolvido seu trabalho Imaginação e criação na infância, escrito já em 1930. Nesta obra, que consistia em anotações de palestras, proferidas por

Vigotski para pais e professores, o autor já trabalhava com conceitos desenvolvidos por ele ao longo do final da década de 1920. Podemos notar claramente a presença do conceito de atividade como regente da objetivação da imaginação. Encontramos presente também seu conceito de sistemas psicológicos dos nexos e ligações que as funções apresentam umas com as outras (VIGOTSKI, 2009a).

No entanto, partiremos aqui das primeiras obras em que Vigotski se refere à função imaginativa: *Psicologia pedagógica*, escrita em 1924 e, *Psicologia da arte*, de 1925. O primeiro livro citado acima foi publicado na União Soviética pela primeira vez em 1926. Já o segundo, somente em 1965. (DELARI JUNIOR, 2012). Nestes dois trabalhos de Vigotski, sua teoria sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores a partir da interiorização mediada pelo mundo social, ainda não estava formulada. Portanto, em seu primeiro trabalho - *Psicologia pedagógica* -, o autor buscou conceitos emprestados da teoria do reflexo condicionado de Pavlov. Já na *Psicologia da arte*, Vigotski, opera também com conceitos da psicanálise. Entretanto, já conseguimos notar nos dois trabalhos a presença da crítica como condição de avanço e superação teórica do velho.

Em 1924, ocorreu uma mudança que marcaria para sempre o desenvolvimento econômico, político, intelectual e social da União Soviética. Com o falecimento de Vladimir Ilitch Ulianov, novos rumos para o progresso de uma sociedade socialista seriam tomados, o que ficaria marcado na história soviética como o período stalinista. Em sua carta ao congresso, conhecida como seu testamento político, Lenin manifestou toda sua insegurança sobre o poder concentrado nas mãos de Stalin, sendo secretário geral do partido (LENIN, 2006). Entretanto, o posto de Stalin foi mantido pelo comitê central. E, a partir de 1930, algumas medidas foram tomadas, inclusive a censura de obras estrangeiras e dos próprios trabalhos de psicólogos como, por exemplo, Vigotski e Blonski. Contudo, no momento certo iremos mencionar como a censura afetou todo o desenvolvimento da psicologia soviética.

Neste sentido, a obra de Vigotski coincide com esse primeiro momento da União Soviética, terminando com o falecimento de Lenin. Como mencionamos acima, neste momento de sua trajetória teórica, Vigotski ainda não possuía sua teoria desenvolvida. Todavia, já encontramos presente a importância da experiência dos seres humanos para a criação. Sua definição de imaginação adentra a um comportamentalismo, baseado em Pavlov e outros reflexólogos de seu tempo. Para ele a imaginação seria “[...] a organização de formas do comportamento que ainda não ocorreram na experiência do ser humano [...]”.

(VIGOTSKI, 2003, p. 153). Entretanto, a criação do novo sempre mantém seu contato com a realidade. Por mais fantasiosa que pareça uma criação, os produtos de sua síntese foram retirados da própria realidade, ou seja, poderíamos escrever que se constitui como produtos transformados pela imaginação. E com isso podemos apresentar vários exemplos: a mitologia, os contos fantásticos, as histórias de romance e ficção. Por mais fantásticos que pareçam ser todos estes produtos, encontram-se sempre vinculados com a realidade. Nada pode ser criado do nada.

Vigotski (2003) realizou em seus escritos algumas diferenciações entre o que ele chamou de funções do comportamento imaginativo. A primeira forma de imaginação apresenta por ele é denominada como sucessiva. Tudo que não ocorreu na experiência de um determinado sujeito ganha forma devido a essa qualidade da função imaginativa. Ao estudar história, por exemplo, não conseguimos buscar na memória os fatos históricos ocorridos, pois não ocorreram na experiência imediata. Contudo, com as descrições verbais do outro, torna-se possível visualizar o que não encontra-se presente na memória, ou seja, na experiência imediata. Vigotski apresenta um exemplo interessante sobre isso. Ele escreveu:

Se desejarmos suscitar no aluno uma representação vívida do Saara, devemos encontrar em sua experiência real todos os elementos a partir dos quais essa representação deve ser construída. Por exemplo, a esterilidade, as dunas, a imensidão, a falta de água, o calor; tudo isso tem de ser unido, mas ao mesmo tempo tudo deve se basear na experiência direta do aluno. Isso não quer dizer, naturalmente, que cada um desses elementos tenha de ser tomado diretamente de uma percepção imediata. (VIGOTSKI, 2003, p. 154).

Neste sentido, quanto mais rica for uma descrição sobre determinado ambiente, período histórico e assim por diante, maior será também a apropriação do conteúdo ensinado pelo professor. Nas histórias literárias, encontramos com facilidade essas descrições, que auxiliam o leitor a imaginar todo o contexto, personagens e tramas que se sucedem.

Além da imaginação sucessiva, Vigotski (2003) apresenta outra função do comportamento imaginativo: a emocional. Para o autor, a imaginação seria um “[...] aparelho que realiza diretamente o trabalho de nossas emoções.” (p.155). Por exemplo, as obras de arte, peças de teatro, entre outros trabalhos artísticos que despertam traços emocionais no sujeito. A emoção neste caso não está apenas no quadro ou na música, mas também na experiência do próprio sujeito, notamos aqui uma relação dialética entre a emoção do artista e do espectador. É curioso notar que Vigotski ainda não conhecia a lei

do duplo vínculo da emoção teorizada pelo psicólogo francês Théodule-Armand Ribot (1839-1916). Entretanto, desde muito cedo, em suas produções científicas, Vigotski já apresentava a devida importância do papel das emoções para o desenvolvimento da imaginação, em específico da própria atividade criadora. Suas contribuições sobre o papel que cumpre as emoções humanas na objetivação da imaginação retornarão em seus estudos posteriores.

Vigotski (2003) elaborou uma terceira função do comportamento imaginativo chamada de educativa. Para que um sujeito consiga desenvolver sua primeira função - sucessiva -, e a segunda - emotiva -, sua imaginação deveria ser educada. Para isso cumpre o papel do professor enquanto regente da educação e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Portanto, já encontramos nas primeiras obras de Vigotski a importância da educação mediada. A imaginação não deve ser uma função imediatista ou ainda intuitiva e momentânea como já explicamos a partir das ideias de Ignatiev (1960).

O ato de criar, seja ele sucessivo ou emocional deve sempre ser educado. A criação não é um jogo livre, uma mera objetivação momentânea. Sem a educação da função imaginativa, as possibilidades dadas para o sujeito encontram-se restritas ao imediatismo. É interessante apontarmos que Vigotski (2003) já apresentava a necessidade de se educar a imaginação, pois a experiência infantil é mais restrita que a do adulto, tornando sua imaginação limitada a suas possibilidades. Como toda função psicológica superior, a imaginativa também deve ser desenvolvida. Porém, sua educação requer alguns cuidados. Para Vigotski:

[...] a educação da fantasia deve ser realizada, acima de tudo, pela linha da elaboração do respeito a realidade. A criança deve ser educada com grande respeito pelo real, mas por real não deve se entender o pequeno mundo que a rodeia. Aqui se trata dessa grande realidade que nos circunda, se não quisermos criar um pequeno-burguês e um medíocre. Temos de admitir que, quando se fica encerrado nesse estreito círculo dos interesses imediatos, isso vai criando em crianças e adultos uma forma de voo curto, uma concepção miúda de vida, limitada e arrogante. (p. 157).

A imaginação deve ser educada a partir de várias possibilidades para resultar em um desenvolvimento, tal qual o sujeito consiga visualizar que o mundo em que vive nem sempre foi assim, mas, acima de tudo, nem sempre precisará ser assim. Utilizando um conceito que Vigotski desenvolveu mais à frente em suas teorizações, podemos afirmar que a necessidade de educar a imaginação é na intenção dela não se fossilizar enquanto função psicológica superior (VIGOTSKI, 2007a). Existem sujeitos que fossilizam sua

experiência nos primeiros anos de sua juventude, encerram-se no preconceito tolo, calcado pela ideologia burguesa, algo que já demonstramos com Marx (2013) e o pecado original da burguesia. A ideologia faz parte da psicologia, neste sentido, a psicologia que possuímos até os dias de hoje se desenvolveu como ideológica, na estreita briga entre socialismo e capitalismo. Entretanto, tomamos partido dessa luta e propomos que a educação da função imaginativa deva permitir que o sujeito vivencie em suas ilusões, tal como escreveu Ignatiev (1960), um quadro distinto para a sociedade que vive. A vida não deve se encerrar na experiência imediata do sujeito, mas criar condições para seu desenvolvimento imaginativo. A educação da imaginação deve respeitar as próprias leis da realidade objetiva. O sujeito deve sim imaginar um quadro diferente para a sociedade em que vive, contudo não deve ficar restrito apenas a sua ilusão, mas deve acima de tudo objetivar seus sonhos dentro do limite da própria realidade e momento histórico que vive. É por isso que a imaginação deve ser educada, pois ela “[...] é sumamente útil como servidora, porém é prejudicial como amo [...]”. (p. 157). Ela deve servir ao sujeito e nunca o contrário. Quando isso ocorre, o sujeito se distancia das próprias possibilidades que estão dadas na realidade.

Podemos notar a importância dada por Vigotski (2003) para a imaginação, não como função especial, manipuladora de toda criação, mas como um importante aspecto do comportamento humano. Neste primeiro momento das teorizações de Vigotski, ficou claro também seu apreço pelo materialismo, embora ainda calcado no mecanicismo da reflexologia e da teoria dos reflexos de Pavlov. Todavia, as considerações de Vigotski já apontavam a necessidade da educação do psiquismo humano, o que aparece aqui, ainda, como comportamento. Como próxima manifestação do desenvolvimento de sua compreensão da imaginação, encontramos seu livro *Psicologia da arte*, escrito em 1925, mas publicado postumamente apenas em 1965.

*Psicologia da arte* constitui-se como uma das obras mais complicadas da história das teorizações de Vigotski. Seu caráter crítico e, principalmente, a apropriação pela arte que o autor possuía, dificulta a compreensão de todas suas análises críticas ao longo do livro. Também se constitui como um mistério, até os dias de hoje, o motivo pelo qual Vigotski não publicou este material. Delari Junior (2010) escreveu que o livro de Vigotski seria sua tese de doutorado aprovada, mas sem necessidade de defesa o que marcou a própria complexidade e riqueza de detalhes críticos neste material. Por sua vez, Leontiev (1999) escreveu que a tese de doutorado de Vigotski - *Psicologia da arte* -, teria sido defendida em 1925. A crença de Leontiev sobre a não publicação deste material se deu

sobre a ausência de uma teoria psicológica que sustentasse os argumentos de Vigotski.

Para ele:

L. S. Vigotski resolvia duas tarefas: oferecer tanto uma análise objetiva da obra literária quanto uma análise objetivo-materialista das emoções humanas que surgem ao ler a obra. Enquanto momento central desta última, o autor destaca legitimamente a contradição interna de sua estrutura. Mas a tentativa de analisar objetivamente as emoções provocadas por tal contradição não tem não tem êxito (e não podia tê-lo, dado o nível de desenvolvimento alcançado até então pela ciência psicológica). Isso predetermina o caráter relativamente inacabado e unilateral da *Psicologia da arte* (reflexão que, ao que tudo indica, o próprio autor também teria feito porque, apesar de ter a possibilidade de publicar o livro em vida, não o fez. (LEONTIEV, 1999, p. 433).

O caráter inacabado da obra de Vigotski, como descrito por Leontiev, é uma das grandes dificuldades de se trabalhar com este material. Portanto, apesar das grandes contribuições e críticas levantadas por Vigotski, tanto em Psicologia pedagógica como em Psicologia da arte, devemos lembrar que estes dois textos ainda não contam com um sistema de ideias psicológicas desenvolvidas. Isso começaria a ser feito a partir de sua revisão crítica da psicologia em todo o mundo, apesar disso já existir em seus primeiros escritos como germe. Desde suas primeiras obras, já nos deparamos com sua característica crítica.; aquela mesma iniciada por Marx (2010b) em sua Crítica da filosofia do direito de Hegel.

Em seu Psicologia da arte, Vigotski (1999b) escreveu que, no campo da análise artística, encontramos presente algumas áreas da psicologia teórica, principalmente; a percepção, sentimento e imaginação. É interessante notar que, mesmo ainda não possuindo sua teoria sobre os sistemas psicológicos, que se sintetizam, como os nexos e ligações entre as funções psicológicas, Vigotski já apontava a necessidade do trabalho mútuo dessas funções para a criação artística. No entanto, considerando os sentimentos e a imaginação como condutora desse processo, atribuindo a percepção a um caráter secundário. Compreenderemos mais à frente que Vigotski atribuirá maior importância a todas as funções no processo de criação, entretanto mantendo sempre as emoções como função primordial para a atividade criadora. É importante apontarmos que Vigotski, já em 1925, apontava os poucos estudos nestes dois campos que movem a criação humana. Ele escreveu que:

[...] é preciso dizer que na psicologia não há capítulos mais sombrios do que esses dois, e que são precisamente estes que ultimamente vem sendo objeto de maior elaboração e da mais ampla revisão, embora caiba lamentar que até hoje

não dispomos de um sistema minimamente reconhecido e acabado de teoria do sentimento e da fantasia. (VIGOTSKI, 1999b, p. 250).

Como uma de nossas constatações ao longo deste trabalho e, principalmente, na busca pelos bancos de teses e dissertações, por exemplo, encontramos que até hoje - ao menos nas teorizações sobre a imaginação -, esse fato ainda é uma determinação. Como já afirmamos no princípio dessa dissertação, os estudos da imaginação se encerraram na infância como se fosse uma dádiva infantil, enquanto para o adulto pouco importaria desenvolver sua função imaginativa. A necessidade do desenvolvimento da imaginação perpassa a infância não se restringindo aos anos iniciais. Demonstramos, com Ignatiev (1960), a importância dessa função psicológica superior nas atividades técnicas, artísticas e científicas, que encontram-se ainda restritas na infância pelo pouco acúmulo de experiência da criança. A imaginação na infância deve sim ser estudada, contudo propondo seu desenvolvimento em todas as etapas da vida. As formas mais desenvolvidas dessa função resguarda as explicações das formas ainda menos desenvolvidas, ou seja, compreendemos a imaginação do adulto, para explicar qual o processo de sua formação na infância. Encontramos apoio em nossas afirmações quando Vigotski escreveu que:

Este campo continua extremamente mal estudado, como o campo do sentimento, e para a psicologia moderna o mais enigmático e problemático continua a ser a relação dos fatos emocionais com o campo da fantasia. (VIGOTSKI, 1999b, p. 250).

Quase um século após estas palavras de Vigotski, a psicologia ainda encontra-se neste impasse. Não descobrimos ainda todas as leis que movem a criação humana. A psicologia eclética e idealista que retornou com força nos últimos anos atuou como impasse neste desenvolvimento. A conciliação teórica e a psicologia como ciência diversa atua nesse mesmo problema.

É também nesse momento que Vigotski a todo instante trabalha em busca de uma psicologia objetiva, que caracterizou grande parte de suas discussões teóricas no princípio da psicologia. Já apresentamos que a psicologia objetiva foi defendida por Kornilov e Blonski nos anos iniciais do regime soviético e da reformulação de toda a psicologia (SMIRNOV, 1967).

Outro ponto interessante deste momento são os diálogos com o psicólogo francês Ribot, que dedicou uma obra completa ao estudo da imaginação. Vigotski (1999b) revisou vários materiais que apontavam a estreita relação entre emoção e imaginação ou ainda

como dependência mútua uma da outra. Essa dependência foi nomeada como lei da dupla expressão das emoções<sup>36</sup>. Brevemente, podemos mencionar que nessa lei, em um primeiro momento, ao depender dos estados emocionais, o sujeito cria imagens que não existem ou ainda que não condizem com a realidade. Em um segundo momento, é a imaginação que despertaria reações emocionais no sujeito. Todavia, esse fato não se constitui simplesmente nessa breve explicação. Mas, ao analisarmos as obras posteriores de Vigotski, em específico, a Imaginação e criação na infância, esse problema retornará e será reformulado por ele, de forma que seus argumentos tornam-se mais convincentes e condizentes com a objetividade destes dois processos.

Assim como em seu Psicologia pedagógica, Vigotski (1999b) não conseguiu ainda em Psicologia da arte estruturar uma teoria consistente sobre a função imaginativa. Ainda não havia encontrado um caminho pelo qual a imaginação relaciona-se com as emoções, algo que já apontou em sua análise sobre a arte e a psicologia. Entretanto, após 1925, algumas mudanças aconteceriam em sua vida. Já mencionamos que, em 1924 Vigotski havia sido convidado por Kornilov a integrar a equipe de jovens pesquisadores do Instituto de Psicologia de Moscou. Neste sentido, quando Vigotski se mudou, no fim do ano para Moscou, iniciou uma série de trabalhos com novos colegas, dando origem a uma nova abordagem na psicologia. Não nos importa aqui apontar o nome dado à teoria de Vigotski ou ainda o escolhido pelo próprio autor. Talvez isso se constitua como um próximo trabalho. Todavia, vale mencionar que, segundo consta em algumas bibliografias como a de Luria (1992), Vigotski nunca batizou formalmente sua teoria. Segundo Luria, ele apenas gostava de chamá-la de cultural, instrumental e histórica<sup>37</sup>. Cada um desses conceitos refletia uma nova característica de uma abordagem que havia nascido na psicologia. Em seu livro O cérebro humano e os processos psíquicos, Luria (1979a) escreveu que Vigotski havia denominado os campos de sua investigação como psicologia instrumental devido à mediação de signos e instrumentos para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Por sua vez, Smirnov escreveu que Leontiev afirmou, em um artigo, que a consciência foi para Vigotski “o alfa e o ômega de todo criativo caminho de L. S. Vigotski.” (LEONT’YEV, S/D, S/P apud SMIRNOV, 1967, p. 21). Mais à frente, Smirnov, seguindo uma tendência de Leontiev, denomina a teoria de Vigotski como Sócio-Histórica. Outro autor que não poderíamos deixar de mencionar é

---

<sup>36</sup> Ao depender da tradução do material podemos também encontrar como lei da dupla expressão dos sentimentos, entretanto trata-se do mesmo fenômeno.

<sup>37</sup> Retornaremos em breve com cada um desses aspectos descritos e explicados por Vigotski em sua teoria.

Rubinstein. Segundo ele, Vigotski havia ganhado grande atenção com sua “teoria do desenvolvimento cultural das funções psicológicas superiores.” (RUBINSTEIN, 1967, p. 102). Em outra obra, em específico, em O desenvolvimento da psicologia de 1959, Rubinstein, ao se referir a compreensão de Vigotski sobre a atividade, escreveu: “ultimamente se apresenta, entre nós, esta concepção como ‘linha’ de Vigotski [...]” (RUBINSTEIN, 1963, p. 337). Neste sentido, não encontramos um consenso sobre o nome dado por Vigotski a sua teoria, apenas aqueles que foram atribuídos a ela após seu falecimento. Como mencionamos, esse é um assunto amplo para outro trabalho. No entanto, não poderíamos deixar de mencionar alguns fatos presentes na própria história do princípio do desenvolvimento teórico de Vigotski e os equívocos em atribuir certos nomes à abordagem teórica do autor.

Ao iniciar seus trabalhos em Moscou, Vigotski teve ajuda de jovens pesquisadores que viriam a ser grandes nomes da psicologia soviética. Dentre tais colaboradores encontramos Luria e Aleksei Nikolayevich Leontiev (1903-1979)<sup>38</sup>. A colaboração desses três jovens pesquisadores daria origem a uma conhecida parceria que foi denominada como *troika*.

Quando Vigotski se juntou a Luria e Leontiev, no Instituto de Psicologia de Moscou, ambos ainda desenvolviam trabalhos com a teoria reatológica de Kornílov. Alguns desses trabalhos, como já mencionamos aqui, possuíam uma característica eclética, objetivando unir psicanálise e marxismo em uma soma mecânica, retirando da teoria freudiana a sexualidade e inserindo o materialismo que, no entanto, nada tinha de marxista, mas sim de feuerbachiano (LURIA, 1977). Luria ainda realizava pesquisas com o método do motor combinado junto com Leontiev, que encontra-se bem descrito ao longo de seu livro A construção da mente (LURIA, 1992).

Luria (1992) escreveu que, desde a chegada de Vigotski, iniciaram um trabalho de revisão da psicologia russa e ocidental, identificando nas abordagens estudadas as características inconsistentes da psicologia. Já demonstramos esse fato ao comentar sobre o resultado dessa revisão feita por Vigotski expressa em sua crítica à crise da psicologia. Era também Vigotski, o principal teórico marxista no Instituto de Psicologia de Moscou.

---

<sup>38</sup> Sobre Leontiev, existem vários boatos, dentre um deles levantado por Blanck (2003), sobre uma suposta briga com Vigotski. Acreditamos que os julgamentos morais devem estar ausentes da ciência, portanto, o que apresentaremos aqui faz parte de um momento histórico e de pesquisas que mudariam o rumo de toda a psicologia soviética. Esse é um fato que boato nenhum pode negar.

Possuía não apenas conhecimento sobre as obras de Marx, mas sobretudo do próprio materialismo histórico-dialético. Sobre isso, Luria escreveu que:

Influenciado por Marx, Vygotsky concluiu que as origens das formas superiores do comportamento consciente estavam nas relações sociais do indivíduo com o meio externo. Mas o homem não é só um produto de seu meio ambiente: também é um agente ativo na criação desse meio ambiente. O vão existente entre as explicações científicas naturais dos processos elementares e as descrições mentalistas dos processos complexos não poderia ser transposto até que descobríssemos como os processos naturais, como a maturação física e os mecanismos sensoriais se interligavam com os processos culturalmente determinados para produzir as funções psicológicas adultas. Precisávamos, por assim dizer, tomar uma certa distância do organismo para descobrir as fontes das formas especificamente humanas de atividade psicológica. (LURIA, 1992, p. 48).

Como já mencionado por Luria, a fonte das formas da atividade psicológica especificamente humana encontra-se na cultura e sociedade que o sujeito vive. No entanto, a interiorização dessas formas superiores da atividade psicológica não se transpõe para dentro do sujeito de forma mágica ou mecânica. Assim como as teorizações feitas por Vigotski não surgiram de um dia para outro em seus estudos. Mas, foi o tempo de trabalho dedicado à pesquisa que permitiu suas teorizações sobre as formas superiores da conduta humana. Neste sentido, algo fica mais do que evidente em nossa colocação acima: o produto final esconde o processo pelo qual ele se desenvolveu. Assim como Vigotski não edificou sua teoria da noite para o dia, a criança, por exemplo, não interioriza o comportamento tipicamente humano da mesma forma. É um processo pelo qual as três características levantadas por Luria sobre a teoria de Vigotski - cultural, instrumental e histórica - participam a todo instante do desenvolvimento psíquico.

A característica instrumental do psiquismo humano refere-se ao modo como as funções psicológicas superiores são interiorizadas pela criança, ou seja, devido sua atividade instrumental e de comunicação com os adultos que estão a sua volta (LURIA, 1992). Podemos ainda pegar emprestado de Mukhina (1995) uma ideia que exemplificaria muito bem essa primeira característica do psiquismo humano e da interiorização das funções psicológicas superiores. Mukhina escreveu que a criança herda, ao nascer, não uma herança biológica e imutável, mas sim uma herança social. Nela, se conservam todas as criações humanas, dentre tais os instrumentos que servem como mediadores entre o sujeito e o mundo que vive. A atividade que modifica o mundo e, portanto, também o sujeito, é sempre objetivada graças à utilização de instrumentos criados por seres humanos para outros seres humanos.

O segundo termo de sua teoria, o cultural, envolve um aspecto que torna-se condizente com a sociedade em que o sujeito se desenvolveu (LURIA, 1992). Essa determinação é condizente com a afirmação de Marx (2008), pois o modo de produção e reprodução da vida promove diferentes condições para o desenvolvimento político, intelectual e social. Neste sentido, as condições culturais oferecidas para a criança atuam diretamente em seu desenvolvimento. Não podemos avaliar com os mesmos instrumentos e teorias uma criança que nasceu em uma sociedade capitalista e outra que viveu em uma tribal. As condições do desenvolvimento de ambas são qualitativamente diferentes. É por isso que não devemos construir em nossa avaliação um ser humano abstrato, mas sim concreto, que existe no mundo, atua sobre o mesmo e se modifica continuamente.

Por fim, o terceiro aspecto dessa nova teoria criada por Vigotski, já a partir da segunda metade da década de 1920, é a característica histórica que o autor deu ao psiquismo (LURIA, 1992). Ou ainda, utilizando um termo de Shuare (2016), podemos afirmar que Vigotski foi o primeiro teórico a situar o psiquismo no tempo. Ao escrevermos sobre a importância da imaginação, mencionamos que sua estima reside em um simples fato: o sujeito visualizar que o mundo nem sempre foi assim, é assim, entretanto, não precisa ser assim no futuro. Digamos que o psiquismo segue essas mesmas leis de temporalidade. O desenvolvimento psíquico da criança do período que Vigotski escreveu era completamente distinto da criança da idade média. Poderíamos até afirmar que a criança, atualmente, passa por um desenvolvimento completamente diferente daquela da década de 1920. Essa é uma determinação que ocorre por conta do desenvolvimento de novos instrumentos e mudanças das relações culturais, ou seja, condições históricas determinadas pela produção e reprodução da vida social. Encontramos a história como movimento e condição para o desenvolvimento psíquico.

Entretanto, estas três fontes constituintes da psicologia de Vigotski resulta em um problema que deve ser explicado. Como solução apresentamos brevemente o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e um conceito que mudou toda a forma de se explicar as formas mais complexas do comportamento tipicamente humano: os sistemas psicológicos. As explicações sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores são modificadas, qualitativamente, quando expressada pelos sistemas psicológicos. Agora as funções perdem a qualidade de especial, passando atuar de forma integrada na atividade humana. Essa é uma das condições que afirmamos que a imaginação não se constitui como uma função especial do psiquismo, mas faz parte de uma relação sistêmica da atividade psicológica.

O problema sobre as funções psicológicas superiores, já no fim do século XIX e princípio do XX, apresentava um problema sem resolução: qual sua localização no cérebro humano? Ao menos as teorias materialistas tentavam encontrar algumas respostas, enquanto os idealistas negavam a importância do cérebro. Podemos lembrar da defesa de Kornílov sobre a importância do cérebro como matéria altamente organizada (SHUARE, 2016). No entanto, até a segunda metade da década de 1920, o problema da localização das funções psicológicas superiores, assim como as explicações acerca de seu desenvolvimento ainda eram um mistério para a ciência psicológica. A psicologia até então descrevia muito bem os processos superiores, os teóricos sabiam da existência das funções psicológicas, todavia as explicações não apresentavam argumentos e fatos experimentais que sustentassem as hipóteses (LURIA, 1979a).

Vigotski deveria resolver um problema que, desde o fim do século passado, surgia como um tabu na ciência psicológica. Os teóricos haviam conseguido explicar os processos psicofisiológicos, entretanto os superiores ainda continuavam como um mistério para a recente psicologia. Coube a Vigotski, por fim, este mistério da ciência psicológica. A resposta encontra-se nas três fontes de sua teoria apresentadas acima. Contudo podemos destacar a importância dos instrumentos para explicar, de forma mais detalhada, como se desenvolvem tais funções. Luria (1979a) escreveu que:

Se a utilização dos instrumentos tornou possível o domínio do mundo material externo, a utilização dos signos permitiu que o homem dirigisse seus próprios processos psicológicos. Ao introduzir mudanças no meio e ao subordinar-se a estas mudanças, o homem constrói de novo sua atividade consciente. (p. 56).

Vigotski (2007a) utilizou-se de uma analogia para poder explicar a importância dos signos na atividade psicológica. Ele escreveu que o signo realizaria o papel semelhante à ferramenta, entretanto atuando como instrumento psicológico. O signo, portanto, atua no que os soviéticos denominaram: autocontrole da conduta, ou seja, o sujeito possui domínio sobre sua própria atividade consciente. Analogias à parte, podemos afirmar que a diferença primordial entre instrumento e signo é que o primeiro atua na modificação do objeto externo, enquanto o segundo como meio da atividade psicológica.

Luria (1979a) escreveu que, para se compreender o processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, devemos ter a clareza de que toda função superior é primeiro interpsicológica e na atividade adquire uma característica intrapsicológica.

Podemos resumir da seguinte maneira: o educador, por exemplo, em um primeiro momento dirige a atenção da criança, ela ainda é um processo interpsicológico, encontra-se ausente em sua complexidade na criança. Contudo, com a mediação dos instrumentos e dos signos a criança interioriza esse processo, criando uma estrutura intrapsicológica. Luria, por sua vez, escreveu sobre a significativa importância da linguagem nesse processo. Em suas palavras encontramos:

Tipos de signos externos que substituem as formas imediatas da adaptação ao mundo exterior por umas formas novas, as formas mediadas da atividade psíquica, obtiveram especial importância e se converteram no objeto de investigações especiais. Se trata do sistema que tem se formado no milenário processo de desenvolvimento histórico - do sistema da *língua* -. Precisamente a língua (e a linguagem que a utiliza) não só serve de meio de comunicação, mas que permite também a conservação e transmissão da experiência as gerações futuras. A língua permite extrair os traços substanciais, generalizá-los, formando uma relação categorial com a realidade e determinando praticamente todos os aspectos da atividade consciente. (LURIA, 1979a, p. 59 - Grifos no original).

O desenvolvimento da linguagem cria novas condições para a reorganização sistêmica de todas as funções psicológicas superiores, incluindo as primeiras manifestações da função imaginativa na infância. O domínio da linguagem, também promove o domínio da atividade consciente ou ainda do autocontrole da conduta. Além disso, como afirmou Luria (1979b), a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas acima de tudo, “[...] um *veículo de pensamento*.” (p. 62 - Grifos no original). Portanto, devemos ter a clareza de que a linguagem não é um processo natural dos seres humanos, pelo contrário, constitui-se como uma função psicológica superior desenvolvida em um processo histórico e cultural. É por isso que Vigotski, escreveu que:

O uso de meios artificiais - a transição para a atividade mediada - muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividade em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica *superior* ou *comportamento superior* com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica. (VIGOTSKI, 2007a, p. 56).

Neste sentido, apenas reafirmamos o caráter social e não natural das funções psicológicas superiores, surgindo dessa relação entre signo e instrumento na atividade mediada. Em um primeiro momento essa função é exterior ao sujeito, mas em sua atividade ocorre a reconstrução do que antes era uma operação externa, ou seja, a interiorização das funções psicológicas superiores (VIGOTSKI, 2007a). No entanto, algo

deve ficar claro desde já. Sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, devemos evidenciar que elas não se desenvolvem de forma isolada, mas sim como sistemas.

O conceito de sistemas psicológicos,<sup>39</sup> desenvolvido teoricamente já na segunda metade da década de 1920, também foi uma das grandes realizações de Vigotski para os estudos das funções psicológicas superiores, em específico, da imaginação. Os sistemas psicológicos se constituem nas relações entre as funções psicológicas superiores durante o desenvolvimento humano ou ainda no processo de desintegração, ou mudanças patológicas que alteram as relações entre estas mesmas funções superiores. De forma simples e sintética Vigotski (1999a), escreveu que

A ideia principal (extraordinariamente simples) consiste em que durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções, tal como tínhamos considerado anteriormente (era esse nosso erro), nem sua estrutura, nem sua parte de desenvolvimento, mas que o que muda e se modifica são precisamente as relações, ou seja, o nexos das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior. É por isso que, quando se passa de um nível a outro, com frequência a diferença essencial não decorre da mudança intrafuncional, mas das mudanças interfuncionais, as mudanças nos nexos interfuncionais, da estrutura interfuncional. (p. 105).

A ideia de Vigotski é de fácil compreensão, embora trate de um problema complexo. O que muda em si neste processo não é o desenvolvimento isolado das funções psicológicas superiores, mas o aumento de criações de nexos entre os mesmos processos (VIGOTSKI, 1999a). Podemos utilizar um exemplo simples para expressar essa relação. Quando a criança inicia seu processo de alfabetização, não é apenas a motricidade que deve se desenvolver para segurar o lápis. também se desenvolvem outras funções, tais como: percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem, imaginação, entre outras. Todavia, esse desenvolvimento não ocorre de forma isolada e fragmentada. Primeiro se desenvolve a motricidade, depois a percepção e assim sucessivamente. Pelo contrário, todas essas funções estão em desenvolvimento contínuo e mútuo. A relação que

---

<sup>39</sup> Devemos introduzir uma nota neste momento, explicando a utilização dos sistemas psicológicos pelos soviéticos, o que se constitui ora ou outra com grande confusão. Em algumas obras dos teóricos soviéticos encontramos, a todo instante, a denominação sistemas psicológicos para se referir à escola, teoria ou abordagem de determinados autores. Por exemplo, o sistema psicológico criado por Vigotski e seus colaboradores englobou as explicações sobre o desenvolvimento da atividade e das funções psicológicas superiores. Entretanto, o conceito de sistemas psicológicos desenvolvido por Vigotski para expressar os nexos entre as funções psicológicas superiores não expressa uma abordagem, teoria ou escola, mas sim as relações sistêmica entre os processos complexos do psiquismo humano.

estabelece uma com a outra muda no decorrer deste processo de alfabetização. A criança estabelece uma relação com todas essas funções, sendo primeiro uma mudança nos nexos interfuncionais, diga-se de passagem, organizado pelo professor. Nesta atividade contínua, as ligações entre suas funções se modificam, e o que antes era interfuncional, organizado pelo educador, passa agora a estabelecer uma relação intrafuncional, organizada pelo próprio sujeito. O caráter sistêmico do psiquismo humano é de fato uma determinação, pois todas as funções psicológicas superiores estão estabelecendo nexos entre si. Um determinado sujeito não deixa de evocar sua memória para ter de perceber determinado objeto ou se atentar a alguma situação, pois suas funções estão em uma contínua ligação.

Portanto os sistemas psicológicos constituem-se como “[...] o aparecimento dessas novas e mutáveis relações nas quais se situam as funções [...]” (VIGOTSKI, 1999a, p. 106). Quando escrevemos sobre estes sistemas, envolvemos todas as funções psicológicas superiores, incluindo a função imaginativa. Vimos com Ignatiev (1960) que o processo de criação científica, por exemplo, não envolve apenas a imaginação, mas todos os outros processos superiores. O cientista que apenas imaginasse estaria fadado ao fracasso, não percebendo, se atentando nem lembrando sobre fatos e dados já acumulados ou que coletou durante suas pesquisas. É por isso que enfatizamos a importância da compreensão sistêmica do psiquismo humano. Em um exemplo dado por Vigotski, o autor escreveu que “a criança que lembra uma série de palavras com ajuda de imagens apoia-se não apenas na memória, mas também na fantasia, em sua habilidade para encontrar a analogia ou a diferença.” (VIGOTSKI, 1999a, p. 110). Assim sendo, a imaginação não deve ser tratada como função especial, pois faz parte de toda uma relação sistêmica. O fato que podemos elucidar aqui é que se desenvolveu na criança, por exemplo, novas conexões e relações entre as funções que não existiam anteriormente.

Sobre as mudanças nas conexões das funções psicológicas superiores, Vigotski (1999a) realizou uma explicação e exemplificação bem simples desse processo ao longo do desenvolvimento humano, que se constitui como uma mudança complexa no comportamento do sujeito. A criança, quando ainda muito pequena, lembra de algo para poder pensar. Ela deve lembrar, por exemplo, de sua avó - algo que se encontra em sua experiência concreta - para poder pensar no que seria uma avó. Contudo, essa relação na idade de transição se altera, e o adolescente que antes precisava lembrar para poder pensar, agora estabelece uma relação diferente, ele pensa para poder lembrar. Isso é o princípio de todo o desenvolvimento de sistemas de conceitos, permitindo que o sujeito

trabalhe com operações abstratas nas situações que encontra-se envolvido. O adolescente ao pensar no conceito avó, pode eventualmente, recordar-se de fatos passados com sua avó. Mas esse não é uma determinação, pois agora o sujeito está livre para operar com conceitos abstratos e mais complexos sobre o objeto.

Porém, é preciso ainda alertar sobre algo relacionado aos sistemas psicológicos. As relações mutáveis não encontram-se apenas restritas a estes poucos exemplos que elucidamos ao longo de nosso texto. São muitas as ligações e conexões entre as funções psicológicas superiores, permitindo que o sujeito desenvolva vários sistemas psicológicos. Entretanto, ao mesmo tempo que esses sistemas se desenvolvem, também se desintegram ou ainda apresentam mudanças patológicas, essas alterações, por sua vez, reorganizam qualitativamente os sistemas psicológicos e, principalmente, a relação do sujeito com o mundo.

No decorrer dos trabalhos de Vigotski e de seus colaboradores, esbarramos em novos conceitos e teorizações sobre as funções psicológicas superiores, incluindo os sistemas psicológicos. Em uma obra publicada em 1930, a partir de palestras e conferências para pais e professores, encontramos a todo instante esses conceitos participando das explicações do desenvolvimento da imaginação, em destaque, da atividade criadora. Entretanto, antes de analisarmos a Imaginação e criação na infância, podemos apenas mencionar alguns acontecimentos na própria ciência psicológica que determinaram os rumos futuros das pesquisas neste momento histórico.

No dia 22 de outubro de 1928, o editorial soviético: *Jornal de psicologia geral*, havia recebido um artigo de Vladimir Maksimovich Borovski (1882-1963)<sup>40</sup>, um zoopsicólogo, integrante do grupo de pesquisadores do Instituto de Psicologia de Moscou, coordenado pelo professor Kornilov. No artigo intitulado *Psicologia na U.R.S.S*, encontramos detalhadamente as pesquisas que estavam sendo realizadas pelo grupo de jovens investigadores recrutados por Kornilov. Borovski (1928) escreveu que na segunda metade da década de 1920, outra batalha estava sendo travada na psicologia. Se a primeira metade desta mesma década se caracterizou pela luta contra o idealismo, a outra metade

---

<sup>40</sup> Vale mencionar que, ao buscar a data de nascimento e falecimento de Borovski, nos deparamos com algumas curiosidades. Vários sites que disponibilizam uma breve biografia da vida de teóricos soviéticos não apresentavam a data de falecimento como, por exemplo, o site da Universidade Federal da Crimeia com o nome de Vivernadsky. Em outros sites encontramos o falecimento datado como 1948, ano em que foi exilado para Chelyabinsk por suas pesquisas genéticas. Entretanto, no mesmo site da Universidade, encontramos dados de que Borovski foi o diretor do Departamento de Anatomia, Fisiologia e Zoologia do Instituto Pedagógico do Estado de Chelyabinsk entre os anos de 1950 e 1963. Neste sentido, a suposição em algumas breves biografias como no IPRAS, é de que Borovski tenha falecido no ano de 1963.

se deu pela crítica às tendências mecanicistas e, em específico, a reflexologia. Os principais críticos das ideias reflexológicas estavam desenvolvendo suas pesquisas no Instituto de Psicologia de Moscou, inclusive Vigotski. Todavia, não era o único teórico promovendo junto com Kornílov a criação de uma nova psicologia. Muito menos a conhecida *troika* limitava-se com o número de pesquisadores neste momento. Borovski em seu artigo cita alguns nomes que podemos mencionar:

O mencionado acima, memórias do S. I. E. P<sup>41</sup>. contém, também, trabalhos de seguidores, antigos e novos, colaboradores do Instituto: M. A. Reissner, A. R. Luria, A. N. Zalmnson, V. A. Artemov, B. D. Friedman, V. M. Borovski, L. S. Vygotski, P. P. Blonski, A. H. Leontev, I. N. Spilrein, S. G. Gellerstein, N.A. Rybnikov, N. F. Dobryin, N. E. Akimov, A. S. Chernishov. (BOROVSKI, 1928, p. 182).

É impressionante o desconhecimento que possuímos destes autores que ajudaram a fundamentar a psicologia soviética realizando pesquisas e experimentos de forma coletiva e nunca individualista. A segunda metade da década de 1920 caracterizou-se, portanto, pelas pesquisas desenvolvidas principalmente pelo grupo do Instituto de Psicologia de Moscou. Entretanto, o desenvolvimento da ciência psicológica não se limitou apenas a Moscou, mas a importância deste coletivo nos primeiros passos do desenvolvimento da psicologia soviética é incontestável. Borovski (1928) ainda continua apresentando os trabalhos desenvolvidos pelos autores do Instituto, do qual encontramos o Psicologia pedagógica de Vigotski.

No mesmo seguimento de apresentações de pesquisas, Borovski (1928) reafirma o que afirmamos no parágrafo anterior: as pesquisas eram construídas de forma coletiva. Todavia o autor não apresentou apenas a colaboração do Instituto de Psicologia de Moscou, como também a colaboração mútua entre outros locais da União Soviética, tais como: Instituto de Ciências Pedagógicas de Leningrado e o Departamento de Psicofisiologia Experimento da Ucrânia em Járkov. Portanto, neste mesmo instante, segunda metade da década de 1920, uma série de psicólogos, fisiólogos, filósofos e até mesmo zoopsicólogos estavam envolvidos na reconstrução teórica e prática da psicologia soviética sob as bases do materialismo histórico-dialético.

Neste sentido, em 1930, surgiram trabalhos mais complexos e, principalmente, apropriados do materialismo histórico-dialético pelos colaboradores do Instituto de

---

<sup>41</sup> Instituto Estadual de Psicologia Experimental, em inglês: *State Institute for Experimental Psychology* (SIEP).

Psicologia de Moscou. Em específico escrevemos sobre uma compilação de Vigotski traduzido para o português com o nome de Imaginação e criação na infância. Dado as explicações acima do desenvolvimento teórico desse autor e, principalmente, das pesquisas que estavam ocorrendo em colaboração em toda a União Soviética, estamos prontos para analisar e apresentar o que consideramos a obra mais completa e detalhada de Vigotski sobre a imaginação, principalmente sobre atividade criadora.

Em Vigotski (2009a), encontramos a síntese de várias explicações sobre a função imaginativa. Suas teorizações iniciam-se nas características gerais dessa função psicológica superior, desdobrando-se na vinculação da imaginação com a realidade e se encerrando nas diferenças qualitativas deste processo na criança e no adolescente.

Também em Vigotski (2009a) a atividade encontra-se mais presente em suas teorizações, inclusive em seu primeiro parágrafo escreveu: “chamamos de atividade criadora do homem aquela em que se cria algo novo.” (VIGOTSKI, 2009a, p. 11). No entanto, o ato de criar envolveria para o autor dois tipos principais de atividade assim como para Ignatiev (1960). Vigotski denominou o primeiro de reconstituídor ou reprodutivo, e o segundo de combinatória ou criadora. Contudo, ao compararmos com os conceitos utilizados por Ignatiev, encontramos algumas diferenças. Ignatiev utilizou como denominação da função imaginativa os termos: atividade representativa e criadora. Essa diferença deve-se pelo próprio desenvolvimento da psicologia soviética na década de 1930, 1940 e 1950; adotando a teoria do reflexo de Lenin como condição cardinal para o desenvolvimento teórico da psicologia.

Levantamos uma tese de que o conceito de representação encontra-se mais próximo da teoria do reflexo do que o termo reprodutivo, que está vinculado à psicologia associacionista. Vale lembrar que Ignatiev (1960), ao escrever sobre a criação artística, expôs que a obra do artista não apenas reflete a realidade, mas a refrata nas emoções, pensamentos, sensações etc., da própria personalidade do artista. Por sua vez, o termo reprodutivo encontra-se ligado com o que de mais desenvolvido havia sobre a teoria da imaginação nas primeiras décadas do século XX, ou seja, as posições teóricas defendidas pelo psicólogo associacionista Ribot<sup>42</sup>, autor já brevemente mencionado algumas páginas acima. Em Ribot (1906), encontramos as explicações da passagem da imaginação representativa para a criadora. É notável o respeito pelo qual Vigotski (2009a) discute com Ribot ao longo de seu material, concordando com vários elementos postos pelo

---

<sup>42</sup> É interessante apontarmos que em nossas próximas análises, em específico, em Luria e Rubinstein, a denominação da imaginação reprodutiva continuará presente nos estudos dos psicólogos soviéticos.

teórico francês, entretanto apresentando consideravelmente suas discordâncias, principalmente pela confusão habitual entre imaginação reprodutiva e memória posta por Ribot. A imaginação reprodutiva não pode ser reduzida à memória, pois nela existem também elementos que são novos para o sujeito. A criança ou o adolescente que objetiva um quadro que já existe na realidade, não simplesmente o reproduz mecanicamente ou ainda como uma fotografia. No quadro estão conservadas as características dadas pelo próprio sujeito. É, neste sentido, que encontramos as contribuições de Ignatiev com o conceito de representação, ou ainda, de imaginação representativa, pois nela estaria a representação dada pelo sujeito de algo que já existe no mundo.

Todavia, ainda é preciso escrever que, mesmo que a imaginação reprodutiva<sup>43</sup> não deva ser reduzida à memória, a primeira encontra-se intimamente vinculada com a segunda. Podemos resgatar em Vigotski (2003) que a criação ocorre sob a base da experiência. Portanto, o ato de criar também significa em alguns momentos lembrar de algo da experiência passada, no entanto reelaborando o objeto de criação, dando nova forma a ele (VIGOTSKI, 2009a). Ou ainda simplesmente criando imagens a partir das lembranças de infância, todavia até mesmo as recordações mais íntimas de um determinado sujeito não são reproduzidas tal como ocorreu. Porém, o ser humano não apenas reproduz sua experiência passada, escreveu Vigotski, ele também cria novas vivências<sup>44</sup>.

Dando seguimento às ideias de Vigotski (2009a), esbarramos em uma diferença teórica entre ele e Ignatiev (1960). Vigotski ao apresentar outro tipo de imaginação presente no desenvolvimento do psiquismo, escreveu que:

Além da atividade reprodutiva, é fácil notar no comportamento humano outro gênero de atividade, mais precisamente a combinatória ou criadora. Quando, na imaginação, esboço para mesmo um quadro do futuro, digamos, a vida do homem no regime socialista, ou o quadro de um passado longínquo de vida e luta do homem pré-histórico, em ambos não reproduzo as impressões que tive a oportunidade de sentir alguma vez. Não estou simplesmente restaurando a

---

<sup>43</sup> Utilizaremos esse termo por ora para explicar as teorizações de Vigotski, contudo já esclarecemos as diferenças entre a imaginação representativa e reprodutiva.

<sup>44</sup> Existe todo um debate dentro da psicologia soviética sobre o termo vivência e experiência, ao menos nas traduções das obras para o português e espanhol. É comum encontrarmos como sinônimos a vivência e a experiência, todavia estes conceitos não reproduzem o verdadeiro sentido da palavra utilizada em russo pelos soviéticos. Delari Junior e Passos (2009) realizaram uma análise das traduções do termo *perejivanie*, que em português ou espanhol, aparece ora como vivência ou experiência. Também Van der Veer (1998) escreveu em uma nota que a *perejivanie* se constitui não apenas como “[...] a vivência emocional de uma situação, mas também, a sua interpretação cognitiva.” (p. 36). O debate sobre o problema da *perejivanie* na psicologia e principalmente a compreensão dos pesquisadores ocidentais sobre esse termo, encontra-se ainda muito longe de ser finalizado.

marca de excitações anteriores que chegaram ao meu cérebro, pois nunca vi, de fato, nem esse passado nem esse futuro. Apesar disso, posso ter a minha ideia, a minha imagem, o meu quadro. (VIGOTSKI, 2009a, p.13).

Podemos apontar ao menos duas diferenças de Vigotski com Ignatiev (1960). A primeira é em relação ao tipo de imaginação que permite com que os seres humanos dirijam sua atividade para o futuro. Enquanto Vigotski atribui a essa característica da imaginação o nome de criadora ou combinatória, Ignatiev escreveu que é uma característica própria da ilusão enquanto tipo especial da imaginação. Também podemos apontar como diferença entre esses dois autores, o fato de que o tipo de imaginação que cumpre a tarefa de reconstruir períodos históricos, aqueles que o sujeito nunca vivenciou, é a imaginação representativa para Ignatiev. No entanto, Vigotski atribuiu essa condição para a imaginação criadora. Novamente, devemos mencionar que a característica combinatória, denominada por Vigotski, possui como base a psicologia associacionista de Ribot (1906). A atividade criadora não é simplesmente a combinação de vários elementos que existem na realidade. Pelo contrário, poderemos afirmar mais à frente essa questão, pois o próprio Vigotski, ao vincular a imaginação à realidade, escreveu que os elementos para a criação são retirados da própria realidade, mas passam por uma reelaboração até a objetivação da criação. Nada surge de nada, como se fosse possível a existência de um sopro divino. É na reelaboração da realidade que Vigotski escreveu:

O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento. Se a atividade do homem se restringisse à mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele. É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente. (VIGOTSKI, 2009a, p. 14).

Assim como para Ignatiev (1960), Vigotski atribuiu grande importância para a atividade criadora. Não apenas os dois, mas todos os teóricos da psicologia soviética - nos atrevemos afirmar -, atribuíam a atividade criadora essa mesma importância. É ela a responsável pelas novas resoluções de problemas encontrados pelos seres humanos. Todavia devemos ter cuidado para não atribuir à imaginação uma característica especial, tal como escrevemos acima. Vale lembrar que a imaginação não objetivada pela atividade é tão impotente quanto o poder do pensamento sem a palavra. Não devemos esquecer jamais que a orientação da imaginação para a criação surge da necessidade social,

encontrando sua expressão na atividade humana. Sem a atividade, a objetivação jamais se tornaria possível.

A imaginação, por seu vínculo com a realidade, é necessariamente uma função que, para Vigotski (2009a), encontra-se presente em vários campos do saber humano, tais como as áreas técnicas, científicas e artísticas. Devemos evidenciar a concordância neste ponto de Vigotski com Ignatiev (1960), que também afirmou que a imaginação estaria presente em todos os campos de conhecimento e atuação dos seres humanos. Apesar da imaginação estar presente em vários campos do saber humano, para Vigotski ela também encontra-se presente no cotidiano, naquela simples resolução de uma tarefa doméstica, por exemplo. É por isso que devemos concordar com Vigotski quando expressou que “as pessoas querem alguma coisa, seja algo fútil ou importante, inventam sempre com algum objetivo, seja Napoleão, que inventa o plano da batalha, ou um cozinheiro, que faz um novo prato”. (VIGOTSKI, 2009a, p. 58). A criação não é, portanto, apenas uma qualidade do cientista, inventor ou artista, mas está presente no cotidiano de todos os seres humanos.

A imaginação é um processo superior presente, exclusivamente nos seres humanos. Devemos ainda esclarecer sua vinculação com a realidade, retornando ao processo que explicamos no início desse trabalho: a realidade existe independente da consciência. Não é a consciência que fornece os materiais da criação de novas construções humanas, pelo contrário, é a realidade material que dispõe de tais condições para a atividade criadora. Neste sentido, Vigotski (2009a) elaborou quatro meios de vinculação da imaginação com a realidade. São eles: 1) Toda obra da imaginação parte sempre de elementos existentes na própria realidade e está vinculada com a experiência do sujeito; 2) Diz respeito ao produto final da imaginação e algum fenômeno no mundo material; 3) Relação entre imaginação e emoção e; 4) A imaginação encarnada/cristalizada. Estes quatro meios para Vigotski significa “[...] compreender que a imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar, mas uma função vital necessária.” (p. 20).

O primeiro vínculo que Vigotski (2009a) teorizou sobre imaginação e realidade está presente no próprio processo de criação, que somente pode retirar seus materiais da realidade em si, como já afirmamos em alguns momentos nesse trabalho. É somente nos elementos tomados da experiência anterior que o sujeito possui condições para realizar uma nova criação para que se objetive sua atividade criadora. Por mais estranha e fictícia que pareça uma criação, ela sempre possui um vínculo com a realidade, pois os elementos sintetizados no produto final foram retirados do próprio mundo. Neste sentido, por mais

fantasioso que pareçam os contos de terror de Edgar Allan Poe, por exemplo, sempre encontramos impressões e marcas da própria realidade.

O segundo vínculo da imaginação com a realidade torna-se mais complexo para Vigotski (2009a). Segundo ele, esse meio de vinculação diz respeito ao “[...] produto final da fantasia e um fenômeno complexo da realidade.” (p. 23). Ou seja, quando uma pessoa estuda a história da Revolução Russa, necessita formar imagens e quadros sobre esse acontecimento histórico, a imaginação atua como condição para isso. O sujeito não vivenciou nenhum desses acontecimentos da Revolução, todavia consegue criar uma imagem deste momento histórico. É notável, que em Vigotski (2003), essa condição da imaginação também já encontrava-se presente em seus estudos, apresentando as contribuições da função imaginativa para a educação sistematizada. No entanto, ao mesmo tempo que encontramos esse germe já em seu *Psicologia pedagógica*, também encontramos outra diferença com Ignatiev (1960). O fato da discordância de que o sujeito não cria ou combina imagens novas em sua experiência, mas somente que representa a imagem a partir da experiência do outro. A criação para ele realmente pode ser nova, entretanto em um nível social ela já existe ou existiu. Por isso devemos concordar com Vigotski (2009a) quando escreveu que, em um primeiro momento, a imaginação depende da experiência, mas, em um segundo, a experiência depende da imaginação, ou seja, uma relação de mão dupla e dialética.

O terceiro meio de vinculação da imaginação com a realidade possui uma característica emocional. Em um momento a imaginação encontra-se subordinada às emoções, entretanto, em outros são as emoções que estão subordinadas à imaginação. Esse é um meio de vinculação muito interessante, já comentado brevemente por Vigotski (1999b). Todavia, tornando mais complexa a compreensão do vínculo entre emoção, imaginação e realidade, encontramos novamente uma via de mão dupla entre estas duas funções psicológicas superiores. Em Ribot (1906), a participação das emoções na criação humana já se fazia presente. Vigotski, portanto, se refere a lei da dupla expressão dos sentimentos<sup>45</sup>. Tentaremos de forma breve elucidar com alguns exemplos essa lei que de princípio, surge como complexa.

Talvez o amor e o crime apareçam neste momento como grandes contribuintes para nossos exemplos. Em seu romance *Crime e castigo*, Dostoiévski (2013b) narra o sofrimento de um jovem estudante, Raskólnikov, que se vê obrigado a cometer um crime

---

<sup>45</sup> Em algumas traduções pode aparecer como: lei da dupla expressão das emoções.

e assassinar a machadadas uma senhora penhorista. Seu crime se deu por sua pobreza e falta de dinheiro para continuar seus estudos no campo do direito. Todavia, Raskólnikov não conseguiu usufruir de seu roubo, em seu lugar, foi torturado por seus sentimentos de culpa e pela moralidade. Seus sentimentos criavam imagens delirantes, pessoas estariam perseguindo-o por seu crime cometido e até mesmo já haviam descoberto seu atentado contra a senhora penhorista. Podemos notar que, seguindo a lógica expressa pela lei do duplo vínculo dos sentimentos descrita por Vigotski (2009a), encontramos as emoções de Raskólnikov conduzindo sua imaginação, forçando-o a imaginar coisas que não eram condizentes com a realidade.

Todavia, também encontramos o oposto dessa lei. Se no exemplo acima as emoções conduzem à imaginação, em nosso próximo exemplo, é a imaginação a condutora das emoções, o que Vigotski (2009a) expressou como a “lei da realidade emocional da imaginação.” (p.28). Tratando-se do amor, por exemplo, a imaginação é em vários momentos uma grande aliada, contudo pode se tornar também uma grande vilã. Em seu romance *Persuasão*, Austen (2015) narra o amor entre dois jovens, Anne Elliot e o capitão Wenteworth. Em uma das conversas da protagonista da história ela expressou: “Fiquei sabendo que ele já ouvira falar de mim. Eu não conseguia compreender como. Que imaginação desenfreada possuímos quando se trata de nós mesmos! Como facilmente nos enganamos!” (p. 108). Anne Elliot havia deixado sua imaginação conduzir suas emoções, se preocupando sobre ser conhecida pelo personagem sr. Elliot. Neste sentido, podemos ainda afirmar que a imaginação neste caso, pode desempenhar dois papéis um bom e outro ruim. Anne Elliot, a todo instante em *Persuasão*, imaginava os motivos pelo qual o capitão Wenteworth fingia não a conhecer. No entanto, isso se expressa já no princípio do romance: “eles não conversavam um com o outro, não tinham qualquer contato exceto o que era ditado pelas normas da boa educação. Outrora, tinham significado tanto um para o outro! Agora, nada!” (p. 36). Isso fazia com que Anne sentisse que: “Agora era como se fossem estranhos, não, pior do que estranhos, porque nunca se conheceriam. Seriam estranhos para sempre.” (p. 36). A imaginação produzia em Anne sentimentos negativos, segundo uma expressão de Rubinstein (1967). Entretanto, o oposto é sempre possível, a imaginação pode suscitar sentimentos positivos. Ao imaginar e recordar os bons momentos que Anne havia vivido com o capitão Wenteworth, encontramos que: “Não podia ter havido dois corações tão sinceros, nem gostos tão semelhantes, nem sentimentos tão em unísono, ou rostos tão amados.” (p. 36). Esse seria

o esboço da imaginação como condutora das emoções, encerrando assim a exemplificação da lei do duplo vínculo dos sentimentos.

Por fim, antes de encerrarmos nossos comentários sobre a vinculação da imaginação com a realidade, resta ainda analisar o último meio de vínculo proposto por Vigotski (2009a) e denominado como imaginação cristalizada. Quando o produto da função imaginativa se objetiva na realidade, encarnando-se em um objeto, ele passa a existir no mundo e atuar sobre outros objetos, situações ou ações dos seres humanos. O que antes era apenas imaginação torna-se agora realidade. É neste sentido que Vigotski escreve que “[...] ao se encarnarem, retornam à realidade, mas já como uma nova força ativa que modifica. Assim é o círculo completo da atividade criativa da imaginação.” (p. 30). Portanto, os elementos para a criação que são retirados da própria realidade material, servindo como ideia para a atividade criadora, retorna ao mundo, todavia, como uma nova síntese ou ainda como um novo objeto.

Entretanto, todos esses exemplos e processos de vinculação da imaginação à realidade, resultando na objetivação da função imaginativa, possui grande complexidade, que também foi analisada para Vigotski. A intenção do autor de analisar, mesmo que brevemente, o processo de criação ocorre porque

Toda atividade de imaginação tem sempre uma história muito extensa. O que denominamos de criação costuma ser apenas o ato catastrófico do parto que ocorre como resultado de um longo período de gestação e desenvolvimento do feto. (VIGOTSKI, 2009a, p. 35).

Ao longo do trabalho repetimos a todos instante a importância de se compreender que o produto final, pela lógica do materialismo histórico-dialético, sempre oculta o processo pelo qual ele se desenvolveu. Vigotski expressou essa ideia muito bem ao acrescentar a função imaginativa na história. Vale lembrar a afirmação de Shuare (2016) sobre Vigotski ter sido o primeiro psicólogo a situar o psiquismo na história. Além disso, encontramos a história presente também nos produtos da própria função imaginativa.

Esse processo catastrófico do ato de criar, dando origem a um novo produto, não ocorre de forma harmoniosa, tal como já expressou Ignatiev (1960). Em alguns momentos, criar torna-se um ato extremamente difícil. Vigotski expressou essa situação quando escreveu que:

A criação traz grandes alegrias para a pessoa. Mas há também os sofrimentos contidos na expressão “os suplícios da criação”. Criar é difícil. A necessidade

de criar nem sempre coincide com as possibilidades de criação e disso surge um sentimento de sofrimento penoso de que a ideia não foi para a palavra, como diz Dostoievski. (VIGOTSKI, 2009a, p. 55).

Esse é um fato presente, por exemplo, em qualquer pesquisa científica. A criação de uma verdadeira investigação científica perpassa por todo o sofrimento penoso, descrito por Vigotski. Todavia, o sofrimento para a criação não é exclusividade da ciência, como vimos com Ignatiev (1960). O autor também apontava as dificuldades para a criação nas áreas artísticas e técnicas, assim como fez Vigotski ao longo de seu material.

A experiência que o sujeito possui acumulada é de grande importância para a superação das dificuldades da criação, todavia o sujeito deve saber destacar traços específicos de um todo geral. Vigotski expressou essa ideia quando escreveu:

Saber destacar traços específicos de um todo complexo é, sem dúvida alguma, significativo para qualquer trabalho criativo humano com as impressões. A esse processo segue-se o de modificação a que se submetem os elementos dissociados. (VIGOTSKI, 2009a, p. 36).

Um ótimo exemplo sobre isso encontramos nos trabalhos científicos. Neles, entramos em contato com uma riqueza imensa e complexa de vários fatos e dados. Cabe ao sujeito, pesquisador, investigador, destacar traços específicos nestes trabalhos sintetizando-os em uma nova tese. Expressou bem Iliénkov (1977), quando escreveu que devemos reorganizar o velho para criar o novo. É por isso que Luria (1991), ao escrever sobre a memória, apresentou detalhadamente o esquema de que, ao entrarmos em contato com um texto - acadêmico ou literário - não abstraímos palavra por palavra, mas sim a ideia central. É isso, por exemplo, que realizamos aqui. Trabalhamos com uma ideia central: o desenvolvimento da imaginação na história da psicologia soviética. Esta é nossa noção primordial, que por sua vez movimenta toda uma série de traços específicos que fazem parte desta dissertação.

Uma das grandes contribuições das impressões destacadas pela imaginação encontra-se no exagero como condição para a criação. No senso comum, o exagero aparece como grande tolice, mentira, lorota e assim por diante. Mas é tão necessário para a criação científica quanto é para as histórias infantis. Vigotski expressou essa ideia quando escreveu:

Vemos que o exagero, assim como a imaginação, em geral, é necessário tanto na arte quanto na ciência. Não fosse essa capacidade, comicamente

manifestada na história da menina de cinco anos e meio, a humanidade não teria criado a astronomia, a geologia, a física. (VIGOTSKI, 2009a, p 39).

O exagero faz parte, portanto, da atividade criadora, seja artística, técnica ou científica. Toda ciência contém parcela de um exagero, principalmente, aquelas que trabalham com ideias abstratas. Os instrumentos por si só podem ser considerados frutos do exagero da criação humana, exatamente por não existirem na natureza. Neste sentido, Vigotski (2009a) já apontava as contribuições do exagero para a criação humana.

Sem embargo, por mais exagerado e talentoso que fosse um inventor, cientista ou pesquisador, ele também encontra-se condicionado pela necessidade social ou ainda pelas condições materiais que movem a sociedade. Vigotski expressou esse fato condizente com o marxismo quando escreveu:

Qualquer inventor, mesmo um gênio, é sempre um fruto de seu tempo e de seu meio. Sua criação surge de necessidades que foram criadas antes dele e, igualmente, apoia-se em possibilidades que existem além dele. Eis por que percebemos uma coerência rigorosa no desenvolvimento histórico da técnica e da ciência. Nenhuma invenção ou descoberta científica pode emergir antes que aconteçam as condições materiais e psicológicas necessárias para seu surgimento. A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores. (VIGOTSKI, 2009a, p. 42).

A criação como condição do desenvolvimento dos meios materiais também foi apontada por Ignatiev (1960). Devemos destacar que as condições materiais são de extrema importância para atividade criadora, sem os meios adequados por mais talentoso que seja o inventor, a criação não pode ser objetivada. Um exemplo tanto quanto extravagante, contudo bem esclarecedor, repousa nas obras fantásticas de Júlio Verne. Ao longo de todo o conjunto de seus romances geográficos, apresentou uma gama imensa de possibilidades de criações humanas. Todavia, muitas invenções já narradas nas histórias de Verne, somente se encarnaram em um objeto real e material muito tempo após seu falecimento.

Não apenas as características gerais foram analisadas por Vigotski (2009a) em Criação e arte na infância. Nele também encontramos uma análise etária do desenvolvimento da imaginação na criança e no adolescente. Novamente apontamos a importância de analisar o processo como um todo no decorrer de seu desenvolvimento e, nunca apenas o produto final. Por isso Vigotski dedicou grande parte de seus estudos para a infância e a adolescência, por uma diferença qualitativa que encontramos no psiquismo nos vários períodos do desenvolvimento. Esse fato é de extrema importância para nós. Já

afirmamos em outros momentos, em específico, com Ignatiev (1960), que a criança possui uma imaginação menos desenvolvida que o adulto. Isso se deve a sua restrição de experiência no mundo. Ainda assim, Vigotski chamou atenção de um fato muito curioso e elaborou a ideia de forma mais complexa que em Psicologia pedagógica, que já encontramos partes dessa noção. Vigotski, portanto, escreveu:

Até hoje, ainda existe a opinião de que a imaginação na criança é mais rica do que no adulto. A infância é considerada a época em que a fantasia é mais desenvolvida e, de acordo com essa visão, à medida que a criança se desenvolve, sua imaginação e a força de sua fantasia diminuem. Formou-se essa visão porque uma série de observações da atividade da fantasia apresenta razões para essa conclusão. (VIGOTSKI, 2009a, p. 44).

Ao lidarmos com a aparência de um fenômeno, neste caso a imaginação, concordaríamos sobre a força da diminuição da fantasia. Todavia, como não trabalhamos com a aparência de algo, devemos esclarecer o que ocorre neste momento. A criança não perde o domínio de sua imaginação ao longo de seu desenvolvimento, muito pelo contrário, passa a ter domínio dessa função superior. A criança - e isso retornará ao analisar a brincadeira infantil -, ao se desenvolver, apreende a utilizar instrumentos humanos, não ficando mais sujeita ao imediatismo do mundo. Ela, agora, pode dirigir sua atividade imaginativa para outras situações: brincar e estudar, por exemplo. A criança, desde que sejam oferecidas as devidas condições para a educação conseguirá dirigir seu processo imaginativo, libertando-se dos devaneios e fantasias, ligados ao imediatismo. Este é outro fato que encontramos de concordância entre Vigotski (2009a) e Ignatiev (1960). Além disso, essa característica faz parte de todo autor que trabalhe com a psicologia sob as bases do materialismo histórico-dialético.

Entretanto, a imaginação nos períodos do desenvolvimento humano se modifica. Em um capítulo denominado Imaginação e criatividade do adolescente, também, de 1930, e segundo consta em uma nota da edição russa, este texto seria uma continuação de seu Imaginação e criação na infância. Neste material, Vigotski opera com conceitos mais complexos, encontramos claramente logo nos primeiros parágrafos a dependência mútua de todas as funções psicológicas superiores. Nas palavras de Vigotski encontramos o seguinte:

[...] a imaginação e a criatividade, relacionadas com a livre elaboração dos elementos da experiência, sua livre combinação, exige, como premissa indispensável, a liberdade interna do pensamento, da ação, do conhecimento que tem alcançado tão só os que dominam a formação de conceitos. Não em

vão a alteração dessa função reduz a zero a imaginação e a criatividade. (VIGOTSKI, 2012, p. 207).

Podemos, rapidamente, apresentar algumas evidências da importância para o desenvolvimento do sistema de conceitos para a atividade criadora. Se na infância, a criança estabelecia uma relação quase direta entre percepção, memória e imaginação, essa determinação na idade de transição se modifica. Agora, a imaginação estabelece uma nova relação entre pensamento e imaginação, embora a percepção e a memória também façam parte desse novo sistema. Todavia, a criança que antes lembrava para poder pensar, agora inverte essa preposição em sua idade de transição: ela pensa para poder lembrar (VIGOTSKI, 1999a). Essa relação do desenvolvimento do pensamento por conceitos, modifica qualitativamente a atividade da imaginação. Apesar disso, vale lembrar que:

O conceito, como demonstram os experimentos, não é em absoluto uma imagem que precede aos processos do pensamento. Não constitui a premissa, mas o produto do pensamento, e reflete ao objeto em toda sua diversidade, em todos seus vínculos e relações, sintetizados em uma unidade integral. O conceito - diferentemente da representação e da percepção - não é um conhecimento direto do objeto, mas um conhecimento mediatizado, que surge como resultado da elaboração racional das representações sobre o objeto. Por isso os conceitos, segundo a observação de Lenin, refletem a natureza de maneira mais profunda, veraz e completa que as representações. (VIGOTSKI, 1998a, p. 44).

Se na infância a função imaginativa da criança se limitava a reprodução e criação de desenhos, situações dramáticas no brincar, na adolescência, esse fato se desdobra na palavra. O adolescente possui - desde que tenha as devidas condições da educação sistematizada - a possibilidade de criar pela palavra. Agora ele cria por meio do conceito: redação, cartas, poesias e futuramente, quando adulto, a criação por meio das palavras estará presente também na ciência. O desenvolvimento, dos sistemas de conceitos reorganiza de forma revolucionária todos os sistemas psicológicos, incluindo a imaginação. Na idade de transição, a imaginação se liberta, portanto, de imagens e experiências puramente concretas para operar com as abstrações do pensamento. As mudanças na imaginação são tão significativas quanto no pensamento. Após o desenvolvimento do sistema de conceitos, torna-se impossível pensar sem a palavra. Ou, para utilizamos uma expressão de Vigotski, em que “[...] pensar sem palavras de modo humano significa, apesar disso, apoiar-se fundamentalmente na palavra”. (VIGOTSKI, 2012, p. 217). A palavra passa a fazer parte dos produtos da função imaginativa.

A imaginação da criança, quando muito pequena, encontra-se restrita às imagens visuais e diretas, ou seja, a experiência concreta da criança que se revela ora ou outra em suas brincadeiras e relatos verbais. No entanto, o brincar da criança transforma-se na imaginação do adolescente, dando origem a novos tipos desse processo superior, dentre tais, já apresentamos as contribuições do sistema de conceitos para a atividade criadora. O que era concreto nas brincadeiras infantis torna-se abstrato na imaginação do adolescente. A característica principal do desenvolvimento da função imaginativa na idade de transição aparece como novas necessidades a serem resolvidas pelo adolescente, por exemplo, novos sentimentos como a paixão e o amor. Vigotski (2012) relembra que muitos poetas iniciam suas escritas justamente na chamada idade de transição. A atividade criadora manifesta-se não apenas estabelecendo uma nova relação com os sistemas de conceitos, mas também com os sentimentos. Neste sentido, Vigotski tem toda razão ao escrever que “tanto sentimento quanto o pensamento movem a criação humana”. (VIGOTSKI, 2009a, p. 30). Ou ainda, quando mais à frente, o autor escreveu que “[...] a imaginação é uma atividade extraordinariamente rica em momentos emocionais”. (VIGOTSKI, 1998b, p. 124). Nos parece que as emoções cumprem um papel determinante na atividade criadora humana.

Ainda em suas análises do desenvolvimento da imaginação na infância, encontramos em 1932, em sua conferência sobre A imaginação e seu desenvolvimento na infância, uma nova síntese dessa função psicológica superior. Nesse texto, está presente as críticas dirigidas a Ribot por Vigotski, demonstrando suas contribuições, acima de tudo, suas limitações na psicologia associacionista. As críticas de Vigotski, no entanto, vão para além de Ribot. O autor também realizou uma análise crítica das concepções inatistas da imaginação - Freud - e também, intuicionistas - Bergson. Esse capítulo conserva em si mais do que apenas teorizações sobre a imaginação, mas principalmente, uma crítica à psicologia tradicional. Como esboço dessa crítica, sob as luzes do marxismo, Vigotski (1998b) escreveu que:

A esta pergunta os psicólogos da velha escola simplesmente respondiam: a nova combinação surge por pura casualidade, porque, como reza uma das leis da velha psicologia, a nova combinação da imaginação surge de novas constelações, ou seja, de novas relações entre elementos isolados. (p. 110).

Podemos até mesmo realizar uma breve digressão filosófica neste momento a partir de Lukács (2013). Não discordamos da existência do acaso, todavia ele não ocorre,

tal como presente, por exemplo, nos livros de Julio Verne. Toda a literatura de Verne encontra-se repleta de acontecimentos casuais. Para ilustrar essa situação apresentamos brevemente um exemplo que está conservado em seu *A volta ao mundo em 80 dias*. No fim da história, o protagonista principal - Fíleas Foog - havia descoberto, com a ajuda de seu empregado Fura-Vidas que poderia ter dado a volta ao mundo em apenas 78 dias. Contudo, a resposta de Fíleas Foog a Fura-Vidas, suscita uma ideia interessantíssima. Ao ser indagado, Foog apenas respondeu: “- sem dúvida alguma [...] não atravessando a Índia. Mas nesse caso não teria conhecido Aouda, não seria minha esposa e...”. (VERNE, 1971, p. 250). Foog interrompeu sua fala no exato momento que percebeu esta grande casualidade. Um encontro que, apesar de casual, tem contido em seu mais íntimo ato a presença de uma causalidade. Não fosse Foog arriscar sua vida para salvar Aouda, eles também não haveriam se casado<sup>46</sup>. Ou seja, na mais simples casualidade, têm contida também, a mais complexa causalidade. Lembrando que Lukács (2013) já havia escrito que os seres humanos abrem novas causalidades na realidade, a partir de seu trabalho, assim sendo, uma causalidade posta.

Após essa breve digressão filosófica sobre a imaginação na psicologia tradicional ser apontada por Vigotski como simples casualidades, encontramos com o autor a utilização da ideia dos sistemas psicológicos participando da atividade imaginativa. Neste sentido, Vigotski não atribui apenas a imaginação a importância de criar, mas sim, a todo um conjunto de ligações e nexos entre as funções superiores. Sobre isso Vigotski, escreveu:

Se enforcarmos a questão do ponto de vista classificatório, é incorreto considerar a imaginação uma função especial entre outras funções, uma forma de atividade cerebral do mesmo tipo, que se repete regularmente. A imaginação deve ser considerada uma forma mais complicada de atividade psíquica, a união real de várias funções em suas peculiares relações. (VIGOTSKI, 1998b, p. 126-127).

---

<sup>46</sup> Não apenas *A volta ao mundo em 80 dias*, mas como todo o conjunto de obras de Julio Verne guarda essa discussão filosófica nas entrelinhas sobre a casualidade. Em outro de seus romances geográficos, *Miguel Strogoff o correio do Czar*, passa por uma grande casualidade. Ao ser apanhado pelos inimigos do Czar, é interrogado e como punição seria cegado por uma lâmina quente de uma espada. Entretanto, no último minuto antes da espada quente tocar em seus olhos, Miguel Strogoff viu sua mãe no meio da multidão, e seus olhos lacrimejaram. As lágrimas evitaram o contato direto da lâmina quente com os olhos, evitando sua cegueira. Esse é apenas mais um dos exemplos que poderíamos encontrar durante toda a obra de Julio Verne. As discussões vão para além da casualidade, mas também adentram a um aspecto científico. Vale lembrar que muitos dos objetos de suas histórias foram objetivados no mundo, muito tempo depois de seu falecimento. As histórias de Julio Verne constituem uma imensa riqueza, talvez, ainda inexplorada pela psicologia da imaginação.

Assim sendo, é incorreto concluirmos que pela característica criadora da imaginação ela se constitua como uma função especial. Pelo contrário, uma função isolada não pode objetivar nada de novo no mundo, a não ser devaneios. Do ponto de vista teórico e prático, devemos concordar com Vigotski quando ele escreveu que a função imaginativa deve ser considerada apenas mais complicada na atividade psíquica. Vale lembrar, por exemplo, que a imaginação é mais complexa que a percepção visual direta, substituindo a experiência direta por outra mediada. Mas, acima de tudo, ainda poderíamos nos utilizar da patologia<sup>47</sup> para explicar que funções isoladas nada criam. Vigotski (1999a) escreveu que uma das características da esquizofrenia não é a desintegração isolada das funções psicológicas superiores, mas dos nexos e conexões que se formaram entre elas. As funções se mantêm, o que ocorre é a desintegração dos sistemas psicológicos formados no meio social. Aqui podemos tirar a conclusão de que não apenas é necessária uma relação sistêmica entre a imaginação e as demais funções superiores, como também o desenvolvimento desses assim chamados sistemas psicológicos. Portanto, o ser humano que sonhar em objetivar sozinho uma nova criação, não terá sucesso em sua realização, pois os sistemas psicológicos que atuam na atividade criadora, também, e principalmente, se desenvolvem no meio social, nas trocas com outros seres humanos.

O último texto que analisamos sobre Vigotski e seus apontamentos sobre a função imaginativa, chama-se O papel do brincar no desenvolvimento. Neste material, as menções à imaginação são menores que nos anteriores, entretanto as considerações feitas por Vigotski sobre a importância desse processo no desenvolvimento infantil constitui-se como um elemento capital para que se desenvolva a função imaginativa. Neste sentido, podemos afirmar que a importância desse material resume-se para nós em duas teses principais: 1) A criança desenvolve sua imaginação no brincar e; 2) A criança por brincar e fantasiar não possui uma imaginação mais desenvolvida que o adulto (VIGOTSKI, 2007a). A última tese já vem sendo defendida por nós desde os primeiros momentos que escrevemos sobre a imaginação neste trabalho.

Acima de tudo, devemos deixar claro que o brincar é uma atividade necessária para o desenvolvimento infantil. É nela que a criança satisfaz diversas necessidades que não poderia satisfazer sem a ajuda de sua função imaginativa. A criança que brinca de

---

<sup>47</sup> Ao longo de toda obra de Vigotski encontramos menções de casos patológicos. O autor via, não apenas no desenvolvimento, mas também na patologia a chave para explicar o desenvolvimento do psiquismo humano. Ou ainda, a patologia seria a chave para explicar o desenvolvimento, do último.

professor, médico, motorista etc., está satisfazendo necessidades que seria impossível sem o serviço que presta sua imaginação. Encontramos nos chamados jogos dramáticos, a manifestação evidenciada da imaginação, não apenas ela, mas da memória, suporte de toda experiência da criança, percepção, atenção, linguagem, pensamento ou ainda a formação de novos sistemas psicológicos. Sobre a participação da imaginação no brincar, Vigotski (2007b)<sup>48</sup> escreveu:

É disso que surge a brincadeira, que deve ser sempre entendida como uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis, diante da pergunta “por que a criança brinca?”. A imaginação é o novo que está ausente na consciência da criança na primeira infância, absolutamente ausente nos animais, e representa uma forma especificamente humana de atividade da consciência; e, como todas as funções da consciência, forma-se originalmente na ação. A velha fórmula segundo a qual a brincadeira de criança é imaginação em ação, pode ser invertida, afirmando-se que a imaginação nos adolescentes e escolares é a brincadeira sem ação. (p. 25).

Além disso, nos recordamos de Goethe (1980), em específico, nas palavras de Mefistófeles, em que “no princípio era a ação!”. (p. 56). É notória a afirmação de Vigotski sobre a imaginação se desenvolver na atividade dos seres humanos, assim como todas suas funções psicológicas superiores. A imaginação da criança muito pequena, na primeira infância ou idade pré-escolar, se manifesta notoriamente na ação. Ao contrário, na idade escolar ou nos adolescentes, a função imaginativa pode também se manifestar sem uma ação prática. Como sonhos e fantasias cultivados nas novas necessidades do sujeito.

Contudo, a questão mais notória da participação da imaginação na brincadeira infantil encontra-se em seu auxílio na interiorização das regras sociais. Todo brincar para Vigotski (2007a) possui como condição respeitar algumas regras que são estabelecidas na brincadeira, ou seja, a criança deve se envolver em uma situação imaginária, que não existe na realidade naquele momento, assim, representa o motorista, o professor, o médico, seguindo as regras contidas no que a criança imagina fazer cada um desses personagens. Como escreveu Vigotski:

[...] exatamente da mesma forma como a situação imaginária contém em si, obrigatoriamente, regras de comportamento, qualquer brincadeira com regras contém em si a situação imaginária. O que significa, por exemplo, jogar xadrez? Criar uma situação imaginária. Por que? Porque ainda que sejam conceitos próprios do xadrez o peão pode andar somente de uma forma, o rei

---

<sup>48</sup> Utilizamos também a tradução desse texto feita pela professora Dra. Zoia Prestes, onde encontramos claramente muitas diferenças nos conceitos utilizados.

de outra, a rainha de outra; “comer”, perder peças, etc., mesmo assim há uma certa situação imaginária que está sempre presente e não substitui diretamente as relações reais da vida. Pensem na mais simples brincadeira de criança com regras. No mesmo instante em que a brincadeira começa a ser regulada por algumas regras, ela se transforma numa situação imaginária, pois uma série de ações reais revela-se impossível nessa situação. (VIGOTSKI, 2007b, p. 28).

Portanto, em toda a brincadeira ou jogo, encontramos regras, sendo que a criança se envolve em uma situação imaginária. Entretanto, a própria situação imaginária do jogo extrapola a infância, pois encontra-se presente também nos jogos dos adultos<sup>49</sup>. Neste sentido, podemos afirmar que todo o brincar significa também imaginar, todavia nem todo imaginar significa brincar, como bem já expomos até o presente momento.

Finalizamos aqui nossa análise da função imaginativa nos textos de Vigotski. Nela podemos tirar algumas conclusões sobre suas contribuições para o desenvolvimento nos estudos dessa função psicológica superior. Vigotski pode ser apontado como um dos primeiros teóricos soviéticos da psicologia a se preocupar com o problema da imaginação, elaborando estudos sistemáticos desde suas primeiras obras, propondo o desenvolvimento dessa função psicológica. Chegamos a uma conclusão surpreendente em Vigotski, algo que não encontramos explícito, por exemplo, em Ignatiev (1960). Para Vigotski (2012) o conceito muda radicalmente o processo da atividade criadora. Portanto, podemos concluir que, quanto mais desenvolvido for o sistema de conceitos, mais complexa é a função imaginativa. Ou ainda poderíamos arriscar a escrever que, quanto mais complexo é o sistema de conceitos, mais complexo é o produto final da imaginação.

Chegamos agora em um novo período da psicologia soviética, que seria marcado pela tentativa do desenvolvimento geral de uma ciência, mas também pelas muitas contradições que marcariam esse período. Adentramos agora a uma análise mais minuciosa dos acontecimentos na psicologia na década de 1930, é claro, destacando ainda a imaginação e a atividade criadora por outros autores soviéticos. Entretanto, devemos destacar que, no ano de 1934, a psicologia soviética perdeu um dos primeiros e principais teóricos de todos os tempos. Sendo vítima de uma tuberculose, Vigotski faleceu no dia 11 de junho. A psicologia soviética iniciava um novo período marcado por grandes contradições.

---

<sup>49</sup> Por exemplo, os jogos esportivos também possuem regras. O futebol possui regras totalmente distintas do basquete, vôlei, tênis, handball etc. O adulto também deve respeitar as regras da situação imaginativa que se envolve.

### 3.6 - OS PRINCÍPIOS DAS CONTRADIÇÕES E A IMAGINAÇÃO NAS PESQUISAS TRANSCULTURAIS DE LURIA

A década de 1930 marcaria um novo princípio para a União Soviética conhecido na história como stalinismo. Já apontamos em outros momentos nesse trabalho os impactos de Stalin nos campos técnicos e científicos. O desenvolvimento do socialismo em um único país e o desenvolvimento tecnológico elevaria a União Soviética como potência mundial. Esses fatos fizeram parte determinando o posterior desenvolvimento da ciência soviética. A psicologia não escapou dessa determinação, em muitos momentos da década de 1930, podemos perceber as contradições que se tornam cada vez mais frequentes no desenvolvimento da ciência psicológica. O marxismo inicia um processo de fossilização ensinado por meio de manuais. A psicologia, por exemplo, que com Vigotski havia conseguido pela primeira vez unir criativamente à psicologia e o marxismo, começou a ser censurada. As pesquisas transculturais, realizadas por Luria, encontram-se nesta determinação histórica. Foram realizadas nos anos de 1931 e 1932<sup>50</sup>, todavia publicada e divulgada em 1976. Entretanto, como todo período de desenvolvimento, a década de 1930 foi marcada por avanços e retrocessos que veremos posteriormente com Rubinstein. Agora nos interessa analisar as contribuições das pesquisas transculturais de Luria, apontando o caráter histórico e cultural da função imaginativa, ou seja, até mesmo a imaginação segue leis em seu desenvolvimento que são sociais.

Sobre a função imaginativa nada de novo encontramos. Teoricamente, poderíamos afirmar que Luria (2013) repete muito do que escreveu Vigotski ao longo de seus estudos sobre a imaginação. Todavia, existe um fator de grande valia neste trabalho, que apareceu como um suporte a uma ideia vigotskiana: os experimentos práticos, mantendo as situações concretas da vida dos sujeitos. Adiantamos que a tese de Vigotski sobre os conceitos mudarem radicalmente a atividade criadora humana é comprovada ao longo dos experimentos de Luria.

Os experimentos de Luria foram realizados, em específico, no Uzbequistão e Kirghiza. Eram feitos em vilarejos ou fazendas coletivas de trabalhadores camponeses.

---

<sup>50</sup> Encontramos também, em Luria (1934), um relato sobre tal expedição, com participação inclusive de Kurt Koffka (1886-1941). Esse material encontra-se em inglês, com o nome: *The second psychological expedition to Central Asia*.

Outra importância que podemos apontar neste material está presente nas palavras de Luria. O autor escreveu que:

Este livro contrasta com um grande número de estudos “culturoológicos” realizados fora da União Soviética nas décadas de 40 e 50. Alguns desses estudos, de autores reacionários, tentam aplicar teorias “raciais” aos dados com a finalidade de demonstrar a “inferioridade” de indivíduos. Outros trabalhos limitam-se à descrição de diferenças entre processos cognitivos encontradas em culturas “atrasadas”, frequentemente referindo-se a visões de mundo mais restritas, sem investigar as características específicas da estrutura psicológica da atividade cognitiva dessas culturas, sem estabelecer vínculos entre tais características e as formas básicas da vida social e, escusado dizer, sem o acompanhamento das mudanças rápidas e fundamentais que ocorrem quando essas formas sofrem reestruturação radical (tenta-se apenas adaptar esses povos à “cultura ocidental”). (LURIA, 2013, p. 8).

É interessante encontrar durante todo o livro de Luria a defesa da característica social no desenvolvimento humano. Refutando, portanto, grande parte de teorias culturalistas, reacionárias, racistas e, principalmente, fascistas, que sempre vigoraram desde o nascimento da psicologia e defendiam aspectos inatos da inteligência humana por exemplo. Podemos lembrar de Marx (2013), quando ele explicou a situação na nova classe trabalhadora que se desenvolvia frente à expropriação de suas terras comunais. A educação dessa classe não era algo garantido pela burguesia. Voltamos a defender uma ideia fundamental para Vigotski, a do desenvolvimento dos sistemas de conceitos. Essa noção estará presente em grande parte da pesquisa de Luria.

As transformações revolucionárias da União Soviética permitiram a realização dessa pesquisa, feitas em vilarejos e fazendas, que possuíam a maior parte de seus habitantes analfabetos. Seria de grande contribuição demonstrar que o psiquismo humano se desenvolvia sobre dadas condições sociais. Neste sentido, muitas diferenças seriam encontradas entre os processos psicológicos da população camponesa do Uzbequistão e de Moscou, por exemplo. Mas, acima de tudo, é também evidente e importante o papel da educação sistematizada na vida dos seres humanos. Vários programas de educação formal e agrícola foram propostos neste novo período, alfabetizando adultos, conseqüentemente, ampliando a visão de mundo que possuíam. (LURIA, 2013).

Além de uma população analfabeta, o Uzbequistão contava na época com os resquícios de um modo de produção social de vida baseado no feudalismo. A economia era majoritariamente agrícola, se dividia em diversos vilarejos no plantio de algodão ou criação de animais. Outro grande empecilho encontrado ainda no Uzbequistão era o

predomínio forte da religião islâmica, limitando até mesmo os direitos das mulheres neste novo período histórico (LURIA, 2013).

No decorrer do processo de desenvolvimento humano, o adulto deveria se tornar capaz de dirigir seus próprios comportamentos, atuar no mundo de forma consciente e com todas suas funções psicológicas superiores desenvolvidas. Mas, esse não é um processo natural, por exemplo, de maturação ou evolução. A educação deve trabalhar na promoção do desenvolvimento das funções psicológicas superiores (LURIA, 2013). Neste sentido, nem todo adulto possui domínio sobre suas características tipicamente humanas<sup>51</sup>. A imaginação, enquanto função superior, segue essa mesma lógica, dependendo intrinsecamente da educação sistematizada.

Como já afirmamos um pouco mais acima, não encontramos grandes novidades nos argumentos teóricos de Luria (2013). O autor dividiu, assim como Vigotski, a imaginação reprodutiva e criativa<sup>52</sup>. A reprodutiva foi explicada por Luria como um momento da vida infantil, restrita à experiência imediata. Por sua vez, a criativa, “[...] verdadeira imaginação [...] vai aparecer pela primeira vez em um estágio de desenvolvimento posterior”. (p. 181). Ainda que concordemos com Luria, devemos evidenciar em sua afirmação uma característica ainda etapista na compreensão do desenvolvimento humano, ou seja, ao depender das condições sociais oferecidas para a educação dos processos superiores da criança, a imaginação criativa pode se manifestar com certas limitações, assim como encontramos descrito em sua própria pesquisa. Nas palavras de Luria, podemos encontrar a descrição da imaginação enquanto processo cotidiano na vida dos camponeses. Segundo ele,

Nossa tarefa não foi a de estudar as formas de imaginação acessíveis apenas àquelas pessoas altamente capacitadas como contadores de histórias a *akyns* (poetas ou cantores populares), que se especializaram em um tipo particular de imaginação, mas antes, aquelas formas que caracterizam qualquer pessoa comum cuja experiência prática fosse típica de um dado contexto histórico. (LURIA, 2013, p. 182).

A experiência prática dos camponeses era evidente no grupo de pessoas analfabetas entrevistadas por Luria. Em muitos, a vivência se restringia à reprodução do

---

<sup>51</sup> O debate sobre as contribuições da educação para o desenvolvimento e emancipação humana se constitui de modo muito amplo na psicologia soviética. No entanto, neste momento, nosso interesse gira em torno apenas de apresentar as diferenças entre a imaginação no processo de alfabetização e de não alfabetização.

<sup>52</sup> Vigotski, por sua vez, utiliza o termo criadora, todavia, trabalhamos com traduções, portanto, evidentemente encontramos diferentes traduções que tentam afirmar as mesmas coisas.

contexto histórico que estavam inseridos. Tratando-se dos camponeses que já eram alfabetizados, as possibilidades aumentavam, operando com circunstâncias abstratas, onde antes apenas eram realizadas tarefas restritas à situação concreta.

O processo experimental descrito por Luria (2013) se constituiu como uma simples experiência, mantendo sempre as características corriqueiras do local em que estavam pesquisando, ou seja, almejaram tornar o mais natural possível o processo experimental. Neste sentido, o trabalho se deu fora do laboratório, em ambientes de trabalho ou de descanso dos camponeses. Em sua prática, o procedimento, de certo modo, era de simples compreensão, porém, provocava conteúdos complexos para alguns camponeses que deveriam realizar três perguntas ao experimentador, tendo como livre os temas de seus questionamentos. Na pesquisa,

Cinquenta e três sujeitos fizeram parte dessa série de experimentos: eles incluíam camponeses analfabetos de regiões remotas (21); pessoas pouco alfabetizadas que frequentaram cursos de curta duração na escola (10); e pessoas com um ou dois anos de escolaridade e ativistas das fazendas coletivas (22). (LURIA, 2013, p. 183).

Uma das primeiras conclusões apresentadas por Luria, logo no princípio da apresentação das entrevistas, encontra-se presente no fato de que os camponeses que eram analfabetos apresentaram maior dificuldade em criar as três questões para o experimentador. Dificilmente conseguiam se envolver em uma situação imaginativa, mesmo quando o pesquisador auxiliava a tentativa de sua criação. Segundo Luria (2013), muitos camponeses, quando indagados, diziam que nada poderiam perguntar, pois não conheciam outros lugares, cidades, mas apenas assuntos relacionados aos seus trabalhos. Luria ainda concluiu aquilo que já afirmamos anteriormente: os sujeitos que eram analfabetos, tinham grande dificuldade de se libertar de suas experiências imediatas, portanto, de se envolverem em situações imaginativas.

Em contrapartida, os sujeitos que já eram alfabetizados ou haviam concluído algum curso de curta duração, eram capazes de criar as perguntas solicitadas pelo entrevistador. Entretanto, um fato curioso observado por Luria (2013) encontra-se na situação imaginária que os entrevistados deveriam se envolver para a criação das perguntas. Por exemplo, um dos entrevistados teve de criar uma situação que girava em torno de seu processo de alfabetização para perguntar algo ao pesquisador.

Das pesquisas de Luria podemos tirar como importante conclusão, não seu desenvolvimento teórico, mas sim o próprio experimento prático, conservando uma

característica além das pesquisas laboratoriais. Também podemos apontar que o trabalho realizado por Luria e seu grupo pôde refutar muitas ideias das teorias reacionárias, racistas e fascistas, que se utilizavam de argumentos inatistas para demonstrar uma suposta superioridade no psiquismo de certos povos. Os resultados de Luria nos mostraram que, por mínima que seja a educação, ela modifica radicalmente as relações e nexos estabelecidos entre as funções psicológicas superiores. Isso pode ser visto na dificuldade que tinham as pessoas analfabetas em criar questões aos entrevistadores (LURIA, 2013).

As teorias inatistas que pregam a superioridade de certas culturas sobre outras são totalmente invalidadas com as pesquisas de Luria. Todavia, como já havíamos alertado, esses trabalhos foram apenas publicados mais de 40 anos depois de terem sido feitos. Neste sentido, começamos a adentrar em um período marcado pelas contradições, contudo, mas também por um novo desenvolvimento da psicologia soviética. As pesquisas de Luria nos permitiram demonstrar tais contradições. A teoria social de Marx se mecanizava cada vez mais sobre o pretexto do stalinismo. Entretanto, alguns autores iniciavam a sistematização de categorias e conceitos gerais presentes na psicologia soviética. É esse o caminho que percorreremos agora.

#### **4 - A DÉCADA DE 1930: CONTRADIÇÕES NOS AVANÇOS E RETROCESSOS NA ATIVIDADE CRIADORA DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA**

A primeira metade da década de 1930 foi marcada por grandes avanços na ciência psicológica soviética, tal como já demonstramos no desenvolvimento teórico de Vigotski, destacando a imaginação como nosso guia de trabalho. Novos conceitos são introduzidos nessa ciência, assim como novos experimentos e conclusões sobre o desenvolvimento do psiquismo são alcançados. O domínio da visão de mundo do materialismo histórico-dialético começa a fazer parte do cotidiano dos trabalhos de muitos teóricos deste período. Se a década de 1920 foi marcada pela luta contra o idealismo e pelas primeiras tentativas, ainda que reducionistas e mecanicistas, da união entre psicologia e marxismo, 1930 traria novas conquistas para os psicólogos soviéticos. Sem embargo, o desenvolvimento da psicologia também veio acompanhado por grandes retrocessos, que se tornariam mais frequentes a partir da segunda metade da década de 1930.

Com o desenvolvimento material da União Soviética, a ciência passou a ser uma das prioridades neste país, a psicologia que apresentamos até agora em um vínculo estreito com Moscou não se desenvolveu apenas nessa cidade. Geograficamente, como escreveu Petrovski (1985a), a psicologia soviética se desenvolveu em vários locais, alguns até mesmo inesperados pela falta de uma tradição científica presente. Já no princípio de 1930, teve início em Moscou - como já demonstramos -, Leningrado, Kiev, Tbilisi, e também em outros locais remotos da União soviética, tais como, Bielorrússia Armênia e Cazaquistão.

É uma tarefa difícil, talvez impossível apresentar em uma dissertação o desenvolvimento da psicologia em todos esses locais. No entanto, nos deteremos em alguns autores mais expressivos e importantes para a criação de novas ideias na psicologia. Afinal, a imaginação também fazia parte do processo de desenvolvimento científico. Surgiram abordagens novas e originais, tentativas de encontrar edificações em comum em toda a psicologia soviética. Entretanto, já podemos afirmar de antemão: a unidade em comum que possuem todas as teorias elaboradas pelos psicólogos soviéticos encontra-se no marxismo.

Na década de 1930, a ciência burguesa, vinda de países ocidentais, começou a ser duramente criticada, combatida e censurada na União Soviética, perdendo o verdadeiro caráter de uma ciência marxista (SHUARE, 2016). Esse é um fato que pode ser analisado a partir de dois fatores determinantes na ciência soviética como um todo: 1) A escassa

publicação dos clássicos do marxismo, que passaram a ser editados em russo, em sua maioria a partir da segunda metade de 1920 e; 2) O processo político de Stalin que acirrava as contradições presentes entre teoria e prática.

Os psicólogos provenientes de famílias cultas e de classe média, tais como Vigotski, Rubinstein e Luria, por exemplo, possuíam acesso a livros e materiais disponíveis em outros idiomas. Todavia, muitos psicólogos somente começaram a se aprofundar na teoria social de Marx a partir das publicações em russo. Mas, muitas publicações que surgiram sobre o materialismo histórico-dialético, já na década de 1930, resumiam em um manual toda a teoria marxista. Sem contar toda a nova questão ideológica que começava a vigorar na ciência, refletindo-se na psicologia. Ou ainda, como resumiu Shuare (2016), essa determinação se constituiu como “o marxismo sem Marx, extremamente ideologizado e vulgarizado que representava, essencialmente, a simplificação da teoria marxista-leninista em suas questões fundamentais”. (p. 85-86).

Até mesmo Kornílov, prestigiado e responsabilizado, em 1923, pela proposta pública de uma teoria marxista da psicologia, foi censurado e retirado de seu cargo de diretor do Instituto de Psicologia de Moscou. Em seu lugar, assumiu uma figura já comentada neste trabalho: Viktor Kolbanovski. As acusações contra Kornílov eram várias, refletindo-se ainda em outros dos membros do Instituto, tal como Vigotski e Luria. Shuare apresentou em seu livro uma resolução de 6 de junho de 1931, de uma célula do PC (Partido Comunista). Na penúltima resolução podemos encontrar o princípio da censura que se faria presente nos próximos anos. Nela, está escrito:

[...] a tendência que Kornílov liderava em Psicologia parte das teorias de Spencer-Bogdánov-Bujarim por uma parte e do menchevismo- idealista por outra. A direção do Instituto criticou à reflexologia bejtereviana, que é grosseiramente biologicista, ao pseudomarxismo da reatologia de Kornilov, ao fysicalismo idealista da Gestalt, ao comportamentalismo norte-americano. Tentou-se apresentar como teorias marxistas o mecanicismo grosseiro de Kornílov, o sternismo idealista de Shpilrein, a Psicologia “culturalista de Vigotski e Luria” etc. (PSICOLOGIA, 1931a, p. 1-12 apud SHUARE, 2016, p. 86-87).

Parece-nos que nem mesmo as pesquisas realizadas por Vigotski e Luria escaparam dos ataques proferidos. Entretanto, os confrontos ainda iria se acirrar mais, a ponto de surgirem proibições e perseguições evidentes dentro de todas as áreas do

conhecimento. Por exemplo, encontramos algumas críticas tidas como marxistas<sup>53</sup> neste período sendo dirigidas aos dois autores. Em exatas duas páginas, demonstravam a inconsistência da chamada teoria culturalista de Vigotski e Luria. Tais críticas, que se diziam marxistas, nada tinham de materialistas, históricas e dialéticas, apenas encontramos julgamentos morais, com base na etiquetagem: não marxista. As críticas estão conservadas no artigo de Talankin (2000)<sup>54</sup> todavia, haviam sido publicadas originalmente em 1931.

“O grupo de Vigotski e Luria é indubitavelmente talentoso”. (TALANKIN, 2001, p. 10). É assim que Talankin inicia seu texto sobre o trabalho de Vigotski e Luria. Apesar disso, na próxima frase nos deparamos com o alerta dos autores seres representantes do positivismo e da leitura acrítica da psicologia ocidental. Segundo Talankin, Vigotski e Luria estavam trabalhando com teorias que eram consideradas moda no ocidente: Freudismo e Gestalt. No entanto, antes de continuarmos apresentando as intensas críticas de Talankin, podemos lembrar alguns pontos já comentados neste trabalho. Luria (1992) escreveu que Vigotski quando iniciou seu trabalho em Moscou, também começou uma pesquisa sobre a psicologia da Rússia e de outros países ocidentais. Essa investigação deu origem ao texto sobre a crise da psicologia, no qual Vigotski realizou um diagnóstico da situação que encontrava-se essa ciência. Todavia, para realizá-lo, teve de encontrar o que de mais desenvolvido havia na psicologia (VIGOTSKI, 1999a). Esse é o verdadeiro caminho condizente ao método marxista. Vale lembrar das três fontes descritas por Lenin (2001)<sup>55</sup>, que demonstram o caminho pelo qual o marxismo foi forjado, ou seja, a partir de um estudo crítico sobre o que de mais desenvolvido havia sido produzido pelos seres humanos. Contudo, não resultou em uma mera junção mecânica mas sim, em uma síntese dialética. Esse foi o caminho encontrado e seguido por Vigotski em suas pesquisas.

---

<sup>53</sup> Vale esclarecer que as críticas dos censuradores neste período eram dirigidas aos autores sob a bandeira do marxismo-leninismo, no entanto não condiziam com essa visão de mundo.

<sup>54</sup> Ao buscarmos dados biográficos sobre o autor, esbarramos em um fato de grande interesse: não existe referência alguma ao teórico A. A. Talankin. Todavia encontramos as informações de Alexander Alexandrovich Talankin (1898-1937), que suspeitamos tratar-se da mesma pessoa. Era professor de filosofia da Academia Militar-Política e membro do Partido desde 1917. No entanto, Talankin foi preso em 4 de junho de 1937 e executado no dia 31 de agosto do mesmo ano. Encontramos aqui a contradição na própria contradição: o censor sendo censurado. Essas informações encontram-se disponíveis em: <https://ru.openlist.wiki/>.

<sup>55</sup> Nos referimos aqui As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. Neste texto, Lenin (2001) destacou que o marxismo se apropriou daquilo que de mais desenvolvido havia no conhecimento produzido pelos seres humanos. Assim sendo, Lenin destacou: 1) A filosofia alemã; 2) A economia política inglesa e; 3) O socialismo francês.

Talankin (2001) ainda continua suas críticas a Vigotski e Luria. Segundo ele, poderíamos considerar a concepção de ambos como histórico-cultural, inserindo na psicologia soviética os problemas referentes ao desenvolvimento. Porém, para Talankin, as soluções encontradas pelos autores poderiam ser consideradas insatisfatórias a partir da metodologia marxista. Talankin escreveu que o problema da compreensão do desenvolvimento para Vigotski e Luria encontra-se na ideia dos autores sobre a organização do comportamento pelo instrumento. Para Talankin, os autores acreditavam fielmente que os seres humanos se desenvolviam pela observação do uso de ferramentas ou ainda adaptando seu comportamento ao instrumento<sup>56</sup>. Parece-nos que Talankin não foi muito além nas obras de Vigotski para realizar tais críticas.

No entanto Talankin avançou mais ao longo de suas duas páginas de crítica. Para ele, o modo pelo qual Vigotski e Luria compreendem a cultura resulta de um caminho extremamente mecanicista, como se o desenvolvimento cultural ocorresse da simples soma entre instrumentos e símbolos. E, quando acreditávamos que nada mais poderíamos encontrar nos escritos de Talankin, ele surpreendeu escrevendo que: “isto é, spencerismo<sup>57</sup> quando se discute comportamento no sentido de adaptação de condições internas a condições externas”. (TALANKIN, 2000, p. 10). Além de não compreender a própria obra vigotskiana e a noção de interiorização das funções psicológicas superiores, parece-nos que Talankin não tinha domínio algum sobre o marxismo. Vale portanto lembrar que “agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza”. (MARX, 2013, p. 255). Essa é a noção marxista, posição adotada por Vigotski, compreendendo a dialética e não fazendo o uso vulgar do marxismo. Não ocorre a adaptação interna às condições externas, pelo contrário, o ser humano altera as condições externas ao mesmo tempo que modifica as internas.

Talankin (2000) escreveu que o fato dos instrumentos somados com o simbolismo se tornarem o resultado do desenvolvimento cultural encontra-se conservado na própria denominação de Vigotski e Luria de suas pesquisas na psicologia, ou ainda, na atribuição ao nome de escola instrumental dada pelos autores. O ponto principal da prova de que Talankin não compreendeu as teorizações de Vigotski e Luria ficou claro quando destacou que os autores transformaram os processos psicológicos em ferramentas. Para

---

<sup>56</sup> Suspeitamos que Talankin refere-se diretamente à obra De Vigotski e Luria: Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança, escrita e publicada em 1930.

<sup>57</sup> Aqui nosso autor tentou realizar uma menção trágica ao filósofo e biólogo Herbert Spencer (1820-1903).

além disso, ele ainda escreveu que os instrumentalistas haviam separado o conceito da realidade. Todavia, após essa menção, Talankin encerra seu texto de forma misteriosa. Ele escreveu que: “Vigotski e Luria não fizeram isso”. (p. 11). Ele se referiu a separação do conceito e realidade, contudo, na próxima frase escreveu: “no entanto, sua concepção de psicologia cultural deve ser contraposta”. (p. 11). Para ele os resultados encontrados sobre o desenvolvimento do psiquismo por Vigotski e Luria não são os mesmos expostos na filosofia marxista.

No fim de seu quarto e último parágrafo de crítica a Vigotski e Luria, não encontramos nada de novo, nenhuma argumentação teórica ou filosófica, apenas uma crítica etiquetada. Sem embargo, em um artigo escrito por Vladimir Aleksandrovich Barabnschikov (1949-), Konstantin Kostantinovich Platonov (1906-1984) e Nikolai Fedorovich Fedenko<sup>58</sup>, encontramos a defesa dos trabalhos feitos por Talankin, em específico, apresentando suas investigações na psicologia militar. Segundo os autores, Talankin foi um grande crítico da psicologia idealista e abordagem reatológica. Para ser exato, foi um dos organizadores das discussões sobre reatologia que ocorreu, em 1931, no Instituto de Psicologia, de seu resultado, já comentamos brevemente acima, acarretando na dispensa de Kornílov de seu cargo (BARABNSCHIKOV; PLATONOV; FEDENKO, 1967). Shuare, por sua vez, ao apresentar o relatório feito por Talankin, escreveu que ele “[...] declara-se ao bejterismo e ao kornivolismo reflexos da ideologia inimiga da classe do proletariado”. (SHUARE, 2016, p. 87). As discussões na década de 1930 revelam-se calorosas, e estamos apenas em 1931. Devemos antecipar que a situação se acirraria ainda mais nos próximos anos.

Não apenas Shuare comentou as críticas que sofreu, Vigotski, já no princípio da década de 1930. Smirnov (1967) escreveu que Vigotski, junto com a colaboração criativa de Luria e Leontiev, desenvolveram uma série de trabalhos na ciência psicológica. No entanto, no início de 1930, começaram a ser duramente criticados, porém Smirnov não se refere à crítica da teoria de Vigotski como histórico-cultural, mas sim como sócio-histórica<sup>59</sup>. Ainda para Smirnov, as principais críticas a Vigotski, ao menos nestes anos iniciais, condiziam com um suposto desvio da teoria do reflexo de Lenin. Em apenas dois

---

<sup>58</sup> Sobre Fedenko, não encontramos nenhuma nota biográfica.

<sup>59</sup> É curioso como encontramos na história informações diferentes para um mesmo processo. Nomes diferentes para uma mesma teoria, entretanto devemos lembrar que, algumas das várias versões que encontramos ao longo do desenvolvimento da psicologia soviética, não condizem com os fatos ocorridos.

parágrafos de seu artigo, Smirnov resume as críticas dirigidas a Vigotski, mas de longe se pronuncia na concordância ou discordância das mesmas.

Para Petrovski (1985b), esse novo estágio da psicologia soviética, iniciada em 1930, caracteriza-se pelo debate de uma psicologia fundamentalmente baseada no materialismo histórico-dialético, determinando o posterior desenvolvimento dessa ciência nas décadas de 1940 e 1950. Entretanto, o que mais encontraremos neste período é a adoção do princípio da censura. Todavia, alguns avanços teóricos também se desenvolveram ao longo de um debate que, segundo Petrovski, ocorreu entre 1931 e 1932: a consciência foi adotada como objeto de estudo da psicologia. Aquilo que Vigotski alertava já no princípio de seus trabalhos na ciência psicológica, finalmente fora tido como um consenso entre os investigadores do campo psicológico. No entanto, em alguns avanços, encontram-se presentes também retrocessos. Os psicólogos neste período se envolveram em uma tarefa de reconstruir conceitualmente a psicologia marxista. Neste sentido, os conceitos vindos das teorias idealistas deveriam ser banidos para sempre. Tal revisão sistemática dos conceitos da psicologia foi elaborada a partir dos apontamentos realizados por Lenin e sua teoria do reflexo. Para Payne (1968), a teoria de Lenin sobre o reflexo psíquico havia sido deixada de lado por vários teóricos da década de 1920, inclusive por Kornilov.

Porém, apesar de Petrovski (1985b) apresentar a revisão histórica dos conceitos da psicologia soviética, diferentemente de Talankin (2000), acreditava que o papel fundamental para novas explicações na psicologia foi realizado por Vigotski. A principal contribuição de Vigotski para a psicologia soviética foi para Petrovski a explicação “[...] da origem, estrutura e desenvolvimento das funções psicológicas superiores”. (PETROVSKI, 1985b, p. 21). Posteriormente, Petrovski apresentou em seu texto a contribuição de outros autores no desenvolvimento teórico da psicologia soviética, tal como Leontiev, por exemplo. Entretanto, o autor vai além de Leontiev apresentando a contribuição de uma gama imensa de teóricos que nos primeiros anos da década 1930 atuaram no desenvolvimento original da psicologia soviética. Vale apresentar algumas menções feitas por Petrovski, tais como: Blonski e o desenvolvimento da teoria genética, Dimitri Nikolaievich Uznadze (1886-1950) com a teoria do set, que proporcionou as condições objetivas para a investigação do inconsciente, e não poderíamos deixar de mencionar Rubinstein e sua sistematização dos princípios gerais da psicologia.

É exatamente neste período que Petrovski (1985b) escreveu que os psicólogos soviéticos chegaram a uma conclusão que determinou todas as ideias que se

desenvolveriam no futuro. Ele escreveu que os teóricos finalmente haviam compreendido que “a atividade psíquica é determinada pelo caminho da vida e as mudanças estão de acordo com as mudanças do caminho da vida”. (p. 22). Essa compreensão do psiquismo deu base para futuras afirmações que resultariam na principal contribuição do marxismo: o estudo do ser humano concreto. Este também foi um fato exposto por Smirnov (1967), escrevendo que a luta política e ideológica de psicólogos soviéticos ocorreu pelo desenvolvimento de uma abordagem condizente com o materialismo histórico-dialético.

No entanto, Smirnov (1967), vai além de Petrovski em suas apresentações sobre as realizações dos psicólogos soviéticos. Apresentou as contribuições da fisiologia e física para o entendimento dos processos básicos e a dependência entre os aspectos fisiológicos e psicológicos. Smirnov citou um exemplo das pesquisas feitas pelo neurofisiologista Serguei Vladimirovich Kravkov (1893-1951). Kravkov desenvolvia trabalhos com referentes aos órgãos do sentido, em específico, a visão. Por conseguinte, encontramos em seu trabalho a preocupação evidente com as mudanças pelas quais passa a visão durante o desenvolvimento (KRAVKOV, 1966). Neste sentido, podemos apontar que até as pesquisas feitas pelos fisiólogos guardavam um aspecto do materialismo histórico-dialético. Kravkov acreditava nas mudanças fisiológicas dos órgãos sensoriais. Este é um fato muito interessante pela proximidade das afirmações do jovem Marx em seus manuscritos de Paris. Nele, Marx escreveu que:

Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua como órgãos comunitários, || VII | são no seu comportamento *objetivo* ou no seu *comportamento para com o objeto* a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade *humana*; seu comportamento para com o objeto é o *acionamento da efetividade humana* (por isso ela é precisamente tão múltíplice (*vielfach*) quanto múltíplices são as *determinações essenciais e atividades humanas*), *eficiência humana* e *sofrimento humano*, pois o sofrimento, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano. (MARX, 2010<sup>a</sup>, p. 108 - Grifos no original).

As pesquisas não eram simplesmente para encontrar um substrato material no cérebro ou ainda fisiologizar a psicologia, stalinizar o marxismo sim encontrar como o ser humano se vê no outro. Em 1844, exilado em Paris, Marx já apontava o caráter do desenvolvimento social de todos os órgãos do sentido, retirando o caráter inatista de toda a filosofia que lidava com certa busca cognoscitiva, referente ao modo como os seres humanos conhecem a realidade. É somente quando me reconheço no outro que reconheço a mim mesmo. Vale lembrar Marx, já em seu O capital, quando escreveu:

De certo modo, ocorre com o homem o mesmo que com a mercadoria. Como ele não vem ao mundo nem com um espelho, nem como filósofo fichtiano - Eu sou Eu -, o homem espelha-se primeiramente num outro homem. É somente mediante a relação com Paulo como seu igual que Pedro se relaciona consigo mesmo como ser humano. Com isso, porém, também Paulo vale para ele, em carne e osso, em sua corporeidade Paulínia, como forma de manifestação do gênero humano. (MARX, 2013, p. 129).

Vimos em meio as várias contradições a utilização dialética do método de Marx, que contraria toda o emprego mecânico do dogmatismo materialista que encontramos em outros autores, por exemplo, em Talankin (2000). Em meio a retrocessos, também existiu desenvolvimento, esse último não pode ser considerado a partir de uma linearidade, mas sim, por saltos qualitativos. Neste sentido, não podemos analisar esse período de 1930 até 1950 apenas apontando retrocessos, pois estaríamos nos valendo de um materialismo mecanicista ao invés do dialético.

É exatamente em meio à utilização mecanicista do materialismo de Marx que encontramos, em 1934, a publicação de um artigo escrito por Rubinstein, em que o autor reorganiza algumas informações estabelecendo quais são os pilares e, portanto, os fundamentos gerais que encontramos na psicologia soviética. Muitos autores apontaram a importância desse texto para o avanço do desenvolvimento da categoria de atividade na psicologia. Psicólogos como Smirnov (1967), Payne (1968), Leontiev (1986), Vega (1993), Shuare (2016), entre muitos outros teóricos apresentam a importância desse trabalho para o desenvolvimento da psicologia soviética. Nos deteremos brevemente nos apontamentos científicos de Rubinstein.

#### **4.1 - 1934: A CRIAÇÃO DA PSICOLOGIA MARXISTA COMO FINALIDADE DA ATIVIDADE CRIADORA**

No ano de 1934, a psicologia perderia um dos maiores psicólogos de todos os tempos: L. S. Vigotski. Em Levitin (1982), encontramos um capítulo dedicado a Vigotski, o Mozart da psicologia. Em Luria (1935), nos deparamos com os apontamentos do autor sobre a psicologia soviética ter perdido um de seus principais teóricos, o que refletiria diretamente no desenvolvimento da ciência psicológica na União Soviética. Entretanto, em meio à trágica perda da psicologia soviética, é também em 1934 que Rubinstein publicou um trabalho dedicado à reorganização dessa ciência. E encontrou nas obras de Marx assuntos de interesses diretamente relacionados a ciência psicológica. Nos referimos ao seu trabalho: Os problemas da psicologia nos trabalhos de K. Marx. Todavia,

não possuímos o manuscrito original publicado em 1934 por Rubinstein, mas encontramos em seu livro *O desenvolvimento da psicologia*, um capítulo denominado: *Princípios filosóficos da psicologia*. Os primeiros manuscritos de Karl Marx e os problemas da psicologia. Neste capítulo, Rubinstein se valeu a todo instante de seu artigo publicado em 1934, poderíamos ainda considerar esse último trabalho como uma complementação de seu artigo da década de 1930. Vale ainda escrever que encontramos um teórico totalmente diferente daquele primeiro artigo sobre atividade criadora publicado em 1922. Curioso é notar que a discussão sobre atividade criadora é introduzida - em seu trabalho sobre Marx -, já no primeiro parágrafo. Sem embargo, a argumentação idealista de seu primeiro trabalho já não faz mais parte de seu desenvolvimento teórico na década de 1930. Aqui encontramos um teórico condizente com a visão de mundo do materialismo histórico-dialético.

Contudo, é interessante antes de analisarmos o devido trabalho de Serguei Rubinstein, apresentarmos uma grande descoberta ocorrida em 1932, chamada de *Manuscritos econômico-filosóficos*. A obra de Marx havia sido descoberta no princípio de 1930, mas apenas publicada em 1932. Como escreveu Jinkings (2010), os manuscritos revolucionaram os estudos das obras de Marx na União Soviética. A psicologia não escapou desse fato. São muitos os autores que se referem a ela e a seu conteúdo como um todo. Apresentamos no item acima um trecho dessa obra sobre os órgãos dos sentidos. Nela, encontramos, assim como escreveu Rubinstein (1963), temas diretamente relacionados com a ciência psicológica. No entanto, não é assim que desejamos apresentar tal material. Portanto, iniciaremos sua análise do princípio.

O princípio não foi o verbo, mas o ato, aquele mesmo, citado por Vigotski (1999a) no capítulo 13, de seu texto sobre a crise da psicologia. Nesse material, encontramos grandes semelhanças com o artigo de 1934 escrito por Rubinstein. Porém, isso não ocorre por um furto de ideias, assim como escreveu Blanck (2003). Rubinstein nem conseguiria roubar as ideias contidas neste trabalho, devemos lembrar que ele foi perdido e reencontrado apenas em 1982, em sua coletânea de obras escolhidas. Entretanto, o que aproxima as teorizações de Rubinstein a Vigotski encontra-se descrito já no primeiro parágrafo de seu artigo. Nele, Rubinstein escreveu que:

A psicologia soviética se baseia na filosofia marxista. Esse fato determina sua orientação. Mas, não é possível encontrar em nenhuma das obras dos fundadores do marxismo-leninismo a ciência psicológica *como ciência especial*. Nem Marx, nem Lenin, como é notório, escreveram tratados de

psicologia. Não existe, pois mais que um caminho para formar a psicologia soviética: o da investigação criadora. (RUBINSTEIN, 1963, p. 253 - Grifos do autor).

Não há uma solução pronta nos clássicos do marxismo sobre como deve se orientar, desenvolver e quais os objetos devem ser estudados pela psicologia soviética. Tais situações deveriam ser descobertas, criadas pela primeira vez no trabalho de investigação teórica e prática feito pelos psicólogos soviéticos. Neste sentido, a psicologia marxista ainda não existiria, pois Marx, Engels e Lenin não desenvolveram trabalhos no campo da ciência psicológica. Essa tese, levantada por Rubinstein, se assemelha em grande parte do que escreveu também Vigotski (1999a), em sua crítica à crise da psicologia. É notório as possibilidades de identificar semelhanças em autores que trabalharam com o materialismo histórico-dialético, de modo criativo e não mecanicista.

Contudo, apesar de não encontrarmos respostas definitivas - o que seria antidialético - nas obras de Marx, Engels e Lenin nos deparamos, segundo Rubinstein (1963), com um material de grande interesse para a psicologia: os Manuscritos econômico-filosóficos. É interessante notar que, desde sua descoberta, foi alvo de uma série de críticas, desde marxistas até antimarxistas. Ler os manuscritos significa pensar Marx, não a partir de seus trabalhos juvenis, mas o contrário. Devemos operar com essa obra, a partir do que de mais desenvolvido Marx produziu, neste sentido, O capital. Encontramos em Marx (2010a), o levantamento de problemas que foram superados em seu O capital (MARX, 2013). Por exemplo, em Marx (2010a), ainda nos deparamos com afirmações de que o trabalhador se tornaria uma mercadoria cada vez mais barata, quanto mais mercadoria ele produzisse. Esse fato foi superado posteriormente e, em seu O capital, podemos encontrar que não é o trabalhador uma mercadoria, mas sim, sua força de trabalho. No entanto, isso não desmerece o valor filosófico e científico presente já em seus primeiros trabalhos. Devemos sim nos apropriar desse material, não apenas dele, como também de todo o conjunto da obra marxista.

Trabalhar com os Manuscritos econômico-filosóficos de Marx não significa esquecer todo seu posterior trabalho. Não devemos olvidar outras de suas obras, que possuem grande valor para a ciência psicológica, tais como: A ideologia alemã (MARX; ENGELS, 2007), Miséria da filosofia (MARX, 1974), Contribuição à crítica da economia política (MARX, 2008), entre muitas outras. Ou ainda, poderíamos arriscar escrever que a contribuição de Marx encontra-se ao longo de seus escritos como um todo, deixando para a psicologia um método.

Sem mais delongas, adentrando a essência da importância dos manuscritos para a psicologia, Rubinstein (1963) escreveu que nele encontramos o problema do ser humano como questão central em todo este trabalho. Não um ser humano abstrato, mas sim concreto, que realmente existe na realidade e estabelece relações com outros seres humanos. Podemos destacar três teses principais levantadas por Rubinstein, que sintetizam os fundamentos gerais da psicologia soviética. São elas: 1) O reconhecimento da atividade prática e teórica, ou seja, a *práxis* na vida do ser humano; 2) O mundo dos objetos criados pela atividade humana condiciona o desenvolvimento dos sentidos, da consciência e da ciência psicológica e; 3) A psicologia humana e o psiquismo de forma geral são produtos da história humana.

A primeira tese apresentada por Rubinstein (1963) encontra-se presente em todo o conjunto da obra de Marx, e que já demonstramos ao longo de todo esse trabalho, desde as páginas iniciais. Destacamos, de princípio, a importância da compreensão da atividade como aquilo que altera a natureza e, ao mesmo tempo, o ser humano. É curioso apontar que para Rubinstein, a atividade não pode ser dividida entre prática e teórica, assim sendo, a atividade é a *práxis*, realizamos tal divisão para fins didáticos, entretanto na objetivação da atividade encontramos tanto sua utilização prática como teórica. Como explicou Rubinstein,

Não só é *ouvido* o denominado ouvido interno; o é, também, o denominado externo; este constitui, portanto, um processo psíquico e, neste sentido, resulta interno; não só o cálculo mental inclui em si processos psíquicos, mentais, mas que os inclui, ademais, o contar o número de objetos com ajuda dos dedos. (RUBINSTEIN, 1963, p. 340).

Portanto, para Rubinstein uma atividade não se desvincula da outra, a atividade prática e teórica, ou seja, a *práxis* é para ele: atividade. A importância da atividade na psicologia soviética começa a ganhar forças já no fim da década de 1920 e princípio de 1930. É também, no seguimento dessa primeira tese, que encontramos seu vínculo com a segunda. Sem embargo, ao mesmo tempo que a atividade humana cria novos objetos, ela também passa a ser condicionada por esses mesmos objetos (RUBINSTEIN, 1963). A criação de uma ferramenta abre novas possibilidades para o desenvolvimento de uma determinada atividade. A invenção do machado abriu uma possibilidade imensa para o trabalho humano, assim como a motosserra uma outra possibilidade para além do machado. Portanto, poderíamos afirmar que novas criações alteram o próprio

desenvolvimento da atividade. A atividade humana não é pura, ela cria objetos que passam a engendrará-la por sua vez, ou ainda, uma relação dialética entre sujeito e objeto.

Sendo, portanto, a atividade responsável pela objetivação de novos objetos, devemos lembrar de que ela também é histórica. Neste sentido, todos os objetos e criação da atividade humana são objetivados em determinados períodos históricos. É importante defender ainda a noção de que se a atividade é histórica, o desenvolvimento do psiquismo segue o curso do mesmo processo histórico (RUBINSTEIN, 1963). Novamente, Rubinstein buscou sustentação em Marx para levantar sua terceira tese. No próprio Marx encontramos que:

*A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui. O sentido constrangido à carência prática rude também tem apenas um sentido tacanho. Para o homem faminto não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento; poderia ela justamente existir muito bem na forma mais rudimentar, e não há como dizer em que esta atividade de se alimentar se distingue da atividade animal de alimentar-se. O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral; ele não tem sentido mineralógico algum; portanto, a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer humanos os sentidos do homem quanto para criar sentido humanos correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural. (MARX, 2010a, p. 110).*

Não apenas os cinco sentidos humanos são históricos, mas todo o psiquismo segue o curso do desenvolvimento histórico, diga-se de passagem, dos meios de produção. Ou ainda aquele velho adágio repetido ao longo de todo esse trabalho pode novamente nos ser útil: o modo de produzir e reproduzir a vida socialmente determina o desenvolvimento do psiquismo humano. O ser humano, que não se atenta a um espetáculo, possui condições referentes ao período histórico que vive. Assim sendo, todas as características particulares do psiquismo seguem uma lei histórica.

Rubinstein (1963) não apenas levantou três teses gerais para a ciência psicológica, como também explicou que elas constituem-se como os três pilares que sustentam toda a psicologia soviética. Sobre a busca de elementos que permitam desenvolver a psicologia soviética, nos Manuscritos econômico-filosóficos de Marx, poderíamos arriscar até mesmo brincar com a última tese de Rubinstein. A descoberta e publicação dos manuscritos de Paris abriram uma nova possibilidade histórica para a psicologia soviética atentar-se a temas que ainda não haviam sido devidamente aprofundados.

O que é interessante notar e, portanto, que devemos mencionar é que, enquanto havia sujeitos na psicologia cumprindo um dever dogmático e mecanicista na censura de teóricos, tal como Talankin (2000), existiam outros que operavam com autenticidade na utilização do método de Marx na ciência psicológica. Vigotski e seus colaboradores sem dúvida alguma fazem parte deste segundo grupo, assim como Rubinstein apontando que, no método “para Marx, a ‘eliminação’ não é só uma operação ideal, mas um processo de transformação real; não é a ‘crítica’ (termo predileto dos jovens hegelianos) o que faz falta, mas a revolução”. (RUBINSTEIN, 1963, p. 265). Na psicologia, a crítica que era crítica, serviu apenas ao dogmatismo, censurando e retrocedendo o desenvolvimento dessa ciência. Em contrapartida, houve teóricos revolucionando essa ciência. Não apenas interpretando, mas também transformando-a. Todavia, não foi isso o que o ano de 1936 representou para a psicologia, portanto é nele que nos deteremos agora.

#### **4.2 - 1936: UM ANO DE TERROR E RETROCESSOS PARA A PSICOLOGIA SOVIÉTICA**

O ano de 1936 pode ser apresentado na psicologia soviética como um dos maiores retrocessos presentes no desenvolvimento dessa ciência. A censura, que antes era apenas feita no papel, como crítica taxativa de não marxista, agora é regulamentada, sendo os criminosos banidos do conhecimento científico. Neste sentido, até mesmo aqueles que não concordavam com a utilização dogmática de um materialismo mecanicista tiveram de se adequar a este período, muitas vezes, realizando citações que não condiziam com tudo o que haviam escrito anteriormente. Se em 1934 Rubinstein havia apresentado um texto de grande valia para o desenvolvimento da psicologia, na década de 1940, um novo livro surgiria: Princípios de psicologia geral. Neste tratado, ao longo de suas 800 páginas, o autor sistematiza a história da psicologia, o desenvolvimento do psiquismo, as funções psicológicas superiores, a atividade e a personalidade. Entretanto, em meio a várias contribuições, encontramos também citações no mínimo sem sentido. Em sua segunda edição, reedita sobre a condição de revisão e autocrítica do autor, nos deparamos com o seguinte:

Nas discussões que se envolviam ao redor da reflexologia, da reatologia e da teoria do desenvolvimento cultural não se tocava, todavia, a pedologia pseudocientífica. Só a resolução do Comitê central do P. C. da U. S. (B) de 4 de julho de 1936 desmascarou algumas teorias extremamente prejudiciais e

reacionárias, as quais inibiam com suas falsas frases pseudo-marxistas o desenvolvimento da psicologia, desintegrando-a por meio de conceitos anticientíficos. Dita resolução eliminou ao mesmo tempo vários impedimentos externos de organização no trabalho da investigação psicológica da U. R. S. S., pois o critério “pedológico” do sistema da educação popular havia provocado uma limitação no trabalho científico da psicologia e seu artificial deslocamento. (RUBINSTEIN, 1967, p. 103).

É quase que inacreditável a afirmação de Rubinstein sobre os benefícios da resolução de 1936, logo ele quem foi considerado cosmopolita por engrandecer a psicologia ocidental. No entanto, não engrandecia, mas sim apresentava sua história (GIANNONI; MENESES; LEÃO, 2017). Esse parágrafo encontra-se presente após uma longa revisão da história na psicologia mundial, neste sentido, o que aparece em direção oposta a tudo que escreveu. É interessante notar que não apenas Rubinstein apresentou críticas sem fundamentos e de cunho ideológico, mas sim isso se tornou uma proteção a outros teóricos a partir da segunda metade de 1930. Portanto, encontramos em muitos psicólogos desse período críticas como a de Rubinstein (1967).

Payne (1968), ao apresentar os acontecimentos da década de 1930, que culminaram na resolução de 1936, escreveu que a tolerância às teorias que não condiziam com o marxismo foi substituída pela intensa vigilância e “direta intervenção nas discussões filosóficas”. (p. 46). Ele também relatou que, a partir de 1930, uma abordagem denominada de teoria histórico-cultural do desenvolvimento passava por sérias críticas, referindo-se diretamente a Vigotski e seus colaboradores.

O decreto apresentado e comentado por Rubinstein (1967) não apenas proibia a teoria vigotskiana, como também toda a discussão pedológica que se desenvolveu desde os anos de 1920. Segundo Payne (1968) a pedologia, perto de outras teorias, havia conseguido sobreviver muito tempo sendo duramente criticada. Payne, relatou haver dois grupos frente às discussões pedológicas. O primeiro biologizantes, e o segundo sociologizante. Para ele, Vigotski pertencia ao segundo grupo das discussões pedológicas, reduzindo o desenvolvimento psíquico ao papel do ambiente social<sup>60</sup>.

Um dos argumentos utilizados por Payne (1968) sobre a proibição da pedologia na União Soviética, relacionava-se com os testes aplicados em crianças. Segundo o autor, eles não condiziam com a proposta de uma teoria marxista na psicologia, não possuíam sólidas bases científicas para sua utilização. As discussões que condenavam a pedologia

---

<sup>60</sup> É interessante notar que as obras de Vigotski ainda não haviam sido reeditadas na União Soviética, quando Payne escreveu seu livro. É possível perceber seu total desconhecimento pela teoria de Vigotski. Essa foi uma determinação estabelecida ao longo de vários anos na psicologia soviética.

como ciência reacionária iniciaram-se no fim de 1920 e princípio de 1930. Todavia, segundo Payne, ela havia resistido até sua “condenação oficial em 1936” (p. 48), sendo oficialmente proibida nos trabalhos da educação infantil. Na proibição da ciência pedológica encontramos ainda que “o fundamental erro da pedologia foi visto no fato de que ela aceitou acriticamente os princípios da pedologia burguesa anticientífica que tem como objetivo a preservação de uma classe dominante”. (WORTIS, S/D, p. 243 apud PAYNE, 1968, p. 48). Na verdade, nos deparamos com argumentos apenas ideológicos, que careciam de cientificidade, não acrescentando nada da novo para as discussões científicas deste período. Como maior absurdo, Payne escreveu que a resolução do partido restaurou a pedagogia, banindo da ciência a pedologia, neste sentido, os pedólogos haviam sido totalmente proibidos de exercer seus trabalhos a partir de 1936, considerados como perigosos teóricos burgueses.

A compreensão dogmática, portanto, mecanicista do marxismo, atuou na proibição da pedologia, conservando-se durante décadas na psicologia soviética. No entanto, Payne, quando realizou sua revisão da psicologia soviética, escreveu em seu livro um tópico denominado: “o triunfo da dialética: 1936-50”. (PAYNE, 1968, p. 49). Entretanto, antes de adentrar ao que chamou de triunfo da dialética, terminou seu tópico anterior com algumas palavras um tanto quanto problemáticas ao analisá-las desde o método marxista. Payne escreveu que “a publicação do decreto sobre a pedologia, trouxe o período de transição para uma ‘psicologia dialética’, estreita e estabelecida como a formulação oficial da teoria psicológica soviética”. (P. 49 – Grifos no original).

Podemos apontar dois erros cometidos por Payne (1968) ao engrandecer o decreto a favor da psicologia dialética. O primeiro, gira em torno das próprias decisões tomadas coletivamente pelos psicólogos soviéticos. Em 1923, Kornílov já havia defendido a necessidade de organizar a psicologia a partir do marxismo, sua ideia, como já demonstramos anteriormente, foi acatada por todo um coletivo de teóricos. Portanto, a psicologia baseada no materialismo histórico-dialético já vinha se desenvolvendo desde 1923 ou ainda até antes com os trabalhos de Blonski, por exemplo. Tratando-se do segundo erro cometido por Payne, podemos afirmar que aquilo chamado de psicologia dialética nada possuía de dialética. Muitos trabalhos na década de 1940 retornaram a um materialismo vulgar e sensualista. Talvez até mesmo aquele materialismo criticado por Marx em suas teses sobre Feuerbach, escrevendo que, o principal erro do materialismo até então, era apenas considerar a materialidade, sem a *práxis* (MARX; ENGELS, 2007).

A atividade psicológica seria substituída em muitos trabalhos pela atividade nervosa superior, assim como a linguagem pelo segundo sistemas de sinais.

Contudo, a mesma nota que Rubinstein (1967) apresentou em seus Princípios de psicologia geral, na década de 1940, já havia afetado seu trabalho anteriormente. Após a edição de seu artigo de 1934 sobre os problemas da psicologia nas obras de Marx, Rubinstein publicou um livro denominado Fundamentos da psicologia, em 1935. Nele, foi duramente criticado por Kolbanovski, acusado de atuar de modo acrítico com o marxismo, e engrandecendo a psicologia burguesa (PAYNE, 1968). Nos parece que a crítica de Kolbanovski era padrão para todos que almejassem revisar a psicologia historicamente, assim como, Vigotski, e posteriormente, Rubinstein. Porém, o dogmatismo ainda iria afetar de forma imensurável a psicologia soviética, como escreveu Payne:

Em 1936, a revista Sobre a Bandeira do Marxismo publicou um relatório sobre uma conferência de psicólogos convocados pelos editores dessa revisão para discutir o estado da psicologia na União Soviética. Os principais participantes na discussão foram Kolbanovski, Leontiev, Luria, Teplov, Galperin, Elkonin, Blonski, Aleksandrovski e Mtin. A ocasião foi usada para um novo ataque às chamadas “escolas antimarxistas na área da psicologia”. A queixa geral era que a psicologia não fazia parte da tarefa da Reconstrução Socialista, e as obras de Blonski e Vigotski foram submetidas a um novo ataque, assim como o trabalho do Instituto de Psicologia. A partir do relatório, publicado em Sobre a Bandeira do Marxismo, tem-se a impressão de que os psicólogos que participaram da discussão não estavam muito felizes com a tarefa que lhes era imposta de críticas as chamadas escolas antimarxistas. Kolbanovski, um dos participantes, foi criticado por “interpretar tão estreitamente seu papel como crítico”, e Luria é relatado, registrando que o nível da psicologia na União Soviética não era tão baixo quanto alguns dos participantes estavam tentando distinguir. (PAYNE, 1968, p. 51-52 – Grifos no original).

O total desprezo por argumentos que fossem realmente científicos se encerra neste período na União Soviética, ao menos, na ciência psicológica. As acusações eram sempre taxativas e, como podemos salientar, argumentando sobre antimarxistas ou pseudocientistas. Shuare (2016) escreveu que, após a publicação da resolução do partido, surgiram vários panfletos e artigos no intuito de desmascarar essa ciência perigosa e reacionária que era a pedologia. Como apontou ainda Shuare, mais vergonhoso, foi um texto escrito pela professora Eva Izrailevna Rudneva (1898-1988) intitulado: Distorções pedológicas de Vigotski. Esse trabalho foi publicado em 1937, ou seja, três anos após o falecimento de Vigotski, portanto, sem direito as suas respostas às críticas feitas por Rudneva.

Em seu trabalho, Rudneva (2002) iniciou com um elogio à resolução de 1936, escrevendo que ela havia extirpado uma pseudociência antimarxista. Nada de novo no que encontramos até então. Porém, a autora ainda escreveu que, com o fim da pedologia, o caminho estava aberto para o desenvolvimento de uma “verdadeira ciência marxista sobre a criança”. (p. 75). No entanto, a autora não se limita apenas a críticas gerais e ataca diretamente os trabalhos de Vigotski. Ela escreveu: “um dos ‘pilares’ da pedologia, cujo os livros trouxeram grandes danos à escola soviética, foi L. S. Vigotski” (p. 75 – Grifos no original). Rudneva ainda salientou que a partir da revisão de alguns trabalhos de Vigotski - pensamento e linguagem, por exemplo -, é possível encontrar seu ponto de vista antimarxista e antileninista, o que segundo ela condizia com afirmações esquerdistas.

As críticas de Rudneva (2002) atuam assim como as de Talankin (2000) e também de outros críticos deste período. Todos atacavam seus pares científicos com julgamentos morais e, quando tentavam apresentar argumentos científicos, eles não condiziam com a verdadeira proposta de alguns autores, por exemplo, como Vigotski. A crítica a Vigotski pode ser encarada atualmente como distorção de seus escritos. Rudneva acreditava que os trabalhos desse teórico, tais como de outros pedologistas, atuavam para o fim da escola soviética. Entretanto, temos o conhecimento de que a educação sistematizada potencializa o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (VIGOTSKI, 2007).

Por Vigotski demonstrar as posições teóricas de outros autores, tal como fez Marx (2014), por exemplo, ao apresentar em seu segundo volume de O capital as teorias sobre o capital fixo e circulante de Smith e Ricardo<sup>61</sup>, foi acusado de ser um teórico antidialético. Contudo seguiu os mesmos princípios de Marx, ao analisar e não descartar a riqueza do conhecimento que foi acumulada ao longo da história. Sem embargo, por Vigotski ter realizado essa grande revisão da psicologia mundial, recebeu a etiqueta de eclético. Se, realmente o fosse, deveríamos atribuir essa mesma roupagem a Marx, quando escreveu:

---

<sup>61</sup> Não se constitui como nossa intenção comparar os trabalhos de Marx e Vigotski, no entanto, nos interessa demonstrar que tanto um como o outro trabalham com uma mesma visão de mundo, tendo o mesmo domínio do método, o assim chamado materialismo histórico-dialético. Contudo devemos ter a clareza de que o marxismo não se desenvolveu em uma proposta mecanicista, tal como sua utilização foi feita nos anos de 1930, 1940 e 1950, por teóricos das ciências humanas e sociais na União Soviética. Rudneva é um exemplo clássico da mecanização da dialética, por não se atentar que o marxismo não foi fruto de uma divindade, mas sim se desenvolveu por meio daquilo que de melhor havia no mundo da filosofia e economia política.

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. (MARX, 2013, p. 90).

Marx não simplesmente ignorou a dialética hegeliana, mas a inverteu, tornando-a materialista, dando-lhe uma base material. Caso houvesse ignorado Hegel, Ricardo, Smith, Feuerbach entre outros, que discordavam de seu ponto de vista, não haveria nem mesmo criado sua visão de mundo. O acúmulo teórico de Marx permitiu a criação de um novo método investigativo na crítica da economia política. Vigotski seguiu o mesmo caminho de Marx, diga-se de passagem, em uma crítica à psicologia. Entretanto, não esqueceu as contribuições que encontrou em seus colegas psicólogos. Diferentemente do que escreveu Rudneva (2002), Vigotski não era um teórico eclético, mas sabia utilizar o método de Marx. Vigotski, não acreditava nas psicologias, muito menos na utilização de múltiplas teorias para se explicar a consciência humana, pelo contrário, sintetizou o desenvolvimento de sua própria abordagem baseada no materialismo histórico-dialético.

Ao longo de mais e mais páginas escritas por Rudneva (2002) nada de relevante encontramos, apenas as repetições dos dois primeiros parágrafos: antimarxista, antileninista, antidialético e pseudocientista. As discussões teóricas ao longo de seu trabalho manifestam-se assim na incompreensão da teoria vigotskiana e do cumprimento de uma resolução acrítica desde o ponto de vista marxista. Outro elemento da própria incompreensão da autora sobre a obra de Vigotski repousa em torno de seu desconhecimento de sua teoria, por conseguinte, não conhecendo o próprio materialismo histórico-dialético. A autora se prendeu a todo instante na justificativa de que Vigotski havia feito um empréstimo de conceitos de psicólogos burgueses, como se, na Rússia Czarista, a psicologia estivesse tão desenvolvida ao ponto de Vigotski não precisar visitar toda a psicologia no mundo. É como escrever que Marx não era um marxista, pois não partia de autores marxistas, mas sim idealistas como Hegel ou ainda reacionários como Smith e Ricardo.

Por fim, ao longo de suas muitas páginas de repetições acríticas e mecanicistas, Rudneva termina seu trabalho incitando a perseguição teórica de seguidores de Vigotski. Ela escreveu: “Uma crítica das obras de Vigotski é uma questão de prazo marcado e, não deve ser adiada, especialmente, porque alguns de seus seguidores ainda não foram

neutralizados (Luria, Leontiev, Shif<sup>62</sup> etc.)”. (RUDNEVA, 2002, p. 94). Essas foram todas as críticas apresentadas pela autora, com uma ausência de discussões teóricas e filosóficas, apenas encontramos fraseologias referentes a Marx, Engels, Lenin e ao denominado camarada Stalin.

Entretanto, não podemos deixar de levantar uma reflexão acerca da crítica. A crítica não é um instrumento tal como aquele utilizado pelos jovens hegelianos ou ainda pela ala conservadora do hegelianismo para manter o poder do Estado Prussiano (ENGELS, 1962). Pelo contrário, a crítica deve ser realizada em conjunto com as transformações sociais, sempre acompanhada do ato. Contudo, a crítica não deve abranger aspectos valorativos, nem mesmo morais ou pessoais do autor, mas propor o desenvolvimento teórico e filosófico da ciência humana. É por isso, que encontramos nos verdadeiros cientistas a verdadeira crítica.

Nikolai Alexandrovich Bernstein (1896-1996) e Jean William Fritz Piaget (1896-1980), por exemplo, possuem uma notória habilidade em suas críticas, assim como na aceitação das mesmas. Bernstein, em 1936, publicaria um livro contendo críticas direcionadas às concepções de seu maior oponente: Pavlov. No entanto, pelo falecimento do próprio Pavlov, também em 1936, Bernstein haveria cancelado sua publicação, porque Pavlov já não mais poderia responder as críticas que estariam direcionadas diretamente a sua teoria (SIROTKINA, 1991<sup>63</sup>). Devemos lembrar ainda que 1936 foi o mesmo ano da resolução, e um ano antes do artigo publicado por Rudneva, que referia-se não apenas à teoria de um pesquisador morto, mas aos seus valores políticos e morais. Essa é sem dúvida uma grande diferença entre o ser e o dizer ser. Nem sempre dizer-se ser um cientista de fato coincide com o ser.

Contudo, mais notória ainda é a resposta de Piaget (1981) sobre as críticas que recebeu de Vigotski em seu *Pensamento e linguagem*. Vale lembrar que Piaget somente toma conhecimento das críticas de Vigotski 25 anos após serem escritas. Nas palavras do próprio Piaget, encontramos:

Não pode ser mais que uma pena que um autor descobre, vinte e cinco anos depois de sua publicação, o trabalho de um colega desaparecido durante esse tempo, sobretudo, se você levar em consideração que continham tantos pontos de interesse imediato para ele que poderiam ter sido discutidos pessoalmente e em detalhe. Embora meu amigo A. Luria me havia mantido a par da posição

---

<sup>62</sup> Rudneva se refere à aluna e colaboradora de Vigotski, Josephine Ilinichna Shif (1904-1978).

<sup>63</sup> Aqui trata-se da historiadora da psicologia russa, Irina Evgenievna Sirotkin, no entanto não encontramos sua data de nascimento.

simpatizante e crítica ao mesmo tempo, de Vigotski para minha obra, nunca pude ler seus escritos ou colocar-me em contato com ele; e hoje, ao ler seu livro, lamento profundamente, já que se houvesse sido possível uma abordagem poderíamos ter chegado a nos entendermos sobre uma quantidade de pontos. (p. 37).

É de notável admiração as posições adotadas por Piaget ao ler as críticas elaboradas por Vigotski (2009b). Neste material - A construção do pensamento e da linguagem -, Vigotski apresentou uma série de concordância com Piaget, no entanto não deixou de demonstrar alguns equívocos cometidos pelo teórico suíço. A partir do materialismo histórico-dialético, Vigotski se apropriou das contribuições teóricas de Piaget, porém também realizou uma série de observações que iam contra os argumentos do psicólogo suíço. Piaget (1981) fez questão de responder de forma teórica todas as críticas levantadas por Vigotski, diferentemente do que fez Rudneva (2002).

Essa pequena reflexão apenas demonstrou que as críticas elaboradas neste período seguiam uma tendência mecanicista, totalmente antidialética encontrada nos vários manuais sobre o materialismo histórico-dialético produzidos pela União Soviética. Devemos ainda lembrar que, em 1938, surgiu um texto elaborado por Stalin, denominado: Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico (STALIN, 1945). Isso se constituiria como o princípio manualesco do ensino do método de Marx no meio acadêmico. Além disso, encontramos a caracterização reducionista nestes materiais que seriam publicados nas décadas posteriores na União Soviética. Como escreveu Paulo Netto (2011), ocorreria uma divisão formal entre materialismo dialético, que representaria uma teoria voltada ao estudo do ser e o materialismo histórico, por sua vez, explicando e estudando os acontecimentos da sociedade. No entanto, essa concepção demasiadamente simplista não poderia jamais traduzir a complexidade do método de Marx. Como lembrou Iliénkov (1977), a matéria é sempre transformada pelo trabalho humano, neste sentido, a natureza apresenta-se como natureza transformada ou seja, tudo aquilo construído pela atividade criadora humana - trabalho -, se constitui como natureza transformada, como meio artificial, criando condições para produção e reprodução da vida social. Portanto, o assim denominado: materialismo histórico-dialético é uma herança histórica deste período

Por fim, antes de analisarmos a imaginação no período da década de 1940 e do envolvimento dos psicólogos soviéticos na assim chamada Grande Guerra da Pátria, não poderíamos deixar de apresentar as escolas e tendências que surgiram ainda em 1930. Brevemente, gostaríamos de introduzir a compreensão de que a psicologia soviética não

se restringiu apenas a Moscou, sendo que neste período complicado para os teóricos soviéticos surgiram teorias originais, derivadas daquela mesma investigação criadora, apresentada por Rubinstein (1963). Será esse o caminho que seguiremos neste momento.

#### **4.3 - ESCOLAS E TENDÊNCIAS DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA NA DÉCADA DE 1930**

Pelo curto espaço desse trabalho apresentaremos apenas duas das principais tendências que surgiram na década de 1930. A primeira será a de Leningrado com seus respectivos representantes: Miasíschev e Anániev, e a segunda com Uznadze, na Geórgia. A escolha por apresentar esses três teóricos repousa no fato de que, ao analisarmos as décadas de 1940 e 1950, surgiram questões referentes diretamente ao trabalho deles, principalmente nas teorizações levantadas pela psicóloga soviética Liublinskaia. Neste sentido, tentaremos analisar brevemente suas concepções teóricas, diferentemente do que propôs Vega (1993) em seu manual sobre a história da psicologia soviética. Nele, Vega acreditava que as principais tendências da psicologia na União Soviética haviam se desenvolvido em Moscou, Leningrado e Tbilisi, na Geórgia. Até então concordamos com Vega em sua colocação. As escolas de maior expressão na psicologia soviética eram realmente estas levantadas pelo autor. Contudo, não poderíamos ignorar o fato de que para ele as diferenças entre essas escolas são meramente acidentais, ou seja, casuais. Cada uma dessas se desenvolveu com sua própria originalidade, seguindo a tendência de teóricos que fizeram parte de sua constituição. Em Leningrado, por exemplo, podemos adiantar que encontraremos grande participação teórica de Bechterev na investigação dos trabalhos desenvolvidos por Miasíschev e Anániev. Por sua vez, na Geórgia, constataremos a ligação direta com a psicologia alemã, lembrando que Uznadze havia estudado com diversos psicólogos alemães que seguiam uma tendência estruturalista. É de extrema delicadeza segregar a psicologia soviética tal como fez Vega em seu trabalho, apontando que as diferenças constituem-se por mera casualidade. Vega também escreveu que o acidente na formulação dessas escolas deu-se pela tarefa doutrinal de construir a psicologia marxista. Todavia, devemos lembrar que as decisões da constituição da psicologia, a partir do materialismo histórico-dialético, e já apresentado neste trabalho, foi tomada de modo coletivo, em 1923, com a proposta de Kornilov no I Congresso realizado em Moscou. Portanto, simplesmente a psicologia soviética não possuía uma tarefa doutrinal, como expôs Vega, mas sim o dever de construir um novo ser humano,

condizente com uma nova sociedade. É claro que os acontecimentos de 1936 atuariam diretamente nessa tarefa, todavia não foi uma determinação para o princípio da busca por uma psicologia marxista. Dada algumas advertências, iniciamos nossa próxima análise.

No que diz respeito à escola leningradense de psicologia, ela não se restringiu apenas a década de 1930, poderíamos escrever que ela se desenvolveu já nos primeiros anos pós-revolução de 1917, ainda se estendendo ao longo das décadas com os trabalhos de Miasíschev, Anániev e seus respectivos seguidores/colaboradores, tal como Boris Lomov, por exemplo (LOMOV, 1989).

Um dos principais teóricos da denominada escola leningradense da psicologia soviética foi Vladimir Nikolaievich Miasíschev (1893-1973). Discípulo de Bechterev, Miasíschev se formou em medicina com interesses voltados à psicologia médica. É possível identificarmos seu interesse pela psicologia clínica em um material dedicado aos problemas relativos à psicoterapia na União Soviética (MIASISHEV, 1962). No entanto, é também notória a afirmação de Shuare (2016) que refuta a casualidade apresentada por Vega (1992). Ela escreveu: “Béjtrev foi seu mestre que influenciou de maneira decisiva em sua formação como investigador; por outra parte, conhecia profundamente a obra de S. P. Botkin, I. M. Séchenov e I. P. Pávlov”. (p. 112). Portanto, não foi um mero fato acidental as determinações que encontramos nos escritos de Miasíschev. Sua concepção é embasada na visão de outros autores que influenciaram todas as pesquisas voltadas para a reflexologia e fisiologia.

Vladimir Miasíschev dedicou-se durante toda sua vida ao estudo da personalidade humana, como salientou Shuare (2016), desenvolvendo uma teoria própria sobre a constituição da personalidade e atribuindo grande importância para as relações sociais. A compreensão de Miasíschev sobre o desenvolvimento da personalidade encontra-se em uma característica dinâmica, portanto a personalidade para o autor leningradense não seria uma formação estática, mas sim fruto das condições históricas e das relações que o sujeito vivencia ao longo de sua vida. Para Vega (1993), o enfoque denominado como sistêmico, característico da escola leningradense, encontra sua base teórica nas teses de Marx sobre Feuerbach, em específico na sexta tese, em que escreveu:

Feuerbach dissolve a essência religiosa na essência *humana*. Mas a essência humana é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade ela é o conjunto das relações sociais.

Feuerbach, que não chega à crítica dessa essência real, é obrigado, por isso:

1. A Abstrair do processo histórico e fixar para si mesmo a índole religiosa, e pressupor um indivíduo humano abstrato, *isolado*.
2. A essência pode, por isso, ser compreendida apenas na condição de “gênero” de coletividade interna, muda que une muitos indivíduos *de maneira natural*. (MARX; ENGELS, 2007, p. 27-28).

A sexta tese sobre Feuerbach se dilui nos escritos de Miasíschev, tal como de outros teóricos leningradenses que consideram as influências nas relações sociais, como princípio do desenvolvimento da personalidade. Não apenas do desenvolvimento, mas como em toda mudança que ela percorre. Na patologia, podemos perceber essas características dinâmicas da personalidade, pois em um processo psicopatológico, a estrutura da personalidade se altera por completo. Nesse momento, uma das soluções apresentadas por Miasíschev (1962) gira em torno de um processo psicoterápico, para ele, seria a influência direta que o médico exerce sobre o paciente. Ou seja:

O método psicoterapêutico representa a influência que um homem (o médico) exerce sobre o outro (o doente ou um grupo deles), durante o processo de seus contatos. Por isso constitui um método especificamente humano, e sua interpretação se fundamenta na compreensão das peculiaridades do homem, sendo social e natural. (p, 13-14).

É importante assinalar que o processo de desenvolvimento psicoterápico para Miasíschev se constitui como exclusivamente humano, assim como o desenvolvimento da personalidade. A influência exercida sobre o outro, para Miasíschev, deve ser de outro ser social. Segundo Shuare (2016), o problema das relações sociais como constituintes da personalidade humana levou Miasíschev a se preocupar com outra questão de ordem comunicativa. Ou seja, como os seres humanos se influenciam mutuamente por meio da comunicação, que passou a ser um problema de grande interesse para os psicólogos leningradenses. Por exemplo, Boris Lomov, em 1981, dedicou todo um material para esse problema. O livro denominado de O problema da comunicação na psicologia encontra-se publicado integralmente em espanhol, reunindo a coletânea de vários artigos de diversos psicólogos sobre esse problema (LOMOV, 1989).

Outro importante teórico da escola leningradense da psicologia foi Boris Gerasimovich Anániev (1907-1972). Segundo Shuare (2016), sua formação foi de base reflexológica, trabalhando desde muito cedo no instituto do cérebro em Leningrado. Entretanto, pós discussão sobre a reflexologia, teve de se retratar e buscar outro caminho para seu desenvolvimento teórico. Foi então que defendeu a tese que estava sendo

apresentada na década de 1930, de que havia uma necessidade de se estudar o ser humano concreto em seu caráter social.

Uma característica muito importante nos trabalhos de Anániev repousa na importância que o autor atribuiu ao desenvolvimento pedagógico, relacionando-o diretamente à construção da personalidade infantil. Em seus estudos sobre a infância, segundo Shuare, Anániev se dedicou à explicação do desenvolvimento do caráter. Para ele, o caráter seria algo vital que orientaria o ser humano no mundo, inicialmente é um processo externo das relações sociais, contudo, se converteria em características internas da personalidade humana. Nada muito diferente da proposta da interiorização das funções psicológicas superiores, o caráter é interiorizado no processo de socialização que “[...] implica, ao mesmo tempo, a individualização que se expressa na interação das propriedades sociais e individuais da personalidade”. (SHUARE, 2016, p. 115).

A importância dada por Anániev à educação pode ser encontrada em seu artigo sobre uma viagem em que conheceu os problemas pedagógicos dos países da América Latina, inclusive tendo o Brasil como roteiro de viagem. Em seu texto Os problemas pedagógicos mais importantes dos países latino-americanos, Ananyev (1959), escreveu que:

O Ministro da Educação e Cultura do Brasil, Clovis Soldado<sup>64</sup>, declarou que, seguindo o exemplo da União Soviética, o ministério planeja expandir consideravelmente a ciência natural e a educação técnica, para planejar todo o ensino superior com a consideração da indústria e da utilização da grande riqueza natural do Brasil. (p 66).

É de notável admiração que na década de 1950, os soviéticos estavam realizando pesquisas e conhecendo as escolas dos países latino-americanos. Os problemas da educação não deveriam se restringir apenas à União Soviética, mas sim ao mundo todo. A transformação do novo ser humano socialista não deveria seguir como uma experiência presente em um único local, tal como foi na construção do socialismo em um só país. Ananyev (1959) relatou que conheceu o Brasil em um período que contava com o total de 61.000.000 de pessoas em sua população, em que o analfabetismo atingia de 60 a 85% da população brasileira, quase o mesmo percentual daquela Rússia Czarista e pré-revolucionária. É mais curioso ainda quando Ananyev relatou que o analfabetismo no

---

<sup>64</sup> Na verdade, Anánie, refere-se ao ministro da educação Clóvis Salgado da Gama, que trabalhou durante o governo de Juscelino Kubitschek e, posteriormente, após o golpe de 1964, apoiou o regime ditatorial empresarial militar.

Brasil encontra-se “[...] especialmente na parte central do país, habitado por tribos indígenas e no estado da Bahia, com a população negra predominante”. (p. 67). É curioso o destaque que Ananyev atribuiu ao analfabetismo nessas localidades, por sua vez, ao se tratar dos estados com características industriais mais desenvolvidas - como São Paulo e Rio de Janeiro -, a quantidade de analfabetos diminui consideravelmente. É claro que não podemos realizar uma análise unilateral, atribuindo apenas as questões industriais para o desenvolvimento e alfabetização da população, outros fatores de grande importância, tais como, o racismo, as questões de classe e outros também fazem parte dessa condição neste período. Todavia, é de grande valia encontrarmos em um material de um conspícuo psicólogo soviético, tais informações, criticando também o número restrito de crianças que terminavam o colégio pelo abandono em busca de emprego. A principal negligência apontada por Ananyev era o descumprimento de uma lei, em que as crianças apenas poderiam trabalhar a partir dos 14 anos, entretanto, ele relatou que muitas empresas e fazendas mantinham crianças trabalhando com menos idade.

Após essa pequena digressão sobre a viagem de Anániev ao Brasil, retornamos à apresentação das teorias desenvolvidas na década de 1930. O próximo e último autor nesta análise já foi mencionado neste trabalho por Petrovski (1985b), como aquele que abriu caminho para as investigações objetivas do inconsciente. Dimitri Uznadze desenvolveu uma teoria criativa e original na ciência psicológica da Geórgia. A teoria do set<sup>65</sup> criada por Uznadze e seus colaboradores foi desenvolvida principalmente na Geórgia, entretanto não se limitou a esta localidade, sendo utilizada por outros autores como, por exemplo, o professor da Universidade de Moscou, Philip Veniaminovich Bassin (1905-1992). Bassin (1981) dedicou parte de seu livro *O problema do inconsciente: as formas não-conscientes da atividade nervosa superior*, para apresentar as contribuições da teoria do set, de Dimitri Uznadze, para o estudo do inconsciente.

Um dos fatos sobre a biografia de Uznadze que nos chama a atenção foi apresentado por Kechwachvili (2001). O autor, que escreveu um pequeno trabalho sobre a vida e obra de Dimitri Uznadze, chamou a atenção para o fato de que Uznadze provinha de uma família camponesa, trabalhando desde muito cedo em sua infância. Diferentemente de outros teóricos contemporâneos a ele, tais como Vigotski, Luria e Rubinstein, por exemplo, Uznadze não nasceu em uma família culta, com boas condições

---

<sup>65</sup> Ou ainda, ao depender da tradução, encontraremos como psicologia da atitude ou da disposição.

financeiras na Rússia Czarista. Outro fato curioso é que o psicólogo georgiano foi expulso do liceu de Kutaisi pelo envolvimento nos acontecimentos revolucionários de 1905.

Também é notória a utilização das ideias desenvolvidas por Uznadze por outros teóricos soviéticos. Vigotski (2009b), ao apresentar seus estudos experimentais do desenvolvimento dos conceitos, utilizou em grande parte os materiais acumulados na teoria do *set* de Uznadze. Por sua vez, Vega (1993) apontou em Uznadze uma semelhança teórica com Vigotski. Para Vega:

Uznadze se interessou pela pedagogia em seus primeiros anos na Geórgia e foi diretor de escola em Kutaísi. Defendeu uma atitude humanista na relação educativa e esboçou uma ideia parecida ao desenvolvimento atual e desenvolvimento próximo de Vygotsky, pois pensava que o aluno tão só, se aproveita da ação educativa quando o conteúdo supera as possibilidades alcançadas e lhe exige um certo esforço. (p. 91).

Sabemos, portanto, que Vigotski referia-se diretamente aos trabalhos de Uznadze, entretanto do psicólogo georgiano conhecemos ainda muito pouco de seu trabalho no ocidente. Porém, também possuímos o conhecimento que os trabalhos teóricos e experimentais de Dimitri Uznadze não apenas condicionaram as teorizações de Vigotski, como também toda a psicologia georgiana encontrou-se baseada em seus postulados (SHUARE, 2016). No que tange o problema da educação Kechwachvili (2001), escreveu que Uznadze propunha um modelo pedagógico que atuasse no desenvolvimento potencial do aluno e que proporcionasse as devidas condições para a criação da formação de seres humanos ativos e voluntários, ou seja, conscientes no mundo em que vivem. Em outras palavras, a educação deve projetar pessoas criativas e autônomas. Uznadze não simplesmente propunha teorias na educação, como atuou diretamente na prática pedagógica em uma escola denominada *Sinatle*<sup>66</sup>. Nesta experiência, Uznadze “[...] chegou até suprimir as notas que, a seu juízo, são sempre subjetivistas”. (p. 7). No entanto, de longe, apenas com estas poucas informações, estamos autorizados a escrever que conhecemos a fundo sua obra, pelo contrário, Uznadze ainda precisa ser muito investigado, principalmente em sua concepção psicológica.

No que se prolongou em seu desenvolvimento teórico, poderíamos escrever que Uznadze passou por várias buscas filosóficas e teóricas até culminar em sua famosa teoria do *set*. Em um primeiro momento, quando retornou à Rússia, trabalhou com a tentativa de desenvolver e criar uma tendência humanística na ciência, com base nos escritos do

---

<sup>66</sup> Segundo consta nas informações de Kechwachvili, *Sinatle* significava: a luz.

famoso filósofo e teólogo Vladimir Sergueivich Soloviov (1853-1900). Também apoiou-se em alguns momentos nos textos deixados por Fiódor Dostoiévski, entretanto a maior expressão de sua atividade criadora e processo de desenvolvimento científico encontra-se presente na teoria do *set* que, até os dias de hoje, está presente nas investigações psicológicas da Rússia (KECHWACHVILI, 2001).

Antes de sua elaboração relativa à teoria do *set*, Dimitri Uznadze teve de revisar grande parte da psicologia tradicional, identificando uma crise existente nesta ciência, tal como Vigotski, Rubinstein, Politzer e outros que já comentamos brevemente. Um dos problemas identificados por Uznadze, segundo Kechwachvili (2001), foi o problema de a psicologia tentar explicar os fenômenos existentes, partindo unicamente de leis internas. Também nada muito diferente daquilo que analisamos no material sobre a crise para Vigotski e Rubinstein<sup>67</sup>.

Na tentativa de explicarmos ainda minimamente a teoria do *set*, devemos escrever que ela encontra-se ligada diretamente à atividade humana. A necessidade é aquilo que motiva a atividade para Uznadze. É no momento da preparação para a atividade que o sujeito mobiliza todas as suas capacidades de resolução dos problemas que encontrará, esse é o momento que ele denomina de *set* ou ainda uma tradução mais condizente com o próprio português, a atitude perante a atividade<sup>68</sup> (KECHWACHVILI, 2001).

Todavia a teoria do *set* não se resume à preparação da atividade, portanto acreditamos que a maior contribuição dessa abordagem seja na possibilidade objetiva de um estudo do inconsciente. Na teoria de Uznadze, repousa alguns dos possíveis fundamentos de um estudo marxista do inconsciente. Bassin (1981) dedicou-se a apresentar essa concepção sobre o inconsciente humano, e nisto repousa a maior expressão de criatividade de seu desenvolvimento teórico. Escreveu Bassin:

D. Uznadze foi um dos primeiros, se não o primeiro, a assinalar a importância primordial do fato de que a teoria da psicanálise trata o *inconsciente* da única maneira que é possível trata-lo sem ter elaborado previamente sua teoria psicológica, isto é, como o conjunto de nossos pensamentos, emoções, afetos, aspirações, privados apenas da qualidade de serem percebidos pela consciência, como emoções que nos são habituais, mas que teriam passado para uma esfera particular postulada pelo freudismo, cujo conteúdo é

---

<sup>67</sup> O motivo pelo qual não inserimos Uznadze em nossa análise sobre a crise da psicologia é porque não encontramos nada escrito por ele sobre a crise na psicologia.

<sup>68</sup> Talvez outra curiosidade que vale ser mencionada sobre a riqueza teórica de Uznadze encontra-se nos trabalhos de Piaget. Kechwachvili (2001) escreveu que as investigações de Uznadze o levaram a explicar a ilusão perceptiva - que se constitui como diferente da ilusão da imaginação -, posteriormente, Piaget adotou alguns de seus experimentos e em seus trabalhos deu-lhe o nome de efeito Uznadze.

inacessível, por um princípio à tomada de consciência. (p. 200 - Grifos no original).

Para além do desenvolvimento teórico e crítico, Bassin elaborava oportunamente uma teoria que fosse capaz de embasar cientificamente o inconsciente, assim sendo, explicá-lo e estudá-lo de modo objetivo. Bassin vai ainda mais longe afirmando que, na concepção de Uznadze, podemos encontrar a “[...] única concepção experimentalmente fundamentada do *inconsciente*”. (BASSIN, 1981, p. 2001 - Grifos no original). A teoria do *set*, portanto, inaugurou essa possibilidade de se estudar objetivamente esse aspecto do psiquismo humano. Bassin ainda escreveu que, para Uznadze, a atitude perante a atividade seria um estado que não se reflete na consciência humana, neste sentido, que não encontra-se vinculada as próprias vivências do sujeito.

Um fato, por exemplo, que poderia elucidar um pouco a atitude perante a atividade encontra-se na literatura. Nos Irmãos Karamázov de Fiódor Dostoiévski, o herói da trama Alieksiêi Fiódorovich Karamázov deixa a vida de monge por pedido de seu *stárietz* Zossima, no entanto sua atitude para ir embora do mosteiro, não estava completamente clara a ele mesmo, não encontrava-se em sua experiência passada (DOSTOIÉVSKI, 2013b). O que o motivou a seguir sua vida fora do mosteiro foi o pedido pessoal de seu *stárietz*, todavia sua atitude perante essa atividade nunca existiu anteriormente. Esse é um fato que constitui-se inconsciente para Alieksiêi Karamázov segundo a teoria do *set* de Dimitri Uznadze. Embora demasiadamente simplista, nosso exemplo pode ser útil para compreender minimamente a aplicabilidade dos processos não conscientes estudados pela escola Georgiana de psicologia. Contudo, novamente enfatizamos que a riqueza da teoria de Uznadze jamais pode ser exposta em poucos parágrafos<sup>69</sup>.

Entretanto, a apresentação desses três autores, que fizeram parte do desenvolvimento teórico da psicologia soviética, se desenvolveu na intenção de explicarmos e enfatizarmos a importância da investigação criadora, aquela mesma descrita por Rubinstein (1963). A investigação e a atividade criadora, que fazem parte do processo de objetivação da imaginação, encontra-se presente em todo o desenvolvimento teórico e prático da psicologia soviética. Desde o princípio da Revolução com os primeiros teóricos marxistas da psicologia, até o fim da década de 1930, encontramos

---

<sup>69</sup> Para aqueles que possuem interesse em conhecer mais das obras de Dimitri Uznadze e, principalmente, sua teoria do *set*, pode acessar integralmente, em inglês, um de seus artigos que resume brevemente suas teorizações: A psicologia do *set*. Esse artigo publicado em inglês constitui-se como parte de seu livro Psicologia geral de 1940 (UZNADZE, 2004).

presente a característica criadora de uma nova psicologia, atuando sempre na criação de condições para uma sociedade. Ou seja, agindo condicionada e em prol do desenvolvimento social. Não é nenhum absurdo afirmarmos que a atividade criadora cumpriu um grande papel neste momento, principalmente pelas readequações que tiveram de adotar alguns teóricos, pelas perseguições políticas iniciadas, no princípio da década de 1930, e que encontram sua maior expressão em 1936 com a proibição da pedologia.

No entanto, antes de avançarmos para a imaginação na década de 1940, e a contribuição dos psicólogos soviéticos nos enfrentamentos da Segunda Guerra Mundial, devemos explicar melhor nossa compreensão da atividade e investigação criadora. Em poucas palavras, apenas escrevemos que a atividade criadora se distingue da criativa. Esse é um fato bem simples, pois a denominação criativa, individualiza um sujeito. Por exemplo, Julio Verne foi um sujeito criativo em suas obras. Vigotski, com sua criatividade, conseguiu pela primeira vez na história da psicologia criar uma teoria condizente com a visão de mundo do materialismo histórico-dialético. Contudo, a atividade criadora surge como um conceito mais amplo, tal como Rubinstein (1963), explicou no começo de seu artigo: não existe outro caminho para a psicologia soviética, se não o da investigação criadora, ou seja, que se apoia no trabalho coletivo. Essa é a principal condição para o desenvolvimento criativo da psicologia na União Soviética. Ela não é fruto de um único sujeito, de apenas um pesquisador, mas de homens e mulheres que buscavam coletivamente a criação de uma nova psicologia. Afinal, esse é o caminho não apenas do desenvolvimento da psicologia, mas de toda criação científica. Assim encontramos meios para analisar a psicologia soviética na década de 1940.

## 5 - A DÉCADA DE 1940: IMAGINAÇÃO, ATIVIDADE CRIADORA E OS TRABALHOS DOS PSICÓLOGOS SOVIÉTICOS FRENTE À SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

*“Soube que você levantou a mão contra si mesmo/ Antecipando assim o algoz. /Oito anos banido, vendo a ascensão ao inimigo/ Por fim acuado numa fronteira intransponível/ Você transpôs a que pareceu transponível. ”*

*(Bertold Brecht)*

Em 1940, a situação mundial encontrava-se catastrófica. Na Europa, o nazifascismo avançava violentamente desde a primeira metade da década de 1930 em vários países. No entanto, na União Soviética, a ameaça de uma guerra estourou na invasão do exército nazista em 1941, desrespeitando o acordo com Stalin e culminando na entrada do país, na Segunda Guerra Mundial. Esse fato mudaria para sempre a história do mundo, no entanto, não sem o custo de muitas vidas perdidas por soldados do exército vermelho e de civis da própria União Soviética. É por isso que Rubinstein, em seu prefácio da segunda edição de seus Princípios de psicologia geral, organizado durante os ataques em Leningrado, escreveu que:

Foi preparada a segunda versão desta obra para a impressão nos dias da Grande Guerra Pátria. Todas as forças e todos os pensamentos se concentravam naqueles dias na guerra, de cujos resultados dependia o destino da humanidade. Nesta guerra, nosso exército vermelho defendia os melhores ideais de toda a humanidade progressista, contra a barbárie mais horrível que jamais conhecera o mundo. Maidanek, Buchenwald, Auschwitz e outros campos de extermínio, que agora foram apresentados livremente diante do olhar da humanidade, permanecerão para sempre na memória não somente como lugares de inumanas torturas, daquelas pessoas martirizadas pelos carrascos fascistas, mas também, como expressão de uma decadência humana, como jamais poderia imaginar, nem a mais torta fantasia. (RUBINSTEIN, 1967, p. 13).

É neste agradecimento que Serguei Leonidovich Rubinstein dedicou toda sua obra preparada durante esse tenebroso período para toda a humanidade. Momento histórico do assassinato e tortura em massa de milhares de pessoas. Ocasão em que cientistas e pesquisadores tiravam as próprias vidas ao verem todos os acontecimentos de uma ideologia nazifascista avançar pelo mundo ou ao tentarem escapar das barbaridades

cometidas neste período histórico. Bertold Brecht (1898-1956) escreveu vários de seus poemas neste período sombrio da humanidade, enfatizando sempre as atrocidades que cometiam os adeptos do nazi-fascismo. Também, neste mesmo período, dedicou uma poesia para o filósofo Walter Benjamin, que perseguido pelo exército nazista e impedido de sair da França tirou a própria vida. A poesia denominada: Sobre o suicídio do Refugiado W. B. é apenas um dos exemplos das muitas vidas que se perderam neste trágico momento histórico (BRECHT 1986).

Durante os primeiros anos da década de 1940, a psicologia soviética teve de reorganizar seus principais objetivos para atender às necessidades sociais. Se em Vigotski (1998a) encontramos expresso o dever de criar o novo homem e a nova mulher socialista, nos anos que deram lugar à Segunda Guerra Mundial esse objetivo é revisto. Entretanto, não foi abandonado, mas a principal tarefa neste momento era atuar na recuperação de soldados ou civis lesionados por conta da guerra (LURIA, 1992). Disso somam inúmeros trabalhos dos psicólogos soviéticos em hospitais militares, atuando não apenas na recuperação de movimentos por lesões cerebrais, como também na reestruturação das funções psicológicas superiores (ANANIEV, 1947).

Por sua vez, Shuare (2016) relatou que foram muitos os psicólogos que se envolveram diretamente com a guerra no campo de batalhas, contribuindo com seus conhecimentos em muitas ocasiões. Luria, apesar de não ter tido vínculos diretos com as trincheiras, escreveu em sua autobiografia que “em junho de 1941, alterou-se para sempre o curso de meu trabalho. Começava a Segunda Guerra Mundial”. (LURIA, 1992, p. 142). Suas contribuições neste período estão além do desenvolvimento teórico da psicologia soviética e encontram-se nos trabalhos práticos que realizou neste momento. A atividade criadora de Luria na psicologia, durante a Segunda Guerra Mundial, repousa no fato de que o autor trabalhou e desenvolveu estratégias para a recuperação de lesões, que pareciam impossíveis de serem passíveis de recuperação. Luria escreveu:

Recebi a incumbência de organizar um desses hospitais nos primeiros meses da guerra. Escolhi um sanatório de 400 leitos, recém-estabelecido numa pequena vila próxima de Cheliabensk, como o lugar para estabelecermos nosso hospital. Organizei a construção de laboratórios e de salas de treinamento terapêutico e recrutei um grupo de colegas de Moscou para trabalhar comigo. Em um mês o hospital iniciou suas atividades. (LURIA, 1992, p. 144).

É neste momento que Luria daria origem a uma nova abordagem clínica, comprovando que a psicologia soviética poderia sim ser utilizada em um contexto clínico

e terapêutico<sup>70</sup> (GIANNONI, 2017). No entanto, o que constituiu-se como uma complicada tarefa para Luria (1992) foi desenvolver as estratégias que pudessem atuar diretamente na recuperação das funções afetadas. Devemos lembrar que o trabalho de Luria não encontrava-se tão distante daquele descrito por Ignatiev (1960), quando escreveu que a imaginação científica deveria atuar na resolução de problemas que atendessem às necessidades sociais. Contudo, esse não é um simples trabalho, assim como demonstramos com Vigotski (2009a). Em muitos momentos, a criação de novas estratégias para a recuperação das funções de pessoas lesionadas poderia parecer um grande fracasso. Principalmente, para os que tiveram diretamente lesões e danos cerebrais.

É também de se surpreender que a principal estratégia desenvolvida por Luria (1992), em conjunto com sua equipe para a recuperação das funções psicológicas superiores que haviam se perdido, foi a escrita. Um processo tipicamente humano foi utilizado como condição para a reorganização dos sistemas psicológicos. No entanto, talvez a maior curiosidade sobre essa estratégia desenvolvida por Luria vai de encontro ao que escreveu Vigotski (2007) sobre o comportamento fossilizado, entretanto, em uma direção oposta à fossilização de um processo. O caminho de tentativa de reestruturação das funções afetadas por uma lesão deve passar novamente por algumas etapas até que se fossilize no comportamento do sujeito. Ou seja, aquela função que antes encontrava-se automatizada no comportamento diário de determinado sujeito, já não mais estava, portanto o trabalho também era na recuperação da automatização de determinados processos. A escrita, como instrumento e criação cultural da humanidade, atua diretamente como um mediador externo para a reorganização desses processos, por exemplo, o pensamento, a percepção, memória, emoções e até mesmo na função imaginativa. Além disso, Luria também escreveu que:

Depois de determinar quais os elos afetados, tentamos determinar quais os elos que permanecem intactos. No tratamento do distúrbio, utilizamos esses outros elos, que suplementamos com esquemas externos de auxílio para reconstruir a atividade com base num novo sistema funcional. A construção e a manutenção deste novo sistema funcional por levar um bom tempo de treinamento, mas ao fim desse período o paciente pode engajar-se na atividade anteriormente

---

<sup>70</sup> Não é nossa intenção inserir neste momento um debate muito amplo e nem um pouco próximo de uma concordância no Brasil, sendo a clínica baseada da psicologia de Vigotski. Apenas podemos afirmar que não apenas Vigotski realizou atendimentos clínicos, como também outros teóricos soviéticos desenvolveram condições para que isso acontecesse. Na Segunda Guerra Mundial, a situação mudou drasticamente o rumo da vida de todas as pessoas, neste sentido, a clínica na psicologia soviética teve de se orientar em trabalhos como os descritos por Luria.

afetada sem qualquer assistência externa. Durante o processo, tentamos dar ao paciente o máximo possível de informação acerca da deficiência e de seu efeito sobre as ações. Isto é crucial para a reorganização do sistema funcional lesado. (LURIA, 1992, p. 148-149).

Existem dois fatos de extremo interesse direto nesta citação. O primeiro encontra-se na ocorrência de que: diretamente, não foram criadas novas teorias sobre a função imaginativa nos primeiros anos da década de 1940 nos trabalhos dos psicólogos soviéticos. Entretanto, ela faz parte de cada teorização e trabalho prático realizado por eles. A mesma encontra-se presente na ausência de suas próprias explicações e, principalmente, na abordagem criativa desenvolvida nesse período. Shuare (2016), apresentado os trabalhos de Luria, afirmou que o psicólogo soviético soube como criativamente utilizar o legado deixado por Vigotski em sua teoria. O segundo interesse para nós encontra-se no fato de que todo o processo de recuperação do paciente é descrito e explicado a ele, afim de que se torne consciente desse mesmo processo.

Talvez o trabalho mais conhecido de Luria sobre a recuperação de soldados lesionados pela guerra esteja conservado em seu livro: O homem com um mundo estilhaçado (LURIA, 1973). Neste material Luria, descreveu como um soldado, após se ferir em combate, recuperou a partir da escrita as lembranças daquele fatídico dia. No entanto, isso não foi um processo simples, tampouco ocorreu de um dia para o outro. Os trabalhos feitos por Luria (1992) e sua equipe, atuaram em um dos momentos mais difíceis do regime soviético. Porém, Luria, não foi o único que realizou trabalhos ou descreveu as tarefas dos psicólogos neste momento histórico.

Shuare (2016) apresentou em seu livro as contribuições de Leontiev e Aleksandr Vladimirovich Zaporozhets (1905-1981), o último foi um dos grandes alunos e colaboradores de Vigotski no desenvolvimento de sua teoria. Zaporozhets dedicou-se na psicologia a estudar o movimento voluntário dos seres humanos. Durante a Segunda Guerra Mundial, atuou em conjunto com Leontiev nos trabalhos referentes à recuperação motora de soldados lesionados.

Outro autor, já apresentado nesta dissertação e que, segundo Shuare (2016), participou diretamente de trabalhos durante a Segunda Guerra Mundial, foi Anániev. O psicólogo leningradense trabalhou também na recuperação das funções psicológicas afetadas por lesões no decorrer dos combates. Em 1942, Anániev, em Tbilisi, se

encarregou de organizar um trabalho de psicoterapia<sup>71</sup> em hospitais. Os trabalhos tinham como prioridade a recuperação de pessoas lesionadas pela guerra.

Boris Mikhaylovich Teplov (1896-1965) foi outro eminente psicólogo soviético que ganhou destaque em seus trabalhos durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, Teplov, possui uma particularidade biográfica única. Até aqui, foi o primeiro psicólogo soviético que encontramos que participou das duas grandes guerras mundiais, no entanto, na primeira, foi combatente da linha de frente, tendo de interromper seus estudos e, apenas retornando a eles, em 1921. O interesse de Teplov na psicologia, era direcionado às capacidades musicais dos sujeitos. Shuare (2016) escreveu que Teplov descobriu que as capacidades não se manifestam apenas na atividade, mas também se desenvolvem nela. Em 1940, defendeu sua tese de doutorado sob o título de Psicologia das capacidades musicais. Nela, apresentou uma série de experimentos realizados, concluindo-a com o desenvolvimento das capacidades musicais (TEPLOV, 1966). Porém, a riqueza que se encontra nesse material de Teplov, está longe de ser apresentada em apenas duas linhas. Contudo, mesmo com seu interesse voltado ao psiquismo e à música, no princípio dos anos de 1940, Teplov teve de readequar seus estudos e iniciou um trabalho sistemático sobre a atividade militar dos comandantes (IPRAS, 2018). Por conta da Guerra, Teplov, mais uma vez se viu envolvido neste meio, entretanto, dessa vez, ao invés da linha de frente, atuou cientificamente no desenvolvimento dos comandos militares.

Neste mesmo sentido, Anániev escreveu um artigo, poucos anos após a Segunda Guerra Mundial, descrevendo as realizações dos psicólogos, desde outubro de 1917 e, é claro, não esquecendo dos trabalhos revolucionários durante a guerra. Em seu artigo denominado Conquistas dos psicólogos soviéticos, publicado em 1948, Ananiev (1948) escreveu que uma das principais conquistas da psicologia soviética encontra-se nos trabalhos práticos dos métodos da psicologia clínica nos hospitais militares. Para ele, as principais realizações dos psicólogos neste momento, foi atuar na recuperação de funções que haviam se desintegrado pelos ferimentos da guerra. No entanto, Anániev também escreveu que esse trabalho não foi fruto unicamente dos psicólogos soviéticos, mas sim de uma série de cientistas - médicos, fisioterapeutas etc. - que atuam no desenvolvimento coletivo de estratégias para a recuperação dos soldados lesionados. Entretanto, Anániev atribuiu em seus escritos grande importância aos trabalhos de Luria, dos quais já comentamos mais acima.

---

<sup>71</sup> É curioso notar que a psicoterapia soviética se desenvolve qualitativamente no princípio da década de 1940 como expressão de uma atividade criadora.

Os trabalhos sobre a recuperação de soldados lesionados atuou de modo muito importante na União Soviética. Assim sendo, em 1944, na cidade de Moscou, ocorreu uma conferência de psicólogos da qual “[...] com o Professor Rubinstein presidindo, dedicou ao restabelecimento de funções psicofisiológicas destruídas, como resultado de ferimentos”. (ANANIEV, 1948, p. 259). Nesta conferência, os participantes conseguiram reunir um número imenso de trabalhos que aturam com o objetivo de restaurar as funções desintegradas durante a guerra.

Os trabalhos da psicologia soviética, que surgiram durante a Segunda Guerra Mundial, não apenas atuam na recuperação de militares e civis lesionados pelas batalhas. Também houve trabalhos atuando diretamente na prestação de serviços para o desenvolvimento das táticas militares. Neste sentido, Ananiev (1948) relatou as experiências dos psicólogos, especialmente de Mark Samuilovich Lebedinski (1895-1980), que trabalhou em métodos de melhorar a visão dos soldados durante a noite. Os psicólogos soviéticos também trabalharam em conjunto com pintores para garantir a camuflagem de edifícios da cidade de Leningrado.

Em 1985, perto da dissolução da União Soviética, surgiu um artigo das psicólogas Bluma Vulfovna Zeigarnik (1900-1988) e Susanna Yakovlevna Rubinstein (1912-1990)<sup>72</sup>, em que as autoras apresentam alguns trabalhos realizados na Segunda Guerra Mundial. No artigo: *Psicologia durante a guerra*, encontramos a sistematização e a generalização dos resultados de experimentos realizados neste período. Com muito pesar, as autoras escolhem apenas alguns dos muitos trabalhos que se desenvolveram neste período. Entretanto os trabalhos que ganham maior destaque são os de Luria, Zaporozhets e das próprias autoras. Os trabalhos, em resumo, descrevem uma série de trabalhos práticos na recuperação de funções psicofisiológicas e psicológicas (ZEIGARNIK; RUBINSTEIN, 1985).

Zeigarnik e Rubinstein (1985) descreveram uma gama imensa de trabalhos, cujo objetivo era a reabilitação dos soldados feridos em combate, encontrando novo sentido para suas vidas. Uma das estratégias desenvolvidas neste período foi a readequação do

---

<sup>72</sup> Cabe uma nota explicativa sobre a autora afim de evitar possíveis confusões. É normal encontrarmos na psicologia soviética referências a diferentes autores, cujo sobrenome é Rubinstein. No entanto, a autora nada tem a ver com o conspícuo psicólogo Serguei Leonidovich Rubinstein, já analisado em outros momentos nesse trabalho. Também Susanna Rubinstein e Serguei Rubinstein não possuem nenhum vínculo com o filósofo e psicólogo Moisei Matveievitch Rubinstein (1878-1953). O último inclusive é muito citado por Vigotski em suas obras relacionadas à educação. Esse fato faz com que aqueles que não conhecem os trabalhos de Vigotski acreditem que ele se refere a Serguei Rubinstein, entretanto temos evidência de que Vigotski faleceu antes de conhecer os trabalhos de Serguei Rubinstein.

trabalho. Muitos soldados que haviam sofrido graves lesões cerebrais, restringindo assim seus movimentos e ações, tiveram de desenvolver novas habilidades para uma nova atividade laboral. No entanto, as autoras afirmaram que muitos desses soldados, posteriormente, levaram uma vida normal, executando novas atividades em oficinas de marcenaria, metalurgia e assim por diante. Em um dos trabalhos descritos pelas autoras, em específico, nos realizados por Susanna Rubinstein, após a alta desses pacientes, é encontrado um fato muito curioso: os soldados reabilitados, que haviam tido graves lesões cerebrais durante a guerra, no momento do trabalho, tinham de ser alertados qual era a hora certa de parar, pois não compreendiam os limites do próprio trabalho.

Não poderíamos deixar de mencionar tais trabalhos da psicologia soviética na primeira metade de 1940. Embora não encontramos referências diretas à imaginação e a atividade criadora, elas fizeram parte a todo instante nos trabalhos citados acima. No entanto, não queremos tornar a função imaginativa um processo especial, bem como nos lembra Vigotski (1998b). Pelo contrário, nosso objetivo foi encontrar sua expressão nas criações humanas, utilizadas de modo criativo para a prestação de serviços a outros seres humanos. Contudo, em 1945, Rubinstein escreveu seu prefácio apresentado no começo deste capítulo. Seu livro *Princípios de psicologia geral* tornou-se uma referência a todos os pesquisadores e estudantes de psicologia na União Soviética. É nele que nos deteremos neste momento, encontrando as expressões teóricas do desenvolvimento da função imaginativa e da atividade criadora na década de 1940.

## **5.1 - A IMAGINAÇÃO EM SERGUEI LEONIDOVICH RUBINSTEIN: UMA NOVA EXPRESSÃO DAS LEIS GERAIS DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA**

Em 2 de julho de 1940, Serguei Leonidovich Rubinstein havia escrito seu prefácio da primeira edição de seus *Princípios de psicologia geral*. Neste material, Rubinstein dedicou-se a explicar todo o desenvolvimento do psiquismo, iniciando-se pelo objeto de estudo da psicologia a história dessa ciência desde a Grécia antiga, as funções psicológicas dos seres humanos, até finalizar na personalidade como uma síntese da vida e do desenvolvimento psíquico. Sua primeira edição causou tanto entusiasmo na comunidade de psicólogos na União Soviética que, em 1942, recebeu o Prêmio Stalin<sup>73</sup> por seu trabalho na psicologia.

---

<sup>73</sup> Apenas como curiosidade, no livro de Vega (1993) o historiador da psicologia, se confunde com o prêmio recebido por Rubinstein em seu trabalho. No lugar de Prêmio Stalin, Vega, escreveu Prêmio Lenin.

O reconhecimento de seu trabalho era justamente por sua criatividade e coerência no método marxista, desenvolvendo uma série de argumentos sobre os fundamentos de uma teoria geral na psicologia soviética. Os argumentos de Rubinstein (1967) sobre o papel da psicologia são semelhantes aos de Vigotski (1999a). No entanto, estamos nos adiantando um pouco, pois essa é uma discussão que deve ainda ser apresentada em seu devido momento. Assim sendo, vale apresentarmos as contribuições de Serguei Rubinstein para os estudos da imaginação e atividade criadora. Nesse material, suas teorizações encontram-se totalmente diferentes daquelas de 1922 (RUBINSHTEIN, 1985). Embora sua importância dada à atividade criadora aumentou respectivamente e passou a ser analisada a partir de uma teoria objetiva, levando sempre em consideração a visão de mundo do marxismo. Neste sentido, Rubinstein abandonou todos seus argumentos idealistas ainda presentes em seu texto de 1922. A versão dos Princípios de psicologia que utilizamos é a segunda edição, na qual o autor efetuou pequenas correções.

Devemos alertar de imediato que as teorizações de Rubinstein (1967) sobre a função imaginativa encontram-se muito próxima das explicações dadas por Vigotski (2009a). Podemos perceber que, a todo instante ambos estão dialogando com o francês Ribot. Também tanto Rubinstein como Vigotski atentaram-se à linha do desenvolvimento da função imaginativa criada por Ribot.

Para Rubinstein (1967), a imaginação cumpre um importante papel na vida dos seres humanos. Segundo ele, a função imaginativa encontra-se diretamente vinculada com a capacidade de modificar e transformar o mundo. Sem esse processo psicológico, a humanidade estaria fadada a viver apenas da reprodução do passado. Por esse motivo, a imaginação está diretamente vinculada à prática social. Ou seja, a criação de novos objetos que facilitem e transformem a vida dos seres humanos. Portanto, para saber transformar a prática social, os seres humanos também devem saber transformar o mundo mentalmente. A imaginação torna-se uma importante função, cumprindo esse objetivo.

Assim como fez Vigotski (1998b, 2009a) e Luria (2013), Rubinstein (1967) também distinguiu a imaginação em duas características principais: a imaginação reprodutiva e a criadora. Esse fato é apresentado já no princípio de seu capítulo demonstrando sua discussão com o teórico francês Ribot. Em sua definição geral sobre a característica criadora da imaginação, Rubinstein escreveu que

A imaginação significa uma separação da experiência passada, uma *reforma do que foi dado* e, sobre esta base, a produção de novas imagens que ao mesmo

tempo são produtos da atividade criadora do homem e exemplo dela. (RUBINSTEIN, 1967, p. 361 - Grifos no original).

A partir de Rubinstein, podemos afirmar que a imaginação encontra-se vinculada diretamente com a atividade criadora, ou seja, se desenvolve na atividade, mas também se objetiva nela. Assim sendo, encontramos sempre uma via de mão dupla nos estudos da função imaginativa. Assim como Vigotski (2007), Rubinstein explicou que a imaginação é um processo superior que existe apenas nos seres humanos. Esse é um fato determinante pela característica volitiva da função imaginativa. Por ser uma função exclusivamente humana, ela deve ser analisada em sua relação concreta com o mundo, e não de forma abstrata ou ainda idealista.

Outra semelhança que encontramos com Vigotski (2009a) é sobre a íntima relação entre emoção e imaginação. Para ele, sentimentos e pensamentos são condições essenciais para toda criação humana. No entanto, em Rubinstein não encontramos algo tão diferente do que escreveu Vigotski. Sobre os sentimentos e a imaginação, Rubinstein expôs:

A imaginação, frente à influência dos sentimentos e do humor, cria às vezes um espontâneo ideal, mas também pode fazer aparecer com maior nitidez a autêntica aparência do ser humano. Se amamos a um homem, quase sempre o vemos frente ao prisma criador de nosso sentimento. A nós nos parece distinto de como o enxergam os demais. Disso resulta nossa imagem da fantasia diferente consideravelmente da aparência real desse homem. A imaginação submetida a nosso sentimento pode proporcionarmos em tal caso amargas decepções. A história de alguns amores é uma luta entre a imagem do ser determinada pelo sentimento e sua aparência real. Mas também sucede o contrário: a imagem que se forma em uma relação indiferente e, talvez, sem alma, em direção a um indivíduo a base de correntes impressões de pequenas conexões cotidianas, pode cobrir com traços insignificantes e sem importância a real aparência do indivíduo, e um autêntico e grande sentimento pode fazer nascer, como por encanto, não somente os traços mais lindos e humanos, mas, sobretudo, aqueles que formam seu autêntico ser. (RUBINSTEIN, 1967, p. 364).

A literatura é um campo de imensa riqueza, onde encontramos os sentimentos vistos com o prisma do amor ou ainda seu contrário, como explicado por Rubinstein. Poderíamos buscar centenas de exemplos das mais variadas obras literárias para ilustrar o que escreveu Rubinstein. No entanto, para não nos delongarmos neste assunto, poderíamos destacar um único exemplo. As juras de amor de Dmitri Fiodorovich Karamázov para Grúchenka pode ser um grande exemplo sobre o prisma dos sentimentos descritos por Rubinstein. Dmitri, apaixonado por Grúchenka, estava disposto a ver nela traços que não condiziam com a realidade, perdendo até mesmo suas traições com o próprio pai Fiódor Pavlovitch Karamázov. Neste mesmo sentido, a noiva de Dmitri,

Catierina Ivánovna, via em seu noivo traços que não condiziam com seu ser real e concreto, disposta também a perdoar suas traições com Grúchenka (DOSTOIÉVSKI, 2013b). Quando se trata de amor, o prisma dos sentimentos, em muitos momentos, são as condições que criam imagens que não condizem com a realidade. Contudo, os sentimentos podem, também, criar imagens condizentes com o verdadeiro ser como, por exemplo, na admiração que Alieksiêi Fiódorovich Karamázov desenvolveu por seu *stárietz* Zossima. O prisma de seus sentimentos, tais como descrito por Rubinstein (1967), permitiu que Alieksiêi se encantasse por Zossima, além de sua simples aparência como um monge. Entretanto, são apenas histórias, literatura, vidas fictícias. Mas que, por mais fantasiosas que sejam, sempre encontramos um traço de identificação com a realidade ou ainda com vidas concretas de pessoas que existem de fato.

Vale ainda nos determos um pouco mais sobre a questão dos sentimentos e imaginação. Para Rubinstein (1967), a imaginação possui diversos níveis de orientação ao longo do desenvolvimento do sujeito. Assim sendo, quanto mais consciente a pessoa for desse processo superior, mais ativa é sua imaginação. O sujeito que tem consciência de que seus sentimentos atuam como condição para a criação, tende a ter uma postura mais ativa frente aos motivos de suas criações, ou seja, ele compreende toda a estrutura de sua atividade criadora; seus motivos, suas ações e qual a finalidade de sua criação.

Assim como Ignatiev (1960), Rubinstein demonstrou o caráter passivo e ativo da imaginação. Para ele, essa característica particular da função imaginativa indica o próprio controle consciente que o sujeito possui sobre esse processo superior (RUBINSTEIN, 1967). No entanto, Rubinstein não explicou qual seria o caráter passivo ou ativo dessa função psicológica superior. Entretanto, seguindo a lógica do materialismo histórico-dialético e do próprio desenvolvimento das funções psicológicas superiores, podemos afirmar que a característica ativa dessa função possui caráter volitivo, enquanto a passiva não. Por sua vez, devemos mencionar que Ignatiev dedicou maior atenção ao processo ativo e passivo da função imaginativa, ou seja, das condições voluntárias e involuntárias desse processo.

Porém, assim como Ignatiev (1960), encontramos que Rubinstein atribuiu um tipo de imaginação que representaria as imagens e palavras, por exemplo, de um texto literário. No entanto, se restringiu, assim como Vigotski (2009a), ao conceito de imaginação reprodutiva. Sem embargo, a ideia central apresentada por Rubinstein (1967) é a mesma de Ignatiev: a representação como condição de imagens volitivas criadas pelo sujeito ao ler um texto literário, ouvir ou tocar uma música, e assim por diante, alterando-

se apenas a denominação do conceito pelo autor. Por sua vez, a característica criadora da imaginação também se desenvolve na consciência de forma voluntária com a diferença de criar algo novo que anteriormente não existia no mundo.

Todavia, em Rubinstein (1967), encontramos algo de novo que até agora não havia aparecido em Ignatiev (1960), Vigotski (2009a) e Luria (2013). Rubinstein destacou na imaginação uma característica concreta e abstrata. A primeira, segundo o autor, reúne traços detalhados de um objeto, por exemplo, uma história literária, em específico, os livros de Dostoiévski, que são ricos em detalhes e descrições das características de seus personagens. Por sua vez, o caráter abstrato da imaginação pode ser encontrado na ciência como, por exemplo, em equações matemáticas, formulas químicas e até mesmo em teorizações gnosiológicas da filosofia.

Assim como Ignatiev (1960), Rubinstein também apontou as características particulares e motivadoras dos sonhos<sup>74</sup>. Vale também salientarmos que em Rubinstein encontramos a primeira distinção nestes trabalhos entre imaginação e fantasia. Segundo o autor, a fantasia seria um sinônimo dos sonhos, ou seja, as fantasias ou sonhos como escreveu Rubinstein, atuam como motivações para as ações dos sujeitos. Esse aspecto ultrapassa, por exemplo, apenas a vida pessoal, adquirindo um caráter social. Portanto, os sonhos ou fantasias também movem as transformações sociais. As revoluções, mudanças políticas, intelectuais, são frutos de um fantasiar ou sonhar ativo que o sujeito possui. Esse fantasiar não deve ser confundido com o alienar-se na realidade. O sonho dirigido sempre a um objetivo atua como motivação da atividade.

Outro ponto que devemos adentrar para explicar as compreensões da imaginação para Rubinstein (1967) encontra-se na própria objetivação desse processo. Para ele, assim como em Vigotski (2009a) e Ignatiev (1960), a atividade criadora não é simplesmente um jogo livre. Ela deve respeitar as leis objetivas da realidade. Rubinstein escreveu que “a transformação da realidade na imaginação não é nenhuma modificação arbitrária. Tem suas normas, que se manifestam nos típicos métodos de transformação”. (RUBINSTEIN, 1967, p. 369). Assim sendo, o ato de criar não ocorre espontaneamente ou ainda unindo de forma arbitrária distintos elementos do mundo, como uma soma mecânica e não uma síntese dialética.

---

<sup>74</sup> Já explicamos em outro momento desse trabalho que, ao depender da tradução, esse problema aparecerá como sonho ou ilusão. Ignatiev utilizou o conceito de ilusão para explicar esse fenômeno, por sua vez, Rubinstein se vale do termo sonho ou fantasia.

Em discordância com Ignatiev (1960), entretanto, apresentando outro ponto de convergência com Vigotski (2009), Rubinstein apresentou a combinação como elemento de transformação da realidade pela imaginação. Nota-se que tanto Vigotski como Rubinstein apresentam grandes concordâncias com Ribot (1906). Entretanto, assim como para Vigotski, em Rubinstein (1967) encontramos que a combinação produz uma nova síntese ou ainda novos objetos que não existiam anteriormente na realidade material. Justificando sua ideia sobre combinação, Rubinstein apresentou como exemplo a criação da personagem Natasha por León Tolstoi, em Guerra e Paz. Escreveu Rubinstein sobre a combinação: “[...] Tolstoi disse, quando criou o retrato de Natasha, adotando para ele uns traços de sua esposa Sonia e outros da irmã desta, Tania, que ‘recobriu’ ditos traços, obtendo assim o retrato de Natasha”. (p. 359). Todavia, devemos discordar de Rubinstein sobre a mera combinação de Sonia e Tania para a criação de Natasha. Não é simplesmente um recorte e colagem de detalhes de pessoas que encontram-se presentes na criação de Tolstoi, mas também a síntese de elementos que anteriormente não existiam na realidade. Ocorreu uma reorganização do velho, do que já era conhecido por Tolstoi, contudo não uma simples combinação.

Todavia Rubinstein (1967) realiza uma crítica as concepções associacionistas da psicologia, que compreendem toda criação como mera combinação, ou seja, somente como junção mecânica dos elementos presentes na realidade. Ele escreveu que a combinação deve ser compreendida em sua relação dialética de generalização e síntese dos elementos que existem na realidade objetiva.

Outro ponto em comum que encontramos entre Rubinstein (1967), Ignatiev (1960), Vigotski (2009a) e Luria (2013) é que a imaginação, por ser um processo tipicamente humano, não possui características inatas. Ou seja, a criança deve desenvolver sua função imaginativa apropriando-se do que de mais desenvolvido existe na cultura. Essa apropriação, ocorre por meio de contos, jogos, mas principalmente por meio do ensino sistematizado; não é meramente passiva na realidade, mas sim ativa. É por isso que Rubinstein, também apresentou outro ponto de concordância com Vigotski (2003), para ambos a função imaginativa deve ser educada para não se restringir ao imediatismo do mundo.

Como mencionamos acima, a apropriação do sujeito na realidade ocorre para Rubinstein (1967) de forma ativa. Assim sendo, a atividade objetual deve ser destacada neste momento de sua concepção teórica, visto que a própria imaginação se desenvolve e objetiva-se pela atividade. Como salientou Shuare (2016), a compreensão da atividade

entre os soviéticos foi de capital importância para o desenvolvimento da psicologia. Entretanto, os dois autores responsáveis por grande parte das teorizações sobre essa categoria foi Leontiev e Rubinstein. Contudo, apesar de muitas semelhanças encontramos divergências nas concepções dos dois autores<sup>75</sup>.

Neste sentido, para Serguei Rubinstein não podemos separar a atividade da personalidade. Escrevendo de outra maneira, a personalidade só existe, pois se desenvolve na atividade, atuando posteriormente como regente da própria atividade. Para fins didáticos, Rubinstein explicou em seus Princípios de psicologia geral a estrutura completa da atividade, iniciando pelos seus motivos individuais, geralmente ligados às necessidades condicionadas socialmente e as finalidades, ou seja, os resultados que o sujeito atinge em sua atividade. Por isso escreveu Rubinstein (1967) que:

A unidade da atividade aparece concretamente como unidade dos fins aos quais está orientada e dos motivos dos quais deriva. Os motivos e fins da atividade possuem quase sempre, ao contrário dos motivos e fins de algumas atuações, um caráter generalizado e integral. Este expressa a geral tendência da personalidade, a qual não só se manifesta no curso da atividade, mas que também se forma nela. (p. 618).

O que permite a atuação do sujeito na realidade, aquilo que o motiva a entrar em atividade, encontra-se para Rubinstein (1967), sempre vinculado às necessidades do sujeito. Portanto, os motivos são aqueles que derivam a atividade, enquanto a finalidade, é sempre aquela que orienta o sujeito em suas ações para a satisfação de sua necessidade. No entanto, para atingir uma finalidade, o sujeito deve, segundo Rubinstein, resolver uma série de tarefas por meio de ações. Para ele, as ações constituem-se como um meio da atividade, entretanto, um fim da própria ação. Robson Crusóé é um grande exemplo que podemos utilizar para explicar a atividade. Durante sua estadia na ilha, após seu naufrágio, teve de encontrar condições para produzir seus víveres. Contudo contava com a sorte das ferramentas e alimentos que resgatou após naufragar. Ele deveria construir uma casa, semear a terra e encontrar um meio para a criação dos animais que viviam na ilha. Robson Crusóé deveria produzir e reproduzir a vida, no entanto, com uma diferença,

---

<sup>75</sup> O debate acerca da compreensão da atividade para Leontiev e Rubinstein deixou de ser uma preocupação teórica a partir da dissolução da União Soviética. Encontramos esse fato nas novas entrevistas organizadas por Shuare (2016). Neste sentido, o debate acerca do desenvolvimento teórico de Rubinstein e Leontiev sobre a atividade precisa ainda ser realizado. Contudo, nos limitaremos a apresentar a compreensão de Rubinstein sobre a atividade, visto que no Brasil este é um autor não muito utilizado. Porém, também pontuaremos nos momentos certos, a diferença entre Rubinstein e Leontiev. Principalmente ao demonstrar as críticas de Rubinstein a Vigotski.

sozinho. Para atingir sua finalidade de sobreviver deveria resolver essa série de ações, motivado por suas necessidades, embora fossem as mais imediatas. É de grande valia a literatura nesse momento, exemplos aparecem a todo instante nos trabalhos literários. Neste sentido, Defoe (2007) narrando a estória de Robson Crusóé escreveu:

Construí uma abundância de coisas, porém, mesmo sem qualquer ferramenta, algumas contando apenas com uma enxó e uma machadinha, objetos que talvez nunca tivessem sido feitos antes daquela maneira, já que exigiram uma labuta infinita. Por exemplo, se eu precisasse de uma tábua, não havia outro modo além de cortar uma árvore, apoiá-la numa quina diante de mim, desbastá-la de ambos os lados com o machado, para torná-la plana, e depois alisá-la com a enxó. É verdade que, com esse método, eu conseguia apenas uma tábua de uma árvore inteira, mas não havia outro remédio para isso, a não ser a paciência, além de que eu tinha, por causa da enorme quantidade de tempo e trabalho que despendia para fazer uma prancha ou tábua. O meu tempo e o meu trabalho, porém, valiam muito pouco e, de um modo ou de outro, eram bem empregados. (p. 116).

Percebemos presente na história de Robson Crusóé seus motivos e finalidade, assim como as ações por ele executadas para conseguir uma tábua ou prancha. Em sua atividade – o trabalho - tinha como motivo atender uma de suas necessidades e, como finalidade, chegar ao resultado final de seu trabalho, ou seja, construir sua tábua. Entretanto, para conseguir realizar tal feito, deveria antes executar uma série de ações que, segundo Rubinstein (1967), constituem-se como meio das atividade e fins delas próprias. As ações, no caso de Robinson Crusóé, estavam presentes desde amolar o machado, cortar a árvore, talhar a madeira dando a forma desejada, entre muitas outras coisas que teve de fazer para chegar ao fim de sua atividade, diga-se de passagem, satisfazendo assim sua necessidade. O trabalho, portanto, é para Marx (2013) a principal atividade humana, é por isso que encontramos nos soviéticos a atribuição do trabalho como atividade criadora. Ainda para Rubinstein, tudo aquilo que objetiva algo novo no mundo é considerado uma atividade criadora.

É importante ainda salientar que, neste momento, nos interessa demonstrar os diferentes tipos de trabalho para Rubinstein e suas várias formas na sociedade. Rubinstein (1967), em seu livro, diferencia quatro tipos de trabalho: 1) O trabalho do operário; 2) Trabalho do inventor; 3) Trabalho do investigador e; 4) Trabalho do artista<sup>76</sup>.

---

<sup>76</sup> É interessante notar que Rubinstein e outros soviéticos consideram tanto a atividade do cientista, inventor e artista como trabalho. Esse é um ponto de grande debate entre os marxistas, diga-se de passagem, que ainda não foi encerrado. Alguns estudiosos do marxismo consideram essa atividade como trabalho, enquanto outros não. Assim sendo, nos eximimos deste debate por não se constituir como um

Adentraremos, brevemente nos aspectos particulares levantados por Rubinstein em suas explicações sobre os diversos trabalhos.

Para Rubinstein (1967), e em todo debate marxista, encontramos a concordância de que o trabalho é uma atividade exclusivamente humana. Os animais não produzem e reproduzem sua vida a partir dessa atividade. Portanto, Rubinstein, junto com toda a psicologia soviética, está de acordo com Marx (2013) quando escreveu que:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmachty*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (p. 255 – Grifos no original).

Sabemos, portanto, que o trabalho é uma atividade exclusivamente humana. Este debate está mais do que certo e encerrado no marxismo. Todavia, na própria produção e reprodução da vida social existem outras atividades que, por sua vez, se vinculam diretamente com o trabalho. Rubinstein citou dois exemplos: o jogo/brincar e o estudo, ambas, são atividades que preparam o sujeito para o trabalho. Assim como as duas são diretamente relacionadas com o próprio desenvolvimento humano. No brincar, a criança se envolve em situações imaginárias, que não existem de fato nas possibilidades que são dadas a ela. Já demonstramos essa característica com Vigotski (2007); a criança representa situações de seu cotidiano, que encontra-se impossibilitada de realizar ainda naquele período. O estudo também cumpre esse papel de preparar o sujeito para exercer uma futura atividade. Para trabalhar em fábricas, criar novas teorias, realizar novas descobertas científicas e técnicas e assim por diante. Portanto, toda a vida dos seres humanos, desde o momento do nascimento, está organizada por meio do trabalho, no entanto, neste momento o trabalho é ainda sempre de um outro.

Porém, para Rubinstein (1967), o trabalho não se constitui como uma categoria psicológica, mas sim sociológica. Portanto, a contribuição dessa atividade para a psicologia são seus aspectos psicológicos, ou seja, as funções exclusivamente humanas que se manifestam em sua execução. Desde sensação, percepção, atenção, memória,

---

objetivo desse trabalho. Entretanto, essa discussão ainda deve ser realizada e principalmente retomada nos trabalhos da psicologia.

pensamento, linguagem e até mesmo a imaginação, encontramos tais processos presentes na objetivação do trabalho ou ainda conservados nos produtos finais dessa atividade. É no processo de trabalho que se desenvolvem as aptidões, caráter e seus princípios ideológicos, orientando sua atuação com a prática social. É por isso que:

As diferentes etapas do processo de trabalho são, em geral, mais ou menos difíceis. Este processo de trabalho requer, segundo casos, tensão, esforço e superação, não somente dos obstáculos externos, mas também dos internos. Por isso, se formaram no trabalho a *vontade* e a atenção *voluntária*, que se fizeram indispensáveis para ele. A atenção é necessária para que o homem possa se concentrar naquelas etapas do processo de trabalho que não sejam diretamente atrativas. (RUBINSTEIN, 1967, p. 627 – Grifos no original).

O trabalho, em muitos casos, não é uma atividade prazerosa para o sujeito, em específico, quando uma das tarefas que deve resolver torna-se extremamente complicada. No próprio trabalho científico esse fato está conservado nos mínimos detalhes. Já lembrava Marx, em sua carta a Engels de 1865, que:

*sejam quais forem as insuficiências dos meus escritos, têm, pelo menos, o mérito de constituírem um todo artístico completo. Só consigo isso não publicando nada enquanto o que escrevo não estiver inteiramente acabado em cima da mesa de trabalho.* (MARX; ENGELS, 1980 – Grifos no original).

A carta de Marx a Engels parece expressar o quão penoso e difícil é empreender um trabalho sobre determinados motivos. Marx, é claro, buscou em sua atividade resolver o máximo de problemas possíveis, que lhe rendeu futuramente uma crítica da economia capitalista, tal como encontramos conservada até os dias de hoje, explicando toda a produção e reprodução da vida social na sociedade burguesa. Entretanto, para Marx, a ciência não se constituía como um mero valor de troca, uma mercadoria, neste sentido, seu trabalho tornou-se cada vez mais penoso. Foi submetido a diversas expulsões dos países que vivia, sendo proibido de expressar sua crítica, além de ser assombrado pela miséria durante toda sua vida (LENIN, 2001).

Dando continuidade às explicações de Rubinstein (1967), encontramos em seu livro uma caracterização dos processos que se manifestam neste tipo de atividade, ou seja, no trabalho.

O primeiro tipo de trabalho apresentado por Rubinstein (1967), é do operário. É um tanto quanto confuso apresentar, em específico, em uma sociedade capitalista, esse tipo de atividade como criadora e cristalizadora da função imaginativa. Lembramos que

Marx (2010a) já havia alertado que o trabalho nessa sociedade possui um aspecto estranhado, ou seja, no qual o sujeito não se reconhece no produto final que ele mesmo produziu. Contudo, Rubinstein, escreveu sua obra no seio de outra sociedade, na qual os modos de produção de vida eram outros. Portanto, alguns apontamentos feitos por Rubinstein, são opostos daqueles que encontramos no capitalismo<sup>77</sup>. Mas, como certeza prévia, podemos afirmar que as objetivações feitas pelo operário dependem exclusivamente das condições sociais oferecidas para a execução de sua atividade.

Segundo Rubinstein (1967), existe atividade criadora no trabalho quando este não separa o físico do mental. Quando os atos e ações executados pelo trabalhador não são meros movimentos mecânicos e repetitivos, mas permite a organização e reorganização do próprio processo de trabalho, buscando novos meios para sua objetivação. Rubinstein citou o exemplo de um operário recordista em extração de carvão. No exemplo, o próprio operário relatava que é preciso tanto a utilização física como de sua inteligência para concluir sua tarefa.

O segundo tipo de trabalho apresentado por Rubinstein (1967) e que percebemos com maior clareza na manifestação da atividade criadora é do inventor. Aqui os produtos finais da atividade se encontram diretamente relacionados com a criação do novo. O que surge pela primeira vez no mundo é direcionado ao atendimento das necessidades sociais. Essa nova invenção, ao ser objetivada no mundo, afeta diretamente a atividade de outros sujeitos. Por exemplo, novas máquinas que substituem as antigas diminuindo assim o tempo de trabalho.

Outro ponto interessante exposto por Rubinstein (1967) são as leis concretas que o inventor deve seguir em seu trabalho para sua objetivação. Esse fato encontra-se de acordo com os trabalhos de Ignatiev (1960), no qual o autor diferencia os diversos períodos da criação técnica. Contudo, Rubinstein não apresentou passos a serem seguidos no processo de objetivação, tal como fez Ignatiev. Porém, devemos também salientar que, embora Rubinstein não realize essa divisão, escreveu sobre a importância dos processos psicológicos para a criação artística. Retirando da imaginação uma característica especial, intuitiva ou ainda divina. Ao mesmo tempo, encontramos uma concordância com

---

<sup>77</sup> Não cabe aqui discutir os aspectos sobre as condições de trabalho na União Soviética, no entanto essa discussão também abre grande polêmica no marxismo, visto que havia questões ideológicas claramente postas. Entretanto, constituía-se como ideologia proletária aquilo que aparece expresso, por exemplo, em uma das entrevistas apresentadas por Platonov (1969), quando um estrangeiro perguntou a um famoso trabalhador de uma fábrica da Sibéria quem havia lhe obrigado a trabalhar por lá, o operário respondeu: "O sentimento do dever [...] eu sabia que na Sibéria seria mais útil que na capital". (p. 15).

Vigotski (1999a) sobre os sistemas psicológicos. Todavia, Rubinstein não descreveu essa união como sistemas psicológicos, mas podemos perceber claramente sua concepção sistêmica do psiquismo humano. A imaginação, portanto, não é uma função que se destaca isoladamente, porém faz parte do processo de criação. Rubinstein escreveu que:

A experimentação dentro do processo inventivo se relaciona intimamente com a imaginação. A extraordinária significação da fantasia para a invenção se explica pelo fato de que o inventor não deve achar uma ideia abstrata, que resolva um problema teórico, mas uma coisa concreta, um mecanismo etc. Por isso, o inventor resolve mais ou menos ilustrativamente a tarefa em imagens, pela representação e fantasia (RUBINSTEIN, 1967, p. 632-633).

Além de resolver esse problema em sua representação e fantasia, também o resolve pela imaginação criadora, dando objetividade material para toda sua criação. Concordamos novamente com Rubinstein, quando atribuiu devida importância à fantasia<sup>78</sup> como parte da criação técnica. Aqui encontramos outro ponto semelhante com Ignatiev (1960), pois em todo o processo de criação técnica, o inventor estará operando com sua ilusão/sonho/fantasia para encontrar a utilidade social de sua invenção. Para além disso, o trabalho do inventor não está relacionado apenas com seus processos psicológicos, aspectos da personalidade, mas encontra-se na unidade entre atividade teórica e prática, assim sendo, a *práxis*.

O segundo tipo de trabalho explicado por Rubinstein (1967), em que encontramos a manifestação evidente da imaginação e atividade criadora, é do investigador, ou seja, o cientista. Novamente, encontramos o extenso debate: afinal, a atividade do cientista constitui-se como um trabalho<sup>79</sup>? Para Rubinstein, a resposta é sim. Ele escreveu que na literatura psicológica existe um extenso debate apaixonante sobre este tema em que, por um lado, encontramos a contraposição de que a atividade do cientista não se desenvolve como um trabalho, mas sim fruto de uma intuição. É claro que esse ponto de vista engloba as teorias idealistas da psicologia.

As teorias idealistas que apontam a intuição como responsável pela criação científica também explicam que o momento da criação é fruto de uma iluminação momentânea do intelecto (RUBINSTEIN, 1967). Mas Rubinstein contrapôs esse ponto

---

<sup>78</sup> Mais acima, já explicamos que Rubinstein compreende a fantasia, assim como Ignatiev (1960) compreende as ilusões. São sonhos direcionados ao futuro, ou seja, com a ajuda da imaginação o sujeito cria um quadro do futuro a partir de seus sentimentos e necessidades.

<sup>79</sup> É de notável admiração encontrar fragmentos deste debate desde o século passado, até mesmo entre os marxistas. Como mencionamos acima, esta discussão está longe de encontrar um fim.

de vista, explicando todo o desmerecimento do trabalho e acúmulo de experiências do cientista ao atribuir suas descobertas a meras intuições ou inspirações momentâneas. Já explicamos com Ignatiev (1960) que a inspiração constitui-se como uma tensão imensa entre todas as funções psicológicas superiores, é o momento catastrófico do ato de criar, em que o sujeito busca resolver um determinado problema<sup>80</sup>. Portanto, novamente encontramos outra concordância entre Rubinstein e Ignatiev. No entanto, Rubinstein introduziu novos elementos a essa discussão. Para ele, a intuição no ato de criar deve ser compreendida como o momento final da criação, assim sendo, quando o cientista encontra em sua atividade criadora o resultado final de seu trabalho, porém, ainda não descobriu os métodos nem os caminhos pelos quais deve conduzir sua investigação científica. É por isso que ele escreveu que:

No trabalho científico, que é o que conduz as grandes descobertas, portanto, não somente é possível a intuição, mas necessária, para poder criar e obter algo realmente significativo; mas não se acha em contraposição com o trabalho, como se fosse um presente independente daquele. Quase sempre é a pedra final de um especial auge, da concentração de todas as forças intelectuais e físicas, onde, depois de certo período de descanso, se obtém o resultado do concentrado trabalho preliminar. A atividade criadora do investigador, o científico é um verdadeiro trabalho criador. (RUBINSTEIN, 1967, p. 637).

Rubinstein (1967) atribuiu importância à intuição, entretanto, a participação dela se dá em conjunto com um gigantesco trabalho prévio. Para o autor, é no momento de ócio, depois da exaustiva investigação que a intuição ocorre, todavia, sempre após um grande acúmulo de experiência na atividade científica. Sem esse trabalho prévio, o investigador nada de novo e significativo criaria. A atividade criadora na ciência, para Rubinstein, é um autêntico trabalho criador, pois objetiva novos produtos na realidade.

Por fim, o último e não menos importante tipo de trabalho para Rubinstein (1967) é do artista. Este é o tópico mais discutido por Rubinstein em seu material. A devida importância que atribuía à arte era notável. Em muitas passagens de seus trabalhos, por exemplo, em seu livro *O desenvolvimento da Psicologia*, publicado em 1959, Rubinstein fez menções diretas ao teatrólogo Constantin Stanislavski (1863-1938), principalmente, ao escrever sobre o desenvolvimento da consciência humana. Ao longo de seus escritos

---

<sup>80</sup> Este é um problema que também vem sendo pouco explorado na psicologia, entretanto, alguns indícios nos levam a crer que em Uznadze encontraríamos algumas contribuições para estender as explicações acerca da inspiração. Principalmente pelo que já demonstramos com Bassin (1981) sobre a compreensão que possui Dimitri Uznadze do inconsciente. Suspeitamos que o inconsciente, manifestado na psicologia da atitude/set, de Uznadze, guarda grandes contribuições para o desenvolvimento teórico desse tema.

encontramos várias vezes menções a literários, pintores, músicos e a outros tipos de artistas<sup>81</sup>.

Assim como na investigação científica, o trabalho do artista muitas vezes é confundido com uma inspiração momentânea, iluminação divina ou ainda simplesmente uma qualidade inata. Entretanto, para Rubinstein (1967) os produtos objetivados pelos artistas são frutos de um longo processo de trabalho oculto no produto final. Neste trabalho, também encontra-se escuso outro processo de grande significação para a criação artística: a observação. Rubinstein escreveu que na experiência do artista, o ato de observar o que está ao seu redor é significativamente importante no momento da criação. Muitas impressões são registradas na memória para posteriormente, executar o plano de trabalho. Contudo, as impressões registradas devem ser generalizadas, transformadas e sintetizadas em traços particulares das obras de arte, é nesse fato que encontramos a presença da imaginação. Como escreveu Rubinstein:

Para submeter o quadro ao projeto, a ideia, a composição de uma obra de arte, todas aquelas impressões e imagens que o artista obtém mediante sua atenta observação devem ser transformadas. Aqui entra em ação a fantasia criadora do artista com seus multifacetados métodos ou procedimentos de transformação, que são peculiares de sua fantasia e adquiridos em sua obra criadora. (RUBINSTEIN, 1967, p. 638).

A imaginação cumpre um papel particular em cada sujeito da atividade, atribuindo às criações, suas características mais íntimas, a partir da transformação daquilo que foi observado e registrado pelo artista anteriormente. Portanto, novamente, excluimos as teorias idealistas que desmerecem todo o papel do trabalho nas áreas artísticas. Alieksiêi Karamázov, personagem de Dostoiévski (2013b), não existiu de fato no mundo real, entretanto, sua imensa sensibilidade e humildade para com os próximos existiriam em outras pessoas. Os traços que se manifestam em Alieksiêi foram criados por Dostoiévski a partir do trabalho que cumpre a imaginação, assim como explicado por Rubinstein. Contudo, a abstração desses traços peculiares dados por Dostoiévski se dá a partir de sua técnica literária. Dostoiévski, em todas suas obras, descreve todos os personagens, cenários e tramas dando grande riqueza aos detalhes mínimos de cada um. Rubinstein (1967) chamou esse processo de dialética entre as ideias criadoras e as técnicas do artista.

---

<sup>81</sup> Esse é um grande ponto em comum que podemos encontrar em Rubinstein e Vigotski, além de uma característica enciclopedista. Ambos eram apaixonados por arte e, em suas obras, encontramos vários vestígios de exemplos utilizando a literatura.

Ao se tratar da criação artística, em específico, o sujeito deve se “[...] submeter ao livre jogo de suas paixões e forças a um fim externo, ao produto de seu trabalho, precisamente”. (RUBINSTEIN, 1967, p. 644). É neste processo final de um longo trabalho que repousa a atividade do artista, sendo aquele que objetiva aspectos de sua personalidade em seus trabalhos.

Assim, concluímos que, para Rubinstein, a imaginação apenas encontra sua objetivação por meio da atividade criadora. Sem ela não existiria o novo no mundo. A correlação entre imaginação e atividade deve ser mantida, pois é na atividade que se desenvolve a imaginação, contudo, é nela que também se manifesta. Concluindo Rubinstein, seguimos agora outro caminho no desenvolvimento teórico encontrando novos retrocessos na ciência psicológica soviética. Os novos rumos adotados pela psicologia, a partir da segunda metade de 1940, conduziram as pesquisas a um novo abismo do mecanicismo.

## **5.2 – A SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1940: NOVOS RETROCESSOS EM VELHOS COSTUMES**

Se os primeiros anos da década de 1940 representaram para a psicologia soviética um período marcado pelo grande desenvolvimento prático e teórico dessa ciência, a segunda metade anunciaria novos retrocessos seguidos de censuras e perseguições políticas na psicologia. Se na primeira metade dos anos de 1940, Seguei Leonidovich Rubinstein havia sido premiado por seu trabalho na psicologia, na segunda metade, sua mesma obra seria censurada. Como lembrou Brushlinskii (2002) em uma entrevista, Rubinstein havia sido acusado de cosmopolitismo e antipatriotismo, sendo removido de todos os seus cargos e funções que cumpria como professor, diretor e, principalmente, pesquisador. O mesmo livro que o consagrou com o Premio Stalin na primeira metade da década de 1940 foi o mesmo responsável por sua posterior censura e perseguição política. A partir de 1947, Rubinstein, sofreria persistentes críticas, o que afetou diretamente sua direção da cátedra de psicologia (SHDAN<sup>82</sup>, 2002). Em abril de 1949, ocorreu uma sessão que determinou o futuro trabalho de Rubinstein na psicologia. Nesta reunião, o próprio Rubinstein relatou que:

---

<sup>82</sup> Nos referimos a psicóloga Antonina Nikolaevna Zhdan (1934-)

A principal crítica a meu livro, parece-me que se refere a seu apoliticismo, a seu objetivismo em relação à psicologia estrangeira. Neste mencionado livro não aparece uma militância crítica à psicologia estrangeira e este deveria ser, na verdade, meu dever como especialista em meu país. Ao dar a conhecer aos leitores as ideias dos colegas do exterior, eu mantive com eles uma atitude de polêmica e discussão, em lugar de denunciar a essência reacionária de todos esses ensinamentos. Desta maneira, eu atuei mantendo-me afastado dos princípios leninistas do partidarismo bolchevique. Agora, talvez possamos compreender que se tratava de uma autocrítica obrigada a todos estes flagelos, quando uma verdadeira polêmica era impossível e a única coisa possível era reconhecer os próprios erros. (RUBINSTEIN S/D apud SHDAN, 2002, p. 151).

Shdan (2002) relatou que, em abril do mesmo ano, Rubinstein foi liberado de todas suas funções como professor da Universidade de Moscou. Também Brushlinskii (2002) disse em uma entrevista que conheceu os trabalhos de Rubinstein quando ainda estava no colégio. Em seu período, a psicologia era ensinada nas escolas, e Brushlinskii deveria realizar uma monografia sobre o que entendia por essa ciência. Ele contou que uma amiga da família soube de seu problema, apresentando-o no fim de 1940, com os Princípios de psicologia geral de Rubinstein. Contudo, a amiga o advertiu dizendo: “leia isso, mas não cite ou refira-se a Rubinstein”. (p. 6). Brushlinskii ainda contou que apenas mais tarde, em 1953<sup>83</sup>, quando Rubinstein foi reabilitado em suas antigas ocupações foi que o conheceu pessoalmente, dedicando sua vida acadêmica ao desenvolvimento teórico das ideias de Rubinstein na psicologia.

Não apenas Rubinstein sofreu com as perseguições políticas desse período pós-guerra, mas também o próprio Leontiev. No livro de Mario Golder, Leontiev e a psicologia histórico-cultural, encontramos um documento referente ao livro Desenvolvimento do psiquismo, de Leontiev, publicado em 1947. Neste artigo, está exposto um aparente retorno às críticas mecanicistas, tais como as de 1936. Assim sendo, Maslina<sup>84</sup> (2002) escreveu que:

---

<sup>83</sup> Apenas como uma curiosidade a mais neste trabalho, Brushlinskii (2002) relatou o que aconteceu com a teoria de Rubinstein após seu falecimento. Segundo o autor, as ideias de Rubinstein na história da psicologia soviética começaram a partir da década de 1960 a serem boicotadas por respeitados teóricos da ciência psicológica, tais como: Leontiev e Luria, que dirigiam jornais e revistas dedicados aos maiores psicólogos soviéticos. Segundo Brushlinskii, nestas publicações Rubinstein havia sido esquecido. Outro fato curioso é que Leontiev, como diretor da faculdade de psicologia da Universidade de Moscou, recusou até seu falecimento, que Brushlinskii e Abulkhanova ministrassem um curso sobre a teoria de Rubinstein. Esse curso apenas foi autorizado vinte anos depois do primeiro pedido, já pelo novo diretor da faculdade de psicologia: Alexei Alexandrovich Bodalev (1923-2014). Contudo, isso se constitui como um próximo trabalho, já que são fatos ocorridos apenas a partir da segunda metade do século XX.

<sup>84</sup> Não encontramos nenhuma referência biográfica a respeito do autor.

Aplicar com resolução o princípio de adesão e militância bolchevique ao colocar em evidência a base anticientífica, idealista, metafísica da psicologia burguesa. É necessário recordar que, a partir da utilização deste método, é possível eliminar das obras dos psicólogos soviéticos toda manifestação de objetivismo, de neutralidade política e imparcialidade, assim como, todo traço de servilismo e docilidade para com a “ciência psicológica” estrangeira, manifestações que lamentavelmente persistem até o atual momento. (p. 137).

É interessante destacarmos que a docilidade que se referiu Maslina apareceu anteriormente na perseguição política de outros teóricos na psicologia, como foi o caso das críticas mecanicistas, em 1931, de Talankin (2000) e, em 1937, com as de Rudneva (2000), tal como já demonstramos em outro momento desse trabalho. No entanto, na segunda metade da década de 1940, já havia ocorrido o julgamento do assim chamado pela comunidade de censuradores: cosmopolita Rubinstein. O problema encontrado em seus materiais era justamente referente a tal docilidade comentada por Maslina (2002). Ao revisar a história da psicologia desde a Grécia antiga, Rubinstein (1967) apresentou as contribuições da ciência psicológica até os princípios do século XX, tal como Vigotski (1999a). Esse é o caminho utilizado pelos materialistas históricos-dialéticos para expor as contribuições e acima de tudo, as limitações da ciência psicológica até os primeiros anos de 1900. Contudo, o mecanicismo e dogmatismo de Talankin (2000), Rudneva (2000) e Maslina (2002) fazem crer que a história da ciência começou apenas após a Revolução de Outubro de 1917. Neste sentido, apenas os feitos soviéticos importariam nos meios científicos.

Contudo, as críticas ao material de Leontiev não terminam assim. Maslina reconheceu que talvez Leontiev tenha tentado demonstrar o desenvolvimento do psiquismo em seu livro, entretanto sua concepção materialista era frágil. Maslina exemplificou a principal deficiência do trabalho de Leontiev escrevendo o seguinte:

Por exemplo, em seu trabalho recorre-se muito pouco às opiniões cientificamente corretas de Lenin e Stalin sobre a consciência, por outro lado, ele sequer se beneficia das observações do camarada Stalin sobre, justamente, a matéria em estudo, em especial às contidas em sua obra *Anarquismo ou socialismo*?<sup>85</sup> (MASLINA, 2002, p. 140 – Grifos no original).

As referências ao camarada Stalin tornaram-se leis nas publicações em psicologia, o que foi denominado por Kédrov e Spirkin (1967) um culto à personalidade de Stalin, tendo, por conseguinte, um efeito negativo nas ciências humanas e sociais. Eles ainda escreveram que “[...] a situação que havia se criado como consequência do culto da

---

<sup>85</sup> Maslina se refere ao texto publicado em 10 de abril de 1907 por Stalin.

personalidade de Stalin dificultou o desenvolvimento criador do pensamento científico e a livre discussão dos problemas relacionados à ciência”. (p. 28). Esse fato conserva-se nos períodos de avanços e retrocessos demonstrados até aqui. Quando encontramos na história, períodos do desenvolvimento científico da psicologia soviética, também nos deparamos com os retrocessos que os seguem. Desde o fim de 1920 e princípio de 1930, esses períodos marcados por avanços e retrocessos encontram-se perceptíveis na história. Por exemplo, no momento em que Vigotski desenvolveu uma nova teoria, sendo o primeiro teórico a situar o psiquismo na história, seu grupo de colaboradores começa a sofrer diversas críticas. O mesmo – aparentemente - se repete com a censura dos materiais de Rubinstein e a acusação que sofreu por engrandecer a psicologia burguesa. Depois, encontramos ainda as perseguições de Leontiev e se vasculharmos mais a história, encontraremos muitos outros autores que no período stalinista foram censurados por serem fiéis a uma concepção materialista, histórica e dialética da ciência. Neste sentido, a advertência mecânica e dogmática de Maslina ainda continuou:

A atitude do professor Leontiev diante da variada produção dos psicólogos soviéticos mantém-se indefinida. É sabido que um certo número destes psicólogos tem estado, até o momento, inclinado a ocupar-se dos problemas psicológicos do homem “em geral”, muito mais do que do concreto homem soviético. Isto foi evidenciado, por exemplo, no desenvolvimento da discussão sobre os *Fundamentos de psicologia*, de S. L. Rubinstein. (MASLINA, 2002, p. 142 – Grifos no original).

As advertências sobre revisar a psicologia mundial já haviam sido feitas nas críticas dirigidas ao material de Rubinstein. Contudo, no livro de Leontiev, também encontramos uma revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento da psicologia no ocidente e na Rússia. Maslina, em sua crítica a Leontiev, apenas fez-se entender que os teóricos soviéticos deveriam prestar atenção aos problemas e tendências da psicologia desenvolvidos na própria União Soviética. Shdan escreveu que nesse momento notavelmente houve uma “[...] redução do quadro docente de mestres e pesquisadores, o que trouxe consigo uma expressiva diminuição na qualidade da preparação de novos especialistas e, por conseguinte, das pesquisas científicas em curso”. (SHDAN, 2012). A psicologia soviética passava por um novo período de retrocessos científicos.

Porém, Shuare (2016) escreveu que não apenas de retrocessos viveu a psicologia soviética nesse período de pós-guerra. Nos primeiros anos, após o fim da Segunda Guerra Mundial, foram criados novos institutos de psicologia por toda a União Soviética como, por exemplo, em Tbilisi, na Geórgia. A psicologia georgiana que era representada por

Uznadze recebeu nesse período pós-guerra, novas condições de realizar suas pesquisas. No artigo Cinquenta anos da psicologia na Geórgia, de Revaz Grigoryevich Natadze (1903-1984), encontramos as descrições das pesquisas em vários campos da psicologia: pensamento e linguagem, imaginação e arte, percepção, memória, patopsicologia etc. (NATADZE, 1967).

No entanto, antes de encerrarmos essa sessão, podemos afirmar que novamente, na década de 1940, encontramos presente no desenvolvimento da psicologia soviética períodos de avanços e retrocessos. Essa afirmação encontra-se evidente no segundo capítulo do livro Psicologia anormal experimental, de Bluma Zeigarnik. Em um momento dedicado à história da patopsicologia na Rússia e União Soviética, Zeigarnik (1972) apontou a todo instante os períodos de avanços e retrocessos nesta área da psicologia. Em específico, nos anos de 1940, Zeigarnik enfatizou a importância dos trabalhos feitos com os soldados feridos em batalha, da recuperação de pessoas lesionadas pela guerra, entre outros. Contudo, passado esse período de grande desenvolvimento, encontramos novamente outro retrocesso. Iniciando nas perseguições políticas e discussões sobre materiais tidos como antipatrióticos ou ainda engrandecedores da ciência burguesa (SHDAN, 2002). Porém, essa discussão seria ainda formalizada, conduzindo a psicologia soviética ao extremo mecanicismo e fisiologização de suas bases. Esse novo período se iniciou em 1950, com a conferência Pavlov, surgindo novas determinações entre essa ciência e a teoria da atividade nervosa superior de Pavlov (PAYNE, 1968). Portanto, encaminhamos esse trabalho para seu último capítulo e período de análise do desenvolvimento da função imaginativa na história da psicologia soviética.

## **6 – O FIM DO STALINISMO E O PRINCÍPIO DE UMA NOVA SISTEMATIZAÇÃO PARA A PSICOLOGIA DA IMAGINAÇÃO**

A década de 1950 marca na história o fim de um período um tanto quanto conturbado para o marxismo. Foi um momento histórico com o qual os marxistas devem lidar de forma objetiva e crítica. Uma análise sobre esse período, tal como apresentamos, foi feita por Paulo Netto (1984). Na psicologia, o princípio de uma mudança após a morte de Joseph Stalin, se deu logo após seu falecimento em 1953. Os antigos psicólogos foram readmitidos em seus velhos cargos como professores e pesquisadores nas universidades como, por exemplo, foi o caso de Rubinstein (SHDAN, 2002). No entanto, a primeira metade da década de 1950 foi marcada por um período de grande retrocesso, retornando a fisiologia pavloviana como método fundamental para a psicologia; uma discussão que iniciou-se já no fim de 1940, todavia, ganhou destaque apenas alguns anos depois. Portanto, na psicologia, o que marcou esses primeiros anos até o relatório secreto de Nikita Khrushchev, em 1956, foi o debate acerca das contribuições da teoria da atividade nervosa superior para a ciência psicológica.

Como escrevemos no capítulo anterior, as acusações e perseguições políticas feitas contra vários pesquisadores de diversas áreas do conhecimento científico diminuiu significativamente o quadro de professores nas universidades da União Soviética. Esse fato, segundo Shdan (2002), na psicologia, afetou diretamente a formação de novos pesquisadores nesta ciência. Um episódio que conduziu a psicologia novamente a um debate que já havia sido superado no fim da segunda metade de 1920 por Vigotski e seu grupo de colaboradores. Encontramos, por exemplo, em 1924, no livro *Psicologia pedagógica*, um trabalho a partir de bases materialistas, entretanto, buscando no pavlovianismo fundamentos teóricos para uma ciência que carecia ainda de um método de estudo.

Contudo, já podemos encontrar no texto sobre a crise da psicologia, de 1927, um significativo desenvolvimento teórico da ciência psicológica fundamentada nos princípios do materialismo histórico-dialético, o que permitiu a negação da teoria pavloviana, consolidando uma mudança da psicologia. Não negamos a importância da fisiologia para os estudos da psicologia, porém, os fenômenos psicológicos não devem ser reduzidos apenas ao estudo da atividade nervosa superior. Como escreveu Rubinstein (1963), o estudo do psiquismo deve ser tanto uma investigação da atividade nervosa superior como da atividade psicológica superior.

No entanto, antes de entramos em específico nos estudos sobre as aproximações da fisiologia com a psicologia, devemos nos deter na conferência denominada: Pavlov.

## **6.1 – A CONFERÊNCIA PAVLOV E AS NOVAS DETERMINAÇÕES PARA A UNIÃO ENTRE ATIVIDADE NERVOSA SUPERIOR E ATIVIDADE PSICOLÓGICA SUPERIOR**

A importância de Pavlov para a psicologia nunca foi negada nas discussões dessa ciência. Vigotski (1999a, 2001) já apontava que a relação entre psicologia e fisiologia existe. Sobre esse novo período, Payne (1968) escreveu que a nova tarefa da psicologia soviética era buscar a relação entre os fenômenos psicológicos e a teoria da atividade nervosa superior de Pavlov.

Diante das possibilidades, ocorreu, no dia 28 de junho até 04 de julho de 1950, uma conferência que recebeu o nome de Pavlov. A discussão contou com a colaboração da Academia de Ciências da U. R. S. S. e da Academia de Ciências Médicas da U. R. S. S., contudo prejudicada pela redução de docentes e pesquisadores que haviam sido destituídos de seus cargos, tal como já havíamos mencionado a partir do trabalho de Shdan (2002).

Durante a conferência os participantes chegaram à conclusão de que os trabalhos na ciência psicológica, desde a Revolução, haviam sido insuficientes para desenvolver uma sólida base teórica para a psicologia. Portanto, obrigaram os psicólogos “[...] a reconstruírem sua ciência com bases no pavlovianismo”. (PAYNE, 1968, p. 53). Payne revelou ainda que, no sexto dia da conferência, os participantes retiraram o encaminhamento para que fossem feitas críticas e autocríticas sobre os assuntos tratados no desenvolvimento da teoria de Pavlov na União Soviética. O relatório sobre a conferência foi encaminhado para Stalin. Nele os relatores haviam escrito que os ensinamentos de Pavlov continham as bases científicas adequadas para a criação e desenvolvimento científico da fisiologia, medicina, psicologia e outras áreas do saber humano.

Iniciou-se assim um movimento pelo qual a teoria de Pavlov seria recomendada para ser a base para o desenvolvimento das mais variadas ciências da União Soviética. Até mesmo os trabalhos de psicoterapia, por exemplo, tiveram de se adequar a esse novo período. Miasíschev, ao escrever sobre os problemas teóricos da psicoterapia, apresentou os fundamentos desse campo da psicologia. Segundo ele, a psicoterapia soviética

orientava-se sobre os postulados do materialismo histórico-dialético e da fisiologia de Pavlov (MIASISHEV, 1962). Contudo, tanto a psicoterapia como o desenvolvimento de uma psicologia geral baseada no marxismo encontram-se em oposição ao método pavloviano. Como exemplo, encontramos os detalhes da exposição metodológica feita Pavlov em seu artigo: Resposta de um fisiólogo aos psicólogos, de 1932, onde escreveu que:

O homem é um sistema, uma máquina, e ele está submetido, como qualquer outro sistema na natureza, às mesmas leis naturais, irrefutáveis e comuns. Mas é um sistema incomparável pela sua faculdade de auto-regulação, o que podemos afirmar segundo o nível atual da ciência. Nós conhecemos grande número de máquinas de auto-regulação complexa entre as criações do homem. A partir deste ponto de vista, o estudo do homem-sistema é exatamente o mesmo de qualquer outro sistema: decomposição em partes constituintes, estudo da importância de cada uma destas partes, estudo das correlações com a natureza-ambiente, e em seguida, baseada em tudo isso, a explicação do seu funcionamento e regulamento, na medida das possibilidades humanas. O nosso sistema, auto-regulador no máximo grau, é capaz de manter-se sozinho, restabelecer-se, consertar-se e, até mesmo, de aperfeiçoar-se [...] (PAVLOV, 1980. p. 124).

Essa citação de Pavlov, que serve como um exemplo para elucidarmos as críticas a esse período, mostra vários de seus equívocos que vão contra os princípios do marxismo. Começando pelo princípio que o homem é um sistema, uma máquina e que se auto regula sozinho. Tanto está equivocado que não reconhece que somos animais biológicos, cuja estrutura fisiológica não traz as capacidades psicológicas e, conforme nos orienta os estudos sociológicos e filosóficos de Marx (2010a), nos humanizamos somente quando nos relacionamos socialmente com outros seres humanos, nos apropriamos de elementos presentes na cultura pelo outro. É apenas na relação com o outro que nos tornamos humanos, auto dirigentes da conduta.

Podemos ainda afirmar que o método pavloviano constituiu-se acima de tudo, a partir de um cartesianismo, que é incompatível com a realidade processual em constante mudança. Assim, seu entendimento que a divisão do todo do homem-sistema e o estudo das suas partes em separado confirma essa tese. Diferente é a proposta levantada pelos psicólogos soviéticos, que tais como Vigotski (1999a) e Rubinstein (1967) seguiam em direção contrária a esta determinação pavloviana. Estes propunham compreender o todo e não as partes separadas, e ainda mostram que a compreensão das partes fragmentadas do homem-sistema levaria à busca de se entender o mais complexo pela explicação do mais simples; o que é impossível.

Todavia, a influência de Pavlov após a conferência tornou-se cada vez maior entre os psicólogos soviéticos, atingindo diretamente as pesquisas e trabalhos práticos desta ciência. Por exemplo, nos conceitos científicos, ao invés de se utilizar termos como linguagem, utilizava-se o conceito de segundo sistema de sinais. Até mesmo no texto de Miasíschev sobre psicoterapia encontramos conceitos relacionados à fisiologia: “Foi I. P. Pavlov quem introduziu o conceito de primeiro e de segundo – só inerente ao homem – sistema de sinais”. (MIASISHEV, 1962, p. 15). Todavia, esses não foram os únicos impactos das decisões tomadas na conferência que influenciaram diretamente a psicologia soviética<sup>86</sup>.

Ainda sobre a Conferência, Payne (1968) escreveu que apenas três psicólogos estiveram presentes: Teplov, Rubinstein e Kolbanovski; e salientou que a participação deles deu-se de forma pontual e cautelosa. Por esse motivo, Anatoli Georgievich Ivanov-Smolesnki (1895-1982), um dos organizadores da conferência, relatou que: “[...] no discurso do professor Teplov, além da autocrítica, infelizmente não havia mais nada”. (SCIENTIFIC SESSION ON THE PSYCHOLOGICAL TEACHING OF ACADEMICAN I. P. PAVLOV, 1951, p. 511 apud PAYNE, 1968, p. 54).

Esse foi o prenúncio do que aguardaria a psicologia nestes primeiros anos de 1950. As repressões políticas ainda não haviam terminado, e agora a tarefa era reconstruir a psicologia a partir do pavlovismo, entretanto, como cumprir tal tarefa conservando as bases do materialismo histórico-dialético? Payne (1968) escreveu que um trabalho em conjunto começou a ser realizado, buscando soluções para problemas como, por exemplo, a relação entre mente e corpo.

Todavia, no próprio marxismo já encontramos as respostas para essas questões levantadas pelos fisiólogos na década de 1950. Em Marx e Engels (2007), encontramos algumas explicações acerca da consciência que seria formada no decorrer da vida. Portanto, seria incorreto separar a consciência de outras funções vitais dos seres humanos. A correlação entre fisiologia e psicologia se acirrava cada vez mais, entretanto, Payne (1968) escreveu que as posições adotadas pelos fisiólogos superavam os trabalhos na psicologia, assim sendo, iniciou-se o movimento de fisiologização da psicologia soviética, atingindo diretamente os trabalhos desenvolvidos neste período.

---

<sup>86</sup> Como uma curiosidade, após a conferência, um suposto espião participante teria enviado um relatório sobre os acontecimentos desse debate. O relatório encaminhado para *Central Intelligence Agency* (CIA) pode ser encontrado no próprio site da agência. Ou ainda no seguinte link: [https://drive.google.com/open?id=1E-K4VIfjcxTKWk0dlb4pZIUhAS\\_kLZV6](https://drive.google.com/open?id=1E-K4VIfjcxTKWk0dlb4pZIUhAS_kLZV6).

Um exemplo evidente dos impactos da Conferência Pavlov, nos trabalhos dos psicólogos soviéticos é encontrado nos próprios escritos de Rubinstein. Segundo Payne (1968), após a Conferência, Rubinstein escreveu um artigo realizando uma autocrítica da insuficiência da psicologia soviética, propondo sua reconstrução a partir de uma base pavloviana. Uma grande contradição que não parece ser proposta pelo mesmo autor que defendeu os trabalhos realizados pelos psicólogos soviéticos frente à Segunda Guerra Mundial, engrandecendo os feitos da ciência psicológica (RUBINSTEIN, 1944). Também parece contrário a todas as ideias que defendeu sobre a necessidade de se desenvolver uma psicologia marxista a partir da investigação criadora (RUBINSTEIN, 1963). E ainda pareceu contrariar tudo que escreveu sobre a relação entre físico e psíquico, propondo a saída pelo monismo do materialismo histórico-dialético (RUBINSTEIN, 1967).

No entanto, mudanças repentinas como a de Rubinstein, propondo uma psicologia pavloviana, se tornou um hábito entre os psicólogos nos primeiros anos de 1950. Além disso, se antes os psicólogos deveriam realizar uma autocrítica sobre engrandecerem a psicologia ocidental, agora, acrescentar-se-ia também a bandeira do anti-pavlovianismo nas autocríticas. Dado o seu trabalho anterior, concordamos com as considerações de Payne (1968), quanto a ser improvável que Rubinstein tenha mudado tão contrariamente de opinião sobre sua própria teoria, e que teria sido forçado pelas condições do momento – perseguições políticas -, a se autocriticar e reescrever parte de sua teoria. A relação posta entre o materialismo monista que encontramos em Rubinstein (1967) rapidamente foi reformulada para uma unidade entre o físico e psíquico, que encontramos já em seu célebre livro: *O ser e a consciência* (RUBINSTEIN, 1968).

Não apenas Rubinstein foi afetado diretamente por esse novo período. Vega (1993) escreveu que:

Este movimento de pavlonização da ciência soviética obrigou a modificar as carreiras e disciplinas para ajustá-las a doutrina de Pavlov. O homem se converteria em um produto passivo das influências do meio, o qual implicou uma lamentável perda dos valores humanos e a subordinação aos interesses sociais impostos pelo aparato do partido. Diante dessa situação repressiva os autênticos psicólogos soviéticos (Luria, Leontiev, Rubinstein, Galperin, etc) externamente adotaram a ideologia imposta e ocultaram suas autênticas investigações na sombra do conceito de reflexo, equivocadamente pavloviano, porque, na realidade para eles tinha outro significado muito diferente e de acordo com a teoria de Lenin, para quem a consciência era o reflexo ideal do mundo objetivo. De fato, todos estes psicólogos confessaram que tal situação impositiva foi uma grande humilhação e significou um grande retrocesso para a psicologia dialética. (VEGA, 1993, p. 114-115).

Vale apresentar a afirmação de Vega sobre o retrocesso da psicologia soviética neste período e, em específico, sua afirmação sobre a alternativa do desenvolvimento da teoria do reflexo, que gera até os dias de hoje certa confusão na comunidade psicológica.

É fundamental que se saiba que, inicialmente, quando os soviéticos se referiam ao reflexo, estavam se referindo na verdade à teoria do reflexo de Lenin. Afirmavam que a consciência é o reflexo do mundo material transposto para os seres humanos (LENIN, 1967). Portanto, nos estudos a partir de 1950, o conceito de reflexo é falseado para se adaptar ao conceito fisiológico de Pavlov. Mas, o que permanece claro é a relação com Pavlov, pois a maioria dos estudiosos não sabe dessa mudança de orientação epistêmica por determinação política, que descaracterizou e separou estes estudos psicológicos dos que foram feitos anteriormente com melhor qualidade.

Seria apenas em 1953, após o falecimento de Stalin, que a psicologia segundo Vega (1993), voltaria a se desenvolver a partir de sua característica dialética. Nesse meio tempo, os psicólogos tiveram de se adaptar a nova tendência da psicologia soviética, desenvolvendo seus trabalhos a partir de uma base pavloviana, entretanto, mantendo o conceito de reflexo como meio de escapar da censura e momento político repressivo que viviam.

O conceito de reflexo que, para a fisiologia, possuía um sentido pavloviano, é o que se refere à reação imediata e involuntária em resposta a um estímulo exterior; diferentemente, para os psicólogos, essa mesma palavra mudava completamente de significado quando usada no período stalinista, ou anteriormente, quando se apoiava no pensamento de Lenin: que o reflexo do mundo material é transposto para os seres humanos; ou seja, o reflexo supera o que impede ou dificulta a apreensão do real. Os psicólogos, então, teriam produzido uma teoria que conduziu ciência psicológica nesse período ao desenvolvimento teórico das ideias de Lenin, porém, sobre a fachada do reflexo pavloviano.

## **6.2 – A SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1950: O PRINCÍPIO DO DEGELO DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA**

Se o fim dos anos de 1940 e o princípio de 1950 representou grande retrocesso para a ciência psicológica, a partir de 1955 a situação da psicologia soviética mudaria por completo. Após o falecimento de Stalin e próximo ao comunicado secreto sobre os crimes cometidos no período stalinista feito por Nikita Khrushchev, a psicologia iniciaria uma

mudança radical na forma de conceber seus trabalhos teóricos. No entanto, seria apenas em 1960 que essa ciência abandonaria de fato a ideia de criar uma abordagem de base pavloviana. Contudo, podemos apontar todas as mudanças que ocorreram a partir do fim do stalinismo. Já em 1955, as produções psicológicas voltam a circular em uma revista de Questões de psicologia. Segundo Shuare (2016), as revistas de psicologia haviam deixado de existir no meio científico desde o princípio dos anos de 1930. Além disso, a autora também escreveu que, em 1957, foi fundada uma Sociedade de psicólogos, em 1959 e, realizou-se em Moscou o Primeiro Congresso da Sociedade de Psicólogos. A psicologia não dependia mais da censura imposta nos períodos de 1930, 1940 e princípio de 1950. Um exemplo desse fato é a aparição das publicações de Vigotski em coletâneas de artigos soviéticos e, em 1956, a publicação de suas Investigações psicológicas escolhidas.

Um exemplo significativo sobre a diminuição da censura neste novo período para a psicologia soviética encontra-se nas críticas dirigidas a Vigotski. Se em 1930 encontramos com Talankin (2000) e Rudneva (2000) críticas etiquetadas sobre o desenvolvimento teórico de Vigotski, a partir de 1950 essa situação mudaria por completo. Rubinstein (1967), por exemplo, em 1945, dirigiu sérias críticas à teoria de Vigotski, parecendo concordar com aquilo que escrevia Talankin e Rudneva. Alguns parágrafos após a crítica de Rubinstein a Vigotski, o autor elogiou o decreto do Partido que proibia os trabalhos da pedologia. Sobre as críticas de Rubinstein a Vigotski, até os dias de hoje encontramos polêmicas envolvendo esse debate relacionando os seguidores de cada um dos autores. Blanck (2003) escreveu que:

a hostilidade dos seguidores de S. L. Rubinstein a Vigotski exprime-se, por exemplo, no livro de K. A. Abuljonova, [...] O sujeito da atividade psíquica, [...] em que Vigotski é mencionado de forma insignificante só um par de vezes em suas 360 páginas. (p. 141-142).

Essa é a compreensão de alguns seguidores de Vigotski sobre Rubinstein e seus colaboradores. Contudo, por sua vez, os seguidores de Rubinstein também apresentaram alguns pontos críticos sobre a hostilidade dos continuadores da obra de Vigotski com a teoria de Rubinstein, principalmente, após seu falecimento em 1960. Brushlinskii (2002) em uma entrevista criticou a postura adotada por Leontiev diante de alguns acontecimentos envolvendo os ensinamentos da teoria de Rubinstein na Universidade de Moscou, onde Leontiev era na época diretor da Faculdade de Psicologia. A crítica de

Brushlinskii fundamentou-se no boicote que ocorreu nos ensinamentos da teoria rubinsteiniana após o falecimento do autor. Segundo o próprio Brushlinskii:

Mas, o pior foi outra coisa. Por um período de vinte anos (dos anos 1960, até a década de 1970), perguntei a Leontiev, que era o diretor da faculdade de psicologia da Universidade Estatal de Moscou, muitas vezes, para nos permitir (Abul'khanova-Slavskaia e eu), ministrar pelo menos um pequeno curso especial sobre a teoria de Rubinstein para estudantes. Durante os vinte anos, nunca recebemos permissão. Assim, durante vinte anos, todos os jovens psicólogos da Universidade de Moscou, foram virtualmente isolados de Rubinstein. E, somente após a morte de Leontiev, quando A. A. Bodalev, tornou-se diretor do corpo docente, que ele me permitiu dar um curso especial. E, então desde 1982, venho dando este curso todo ano (em mais de um semestre). Mas... Eu só tinha permissão para dar aos alunos do quinto curso (final), isto é, quando os alunos já estão escrevendo o curso de diploma para outros professores. (BRUSHLINSKII, 2002, p. 8).

Assim como Vigotski, Rubinstein também foi censurado por seus pares na psicologia. Entretanto, essa censura se deu ainda quando estava vivo a partir da segunda metade de 1940 até o falecimento de Stalin em 1953. Contudo, após a morte de Rubinstein, sua teoria novamente foi censurada pela comunidade acadêmica, ocorrendo um boicote as suas ideias teóricas, tal como apontou Brushlinskii (2002).<sup>87</sup> Neste sentido, tanto os seguidores de Vigotski como os de Rubinstein possuem discordâncias teóricas uns com os outros, o que aumentou a hostilidade de ambas as partes.

Porém, as críticas de Rubinstein a Vigotski, que podemos denominar de pertinentes, se desenvolveram após 1955. Enquanto, em 1945, encontramos críticas mecanicistas e tendenciosas ao autor, a partir da segunda metade de 1950, essa situação mudaria radicalmente apresentando duas condições sobre o conhecimento de Rubinstein a Vigotski: 1) Rubinstein desconhecia ou conhecia minimamente as obras de Vigotski e; 2) Rubinstein critica Vigotski a partir dos trabalhos de Leontiev. Portanto, na primeira crítica feita por Rubinstein em 1945, encontramos ainda o seguimento do decreto de 1936 do partido:

A “teoria do desenvolvimento cultural das funções psíquicas superiores”, de L. S. Vigotski, que foi desenvolvida por este, e alguns colaboradores, chamou fortemente a atenção. O mesmo que as teorias reflexológico-reatológicas, que queriam superar a psicologia idealista e criar uma psicologia objetiva, que partia da atividade e da conduta, a teoria do desenvolvimento cultural aspirava

---

<sup>87</sup> Embora seja de grande valia analisar o boicote da teoria de Rubinstein após seu falecimento, esse fato não constitui-se como um objetivo desse trabalho. No entanto, devemos apontar esse fato curioso sobre o desaparecimento das ideias de Rubinstein após seu falecimento.

introduzir na psicologia a ideia de evolução e o princípio histórico. Esta tendência inicial tinha certo significado positivo. Em comparação com o critério estático e a-histórico da psicologia tradicional, que considera as funções psíquicas do homem independentemente de toda evolução histórica, as tendências genéticas e históricas da teoria do desenvolvimento cultural representavam um progresso. Mas, ao analisá-la desde o ponto de vista da interpretação histórica marxista, percebeu-se claramente que ela também partia de algumas hipóteses metodológicas equivocadas. Esta teoria confrontou dualisticamente o desenvolvimento “cultural” com o “natural” e considerou este desenvolvimento como um sociologismo genético. (RUBINSTEIN, 1967, p. 102).

De princípio, as críticas de Rubinstein a Vigotski assemelham-se as mesmas feitas na década de 1930 por Talankin (2000) e Rudneva (2000). Para ambos, o erro de Vigotski foi confrontar o natural e o cultural, desenvolvendo uma teoria culturalista sobre a origem do psiquismo humano. À primeira vista, podemos apontar que Rubinstein realizou as mesmas críticas a Vigotski. Entretanto, ao analisarmos novamente a citação de Rubinstein, surgem novas interpretações. A primeira repousa no fato do autor reconhecer que Vigotski introduziu a psicologia e o psiquismo na história, assim como também identificou Shuare (2016). E a segunda interpretação que podemos levantar com a citação de Rubinstein, é o reconhecimento da característica crítica e histórica da teoria de Vigotski. Devemos lembrar que, até o fim de 1910, a psicologia se desenvolvia a partir de abordagens acrílicas aos sistemas econômicos vigentes, estudando um ser humano abstrato e o adaptando para o modelo de dominação da burguesia (RUBINSTEIN, 1967). Por fim, quando Rubinstein escreveu seus Princípios de psicologia geral na década de 1940, os trabalhos de Vigotski ainda estavam censurados e proibidos de serem divulgados. Portanto, encontramos grandes diferenças nas críticas tendenciosas, mecanicistas e dogmáticas realizadas por Talankin (2000) e Rudneva (2000), justamente por ambos não apresentarem as contribuições de Vigotski, assim como fez Rubinstein (1967).

O reconhecimento do caráter positivo da teoria de Vigotski ficou evidente ao longo de outros trechos desse mesmo livro de Rubinstein, o qual apresentou grandes concordâncias com as ideias de Vigotski. Para Rubinstein, foi Vigotski que resolveu o problema na psicologia entre desenvolvimento e ensino, sendo o último responsável pela condução do primeiro. Neste sentido, possuímos o famoso jargão da Zona de Desenvolvimento Proximal de Vigotski, o qual Rubinstein se mostrou em seus Princípios de psicologia geral muito favorável. Nas palavras do próprio autor, encontramos que:

“partindo desse princípio fundamental e correto, Wygotski<sup>88</sup> desenvolveu a teoria de que o processo formativo havia de ‘preceder’ o desenvolvimento da criança, para dessa maneira ‘colocá-lo em movimento’. (RUBINSTEIN, 1967, p. 181 – Grifos no original). Novamente, vale escrever que este é o mesmo material em que Rubinstein apresentou Vigotski como um autor culturalista e dualista. A questão acerca das críticas e concordâncias se repetem em outros momentos dessa mesma obra.

Entretanto, as críticas de Rubinstein a Vigotski apenas tornaram-se mais teóricas após a segunda metade de 1950, em específico, em 1959, com seu livro *O desenvolvimento da psicologia*<sup>89</sup>. Nesta coletânea de trabalhos que resumem a teoria de Rubinstein, encontramos um capítulo sobre a história da categoria de atividade na psicologia russa e soviética. Nele, a forma que Rubinstein se referiu a Vigotski nos chama atenção por dois motivos: 1) Rubinstein escreveu que o conceito de interiorização utilizado pelos vigotskianos, na verdade, era compreendido por Vigotski como reversão e; 2) As críticas realizadas a Vigotski são dirigidas muito mais à teoria de Leontiev do que do próprio Vigotski (RUBINSTEIN, 1963). Essas duas teses que levantamos apenas demonstram que a teoria vigotskiana era desconhecida ou ainda pouco conhecida por Rubinstein e seus seguidores. Por exemplo, na entrevista de Brushlinskii (2002) o autor afirmou que Rubinstein compreendia que o princípio do desenvolvimento psíquico seria o ato, enquanto Vigotski compreenderia que no princípio seria o verbo. Ou seja, Brushlinskii, desconhece parcialmente a obra de Vigotski (1999a), em que o próprio autor reproduziu em seu artigo sobre a crise da psicologia, a mesma frase de Fausto do Goethe, diga-se de passagem, que Brushlinskii, utilizou-se para se referir a Rubinstein.

Todavia, as críticas da década de 1940 que mantinham os posicionamentos da resolução de 1936 do partido, aos poucos começam a deixar de fazer parte do cotidiano científico, sendo substituídas por discussões teóricas que demonstravam os argumentos do autor e não mais do partido. É neste debate teórico, portanto, científico e não mais dogmático que Rubinstein (1963) escreveu: “ultimamente se apresenta, entre nós, essa

---

<sup>88</sup> Acreditamos que a grafia Wygotski seja um erro da tradução da editora *Grijalbo*, visto que em outros momentos seu nome aparece como: Vigotski.

<sup>89</sup> Em outros materiais consultados, Vigotski é citado em uma única vez no livro: *O ser e a consciência*, publicado em 1957. Neste material, Rubinstein apresentou suas posições filosóficas, fisiológicas e psicológicas sobre o problema mente e corpo, somando a relação entre fisiologia e psicologia. Nesta citação, Rubinstein (1968) apresentou a posição de Vigotski sobre o desenvolvimento da percepção, todavia não apontando concordâncias ou discordâncias com o autor. Em outros materiais consultados, como o artigo: *Consciência à luz do materialismo dialético*, de 1946; *Psicologia em tempos de guerra*, de 1944 e *o indivíduo e o mundo*, manuscrito publicado postumamente em 1970, não encontramos nenhuma referência a Vigotski.

concepção como ‘linha de Vigotski’ [...]”. (p. 337). Vale destacar que Rubinstein apresentou a concepção de interiorização de Vigotski para explicar o desenvolvimento da atividade psicológica a partir da atividade prática. Novamente nos chama a atenção o fato de não se referirem a Vigotski como um teórico fundador da psicologia histórico-cultural ou sócio-histórica. Rubinstein apenas se referiu a sua teoria como linha de Vigotski. De certo modo, essa posição adotada por Rubinstein era comum em toda a psicologia soviética, visto que estavam trabalhando para o desenvolvimento de uma teoria geral e não de várias abordagens erigidas a partir do marxismo.

No decorrer de sua crítica a Vigotski, Rubinstein ainda escreveu que:

[...] apesar de que a variada e densa concepção psicológica de Vigotski, de nenhum modo pode ser reduzida ao princípio da interiorização. A interiorização tal como era compreendida por Vigotski (ele a chamava ‘reversão’), se referia diretamente ao que ele entendia como instrumento fundamental para estruturar as funções psíquicas ‘superiores’ do homem: ao conceito de signo. Para L. S. Vigotski os processos mentais e, em geral os denominados processos superiores se diferenciam dos associativos no fato de que o homem chega a dominar os primeiros por meio do signo. (RUBINSTEIN, 1963, p. 337-338 – Grifos no original).

A primeira curiosidade que levantamos acima é o fato do autor escrever que Vigotski compreendia a interiorização na verdade como reversão, ou seja, aquele processo externo se reverte tornando-se interno. Outra curiosidade que podemos levantar na citação encontra-se na questão de que Rubinstein referencia a obra de Vigotski como: Seleção de investigações psicológicas. Este é o mesmo livro mencionado por Shuare (2016) como a publicação que reintroduz Vigotski as discussões científicas da União Soviética em 1956. Portanto encontramos que, após o falecimento de Stalin, as discussões científicas se tornaram mais críticas, fundamentadas filosófica e teoricamente<sup>90</sup>.

Todavia, após a consideração de Rubinstein sobre a teoria da atividade de Vigotski, encontramos uma nota de rodapé com a seguinte crítica:

---

<sup>90</sup> Vale apresentar uma nota de Rubinstein sobre uma crítica em sua revisão histórica sobre a categoria da atividade na psicologia soviética. O autor que realizou uma crítica a Kornilov escreveu que: “nossa crítica dessa maneira de entender a “síntese” entre a concepção introspectiva e a behaviorista, com a que K. N. Kornilov queria elaborar a psicologia marxista não significa, desde logo, negar o grande papel que desempenhou K. N. Kornilov nas etapas iniciais da formação da psicologia soviética; tão pouco subestimamos o fato de que K. N. Kornilov orientara a estruturação da psicologia baseando-se nos princípios do materialismo dialético”. (RUBINSTEIN, 1963, p. 335 – Grifos no original). É notório o modo que Rubinstein dirige suas críticas a Kornilov, apresentando suas contribuições, todavia, também suas limitações. Esse é o mesmo caminho percorrido por Vigotski (1999a) ao analisar diversas teorias da psicologia ocidental e russa do princípio do século XX. Portanto, o dogmatismo teórico, assim como as críticas tendenciosas feitas por censuradores do partido começam a se extinguir.

Vigotski não buscava a saída dos limites da psicologia funcional, a que procurava superar, na concepção sintética da atividade, mas como a doutrina da ordenação estrutural e sistemática da consciência. Consistia dita estruturação em mostrar a interconexão e a interdependência entre diversas funções e em afirmar que, em etapas diferentes, se fazem regentes funções distintas, que dão outro caráter a estrutura da consciência em seu conjunto. Esta indicação dos nexos interfuncionais tendia a corrigir as deficiências da concepção funcional sem sair de seus limites no terreno dos princípios. (RUBINSTEIN, 1963, p. 338-339).

A partir dessa citação conseguimos avaliar: 1) O conhecimento parcial da obra de Vigotski que possuía Rubinstein e; 2) os impactos que as censuras impostas pelo decreto de 1936 do partido trouxeram para a psicologia soviética. Rubinstein, portanto, conhece parcialmente a obra de Vigotski, já que apresentou toda a contribuição da discussão dos signos para a estruturação da consciência, também a importância que o autor deu aos nexos e interconexões estabelecidas pelas funções psicológicas superiores, o que é denominado na teoria vigotskiana: sistemas psicológicos (VIGOTSKI, 1999a). Entretanto, Rubinstein (1963) demonstrou também os impactos negativos da censura nas obras de Vigotski. Esse fato encontra-se conservado em sua crença de que Vigotski não superou a psicologia funcional, demonstrando que Rubinstein desconhecia grande parte de suas publicações, inclusive seu artigo sobre O significado histórico da crise na psicologia. Uma investigação metodológica, escrito em 1927, porém publicado apenas em 1982<sup>91</sup> (DELARI JUNIOR, 2012).

Ao encerrar as críticas a Vigotski, encontramos que Rubinstein (1963) criticava-o a partir das posições teóricas de Leontiev. Em específico, Rubinstein escreveu que:

Esta concepção, atualmente, é sustentada na psicologia soviética por A. N. Leóntiev e seus colaboradores. Entendem eles a “interiorização” como “mecanismo” graças ao qual nossa atividade psíquica interna se forma de nossa atividade material externa. Os princípios que temos formulado mais acima padecem aqui um desdobramento devido ao qual princípios certos e importantes acerca da prioridade da atividade prática e de seu papel na formação da atividade teórica mental interna, adquirem um aspecto inadequado (RUBINSTEIN, 1963, p. 339 – Grifos no original).

Além de Rubinstein atribuir Leontiev como seguidor e continuador da obra de Vigotski, também o critica pela cisão entre atividade prática e teórica. A principal crítica

---

<sup>91</sup> Luria (1992) escreveu que a revisão de Vigotski da psicologia no ocidente e na Rússia chegou a ser transformada em um texto em 1926, mesmo ano que Vigotski foi hospitalizado para tratar de uma tuberculose. Ainda segundo Luria, o manuscrito nunca havia sido publicado, sendo perdido durante a Segunda Guerra Mundial e reencontrado apenas na década de 1960 quando retornou aos arquivos de sua família. Todavia, não sabemos se algum manuscrito circulava pela União Soviética neste período antes da publicação legal desse material em 1982.

de Rubinstein (1963, 1967) a Leontiev é o fato dele separar a atividade prática da teórica. Para Rubinstein, uma não pode ser separada da outra, indicando uma característica da *práxis* trabalhada pelos marxistas<sup>92</sup>. Dando seguimento as críticas a Leontiev, encontramos que:

É certo, como se foi dito mais acima, que a *atividade material, prática*, é primária; que a *atividade teórica, mental*, cuja expressão se dá unicamente no plano interno, só posteriormente se desprende da primeira (neste sentido tem lugar a “interiorização”, é dizer, o passo da atividade que se executa em um plano exterior à atividade que se realiza somente no plano interior). Não é certo, sem demora afirmar – colocando em lugar de atividade teórica ou mental do pensar, a atividade psíquica em geral – que a atividade mental prática surge só como resultado de “interiorização” do psíquico. Toda atividade material *externa* do homem contém já em seu *interior* componentes psíquicos (fenômenos, processos) por meio dos quais aquela se regula. Não é lícito, reduzindo a ação do homem a sua mera parte executiva externa, eliminar totalmente da ação seus componentes psíquicos, situando os processos psíquicos “internos” fora dos limites da atividade “externa” do homem, como se faz conscientemente ou inconscientemente, explícita ou implicitamente, quando se afirma que a atividade psíquica surge como resultado de interiorizar a atividade à atividade externa. Em efeito, a interiorização não parte de uma atividade material externa carente de componentes psíquicos internos, mas de uma forma de existência dos processos psíquicos – em qualidade de componentes da ação prática externa – e conduz a outra forma de sua existência até certo ponto independente da ação material externa. Não só é *ouvido* o denominado ouvido interno; o é, também, o denominado externo; este constitui, portanto, um processo psíquico e, neste sentido, resulta interno [...]. (RUBINSTEIN, 1963, p. 339-340 – Grifos no original).

A posição de Rubinstein sobre a atividade como promotora do desenvolvimento psicológico dos seres humanos não encontra-se tão diferente da de Vigotski e de alguns dos continuadores de suas obras tal como Luria (1979b, 1991a, 1991b), por exemplo, que ao longo de seus Cursos de psicologia geral apresentou o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Nestes materiais, Luria, em nenhum momento deixa de relacionar a atividade prática da teórica, apresentando como dialeticamente ambas se complexificam. Vale ainda mencionar que Mukhina, partindo de uma concepção vigotskiana, escreveu sobre a importância dos reflexos de orientação para o desenvolvimento psicológico, assim sendo, a atividade prática como condição para a interiorização não seria ausente de processos e fenômenos psicológicos. Portanto, “[...] *propriedades naturais da criança não criam qualidades psíquicas, mas sim as condições necessárias para sua formação. Essas qualidades surgem graças à herança social*”. (MUKHINA, 1995, p. 41 – Grifos no original). Neste sentido, Rubinstein dirige sua

---

<sup>92</sup> É curioso notar, que embora Rubinstein critique a Leontiev por tal postura, encontramos que em seus trabalhos também adotou a cisão entre atividade prática e teórica para fins didáticos.

crítica à concepção de atividade de Leontiev<sup>93</sup> e não à de Vigotski, demonstrando mais uma vez seu conhecimento parcial das ideias vigotskianas.

Por fim, podemos escrever que, logo após o falecimento de Stalin, em 1953, a psicologia soviética passou por uma nova mudança: a despersonalização da figura de Stalin no desenvolvimento teórico. Autores que haviam sido censurados foram readmitidos em seus cargos tal como Rubinstein. Por outro lado, as obras de Vigotski - que já havia falecido há quase vinte anos -, voltam a circular nos meios acadêmicos da psicologia soviética. Essa foi uma nova qualidade encontrada nessa ciência, que permitiu o desenvolvimento de uma originalidade da atividade investigadora e criadora nas pesquisas teóricas e práticas dos psicólogos soviéticos.

### **6.3 - 1959: O PENSAMENTO NA CRIAÇÃO CIENTÍFICA E A ANÁLISE DOS PRODUTOS DA ATIVIDADE**

Apresentamos que na segunda metade da década de 1950, encontramos um novo desenvolvimento da psicologia soviética. Novos métodos, assim como experimentos, começam a ser realizados. A investigação do pensamento, entra novamente em pauta nas pesquisas dos teóricos soviéticos. Neste meio, Rubinstein (1959)<sup>94</sup> realizou um estudo minucioso sobre essa função psicológica superior, encerrando seu material na criação científica e a contribuição da análise dos produtos da atividade. Essa seria uma nova proposta de investigação criadora para a psicologia soviética.

Nesta investigação de Rubinstein, realizada em parceria com seus colaboradores, encontramos no apêndice de seu livro – O pensamento e os caminhos de sua investigação

---

<sup>93</sup> Existe também a necessidade de se realizar uma análise comparativa sobre as teorias da atividade de Leontiev e Rubinstein, visto que o último ainda é um autor pouco trabalhado no Brasil e que praticamente foi esquecido na psicologia Russa, tal como apontou Brushlinskii (2002). Além disso, a psicóloga Russa Shibáeva Liudmila Vasilevna (1950 -), em entrevista concedida a Shuare (2016, p. 240)), disse que “o mesmo poderia ser dito das discussões dos representantes do enfoque da atividade de A. N. Leóntiev com os representantes da escola de S. L. Rubinstein. Estas discussões, entretanto, ‘congelaram-se’ nos textos dos psicólogos da geração anterior e não são aprofundadas pelos psicólogos contemporâneos. Não existe público que aplauda estas discussões, nem aficionados – no sentido esportivo -, como tampouco, lamentavelmente, existem ‘jogadores’ com posições novas no campo da ‘discussão’. Portanto, apontamos a necessidade de se realizar uma pesquisa comparativa sobre ambas teorias.

<sup>94</sup> Como curiosidade, vale mencionar que, neste material, encontramos, pela primeira vez nas pesquisas de Rubinstein, a referência de investigações realizadas por seus alunos, que se tornariam colaboradores e continuadores de sua obra. A teórica mais conhecida neste meio já citada neste trabalho é Abulkhanova. Além dela, encontramos os experimentos realizados por seus alunos: Iraidá Sergeevna Yakimansakaya (1931-2018) e Aleksei Mikhailovich Matiushkin (1927-2004). A primeira desenvolveu posteriormente trabalhos acerca da psicologia e educação, enquanto o segundo realizou investigações acerca da superdotação e criatividade.

- um material que chamou a atenção pela análise utilizada pelo autor. O apêndice, denominado como: O processo de pensar na obra de criação científica, reuniu diversos documentos do químico russo Mendeleev, desde seus primeiros trabalhos até sua investigação que resultou na criação da tabela periódica. A tarefa de Rubinstein neste apêndice foi analisar os produtos da atividade de Mendeleev, demonstrando como se deu o desenvolvimento de sua objetivação científica (RUBINSTEIN, 1959).

Embora Rubinstein (1959) trate em específico do pensamento, não podemos ignorar que a imaginação, assim como outras funções psicológicas superiores, faz parte do desenvolvimento científico. Portanto, partimos da tese levantada por Vigotski (1999a) que, se tratando de sistemas psicológicos, ao se desenvolver uma função, desenvolve-se na verdade todo um sistema de processos. As objetivações realizadas por determinado ser humano não são frutos de uma única função psicológica superior, mas sim das condições materiais que dispõe e também de sua personalidade como síntese das funções psicológicas superiores (RUBINSTEIN, 1967).

Rubinstein (1959) partiu da concepção de que não podemos analisar o pensamento do cientista de modo imediato. Neste sentido, utilizou os produtos conservados e objetivados ao longo da atividade científica de Mendeleev para poder demonstrar como o pensamento do cientista se desenvolve durante sua atividade, portanto, sendo processo e produto da mesma. É interessante salientar que Rubinstein, a partir de um produto final do pensamento, ou seja, as objetivações de Mendeleev, retoma o processo pelo qual se originou. Segundo o autor:

embora os momentos decisivos para o processo do descobrimento da lei periódica se deram em um prazo muito breve, o processo não foi, na realidade, pouca coisa, pois atrás foi deixado um prolongado e grande trabalho do pensamento. (RUBINSTEIN, 1959, p. 268).

Portanto, seguindo as leis do marxismo, Rubinstein (1959) identificou que o produto oculta o processo pelo qual se desenvolveu, assim sendo, o autor encontrou a necessidade de se analisar os produtos conforme foram objetivados pelo cientista constituindo um todo. É interessante destacar que, em meados da década de 1940, em seu livro *Princípios de psicologia geral*, Rubinstein (1967) realizou uma crítica aos testes psicológicos, escrevendo que possuíam uma característica de avaliar apenas o produto final e não um processo. Diferentemente do que criticou na década de 1940, desenvolveu

um meio de avaliar não apenas um produto, mas sim todo o processo que resultou no fim da atividade. Por esse motivo, Rubinstein escreveu que:

[...] o estudo do pensamento científico tal como transcorre na mente de um sábio que chega a descobrir uma nova lei de suma importância, mostra que o pensar também neste caso, segue o caminho – segundo determinadas leis – que já nos é conhecido. (RUBINSTEIN, 1959, p, 274).

De imediato, a citação de Rubinstein (1959) demonstrou que o pensamento científico não se desenvolve como algo natural, nem tampouco como inspiração momentânea do cientista. Apesar de Rubinstein tratar exatamente do pensamento científico, essa é uma discussão que se aproxima muito da de Ignatiev (1960), principalmente quando realizou suas observações sobre a atividade criadora científica. Além dela, também, quando escreveu sobre a criação técnica e artística. Em muitos momentos apenas analisamos os produtos finais objetivados pela imaginação, todavia, dificilmente avaliamos o processo pelo qual se deu todo o trabalho.

Essa discussão, trazida à tona por Rubinstein (1959), é de grande valia para as teorias da imaginação, visto que, assim como o pensamento, as objetivações da função imaginativa devem ser compreendidas como frutos de longos processos de trabalho. Essa determinação vale tanto para a imaginação científica como também artística e técnica, visto que as obras de arte e as criações tecnológicas devem ser compreendidas como objetivações de um longo processo que foi ocultado pelo produto final. Assim sendo, podemos destacar o exemplo apresentado por Ignatiev (1960). O autor escreveu que Tolstoi, em seu livro Guerra e paz, teve de realizar várias pesquisas, formando uma biblioteca particular em sua casa. Entretanto, o material que nos deparamos – o livro Guerra e paz – se constitui como um produto final da atividade criadora de Tolstoi, ocultando o processo pelo qual foi produzido.

Podemos apresentar outras determinações artísticas e tecnológicas que também ocultam o processo de produção e objetivação. No entanto, acreditamos ser suficiente os exemplos de Rubinstein (1959) sobre Mendeleev, e também os utilizados por Ignatiev (1960) ao escrever sobre a atividade criadora artística, científica e técnica. Neste sentido, podemos apresentar que, a partir da morte de Stalin, em 1953, a psicologia novamente deu um grande salto qualitativo em seu desenvolvimento, apresentando novas propostas de trabalho, investigações e pesquisas. A proposta de Rubinstein, que analisa os produtos

da atividade, apresentou grandes contribuições para a psicologia, em específico, para as abordagens da imaginação.

#### **6.4 – A IMAGINAÇÃO EM ANNA ALEXANDROVNA LIUBLINSKAIA E A NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Como último material de nossa análise nesta dissertação, encontramos o livro da psicóloga soviética Anna Alexandrovna Liublinskaia (1903 – 1983). Em seu trabalho: *Desenvolvimento psíquico da criança*, publicado em 1959, a partir de uma série de aulas que a autora ministrou desde 1944, encontramos novas propostas para o desenvolvimento dessa função psicológica.

Sobre seus dados bibliográficos encontramos poucas informações. Sabemos que nasceu no dia 5 de junho de 1903, na cidade de Hrodna, situada na Bielorrússia. Se formou em 1925, no Instituto Leningrado de Educação Pré-Escolar, onde posteriormente desenvolveu estudos acerca do desenvolvimento infantil. Trabalhou em investigações sobre o pensamento da criança, sua relação com a linguagem e as demais funções psicológicas superiores. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi tutora em uma casa de crianças, sendo condecorada após esse período por seu serviço prestado durante os combates (IPRAS, 2018).

Após a Segunda Guerra Mundial, Liublinskaia continuou trabalhando e desenvolvendo suas pesquisas na Universidade Pedagógica do Estado de Leningrado. Aproximou-se da teoria de Vladimir Nicolaievich Miasíschev<sup>95</sup>, discutindo a noção de relações sistêmicas no desenvolvimento infantil. Durante seu desenvolvimento teórico, interessou-se por diversos temas na psicologia e educação, contribuindo para o desenvolvimento dessas duas áreas do conhecimento humano. Após uma vida dedicada à ciência, faleceu aos 80 anos, em Leningrado, no dia 26 de junho de 1983 (IPRAS, 2018).

É interessante ainda salientar que, no livro de Liublinskaia (1979), encontramos no prefácio da primeira edição algumas informações de grande interesse. A autora apresentou todos os diários que serviram de base para seu livro, também escreveu que grande parte de suas investigações foi realizada durante o cerco de Leningrado, onde era

---

<sup>95</sup> No capítulo 4 apresentamos as contribuições da escola leningradense de psicologia, em específico, as contribuições de Miasíschev e Anániev para a psicologia. A teoria das relações sistêmicas, assim como o desenvolvimento da personalidade para os teóricos de Leningrado constam também neste capítulo.

educadora de um grupo de crianças. Em um trabalho empírico, Liublinskaia pôde observar o desenvolvimento de várias crianças.

Adentramos, portanto, em um tema que tornou-se de fundamental importância nos trabalhos dos psicólogos e pedagogos soviéticos na segunda metade de 1950: o ensino na promoção do desenvolvimento psicológico. Liublinskaia (1979) desenvolveu em seu livro um importante trabalho demonstrando o desenvolvimento de cada função psicológica superior. Para além disso, também apresentou a importância da educação sistematizada na promoção do desenvolvimento psíquico da criança.

Neste sentido, reafirmamos a posição defendida por todos os autores que desenvolveram teorias sobre a imaginação, ou seja, essa função psicológica superior não é inata. Também, devemos reafirmar que a imaginação na criança possui uma característica diferente da do adulto. Como qualquer outro processo psicológico, a imaginação da criança ainda estabelece uma relação imediata com o mundo, assim sendo, existe a necessidade de se propor seu desenvolvimento para que consiga controlar seu próprio comportamento (LIUBLINSKAIA, 1979).

Assim como para todos os autores aqui analisados, desde Vigotski (2003), até Ignatiev (1960), encontramos que, para Liublinskaia (1979), a imaginação é uma importante função psicológica que atua na transformação do mundo, seja de forma técnica, científica ou artística. Disso resulta a importância de seu desenvolvimento na infância, visto que a criança deve aprender a dominar esse processo psicológico para objetivar novas criações no mundo, pois:

A imaginação manifesta-se na criação de algo de novo: máquinas, quadros, instrumentos, projectos de cidades, obras artísticas, etc., tomando como base as representações que o homem tem. As imagens das coisas percebidas são o material construtivo que a imaginação utiliza para a sua actividade. (LIUBLINSKAIA, 1979, p. 251-252).

Sem muita novidade, Liublinskaia (1979) apresentou a imaginação manifestada a partir do novo, portanto não como mera reprodução do que já aconteceu. Neste sentido, é por esse motivo que a imaginação da criança encontra-se mais próxima do mundo imediato. Essa determinação não significa que ela não possui imaginação, mas sim que ainda não possui o controle desse processo. Assim sendo, a imaginação infantil apresenta uma qualidade diferente da do adulto, sendo ainda imediata.

Para a autora, muitos teóricos compreendem que o imediatismo da imaginação infantil é uma característica que demonstra um grande desenvolvimento dessa função

psicológica superior e que se perde no decorrer do seu crescimento biológico<sup>96</sup>. Todavia, a autora escreveu que “esta ‘riqueza’ de imaginação caracteriza-se pela fragilidade nos encadeamentos das diferentes noções da criança, pela pobreza e ausência de atitude crítica para com as combinações que as crianças criam”. (LIUBLINSKAIA, 1979, p. 252 – Grifos no original). É interessante apontarmos que a autora em sua compreensão difere em alguns pontos de outros teóricos aqui analisados. Liublinskaia, já na década de 1950, ainda acreditava que a imaginação é fruto de combinações dos elementos da realidade e não de um trabalho complexo de análise e síntese desses materiais ou ainda de uma relação entre os nexos formados por todas as funções psicológicas superiores<sup>97</sup>.

Outro fator importante apresentado por Liublinskaia (1979) para o desenvolvimento da imaginação na infância é sua relação com as emoções. Para a autora, a criança, por meio de sua vivência emocional, cria fantasias ou imagens que condizem ou não com a realidade. Com o desenvolvimento psicológico, principalmente do pensamento, a mesma passa a criar imagens que se aproximam mais da realidade. Este é um trabalho que não se desenvolve de modo imediato para Liublinskaia. A autora salientou que é de extrema importância para o desenvolvimento desse processo sua educação sistematizada. Neste sentido, a escola deveria não apenas transmitir o conhecimento acumulado ao longo da história, como ainda promover o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. No entanto, o educador não deve desenvolver apenas a imaginação da criança, mas sim todas as funções psicológicas. Sobre isso a autora escreveu que:

Para que a imaginação da criança se desenvolva de forma verdadeiramente criadora e não se converta num vago fantasiar, torna-se também necessário formar o pensamento crítico das crianças, fazendo certas perguntas de natureza concreta [...]. (LIUBLINSKAIA, 1979, p. 257).

Como escreveu Vigotski já em 1924, a educação da imaginação deve manter o respeito à realidade objetiva (VIGOTSKI, 2003). Portanto, o desenvolvimento da função imaginativa deve atuar na criação de condições para que o sujeito atue na transformação da sociedade em que vive. Assim encontramos a importância do desenvolvimento do

---

<sup>96</sup> Devemos nos atentar que, no senso comum, é corriqueiro o pensamento de que a criança se desenvolve em função do seu crescimento biológico, ou seja, quanto mais velha mais desenvolvida. Todavia, sabemos que essa tese constitui-se como um pensamento frágil, entretanto fossilizado no comportamento cultural.

<sup>97</sup> Devemos lembrar que a imaginação foi compreendida no princípio do século XX como um elemento de combinação. Essa teoria pertencente a Ribot (1906) foi criticada por diversos teóricos soviéticos, que já foram analisados neste trabalho, em específico, nos capítulos quatro e cinco.

pensamento crítico na criança. Esse fato torna-se fundamental para que o sujeito consiga desenvolver sua atividade criadora (LIUBLINSKAIA, 1979).

Embora a autora apresente importantes elementos para o estudo da imaginação – tal como a educação sistematizada dessa função –, não encontramos nenhuma discussão teórica no decorrer de seu estudo. Além do que, sua compreensão sobre a atividade criadora como combinação de vários elementos da realidade se aproxima mais da teoria reatológica<sup>98</sup> de Kornílov do que de outros teóricos aqui analisados. Por fim, a contribuição de Liublinskaia para os estudos da imaginação resultam em sua insistência na educação sistematizada para o desenvolvimento dessa função psicológica superior. Sua principal contribuição para a psicologia encontra-se em seus trabalhos realizados como educadora, durante a Segunda Guerra Mundial, atuando no ensino e proteção de crianças neste período histórico.

---

<sup>98</sup> A reatologia de Kornílov foi apresentada no segundo capítulo dessa dissertação. Todavia, vale lembrar que o autor acreditava que a psicologia marxista seria a junção da teoria idealista com a reflexológica/comportamental. A combinação descrita por Liublinskaia segue a mesma lógica da de Kornílov. O elemento velho, quando combinado com o novo, produz a objetivação da atividade criadora.

## CONCLUSÃO

Encerramos aqui nossa recomposição da história da psicologia soviética nos períodos leninista e stalinista, tendo a Função Psicológica Superior Imaginativa como nossa unidade de análise. Queremos salientar que mantivemos o trabalho orientado pela nossa hipótese inicial de que as condições materiais, tecnológicas e científicas para o desenvolvimento da psicologia na União Soviética, entre 1917 até 1960, permitiram ao mesmo tempo avanços e retrocessos nos estudos da imaginação. Embasamos ainda nossas análises no texto de Ignatiev (1960), por ser o mais desenvolvido que localizamos entre esses dois períodos.

As análises realizadas nos permitem destacarmos uma dentre muitas contradições que encontramos nestes dois períodos pesquisados. Mesmo com as pesquisas de Ignatiev (1960) tendo sido realizadas no período stalinista e nelas ele ter superado as explicações dos conceitos apresentados por Ribot (1906) sobre a Imaginação Reprodutiva e Combinatória; seus resultados só foram publicados – em espanhol e inglês - como manual, um livro fácil e cômodo de manusear, que, em geral tem fins didáticos.

Podemos destacar que investigamos desde Vigotski (2009a), Rubinstein (1967), Luria (2013) e Liublinskaia (1979) e não encontramos a superação de alguns conceitos que foram desenvolvidos por Ribot (1906), por exemplo, a Imaginação Reprodutiva. Só Ignatiev (1960), sendo coerente com a Teoria do Reflexo de Lenin, compreendeu que a imaginação não é apenas reprodutiva, mas Representativa. A Imaginação Representativa é o processo que permite refletir a realidade objetiva, como ainda refratar-se nas emoções, sentimentos, pensamentos, entre outros processos do sujeito.

Contudo, foi em Rubinstein (1968), que encontramos a ideia de que a realidade objetiva se refrata no sujeito. Todavia, devemos lembrar que o livro – O ser e a consciência –, foi escrito 17 anos após a obra Princípios de psicologia geral, em que o autor apresentou sua concepção de imaginação. Essa noção de Rubinstein é a mesma que encontramos em Ignatiev (1960), quando o autor explicou que a Imaginação Representativa é aquela responsável pela representação ideal ou material, daquilo que já existe no mundo, entretanto com as características particulares do sujeito da atividade. Portanto, seria errôneo para Ignatiev compreender essa qualidade da imaginação como simples reprodução seriada daquilo que já existe.

No entanto, a ciência psicológica, em específico a soviética, teve de percorrer um longo caminho para alcançar os resultados teóricos demonstrados por Ignatiev (1960). E,

para tanto, frisamos a importância da estreita relação entre a filosofia e a psicologia soviética, que permitiu à ciência psicológica na União Soviética avançar nas construções explicativas ao se apoiar em vários conceitos e categorias da filosofia marxista. Assim como também constatamos a importância do método do materialismo histórico-dialético para o desenvolvimento da psicologia soviética.

Os psicólogos soviéticos construíram uma teoria coerente com a doutrina marxista, da qual várias categorias ampliaram o entendimento dos processos de interiorização do interpsicológico para o intrapsicológico. São categorias tais como: ser humano ativo, atividade, reflexo psíquico, consciência, personalidade, entre outras que expressam a criativa união entre marxismo e psicologia. Também não poderíamos deixar de salientar a importância dada a verdade objetiva, que permitiu aos psicólogos soviéticos entenderem que a consciência se constitui como um reflexo da realidade objetiva, portanto é secundária ao ser. O que decorre do entendimento que o ser social é quem cria as condições para o desenvolvimento da consciência (MARX, 2008), pois ao transformar a realidade para atender as suas necessidades, toma consciência do processo de transformação e da sequência das alterações. Ou ainda, como escreveu Petrovski (1985b): *“a atividade psíquica é determinada pelo caminho da vida, e as mudanças estão de acordo com as mudanças do caminho da vida”*. (p. 22 – Grifos no original).

Portanto, outra das principais contribuições do marxismo para a psicologia soviética que podemos destacar encontra-se na concepção do ser humano concreto. Mencionamos rapidamente, no princípio desse trabalho, que a ciência soviética atuou de forma significativa no desenvolvimento humano, em específico, em uma área denominada como Defectologia. Trabalhos como os de Vygotski (1983), Ilhénkov e Gurguenidze (s/d) e Meshcheryakov (1979) demonstram que a ciência soviética atuou para a emancipação humana. O que pudemos comprovar também nas declarações dadas pela defectóloga Olga Ivanovna Skorokhodova (1911-1982). Skorokhodova, descreveu que, ao ser questionada sobre como organiza sua vida, mesmo sendo cega e surda, respondeu:

Mas eu, como devo proceder? Posto que não tenho todas essas vantagens, só me resta uma possibilidade: estudar detalhadamente todo o quarto, conhecer sua longitude e sua largura, determinar se é quadrado ou retangular. Logo, necessito saber em frente de que parede ou janela está a porta. Só depois deste minucioso exame do local, quando já tenho uma noção de seu volume, imagino todas as peças de meu velho mobiliário e os disponho mentalmente em minha nova habitação. (SKOROKHODOVA, 1981, p. 12)

Além da possibilidade de emancipação humana dada pela defectologia, encontramos também a importância do desenvolvimento da imaginação para Skorokhodova (1981). A Função Imaginativa para ela tornou-se vital para sua própria organização pessoal, visto que não contava com sua percepção visual nem auditiva. Skorokhodova deveria imaginar o ambiente, representá-lo idealmente para a realização de tarefas do cotidiano. A imaginação é uma atividade vital em seu dia a dia.

A possibilidade de ver com as mãos, assim como expressa Skorokhodova (1981), apenas foi dada pela contribuição de se trabalhar com um ser humano concreto que existe na realidade. Um sujeito que pensa, sente, imagina, mas que, principalmente, afeta e é afetado pelo outro (RUBINSTEIN, 1968). Portanto, consideramos que essa é uma das principais contribuições de Marx para a psicologia. Como escreveu Rubinstein (1963), em toda obra de Marx desde os Manuscritos econômico-filosóficos de 1844, se faz presente a figura do ser humano concreto e não da abstração pura do mesmo.

Todavia, demonstramos que o desenvolvimento da psicologia soviética como uma ciência marxista não se deu de modo imediato. Em específico, podemos afirmar que a elaboração da psicologia enquanto ciência decorreu de um longo processo, que remonta ao final da Idade Média, com as novas necessidades postas pela burguesia e principalmente, a expropriação das terras comunais (MARX, 2013). Daí decorre também a importância do surgimento da indústria para o acirramento do nascimento da psicologia enquanto ciência (RUBINSTEIN, 1967). Todos esses fatos foram de capital importância para a criação de condições para o surgimento da psicologia.

Entretanto, na Rússia, o que de mais desenvolvido havia neste momento – fim do século XIX – relacionado às pesquisas acerca da psicologia, eram as pesquisas com o reflexo do cérebro de Séchenov. Contudo, o pai da fisiologia russa estava sofrendo com perseguições políticas e teóricas devido ao caráter materialista de sua teoria (RUBINSTEIN, 1963). Isso porque a Rússia que, de longe, possuía uma indústria desenvolvida, seguia como modelo ideológico a filosofia idealista, o que determinou o desenvolvimento de uma vertente também idealista da psicologia. Esta tinha Chelpanov como representante e seus trabalhos atestam a limitação de que as pesquisas eram apenas reprodutoras dos experimentos de Wundt (LURIA, 1992).

Em contrapartida, destacamos o papel fundamental do desenvolvimento da fisiologia russa atuando a partir de uma concepção materialista de mundo<sup>99</sup>. Fisiólogos tais como: Séchenov, Bechterev e Pavlov combateram intensamente as concepções idealistas da psicologia russa (RUBINSTEIN, 1963). No entanto, pelas condições materiais de seu tempo, o desenvolvimento de uma teoria materialista na psicologia não podia emergir. Esse é um fato que encontra-se determinado pelas condições ideológicas desse período, sendo derrubadas apenas com a Revolução de Outubro de 1917.

Sem embargo, devemos reforçar nosso argumento sobre a importância de se compreender o fenômeno como um processo e não como um objeto estático. Disso resulta também o valor dado à história nesta dissertação, o que está de acordo com o que escreveu Smirnov (1978, p. 79) quando afirmou que “a história está presente, numa ou outra forma, em cada indivíduo”. Por isso buscamos mostrar que a psicologia soviética, tal como conhecemos, por exemplo expressa no livro de Shuare (2016), é o produto de um desenvolvimento histórico. Foi, desde Outubro de 1917, processo e produto, criado por homens e mulheres que atuaram de maneira significativa na criação científica. Portanto, reiteramos a importância de uma análise histórica neste trabalho.

Pois, foi a partir da Revolução de Outubro de 1917, que as condições para o desenvolvimento científico foram completamente criadas. Se na Rússia Czarista encontrávamos a desvalorização da ciência, após a Revolução esse fato deixou de existir. De princípio, foram criados novos institutos e laboratórios como, por exemplo, o Instituto do Cérebro em Leningrado (SHUARE, 2016). Além do investimento científico, após a Revolução, a Rússia iniciou um trabalho para seu desenvolvimento técnico.

Assim sendo, demonstramos que a nossa escolha da imaginação como unidade de análise histórica decorreu precisamente pelo desenvolvimento técnico que a Rússia criou após a Revolução de Outubro de 1917. Dado que era um país majoritariamente composto por camponeses, necessitava desenvolver a imaginação da população para que as pessoas conseguissem imaginar uma forma diferente de produção e pudessem acompanhar as propostas políticas e as de alteração das condições da sociedade em geral. Ou seja, a nova sociedade dependia de todos poderem imaginar um quadro diferente do qual viveram antes da Revolução. Esse fato se comprovou nas pesquisas planejadas por Vigotski, Luria e os gestaltistas alemães Köhler e Lewin, e desenvolvida por Luria (2013). Seus

---

<sup>99</sup> Apesar de não se constituir como uma tendência baseada no materialismo histórico-dialético, a fisiologia do fim do século XIX e princípio do século XX surgiu como uma negação às teorias idealistas, combatendo ideologicamente os princípios de uma psicologia idealista.

resultados mostram processos diferentes de Imaginação, mas que em alguns estava tão estritamente vinculado à realidade que concluíram haver a necessidade do desenvolvimento da imaginação desses povos camponeses. Muitos dos entrevistados por Luria e sua equipe de pesquisadores não conseguiam imaginar um quadro diferente do qual viviam, tampouco imaginavam máquinas, fábricas e a produção industrial por completo.

A necessidade de se preparar o novo homem e nova mulher socialista para o trabalho é descrita por grande parte dos psicólogos soviéticos. Trabalhos que contam a história dessa ciência na União Soviética, tais como os de Luria (1992), Vigotski (1998a), Petrovski (1985a, 1985b), Smirnov (1967) e Lomov (1977, 1987, 1989) mencionam diretamente a necessidade de se criar condições psicológicas para o trabalho nos moldes mais avançados nos primeiros anos após a Revolução. Não apenas a imaginação deveria ser desenvolvida, mas a totalidade da personalidade do trabalhador soviético, ou seja, sua percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem, emoção, entre outras funções psicológicas superiores que, ao se desenvolverem, dão origem à consciência e promovem o seu desenvolvimento.

Todavia, a velha psicologia que vigorava ainda com Chelpanov e seu grupo de colaboradores não poderia atender as novas necessidades científicas. Com o processo revolucionário, iniciou-se então a reconstrução também da ciência psicológica. Outro aspecto que podemos destacar nas nossas conclusões é o desconhecimento dos trabalhos da psicologia soviética antes de 1924, ou ainda, antes de Vigotski. Em trabalhos como o de Luria (1992) e Shuare (2016) encontramos a referência à História da Psicologia Soviética antes de Vigotski, contudo os destaques sempre são nas pesquisas dos grupos vigotskianos. Blanck (2003), ao apresentar uma breve biografia de Vigotski, também não se atentou aos autores e pesquisadores que criaram condições para o desenvolvimento teórico dos trabalhos de Vigotski<sup>100</sup>.

Portanto, demonstramos nesse trabalho que a psicologia mais avançada nasceu junto com a Revolução de Outubro de 1917 (SHUARE, 2016). Desde aquele momento histórico encontramos os primeiros trabalhos que buscavam a criação de uma nova psicologia. Luria (1992) é um exemplo que podemos apresentar. Em seus anos iniciais na

---

<sup>100</sup> Não é nossa intenção desmerecer os trabalhos de Vigotski, reconhecemos aqui sua genialidade expressa, por exemplo, em Levitin (1982), como o Mozart da psicologia. Todavia, partimos da tese de que houve outros homens e mulheres que contribuíram para o desenvolvimento teórico da psicologia soviética. Esse fato encontra-se conservado ao longo de toda essa dissertação, na apresentação de diversos trabalhos e escolas que se desenvolveram em toda União Soviética.

Universidade de Kazan, realizou diversos trabalhos que buscavam a superação da psicologia idealista. Assim como Luria havia milhares de jovens pesquisadores engajados nessa nova tarefa.

Porém, não eram apenas os jovens que estavam comprometidos com a tarefa de reconstruir a psicologia soviética. Notáveis pesquisadores, tais como Bechterev e Nikolai Nikolaevich Lange (1858-1921), por exemplo, também estavam empenhados no trabalho para a reconstrução de uma psicologia que pudesse participar na melhoria da vida de todos. Inclusive Bechterev, em 1925, publicou um livro denominado Psicologia, reflexologia e marxismo (VEGA, 1993). Portanto, a tarefa de reconstruir a ciência psicológica era coletiva e não individual. Um trabalho que se iniciou com a criação de condições para o trabalho e o desenvolvimento do novo ser humano soviético.

Neste sentido, a criação do novo homem e da nova mulher soviética seria resultado de um processo educativo. Na educação encontramos outro processo social de extrema importância para o desenvolvimento da psicologia soviética. Tanto uma como a outra alimentaram os seus desenvolvimentos, pois a atividade pedagógica apresentou para a psicologia as necessidades humanas para o desenvolvimento da consciência e a psicologia pode contribuir com esse processo. Rubinstein (1963) foi claro quando apresentou o papel da educação para a transformação social. Ele escreveu que:

É de conhecimento que os socialistas utópicos colocavam todas suas esperanças na educação, a que consideravam como independente das condições da vida social. Por meio da educação desejavam primeiro criar um novo homem, ideal, no marco da velha sociedade e logo, com as mãos desse novo homem, formar uma sociedade nova, perfeita. Se tratava de uma utopia. (RUBINSTEIN, 1963, p. 193).

As condições materiais para a criação de um novo ser humano foram dadas historicamente após a Revolução de Outubro de 1917. A necessidade, portanto, para cumprir essa tarefa, era reconstruir a psicologia e todo o sistema de educação soviética. Pois, diferentemente de uma utopia, as condições foram criadas na União Soviética, em um trabalho envolvendo a prática e a teoria, ou seja, a *práxis* (RUBINSTEIN, 1963).

Nestas áreas, encontramos as contribuições de teóricos como Basov, Blonski e Kornílov que, durante o fim da década de 1910 e princípio de 1920, se dedicaram ao combate das teorias idealistas da psicologia. Sabemos que foi no Primeiro Congresso Nacional Russo de Psiconeurologia realizado em Moscou, em 1923, que Kornilov destacou a importância da reconstrução da psicologia, tendo como base o marxismo. Sua

fala, motivada pelo artigo de Lenin: Sobre o significado do materialismo militante, publicado em 1922, foi de capital importância para a retirada definitiva do idealismo como a única possibilidade de explicação dos processos psicológicos. (SHUARE, 2016). Um exemplo claro da contribuição de Kornílov para a reconstrução da psicologia encontra-se conservado no próprio artigo de Rubinstein – Os princípios da auto atividade criativa - publicado em 1922.

Além desse trabalho de Rubinstein ser o primeiro que encontramos na psicologia soviética sobre a atividade criadora, queremos frisar que foi escrito antes da defesa de Kornilov, portanto, partindo de concepções idealistas. Porém, não devemos desmerecer as contribuições teóricas deste artigo de Rubinshtein (1986), pois demonstra que já, em 1922, Rubinstein iniciava a produção de sua Teoria da Atividade, pela qual se torna o primeiro teórico que encontramos em nossa pesquisa se referindo diretamente à criatividade e à atividade criadora. Rubinstein também apresentou as contribuições para a educação ao mostrar formas para a criação de uma personalidade criativa. O autor ainda realizou importantes críticas no combate às teorias inatistas e reacionárias da educação, salientando a importância de se compreender o sujeito como ativo no processo educativo.

Neste sentido, frisamos a importância de Konstantin Nikolaievich Kornilov para a reconstrução e desenvolvimento de uma psicologia baseada no marxismo. Além de sua importância em 1923, frente ao Primeiro Congresso Nacional Russo de Psiconeurologia, destacamos também sua relevância histórica, ao convidar Vigotski a integrar sua equipe de jovens pesquisadores após o Segundo Congresso Nacional Russo de Psiconeurologia. O encontro que ocorreu em janeiro de 1924, mudou por completo todo o desenvolvimento da psicologia soviética, anunciando os princípios do que seria a expressão da teoria mais criativa, erigida sob as bases do marxismo (SHUARE, 2016). Foi também uma das escolas da psicologia soviética que se caracterizou pelo combate direto do idealismo e materialismo mecanicista durante a década de 1920.

No entanto, foi nas obras de Vigotski que encontramos a maior quantidade de materiais sobre a imaginação acumulado na história da psicologia soviética. Esse fato não se deve apenas a sua popularidade no ocidente, mas ao interesse do pesquisador sobre temas relacionados ao desenvolvimento infantil e à criatividade humana<sup>101</sup>.

---

<sup>101</sup> Vale lembrar que Vigotski, segundo Rivière (1984), se aventurou em alguns campos artísticos, por exemplo, o teatro e a crítica literária. Portanto, devemos deixar evidente esse interesse de Vigotski pelas áreas que expressavam a criatividade humana.

Todavia, em nossas investigações, verificamos que, desde 1924 até 1934, houve uma série de mudanças na compreensão de Vigotski sobre a imaginação. De maneira sintética, podemos apresentar algumas que encontramos em nossas análises. Em Vigotski (2003), constatamos que, apesar da ausência de uma abordagem psicológica desenvolvida, o autor já apresentava a imaginação em seu vínculo com a realidade, ou seja, os produtos utilizados pela imaginação para a criação são retirados da própria realidade objetiva. Apresentou ainda a importante relação entre imaginação e emoção, destacando a contribuição de ambas para o ato de criar. Todavia, como já salientamos, este material ainda se desenvolve a partir de conceitos da teoria reflexológica.

No entanto, já em 1925, encontramos novas contribuições de Vigotski (1999b) para um estudo da função imaginativa. Em seu livro *Psicologia da arte*, Vigotski iniciou um diálogo com o teórico francês Ribot, apresentando suas concordâncias sobre alguns pontos em sua teoria da imaginação. É também neste material que Vigotski relatou a falta de estudos na psicologia sobre a função imaginativa e as emoções. Outro ponto que não poderíamos deixar de destacar é a importância dada a outras funções psicológicas superiores no momento da criação. Esse é um fato curioso, pois, em 1925, Vigotski ainda não havia elaborado sua teoria sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, tampouco dos sistemas psicológicos. Assim sendo, já em *Psicologia da arte*, encontramos o princípio do que se tornaria uma das principais contribuições de Vigotski para a psicologia: a compreensão sistêmica do psiquismo humano.

Após 1925 e posteriormente à obra *Psicologia da arte*, podemos destacar várias contribuições de Vigotski e seus colaboradores para o desenvolvimento da psicologia soviética, em específico, para uma teoria da imaginação. Foi após esse período que desenvolveu suas críticas às abordagens idealistas, mecanicistas e reacionárias da psicologia. Conjuntamente, elaborou estudos acerca do desenvolvimento e interiorização das funções psicológicas superiores (LURIA, 1979a). Todavia, é no fim da década de 1920 e princípio de 1930, que desenvolveu a noção de sistemas psicológicos, alterando por completo toda a compreensão do psiquismo. Vigotski (1999a) compreendeu que as principais mudanças entre as funções psicológicas superiores se dão nos nexos estabelecidos entre si. Para um estudo da função imaginativa, essa ideia é de capital importância, pois compreende que a imaginação, enquanto processo psicológico, não é unicamente responsável por objetivar novas criações no mundo.

Entretanto, não poderíamos deixar de alertar a colaboração de outros teóricos nas pesquisas de Vigotski. Borovski (1928) apresentou em seu artigo – *Psicologia em*

U.R.S.S. - uma série de pesquisadores além de Luria e Leontiev que contribuíram para os trabalhos do Instituto de Psicologia de Moscou. Portanto, a grande expressão criativa dessa teoria foi de certo o trabalho coletivo.

Neste sentido, já na década de 1930, e com grande parte dos conceitos de sua teoria desenvolvidos, Vigotski (2009a) reformulou toda sua teoria da imaginação, revolucionando por completo a compreensão sobre essa função psicológica superior. O livro *Imaginação e criação na infância* é o que podemos citar como o mais desenvolvido em sua teoria<sup>102</sup>. Nele, destacamos um diálogo direto com o teórico francês Ribot. Vigotski, ao longo de todo seu trabalho, apresentou grandes concordâncias com Ribot (1906), em específico se apropriando dos conceitos de imaginação reprodutiva e criadora. No entanto, superando a teoria de Ribot ao compreender que os produtos da imaginação não se constituem como simples combinações dos elementos da realidade.

Contudo, Vigotski (2009a) não superou a concepção de imaginação reprodutora presente nos trabalhos de Ribot (1906). Compreendeu em seus estudos que a qualidade reprodutiva da função imaginativa tinha como finalidade, reproduzir elementos que já existem no mundo real. Demonstramos com Ignatiev (1960) que o sujeito não apenas reproduz mecanicamente elementos que já existem na realidade, mas sim representa essas criações a partir das vivências particulares do sujeito. Sobre a noção de imaginação reprodutiva para Vigotski, o teórico escreveu que: “está ligado de modo íntimo à memória; sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes”. (VIGOTSKI, 2009a, p. 11).

Em contrapartida, Ignatiev (1960), ao explicar a finalidade da imaginação representativa, escreveu:

A imaginação representativa é a que considera algo novo para o indivíduo, baseado na descrição verbal ou em forma condicional (mediante a desenhos, esquemas, notas musicais etc.) Este tipo de imaginação é a que se emprega amplamente em distintos aspectos da atividade humana, entre os quais, e muito fundamentalmente, está o do ensino. (p. 311).

Assim como Vigotski (2009a), Ignatiev (1960) apresentou as contribuições da imaginação representativa para a educação, todavia, destacou que essa qualidade da

---

<sup>102</sup> Nos referimos aqui à teoria da imaginação de Vigotski e não ao conjunto completo de sua obra.

função imaginativa é responsável pela representação e não por uma reprodução vinculada apenas à memória.

Todavia, apesar de não superar essa noção da imaginação reprodutiva, encontramos em Vigotski (2009a) diversas outras contribuições para o estudo da função imaginativa. A primeira é relacionada ao tempo da objetivação de uma criação. Para ele, a atividade criadora não se constitui de imediato, mas é um longo processo que se oculta no produto final da criação. O autor destacou ainda a importância do exagero na atividade criadora. Para ele, o ato de exagerar não é exclusivo da criança, mas encontra-se também no adulto e na criação científica.

Já nos outros dois trabalhos<sup>103</sup> de Vigotski que analisamos nesta dissertação, destacamos uma discussão de extrema importância para os estudos futuros da função imaginativa, sendo a relação entre imaginação e o desenvolvimento dos sistemas de conceitos. Ao explicar os sistemas psicológicos, Vigotski (1999a) escreveu que uma das mudanças significativas no desenvolvimento humano é o aparecimento dos sistemas de conceitos. Esse é um fato que, unido com a imaginação, pode revelar os caminhos para um estudo da função imaginativa na ciência e também na criação literária. Estes são dois campos que a psicologia da imaginação ainda não se aprofundou em seus estudos. Encontramos poucas referências à importância do desenvolvimento do conceito para a criação científica e literária. Embora Ignatiev (1960), Vigotski (2009a), Rubinstein (1967) e Rozet (2008)<sup>104</sup> apresentem a importância da imaginação para a ciência, nenhum dos autores realizou teorizações ou ainda, pesquisas relacionadas à importância do desenvolvimento dos sistemas de conceitos para a objetivação da atividade criadora.

Concluindo ainda sobre a importância dessa noção para Vygotski (2012), devemos salientar que na idade de transição, ou seja, quando se desenvolve o conceito no adolescente, encontramos uma mudança significativa nas produções da atividade criadora. Na infância, as criações produzidas pelas crianças se resumem a objetivações vinculadas a imagens, por exemplo, os desenhos. No entanto, no adolescente o ato de criar inicia-se na palavra, embora os desenhos em muitos casos permaneçam.

---

<sup>103</sup> Nos referimos aos capítulos: Imaginação e criatividade do adolescente, e A imaginação e seu desenvolvimento na infância.

<sup>104</sup> Embora Rozet não se constituiu como parte de nossa análise por ter desenvolvido sua teoria da imaginação na segunda metade do século XX, devemos apresentar a importância de sua obra para o desenvolvimento dessa abordagem da psicologia. Rozet possui um livro – Psicologia da fantasia – dedicado à função imaginativa, no qual apresenta desde a Grécia antiga, as explicações sobre a imaginação. Sua obra encontra-se completa e traduzida para o espanhol pela editora *Akal*.

Esse é um dos fatos apresentados por Vigotski (2009a), em que o autor escreveu que na adolescência surgem os interesses pela poesia e literatura<sup>105</sup>. É por isso que os grandes literários somente começam a produzir seus trabalhos no período de transição, ou ainda, após a adolescência. Um exemplo que podemos citar é o do poeta francês Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891), que escreveu sua obra – Uma estadia no inferno – justamente aos 18 anos, no fim da idade de transição<sup>106</sup>. Rimbaud é um caso muito curioso, pois ao mesmo tempo que seu livro se constitui como uma obra literária, também é fruto de um período em que o seu sistema de conceitos ainda encontrava-se em desenvolvimento. Constatamos em Rimbaud (2005) um texto em que as ideias do autor não se fazem claras para além de uma ausência de lógica em seus escritos. Na psicologia tradicional, o autor poderia até mesmo ser avaliado e diagnosticado com uma esquizofrenia. Contudo, ao analisarmos as obras de Vigotski, encontramos que:

Na verdade, a esquizofrenia e a idade de transição estão em relação inversa. Na primeira, observamos a desintegração das funções que se criam na idade de transição e ainda que se cruzem na mesma estação vão em direções contrárias. (VIGOTSKI, 1999a, p. 124).

Portanto, no exemplo de Rimbaud, podemos afirmar que seu livro é fruto do desenvolvimento dos sistemas de conceitos<sup>107</sup>. Assim sendo, não podemos comparar a criação do jovem à esquizofrenia. O erro constitui-se na confusão aparente de que se trata de um mesmo fenômeno. Porém, demonstramos que na idade de transição possuímos o desenvolvimento dos sistemas que se desintegram na esquizofrenia (VIGOTSKI, 1999a).

Sem embargo, o conceito se diferencia da percepção direta e também de uma representação, pois se constitui como reflexo mediato da realidade. Nas palavras de Vigotski, encontramos que o conceito:

Não constitui a premissa, mas o produto do pensamento, e reflete o objeto em toda sua unidade integral. O conceito – diferente da representação e da percepção – não é um conhecimento direto do objeto, mas um conhecimento mediatizado, que surge como resultado da elaboração racional das representações do objeto. Por isso os conceitos, segundo a observação de

---

<sup>105</sup> Devemos lembrar que Vigotski escreveu sobre o interesse do adolescente em outra época. Atualmente devemos realizar novas pesquisas sobre os interesses na idade de transição levando em consideração o desenvolvimento tecnológico.

<sup>106</sup> Devemos lembrar que a periodização da infância não é algo estático, no entanto didaticamente auxilia nas explicações acerca do desenvolvimento humano.

<sup>107</sup> Existe um boato histórico de que, quando Rimbaud escreveu sua obra, estava acometido por várias crises delirantes que contribuíram para a escrita de seu livro, todavia a confusão de ideias que encontramos ao longo de seus escritos se deve ao desenvolvimento de seu sistema de conceitos.

Lenin, refletem a natureza de maneira mais profunda, veraz e completa que as representações. (VIGOTSKI, 1998a, p. 44).

É por isso que em literários como Dostoiévski encontramos uma riqueza imensa de descrições de cenas, personagens, locais e até mesmo características pessoais de seus personagens. Por exemplo, em Dostoiévski (2013b), nos deparamos com vários capítulos dedicados às descrições do falecimento do *stárietz* Zossima. Dostoiévski não se limitou em descrever apenas seu personagem, mas apresentou sua história desde a infância até sua morte. Descreveu todo o cenário de seu falecimento, as emoções de Zossima e, principalmente, de outros personagens que se encontravam em seu leito. O conceito, portanto, permite um novo tipo de atividade criadora: a criação pela palavra, que reflete a realidade de forma detalhista. Essa determinação não se limita às criações artísticas, mas se estende para a atividade criadora técnica e científica, partindo do princípio de que a ciência, principalmente as humanas e sociais, se desenvolvem por meio das palavras. Concordamos com Luria (1979b) quando escreveu que a palavra se torna um veículo do pensamento. Entretanto, podemos reescrevê-la afirmando que a palavra não se torna apenas um veículo do pensamento como também uma objetivação da imaginação criadora.

Neste sentido, novas pesquisas sobre a importância do desenvolvimento dos sistemas de conceitos para a atividade criadora se fazem necessárias para a psicologia. Por isso também concluímos que Shuare (2016) possuía razão em afirmar que Vigotski, até os dias de hoje, se constitui como um teórico original e atual, pois partimos dele para reorganizar o velho e criar o novo. Assim sendo, destacamos sua importância na atribuição do desenvolvimento do conceito para a imaginação criadora.

A última obra que analisamos de Vigotski, – O papel do brinquedo no desenvolvimento<sup>108</sup> – também possui importantes elementos para futuras pesquisas sobre a função imaginativa. Encontramos em Vigotski (2007a), algumas informações que se fazem presentes em outros autores, tais como: a função imaginativa se constitui como um processo tipicamente humano, a criança apresenta suas primeiras manifestações da imaginação por volta dos três anos de idade e essa função possui diferenças entre os vários períodos do desenvolvimento humano. Tais afirmações encontramos em todos os teóricos aqui analisados, desde Ignatiev (1960), Rubinstein (1967) e Liublinskaia (1979). Essa é

---

<sup>108</sup> Explicamos no terceiro capítulo o erro de tradução deste texto de Vigotski. Também apresentamos a tradução feita pela professora Zoia Prestes, sob o título de A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança.

uma concordância entre os teóricos soviéticos, pois, por volta dos três anos de idade, a criança passa a ter um domínio maior sobre os instrumentos e ferramentas humanas, ou seja, se liberta de uma relação imediata. Suas relações com o mundo passam a ser mediadas por instrumentos criados por seres humanos para outros seres humanos.

É nesse mesmo período que, segundo Mukhina (1995), a linguagem da criança se desenvolve sob novas condições. A criança na idade pré-escolar amplia sua convivência com novas pessoas, principalmente com as de sua idade. Comunicar-se com outras pessoas, torna-se fundamental para a humanização. Neste sentido, o salto qualitativo que encontramos no desenvolvimento da linguagem infantil proporciona a reorganização de todas as funções psicológicas superiores, que passam a estabelecer outras relações e nexos umas com as outras (VIGOTSKI, 1999a).

O brincar no período pré-escolar passa a ter uma nova significação para a criança: humanizar-se. Torna-se também um meio de satisfação das necessidades infantis, visto que muitos jogos de papéis representam situações em que a criança não pode realizar de imediato. Na brincadeira, a criança pode ser o médico, professor, motorista entre outras inúmeras possibilidades (MUKHINA, 1995). Sem embargo, é no jogo que a criança desenvolve sua imaginação representativa, pois inicia a representação de papéis que existem na realidade, porém que não podem realizar naquele momento de forma imediata (VIGOTSKI, 2007a).

Dando continuidade as nossas análises, encontramos também as contribuições das pesquisas práticas realizadas por Luria (2013). Uma das principais questões destes trabalhos encontram-se no fato de que comprovam a teoria de Vigotski sobre o desenvolvimento cultural das funções psicológicas superiores. Assim sendo, mesmo a imaginação que é tida pelo senso comum como condição de inspiração ou dom necessita do ensino sistematizado para seu desenvolvimento.

Outro ponto que podemos destacar é a importância da unidade entre conhecimento e vivência. No princípio deste trabalho apresentamos a importância dessa unidade para Rubinstein (1967)<sup>109</sup>. A vivência deve ser sempre acompanhada do conhecimento, essa determinação é uma condição para o desenvolvimento da consciência dos seres humanos. Nas pesquisas de Luria (2013), o autor destacou que os camponeses entrevistados que possuíam a vivência do trabalho no campo, mas não tinham o conhecimento do ensino

---

<sup>109</sup> Como curiosidade, vale mencionar que embora Rubinstein e Luria partam de escolas diferentes na psicologia soviética, suas concepções e conclusões acerca da importância da vivência e do conhecimento são muito similares.

sistematizado, tinham dificuldade ou ainda não conseguiam se envolver em uma situação imaginativa.

A pesquisa de Luria é de significativa importância para as teses levantadas pelo marxismo, principalmente ao destacar a importância da atividade prática e teórica, ou seja, da *práxis* para o desenvolvimento humano (LURIA, 2013). Portanto, também concluímos que existe a necessidade de se realizar novas pesquisas sobre a unidade, a vivência e o conhecimento, visto sua relevância para o desenvolvimento da consciência e também da função imaginativa.

O problema da unidade entre vivência e conhecimento se encerra nos trabalhos de Rubinstein (1967) na questão acerca da *perejivanie*. Como mencionado no princípio deste trabalho, a unidade entre conhecimento e vivência permite atuar no mundo de forma consciente, enquanto a vivência sem o conhecimento é descrito por Rubinstein como inconsciente. Neste sentido, avaliamos que é de extrema importância para o desenvolvimento da psicologia novas pesquisas acerca da unidade entre vivência e conhecimento, destacando principalmente os trabalhos de Rubinstein (1963, 1967, 1968), visto que encontramos poucas pesquisas partindo da teoria rubinsteiniana.

No entanto, apesar da contribuição das pesquisas de Luria (2013) para o desenvolvimento da psicologia soviética, seus resultados foram alvos de críticas por parte dos censuradores da época. Já apresentamos as considerações tendenciosas de Talankin (2000) sobre os trabalhos de Vigotski e Luria. Talankin salientou em seu artigo, que as pesquisas transculturais realizadas por Luria (2013) eram acríicas, antimarxistas, principalmente contrárias ao desenvolvimento do proletário soviético, do novo homem e da nova mulher socialista. Portanto, concluímos que a década de 1920 foi marcada por um grande avanço no desenvolvimento teórico e prático da psicologia. Contudo, a partir do princípio de 1930, encontraríamos um grande retrocesso marcado pelas críticas partidárias, acríicas e tendenciosas. Tais considerações limitariam em vários momentos o desenvolvimento dessa ciência e principalmente de uma teoria da função imaginativa, visto que o novo homem e a nova mulher soviética não nasciam com sua imaginação, mas deveriam se desenvolver a partir das novas condições criadas pelo socialismo.

Entretanto, em meio a um grande retrocesso causado pelas censuras políticas, podemos apresentar alguns avanços em relação à psicologia soviética e a teoria da imaginação. É no final dos anos de 1920 e princípio de 1930, que os psicólogos soviéticos passam a estudar detalhadamente os clássicos do marxismo. Após a Revolução de Outubro, poucos eram os materiais de Marx e Engels que estavam disponíveis para o

Russo. Muitos dos novos teóricos não possuíam domínio sobre outras línguas, o que não proporcionou de imediato a apropriação dessa visão de mundo. Na segunda metade de 1920, os materiais disponíveis aumentaram, assim como o domínio dos psicólogos soviéticos sobre o materialismo histórico-dialético (1930).

Em 1934, mesmo ano do falecimento de Vigotski e no acirramento das perseguições políticas que culminariam no decreto do partido do ano de 1936, encontramos um texto de Rubinstein sobre a importância das obras de Marx para o desenvolvimento de uma nova psicologia. Rubinstein (1963) realizou uma tarefa que no princípio do século XX, parecia impossível: estudando os teóricos soviéticos, apresentou os pilares que sustentam toda a base da psicologia soviética. Diante disso, Rubinstein em seus estudos destacou que, em nenhum dos fundadores do marxismo-leninismo, os psicólogos encontrariam respostas prontas para o desenvolvimento dessa ciência. Seria apenas a partir de um trabalho baseado em uma investigação criadora que surgiria uma psicologia marxista. Em 1934, novamente constatamos a importância da atividade criadora em conjunto com a imaginação científica para o desenvolvimento da psicologia soviética.

Neste sentido, Rubinstein (1963) teve de demonstrar que, nos trabalhos de Marx, Engels e Lenin não encontramos uma teoria psicológica, mas sim temas de interesse da psicologia ou o principal elemento para o desenvolvimento de uma investigação criadora: um método. Assim, após demonstrar a importância dos clássicos do marxismo para a psicologia, Rubinstein apresentou os três pilares<sup>110</sup> que edificam toda essa ciência na União Soviética.

Novamente neste trabalho de Rubinstein (1963) encontramos novas semelhanças com Vigotski. Principalmente no fato dos dois demonstrarem que a psicologia marxista não existe em Marx, Engels e Lenin, mas deve se desenvolver a partir de um trabalho coletivo e coerente com a visão de mundo do materialismo histórico-dialético. Vigotski (1999a) que em sua avaliação sobre a situação da crise da psicologia, concluiu que essa ciência ainda carece de um O capital, também escreveu que:

O terceiro sistema que procura situar na terceira via é o da psicologia marxista, que hoje está se formando diante de nossos olhos. A análise dela é difícil,

---

<sup>110</sup> No quarto capítulo apresentamos e discutimos o que Rubinstein chamou de três pilares da psicologia soviética. Todavia, vale apresentá-los novamente: 1) O reconhecimento da atividade prática e teórica, ou seja, a *práxis* na vida do ser humano; 2) O mundo dos objetos criados pela atividade humana condiciona o desenvolvimento dos sentidos, da consciência e da ciência psicológica e. 3) A psicologia humana e o psiquismo de forma geral são produtos da história humana.

porque não dispõe ainda de sua metodologia e procura encontrá-la já terminada buscando-a em expressões casuais dos fundadores do marxismo. Mas querer encontrar em obras alheias uma fórmula terminada da psique passaria a significar exigir “a ciência antes da própria ciência”. Podemos dizer sobre essas tentativas que a heterogeneidade do material, sua incoerência, a variação que sofre o significado da frase fora do contexto, o caráter polêmico da maioria das opiniões – exatas somente na negação dos pensamentos falsos, mas vazias e genéricas no sentido da definição positiva das tarefas – não permitem de modo algum esperar desses trabalhos outra coisa além de um monte de citações mais ou menos casuais e sua interpretação escolástica (VIGOTSKI, 1999a – Grifos no original).

Já mencionamos em outros momentos desse trabalho que o texto de Vigotski – O significado histórico da crise da psicologia. Uma investigação metodológica -, foi publicado apenas em 1982, portanto, 22 anos após o falecimento de Rubinstein. Neste sentido, Rubinstein não teve acesso ao texto de Vigotski, mas chegou a conclusões muito semelhantes. Também já apresentamos a citação de Rubinstein (1963) sobre os criadores do marxismo, mas novamente vale rerepresentá-la. Ele escreveu que:

A psicologia soviética se baseia na filosofia marxista. Este fato determina sua orientação. Mas não é possível encontrar em nenhuma das obras dos fundadores do marxismo-leninismo a ciência psicológica *como ciência especial*. Nem Marx, nem Lenin, como é notório, escreveram tratados de psicologia. Não existe, pois, mais que um caminho para formar a psicologia soviética: o da investigação criadora. (RUBINSTEIN, 1963, p. 253 – Grifos no original).

É notória a semelhança com a citação de Vigotski, principalmente, quando ambos explicam que não podemos encontrar nos clássicos do marxismo a ciência psicológica definida e acabada. Por isso não devemos inventar casualidades nas obras de Marx, Engels, Lenin, entre outros, mas sim realizar o trabalho de investigação criadora como propôs Rubinstein (1963). Portanto,

O que sim *pode ser buscado* previamente nos mestres do marxismo não é a solução da questão, nem mesmo uma hipótese de trabalho (porque estas são obtidas sobre a base da própria ciência), mas o método de construção [da hipótese – R. R.]. Não quero receber de lambuja, pescando aqui e ali algumas citações, o que é a psique, o que desejo é apreender *na globalidade* do método de Marx como se constrói a ciência, como enfocar a análise da psique. (VIGOTSKI, 1999a – Grifos no original).

Sem embargo, podemos afirmar que tanto Vigotski como Rubinstein seguiram o método de Marx desenvolvendo teorias originais e criativas. Toda a objetivação de ambos apenas foi possível pelas condições materiais que se desenvolveram após a Revolução de Outubro de 1917, mas também pela investigação criadora na psicologia soviética, baseada

no método de Marx. Neste sentido, destacamos novamente a importância de novas pesquisas que avaliem as convergências e divergências teóricas de Rubinstein e Vigotski. O artigo de Rubinstein – Princípios filosóficos da psicologia. Os primeiros manuscritos de K. Marx e os problemas da psicologia – possuem grandes semelhanças com as afirmações presentes no capítulo 13 do material de Vigotski - O significado histórico da crise da psicologia. Ambos possuem grandes convergências, não casuais ou ainda pelo roubo de ideias tal como relatou Blanck (2003) em seu prefácio do livro Psicologia pedagógica de Vigotski. Essas semelhanças teóricas devem-se pela utilização criativa do método de Marx na ciência psicológica.

No entanto, esse grande avanço veio acompanhado também de um violento retrocesso. Dois anos após o artigo de Rubinstein (1963), o partido aprovou um decreto proibindo as teorias pedológicas na ciência soviética. Com isso, muitos textos de Vigotski e de outros autores, por exemplo, Blonski, foram censurados e retirados do meio acadêmico. As perseguições políticas por parte dos censuradores do partido aumentaram neste momento, assim como as críticas tendenciosas e partidárias, tal como a de Rudneva (2000).

A autora realizou em sua crítica várias menções aos trabalhos culturalistas de Vigotski. Depois de dois anos do falecimento do autor, Rudneva (2000) apresentou a teoria vigotskiana como uma abordagem burguesa e pseudocientífica. O dogmatismo que encontramos nas críticas de Rudneva marcou todo o desenvolvimento da psicologia soviética até o falecimento de Stalin em 1953. Etiquetas tais como: pseudocientífico, antimarxista, antidialético, antileninista e até mesmo descrevendo a falta da importância dada aos trabalhos de Stalin começam a se fazer cada vez mais presentes após o decreto do partido de 1936.

Avaliamos esse período marcado por grandes retrocessos para o desenvolvimento teórico e prático da psicologia soviética, limitando em vários momentos a atividade criadora e, principalmente, a criatividade dos teóricos deste período. Em vista disso, a psicologia, após o decreto de 1936, passou a cultuar também a personalidade de Stalin, assim como encontramos em Rudneva (2000). Esse culto, tal como descreveu Kedrov e Spirkin (1967), traria graves consequências para as ciências humanas e sociais da União Soviética.

Entretanto, em meio a vários retrocessos e censuras impostas pelas perseguições políticas, houve também expressões criativas no desenvolvimento da psicologia soviética. Desde o princípio da década de 1930, destacamos importantes teóricos que trabalharam

para a criação de uma psicologia marxista. Neste sentido, vale salientar a importância das escolas de Leningrado e da Geórgia para produção da ciência psicológica. Portanto, teóricos como: Miasíschev, Anániev e Uznadze realizaram trabalhos de grande importância para a União Soviética, demonstrando em suas teorias o princípio da atividade criadora (SHUARE, 2016).

Embora a escola de Leningrado tenha sido criada logo após a Revolução de Outubro de 1917, junto com a equipe de Bechterev no Instituto do Cérebro, foi apenas após o abandono da reflexologia, na década de 1930, que a escola leningradense se desenvolveu sob as bases do marxismo (VEGA, 1993). Miasíschev criou uma teoria original sobre a personalidade atribuindo grande importância às relações sociais (SHUARE, 2016). Sem embargo, devemos destacar que sua importância na psicologia soviética encontra-se além da criação de uma teoria da personalidade, mas, principalmente, situa-se em seus trabalhos clínicos desenvolvidos juntos com a medicina, psiquiatria e fisiologia (MIASISCHEV, 1962). Assim sendo, julgamos sua importância para a psicologia clínica e destacamos a necessidade de estudos sistemáticos sobre a psicoterapia baseada nas concepções de Miasíschev, visto que no ocidente a concepção psicoterápica dos psicólogos soviéticos é ainda pouco conhecida.

Uma vez que apresentamos a necessidade de estudos sistemáticos sobre a terapia para Miasíschev, também destacamos a inevitabilidade de realizar pesquisas acerca da concepção pedagógica de Anániev, outro importante representante da escola leningradense. Vale lembrar que o autor, durante a segunda metade da década de 1950, visitou o Brasil e outros países da América Latina a fim de conhecer o sistema educacional desses países (ANANYEV, 1959). Para Anániev, o trabalho pedagógico e educacional é condição primordial para o desenvolvimento da personalidade. Portanto, reiteramos sua importância para o desenvolvimento científico da psicologia soviética.

Tratando-se da escola da psicologia georgiana, conhecemos ainda poucos materiais e teóricos. Por esse fato, nos limitamos apenas a analisar a importância de Uznadze para a psicologia soviética. Devemos destacar que, antes da Revolução de Outubro, Uznadze já trabalhava para o desenvolvimento pedagógico (VEGA, 1993). Após 1917, seu trabalho mudou qualitativamente, apresentando novas e criativas contribuições científicas. Sua teoria do *set* é ainda pouco conhecida e difundida nos meios acadêmicos do Brasil. Todavia, é uma expressão criativa de seus trabalhos na psicologia, destacando a importância de estudos objetivos sobre o inconsciente (BASSIN, 1981).

Uznadze também influenciou diretamente as pesquisas de Vigotski. Vega (1993) escreveu que a concepção de que o ensino potencializa o desenvolvimento, presente nos trabalhos de Uznadze, é semelhante com a de Vigotski, que ficou conhecida nas traduções como zona de desenvolvimento proximal. No entanto, ainda insistimos que a maior contribuição da psicologia georgiana e, principalmente, de Uznadze, é nos estudos relacionados ao inconsciente. O autor desenvolveu uma série de experimentos que permitiram avaliar as características fisiológicas e psicológicas do inconsciente (BASSIN, 1981). Tratando-se ainda do inconsciente na psicologia soviética, autores como Bassin, Bozhóvich (1986), Petrovski (1985a), Rozet (2008), Rubinstein (1963, 1967, 1968) e Ponomariov (1987), assim como o próprio Uznadze, merecem a devida atenção por suas teorizações e pesquisas acerca deste tema. Sem embargo, apresentamos também a necessidade de um estudo sistematizado nas obras de Uznadze, visto que vários teóricos soviéticos que mencionaram o inconsciente em suas pesquisas referenciam o psicólogo georgiano.

Assim sendo, se as décadas de 1920 e 1930 estavam voltadas para a criação de uma psicologia marxista, atuando em conjunto com o desenvolvimento de o novo ser humano socialista, a década de 1940 trouxe uma mudança significativa do papel da psicologia na sociedade soviética (ANANIEV, 1947). Essa nova etapa se iniciou com trabalhos clínicos da recuperação de soldados e civis feridos durante a guerra. Autores como Lúria (1992), Zeigarnik e Rubinshtein (1985) e Rubenstein (1944), apresentaram as contribuições de pesquisadores soviéticos junto aos campos de batalha<sup>111</sup> e hospitais militares. Sem embargo, podemos afirmar que, se o fim da década de 1930 representou um retrocesso para a psicologia soviética, pelas censuras impostas com o decreto de 1936, a década de 1940 seria de grande importância para o desenvolvimento de trabalhos criativos e acima de tudo necessários para esse novo momento histórico.

Essa nova etapa da psicologia soviética proporcionou a objetivação da atividade criadora por parte de vários teóricos. No entanto, o exemplo mais emblemático que encontramos é o de Lúria (1992), atuando de forma prática e novamente comprovando a teoria de Vigotski sobre o desenvolvimento cultural das funções psicológicas superiores e também dos sistemas psicológicos. Os casos de lesões cerebrais eram tratados por vários profissionais e não apenas psicólogos. Médicos, psiquiatras, fisiólogos e educadores estavam empenhados nesta nova tarefa. Em muitos casos os sistemas psicológicos

---

<sup>111</sup> Vale lembrar que muitos psicólogos estiveram em combate durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, Ignatiev.

deveriam ser reorganizados para que os pacientes pudessem voltar às atividades do cotidiano. Essa reorganização, tal como salientou Luria, partia de um trabalho longo e cansativo.

A prática orientada pela teoria soviética da psicologia, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, foi uma das maiores expressões que encontramos da atividade criadora durante os períodos leninista e stalinista. As contribuições da clínica soviética, neste momento histórico, assim como os trabalhos de Leontiev e Zaporozhets na recuperação da motricidade de soldados feridos em combate, devem ser também estudados sistematicamente. Portanto, levantamos a necessidade de futuros estudos deste período envolvendo o desenvolvimento da psicologia soviética frente à Segunda Guerra Mundial.

Após o fim da guerra, em específico em 1945, surgiu um novo avanço e contribuição para o desenvolvimento da psicologia soviética: a segunda edição de Princípios de psicologia geral, de Rubinstein. Esse material sistematizou o desenvolvimento do psiquismo, apresentando os estudos da atividade, consciência, funções psicológicas superiores e encerrando-se na personalidade. Tratando-se da imaginação, encontramos novas contribuições teóricas sobre essa função psicológica (RUBINSTEIN, 1967).

Rubinstein (1967) iniciou seu capítulo sobre a imaginação com uma frase emblemática escrevendo que: “para poder transformar na prática a realidade, deve se saber também transformá-la mentalmente. Esta exigência cumpre a imaginação”. (p. 361). A imaginação para Rubinstein cumpre a tarefa de transformar o mundo, não apenas tecnicamente, cientificamente ou artisticamente, mas principalmente por uma transformação social.

Novamente destacamos novas convergências entre Rubinstein e Vigotski. Já mencionamos nas conclusões desse trabalho que, embora Vigotski apresentou para a teoria da imaginação várias contribuições, não superou os limites das explicações sobre a função imaginativa reprodutora. Neste sentido, tal como Vigotski, Rubinstein também se apropriou deste mesmo conceito em seu trabalho. Tanto um como o outro partem do mesmo material de Ribot (1906). É também em Rubinstein (1967) que encontramos sua afirmação sobre o papel da combinação como condição para a criação. Esse mesmo aspecto da função imaginativa foi apresentado por Vigotski (2009a). Sem embargo, devemos apresentar também a necessidade de pesquisas acerca das teorizações de Ribot

para uma abordagem da imaginação, visto que muitos psicólogos soviéticos partem dele para as explicações sobre a imaginação.

Assim como em Vigotski (1999b, 2003, 2009<sup>a</sup>), devemos também destacar a importância dada por Rubinstein (1967) para os sentimentos no papel da criação. Rubinstein apresentou em seu capítulo sobre a imaginação aquilo que Vigotski tomou emprestado de Ribot, denominado de lei do duplo vínculo dos sentimentos. Para Rubinstein:

A imaginação, frente à influência dos sentimentos e do humor, cria às vezes um espontâneo ideal, mas também pode fazer aparecer com maior intensidade a autêntica aparência do ser humano. Se amamos a um homem, quase sempre o vemos frente o prisma criador de nosso sentimento. A nós, nos parece distinto de como lhe enxergam os demais. Disso resulta que nossa imagem da fantasia difere consideravelmente da aparência real deste homem. A imaginação submetida a nosso sentimento pode nos proporcionar em tal caso, amargas decepções. A história de alguns amores é uma luta entre a imagem do ser determinada pelo sentimento e sua aparência real. Mas também, sucede o contrário: a imagem que se forma em uma relação indiferente e, talvez, sem alma, para um indivíduo a base de correntes impressões de pequenas conexões cotidianas, pode cobrir com traços insignificantes e sem importância a real aparência do indivíduo, e um autêntico e grande sentimento pode nascer, como por encanto, não somente os traços mais formosos e humanos, mas, sobretudo, aqueles que formam seu autêntico ser. (RUBINSTEIN, 1967, p. 364).

Portanto, tal como para Vigotski (2009a), Rubinstein também descreveu a importância dos sentimentos nas imagens criadas pelo sujeito. Ao depender do estado emocional, a pessoa tende criar fantasias positivas ou negativas, tais como descrito por Rubinstein (1967) em seu capítulo sobre as emoções. O fator emocional é decisivo no momento da objetivação da atividade criadora. Neste sentido, afirmamos que tanto em Vigotski como em Rubinstein encontramos a importância dos sentimentos e das emoções frente ao ato de criar.

No entanto, as contribuições de Rubinstein (1967) ainda vão além de suas semelhanças com Vigotski. Em seu livro, apresentou a importância da atividade como aquilo que proporciona o desenvolvimento da imaginação e ao mesmo tempo objetiva os produtos dessa função psicológica superior. Por tal motivo, Rubinstein destacou a importância da atividade criadora no trabalho do operário, cientista e artista. Para ele, a atividade motivada por determinada necessidade permite a objetivação de novos produtos técnicos, científicos e artísticos na sociedade em que o sujeito vive. A imaginação cumpre um papel de capital importância nessas novas objetivações, visto que a função imaginativa desempenha o papel de transformar o mundo idealmente, posteriormente se

objetivando nos produtos finais de sua criação, desde que existam condições históricas e materiais para que isso ocorra.

Entretanto, após o sucesso de seus Princípios de psicologia geral, encontramos um novo retrocesso histórico no desenvolvimento da psicologia soviética, inclusive envolvendo o próprio dessa obra. Rubinstein tinha ganho o prêmio Stalin por suas contribuições teóricas e práticas descritas em seu livro (PAYNE, 1968). Todavia, Shdan (2012) escreveu que as práticas de censuras impostas no período após a Segunda Guerra Mundial atingiram diretamente as pesquisas dos psicólogos soviéticos. Muitos professores das Universidades foram destituídos de seus cargos. Novamente havia escassez de professores nas formações universitárias, e muitos dos jovens psicólogos soviéticos que estavam em formação neste período sofreram com uma formação limitada e antidialética.

O culto à personalidade de Stalin, tal como descrito por Kedrov e Spirkin (1967), aumenta nesse novo momento histórico. A atividade criadora que encontramos, na primeira metade da década de 1940, se encerra em uma nova fraseologia adotada pelos novos censuradores deste período. Se em Vigotski (1999a) constatamos sua crítica aos que adotaram uma fraseologia marxista e casual, neste período de destituições surgiria um novo tipo de casualidade que serviria para qualquer ciência: as citações de Stalin. Portanto, avaliamos esse período como um grande retrocesso para o que foi desenvolvido, principalmente no começo dos anos de 1940. Pesquisas tais como a de Luria (1992), Zeigarnik e Rubinshtein (1985) e Rubinstein (1944, 1967), por exemplo, são esquecidas, dando início a um movimento de fisiologização da ciência psicológica.

Rubinstein, que havia sido destituído e afastado de todos seus cargos em 1947, não foi o único pesquisador afetado neste momento (SHDAN, 2012). Por exemplo, o material de Leontiev (2004) – O desenvolvimento do psiquismo -, que constituía sua tese de doutorado, também foi duramente criticado, sendo em vários momentos denominado como acrítico<sup>112</sup> da psicologia ocidental, ou seja, burguesa. Essa também foi a mesma crítica sofrida por Rubinstein em seu resgate histórico da psicologia no ocidente. Neste sentido, a segunda metade de 1940 anunciaria uma nova determinação para a psicologia:

---

<sup>112</sup> Não apenas a psicologia sofreria com baixas em seu quadro de pesquisadores, mas outras ciências foram duramente afetadas. Vale lembrar, por exemplo, que Borovski que trabalhava na década de 1920 com a zoopsicologia, junto a equipe de Kornilov, foi exilado na década de 1940 por suas pesquisas na área da genética.

sua fisiologização, iniciando-se como uma imposição aos psicólogos no princípio de 1950 com a Conferência Pavlov.

Se o fim dos anos de 1940 terminou representando um extremo retrocesso para a psicologia soviética, o princípio de 1950 anunciaria o retorno dessa ciência às suas bases fisiológicas, adentrando a um reducionismo e fisiologismo em suas pesquisas. O que já havia sido superado no fim dos anos de 1920 com os trabalhos de Luria, Vigotski, Leontiev, entre outros, retornou limitando de imediato os trabalhos dos teóricos soviéticos. Payne (1968) escreveu que a Conferência Pavlov contava apenas com a participação de três psicólogos: Rubinstein, Kolbanovski e Teplov. O último ainda foi criticado por sua postura de não defender diretamente as ideias de Pavlov ao ser consultado. No entanto, foi determinado na conferência que a psicologia deveria, portanto, ser reconstruída a partir de bases pavlovianas, pois em Pavlov existiam os princípios corretos para o desenvolvimento de áreas tais como: psicologia, fisiologia, medicina, educação etc.

Em um primeiro momento, os psicólogos tiveram de se adaptar a esse novo retrocesso, esse foi um fato adotado por toda a comunidade científica para evitar repressões, censuras e perseguições políticas. A fraseologia marxista presente nos primeiros trabalhos dos pioneiros da psicologia soviética retornou na década de 1950 sob nova condição: tornou-se uma fraseologia pavloviana. Em todo o material de Pavlov encontravam-se soluções para a psicologia, mesmo se elas contradissem o materialismo histórico-dialético. Por exemplo, em Rubinstein (1963, 1968) encontrar a utilização das citações de Pavlov para encontrar soluções na reconstrução da psicologia soviética. Em várias passagens do *O ser e a consciência*, Rubinstein (1968) destacou a importância de se compreender qual a relação entre psicologia e fisiologia, contradizendo em muitas passagens suas antigas afirmações, tal como a do monismo materialista. Contudo, Shuare (2016) escreveu que muito provavelmente Rubinstein estava tentando escapar de uma censura e perseguição política, visto que o autor, em 1947 havia sido acusado de cosmopolitismo. Rubinstein também conhecia muito bem o materialismo histórico-dialético. Demonstrou esse fato em seu artigo de 1934, afirmando que nos clássicos do marxismo não se pode encontrar uma teoria psicológica concluída (RUBINSTEIN, 1963). Do mesmo modo, na teoria da atividade nervosa superior de Pavlov, seria improvável encontrar as soluções definitivas para a psicologia.

Contudo, uma das principais alternativas adotadas pelos teóricos soviéticos encontrava-se nos estudos da teoria do reflexo de Lenin. Essa palavra que, para os

fisiólogos representavam parte da teoria da atividade nervosa de Pavlov, nos textos escritos pelos psicólogos possuía outro sentido, dialético e mutável (VEGA, 1993). Assim sendo, concluímos que a Conferência Pavlov determinou um período de novo retrocesso para a psicologia soviética, que se encerraria apenas na década de 1960, com o abandono das tentativas de elaborar uma teoria psicológica sob os postulados pavlovianos.

Porém, a partir de 1953, após o falecimento de Stalin, encontramos um novo avanço teórico e prático nos trabalhos científicos da psicologia. Os psicólogos que haviam sido destituídos de seus cargos novamente estavam realizando suas pesquisas, orientações e exibindo os resultados de suas atividades criadoras<sup>113</sup>. Um novo avanço destacado por Shuare (2016) encontra-se no retorno das revistas de psicologia, que haviam sido suspensas na década de 1930. Em 1956 foram publicadas as Investigações psicológicas escolhidas, uma coletânea de artigos de Vigotski. Em 1957, foi fundada a Primeira Sociedade de Psicólogos e já, em 1959, acontecia em Moscou o Primeiro Congresso da Sociedade de Psicólogos. Portanto, o avanço da psicologia torna-se evidente após o falecimento de Stalin, encerrando-se em sua despersonalização nas ciências humanas e sociais (KEDROV; SPIRKIN, 1967).

Encontramos ainda como grande avanço o fim das críticas tendenciosas e partidárias. Um exemplo que apresentamos durante o sexto capítulo dessa dissertação encontra-se nas críticas dirigidas a Vigotski<sup>114</sup> por Rubinstein (1963)<sup>115</sup>. A valorização do decreto do partido de 1936 se encerra, apresentando novas críticas baseadas nos princípios teóricos do materialismo histórico-dialético, demonstrando teoricamente os problemas encontrados nos autores. As críticas etiquetadas, tais como: antimarxista, antidialético, antileninista etc., deixam de fazer parte dos artigos dos psicólogos soviéticos.

---

<sup>113</sup> Rubinstein é um exemplo que poderíamos apresentar pela facilidade de materiais que encontramos do autor após o falecimento de Stalin. No período de quatro anos, Rubinstein publicou a mesma quantidade de obras: 1) O ser e a consciência, de 1957; 2) O pensamento e os caminhos de sua investigação, de 1958; 3) O desenvolvimento da psicologia, de 1959, e; 4) Deixou um manuscrito inacabado antes de seu falecimento em 1960, denominado como O homem e o mundo. Portanto, a atividade criadora retornou a psicologia, permitindo novas objetivações criativas para essa ciência.

<sup>114</sup> Como curiosidade, vale lembrar que Rubinstein não apresentou a teoria vigotskiana como psicologia culturalista, histórico-cultural ou ainda sócio-histórica, mas sim como linha de Vigotski. No entanto, Rubinstein demonstrou ter conhecido pouco a obra vigotskiana em suas críticas.

<sup>115</sup> Já esclarecemos no sexto capítulo que Rubinstein parece criticar Vigotski, criticando na verdade Leontiev. Não podemos afirmar com toda certeza qual o motivo da desavença entre Leontiev e Rubinstein. Entretanto, a partir de todos os materiais analisados nessa dissertação, podemos levantar a hipótese de que essa hostilidade encontrava-se além de uma simples disputa pela teoria da atividade, mas sim pela concorrência da direção do Instituto de Psicologia de Moscou.

Em meio ao retorno dos avanços práticos e teóricos da psicologia, destacamos também o apêndice do livro: O pensamento e os caminhos de sua investigação, de 1958. Neste material Rubinstein (1959) realizou uma pesquisa sobre o papel pensamento na criação científica, sendo de grande valia para os estudos da imaginação, visto que o processo do pensar cumpre um importante papel na organização das criações imaginativas. É ele o responsável pela análise e síntese das possibilidades da objetivação. Portanto, para Rubinstein pode-se avaliar o desenvolvimento do pensamento na criação científica partindo das análises dos produtos da atividade.

Esse método proposto por Rubinstein (1959) abre novas possibilidades para outros campos da psicologia. O primeiro que devemos destacar é para os estudos sistematizados das objetivações da imaginação. Assim como o pensamento, podemos também avaliar os produtos da atividade imaginativa. No entanto, não identificamos estudos acerca da avaliação dos produtos dessa função psicológica superior. Portanto, apresentamos a necessidade do desenvolvimento de trabalhos experimentais, que analisem a importância dos produtos da imaginação para os estudos dessa função.

O segundo encontra-se nas pesquisas da avaliação psicológica. Rubinstein (1967) criticou os instrumentos adotados pela psicologia tradicional para avaliar as capacidades dos sujeitos. Por exemplo, os testes psicológicos são descritos por Rubinstein como um meio estático de se avaliar determinada capacidade. Sem embargo, concluímos que encontramos a possibilidade de se propor um novo modelo de avaliação psicológica baseada no método e pesquisas de Rubinstein (1959) sobre as análises dos produtos que se conservam na atividade. Esses trabalhos seriam de grande contribuição para os estudos acerca de uma clínica baseada nas abordagens criadas pelos soviéticos (GIANNONI, 2017).

O terceiro e último campo da psicologia que destacamos na importância desse material encontra-se justamente na própria história dessa ciência. Devemos lembrar que esse é o primeiro livro de Rubinstein que encontramos referências diretas a seus seguidores e continuadores. Muitos dos nomes citados no texto de Rubinstein (1959) deram continuidade a suas pesquisas, evitando assim um maior boicote de sua teoria após seu falecimento em 1960. Neste sentido, uma das possibilidades de estudos nesta área

seria analisar sistematicamente como ocorreu o boicote da teoria da atividade de Rubinstein, tal como descrito por Brushlinskii (2002)<sup>116</sup>.

O último material analisado em 1959, constituindo-se como o fim de nosso trabalho, são as pesquisas de Liublinskaia (1979). A teórica leningradense trouxe várias contribuições em seu livro, em específico, a necessidade da educação sistematizada da imaginação. Portanto, devemos destacar a importância de se educar a função imaginativa, precisamente para que a criança não encerre sua fantasia em um mundo limitado, tal como escreveu Vigotski (2003).

Neste sentido, concluímos que as necessidades dos estudos da imaginação estão além de um resultado imediato que esse trabalho possa ter nos meios acadêmicos, mas sim encontram-se no fato de possibilitar o desenvolvimento crítico dessa função psicológica superior. A imaginação não é um processo inato, tampouco se desenvolve no amadurecimento da criança, mas deve ser desenvolvido a partir do ensino sistematizado.

Um estudo da imaginação se faz necessário no atual período histórico que vivemos, esse fato se apresenta como uma determinação pelas condições reacionárias que crescem dia a dia. Os seres humanos necessitam ter a possibilidade de imaginar um quadro distinto do que vivem nos dias de hoje. Imaginar que a possibilidade de uma sociedade sem violência e qualquer tipo de preconceito é possível, pois tal como escreveu Rubinstein (1967), a imaginação é a capacidade de se transformar o mundo e a sociedade em que vivemos. Portanto, concluímos esse trabalho escrevendo que, na imaginação, encontra-se a importância dos seres humanos compreenderem que o mundo em que vivemos nem sempre foi assim e não precisará ser assim. No entanto, não devemos criar uma sociedade utópica apenas por meio da imaginação, mas sim encontrar condições materiais e históricas para a objetivação de um novo futuro. A imaginação e a atividade criadora devem cumprir essa tarefa.

---

<sup>116</sup> Vale lembrar que Brushlinskii acusou Leontiev de ter boicotado a teoria da atividade de Rubinstein após seu falecimento em 1960. Portanto, uma investigação sistemática sobre esse tema seria de grande importância para a área da história da psicologia.

## REFERÊNCIAS

- ABRÃO, B. S. *Os pensadores. História da filosofia*. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 1999.
- ABULJANOVA-SLAVSKAIA, K. A. Personalidad y actividad. In: KOSSAKOWSKI, A. *Psicologia en el socialismo. Posiciones teóricas, resultados y problemas de las investigaciones psicológicas*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1987.
- ALMEIDA, S. H. V. *Psicologia histórico-cultural da memória*. 2008. 263f. Pontifica Universidade Católica de São Paulo. 2008.
- ANANIEV, B. *Achievements of soviet psychologists*. [1947]. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=1Ip0\\_XzKNjH0KwxT7kFPOmGfzEKMt2-bL](https://drive.google.com/open?id=1Ip0_XzKNjH0KwxT7kFPOmGfzEKMt2-bL). Acesso em: 27 de março de 2018.
- ANANYEV, B. G. *Most important pedagogic problems of Latin American countries*. [1959]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1xmZzei-FSbL2McXk1rxhy41T6j8sBWKe>. Acesso em: 27 de março de 2018.
- AUSTEN, J. *Persuasão*. São Paulo: Landmark, 2015.
- BASOV, M. *Structural analysis in psychology from the standpoint of behavior*. [1928]. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=17QL8LI0\\_QOVcw2a1\\_8INaZyID1RoQ15v](https://drive.google.com/open?id=17QL8LI0_QOVcw2a1_8INaZyID1RoQ15v). Acesso em 13 de novembro de 2018.
- BASSIN, F. V. *O problema do inconsciente. As formas não-conscientes da atividade nervosa superior*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- BARABANSHCIKOV, A. V.; PLATONOV, K. K.; FEDENKO, N. F. *On the history of soviet military psychology*. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=1Sf73vcCG\\_kLXxzhVrlv147STo9V-Gctw](https://drive.google.com/open?id=1Sf73vcCG_kLXxzhVrlv147STo9V-Gctw). Acesso em: 18 de março de 2018.
- BLAKE, W. *Poesia e prosa selecionadas*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- BLANCK, G. Prefácio. In VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica. Edição comentada*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BLONSKI, P. P. *The subject of psychology and psychopathology from a genetic standpoint*. [1928] Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1jE2WZr9i6M6MRxcqAcJRz8N6NMYoEc9A>. Acesso em: 14 de março de 2018.
- BOROVSKI, V. M. *Psychology in the U. S. S. R.* [1928]. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=17aUWjZvgpq0cOZbQHeIoWIDR3\\_i8\\_YkG](https://drive.google.com/open?id=17aUWjZvgpq0cOZbQHeIoWIDR3_i8_YkG). Acesso em: 15 de março de 2018.
- BRÜSHLINSKII, A. V. Commentary. In: RUBINSTEIN S. L. *The principle of creative self-activity (philosophical foundations of modern pedagogy)*. [1986]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1QYHaVqAJb58UiYC3aqVuu5fh8q1iXCIP>. Acesso em: 14 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. *Interview with A. V.* [2002]. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=1yUqjOp8Vn2cwpmRpy8MOvAzcd\\_L6Ln4I](https://drive.google.com/open?id=1yUqjOp8Vn2cwpmRpy8MOvAzcd_L6Ln4I). Acesso em: 13 de novembro de 2018.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.
- BOZHOVICH, L. I. *La personalidad y su formación em la edad infantil. Investigaciones psicológicas*. La Haban: Editorial Pueblo y Educacion, 1976.
- BRECHT, B. *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1986.
- BRENNAN, J. F. Fundamentos de la psicología en el siglo XIX. In: BRENNAN, J. F. *Historia y sistemas de la Psicología*. México: Prentice Hall, 1999.
- CHIAVENATO, I. *Gestão de pessoas. O novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Barueri, SP: Manole, 2014.
- CRUZ, M. N. *Imaginação, conhecimento e linguagem: uma análise de suas relações numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano*. 2002. 84f. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, 2002.
- DEFOE, D. *Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.
- DELARI JUNIOR, A. *Situação editorial das obras de Vigotski no Brasil. Breve mapeamento 1984-2011*. [2012]. In: <https://drive.google.com/open?id=0B-SmVeWcGyTIR0w4c3BjclIMdzA>. Acesso em: 15 de março de 2018.
- DELARI JUNIOR, A.; PASSOS, I. V. B. *Alguns sentidos da palavra “perejivanie” em L. S. Vigotski. Notas para estudo futuro junto à psicologia russa*. [2009]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0B-SmVeWcGyTIQ3Zldlh2NGFaOWM>. Acesso em: 15 de março de 2018.

DESCARTES, R. Discurso do Método. In: DESCARTES, R. *Os pensadores. Descartes*. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 1999.

DOSTOIÉVSKI, F. *Crime e castigo*. São Paulo: Martin Claret, 2013a.

\_\_\_\_\_. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, 2013b.

ENGELS, F. *Do socialismo utópico ao socialismo científico. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. São Paulo: Fulgor, 1962.

\_\_\_\_\_. *Anti-Dühring. La subversión de la ciencia por el señor Eugen Dührig*. México: Editorial Grijalbo, 1968.

\_\_\_\_\_. *Dialética da natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Segundo as observações do autor e fontes autênticas*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ESPINOSA, B. Tratado da correção do intelecto. In: ESPINOSA, B. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FRANÇA, K. B. *Relações estéticas, criação e imaginação: a constituição do projeto de ser uma e outra, na dialética do ensinar e aprender*. 2006. 291f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2006.

FÉ, M. S. P. S. *A imaginação no processo de ensino/aprendizagem: uma abordagem histórico-cultural*. 2012. 254f. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.

FERNANDES, F. *Marx, Engels, Lenin: a história em processo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. *Psicologia uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 2008.

FURTADO, V. C. *Estudos sobre imaginação e criação: contribuições de Lev Semenovitch Vigotski e Cornelius Castoriadis*. 2013. 108f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, 2013.

GALPERIN, P. Ya. *Introducción a la psicología*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1982.

GAY, P. *Freud. Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIANNONI, A. P. O fazer clínico do profissional psicólogo: novos desafios a partir da psicologia histórico-cultural. In: BEATÓN, G. A.; SOUZA, M. P. R.; PERDOMO, A. R. C. *Enfoque histórico-cultural: outros problemas de la prácticas profesionales*. São Paulo: Terracota, 2017.

GIANNONI, A. P.; MENESES, B. M.; LEÃO, I. B. *Quem foi Serguei Leonidovich Rubinstein? Uma breve biografia de um erudito da psicologia*. [2018]. Disponível em: [https://gtmarxanpof.files.wordpress.com/2017/10/branca-meneses\\_inara-lec3a3o\\_alexandre-giannoni.pdf](https://gtmarxanpof.files.wordpress.com/2017/10/branca-meneses_inara-lec3a3o_alexandre-giannoni.pdf). Acesso em: 18 de março de 2018.

GIANNONI, A. P.; MENEZES, L. L. *A importância de Serguei Leonidovich Rubinstein para a educação: uma história desde 1922*. 17ª Jornada do Núcleo de Ensino. 4º Congresso Internacional Sobre a Teoria Histórico-Cultural: Significado e Sentido na Educação Para a Humanização. Unesp. 2018. Marília, 2018.

GIANNONI, A. P.; CARVALHO, B. P. *O pensamento esquizofrênico presente em o duplo de Fiódor Dostoiévski*. III Congresso de Saúde Mental Faculdades Integradas de Ourinhos. 2014. 64-64. Ourinhos, 2014.

GOETHE, J. W. *Fausto*. Rio de Janeiro: Otto Pierre, Editores, 1980.

GUEVARA, E. *Reforma universitaria y revolución*. [1959]. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/guevara/59-17oct.htm>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

HOBBSAWM, E. J. *A era do capital 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e historia social*. México: Universidad Autónoma de Puebla, 1982.

IGNATIEV, E. I. *La imaginación*. In: SMIRNOV, A. A. (Org.). *Psicologia*. México: Grijalbo, 1960.

ILLICH, I. *A expropriação da saúde. Nemesis da Medicina*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 1975

ILIÉNKOV, E. V. *Logica dialectica: ensayos de historia y teoría*. Moscú: Editorial Progreso, 1977.

\_\_\_\_\_. *Do ponto de vista marxista-leninista*. [1965]. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1965/mes/ponto.htm>. Acesso em 21 de Outubro de 2017.

\_\_\_\_\_. *Para relatar sobre N. P. Dubinin*. [1979]. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1979/01/31.htm>. Acesso em 21 de Outubro de 2017.

\_\_\_\_\_. *Atividade e conhecimento*. [1974]. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1974/mes/atividade.htm>. Acesso em 21 de Outubro de 2017.

\_\_\_\_\_. *Humanismo e ciência*. [1971]. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1971/mes/humanismo.htm>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

IOVCHUK, M. T.; OIZERMAN, T. L.; E. I. Y. SCHIPANOV, I. Y. *História de la filosofía. Tomo I. Historia de la filosofía premarxista*. Moscú, Editorial Progreso, 1978.

INSTITUTE OF PSYCHOLOGY OF RUSSIAN ACADEMY OF SCIENCES. *Who is who in russian psychology*. [2018]. Disponível em: [http://www.ipras.ru/cntnt/eng/informatio/eng\\_whois.html](http://www.ipras.ru/cntnt/eng/informatio/eng_whois.html). Acesso em: 28 de março de 2018.

JINKINGS, I. Nota à edição. In: MARX, K. *Manuscrtos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

KECHWACHVILI, G. N. *Dimitri Uznadze*. [2001]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0B-SmVeWcGyTILUNCRVFFZFBPVIk>. Acesso em: 27 de março de 2018.

KEDROV, M. B.; SPIRKIN, A. *La ciencia*. Moscú: Editorial Nauka, 1967.

KHRUSHCEV, N. *Informe secreto al XX congreso del PCUS*. [1956]. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/khrushchev/1956/febrero25.htm>. Acesso em: 11 de março de 2018.

KOPNIN, P. V. *Logica dialectica*. México: Editorial Grijalbo, 1966.

KRAVKOV, S. V. Interaction of the sense organs. In: Leontyev, A.; Luriya, A.; Smirnov, A. *Psychological research in the U. S. S. R*. Moscow: Progress Publishers, 1966.

KUUSINEN, O. V. *Manual de marxismo-leninismo*. Méjico: Editorial Grijalbo, 1960.

LATÍSHINA, D. *La escuela primaria soviética: problemas de la enseñanza y la educación*. Moscu: Editorial Progreso, 1984.

LEFÈVRE, A. B. Pavlov: vida e obra. In: PAVLOV, I. P., SKINNER, B. F. *Os pensadores: Textos escolhidos. Contingências do reforço, uma análise teórica*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LENIN, V. I. *Materialismo y empiriocriticismo*. México: Editorial Grijalbo, 1966.

\_\_\_\_\_. *¿Qué Hacer?* Moscú: Editorial Progreso, 1981.

\_\_\_\_\_. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1987.

\_\_\_\_\_. *As três fontes*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2001.

\_\_\_\_\_. *Obras completas Tomo V*. Madrid: Akal Editor, 1976.

\_\_\_\_\_. *Obras completas Tomo XXV*. Madrid: Akal Editor, 1977.

\_\_\_\_\_. *Citas de V. I. Lenin sobre la ciencia*. [2012]. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/temas/lenin-sobre-la-ciencia.pdf>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

\_\_\_\_\_. *Sobre el significado del materialismo militante*. [1922] Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1920s/iii-1922.htm>. Acesso em: 27 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. Acerca do Infantilismo “de esquerda” e do espírito pequeno-burguês. In: LENIN, V. *Obras escolhidas em três tomos, t.2*. Lisboa: Edições Avante, 1978.

LENINE, V. I. *Carta ao congreso (testamento político)*. [1956]. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1923/01/04.htm>. Acesso em: 27 de março de 2018.

LEÓNTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.

\_\_\_\_\_. *The problem of Activity in the history of soviet psychology*. [1986]. In: [https://drive.google.com/open?id=12b9cbrxz\\_ok3e98b\\_wVYMcSHTsDOsepg](https://drive.google.com/open?id=12b9cbrxz_ok3e98b_wVYMcSHTsDOsepg). Acesso em: 18 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L. S. Vigotski. In: VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *The problem of activity in the history of soviet psychology*. [1989]. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=12b9cbrxz\\_ok3e98b\\_wVYMcSHTsDOsepg](https://drive.google.com/open?id=12b9cbrxz_ok3e98b_wVYMcSHTsDOsepg). Acesso em 02 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 2004.

LEÓNTIEV, A. *et al.* Experiência única dos psicólogos soviéticos (Quatro cegos-surdos-mudos na Universidade de Moscovo. In: Academia das Ciências da U. R. S. S. *Ciências sociais na U. R. S. S.* Portugal: Novo Curso Editores, 1976.

LEVITIN, K. *One is not born a personality*. Moscow: Progress Publishers, 1982.

LIUBLINSKAIA, A. A. *O desenvolvimento psíquico da criança*. Lisboa: Editorial Notícias, 1979.

LLANOS, A. *Introdução à dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LOMOV, B. F. Acerca del papel de la psicología em la sociedade socialista. In: KOSSAKOWSKI, A. *Psicologia en el socialismo. Posiciones teóricas, resultados y problemas de las investigaciones psicológicas*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1987.

\_\_\_\_\_. *El problema de la comunicacion en psicologia*. La habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1989.

\_\_\_\_\_. *Psicología soviética: su historia y su situación actual. Política y sociedad* [1989]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0B-SmVeWcGyTlc3pwUFZyM1BnR1U>. Acesso em: 20 de Julho de 2017.

- \_\_\_\_\_. *Sixty years of soviet psychology*. [1977]. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=1YyZeWhfLqqxY\\_NLSG83-vEJRxKi857KT](https://drive.google.com/open?id=1YyZeWhfLqqxY_NLSG83-vEJRxKi857KT). Acesso em: 11 de março de 2018.
- LUKÁCS, G. O trabalho. In: LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LURIA, A. R. *Psychoanalysis as a system of monistic psychology*. [1977]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0B-SmVeWcGyTlW190T2xVZXhMVkk>. Acesso em: 11 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. L. S. Vygotsky. [1935]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0B-SmVeWcGyTlVVRPdUJvcTNKRm8>. Acesso em: 18 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. *El cerebro humano y los procesos psíquicos*. Barcelona: Editorial Fontanella, S. A., 1979a.
- \_\_\_\_\_. *Curso de psicologia geral. Vol. II. Sensação e Percepção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991a.
- \_\_\_\_\_. *Curso de psicologia geral. Vol. III. Atenção e Memória*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991b.
- \_\_\_\_\_. *Curso de psicologia geral. Vol. IV. Linguagem e pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979b.
- \_\_\_\_\_. *El hombre com su mundo destrozado*. Argentina: Granica Editor, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Desenvolvimento cognitivo*. São Paulo: Ícone, 2013.
- \_\_\_\_\_. *The second psychological expedition to central asia*. [1934]. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=1BVWuYiqj51BqcP-XiQyOm\\_P9S1sSWHhs](https://drive.google.com/open?id=1BVWuYiqj51BqcP-XiQyOm_P9S1sSWHhs). Acesso em: 13 de novembro de 2018.
- MAKARENKO, A. S. *Conferencias sobre educacion infantil*. Buenos Aires: Editorial Catargo, 1959.
- MANFRED, A. Z. A Rússia depois da abolição da servidão - da reforma à revolução. In: Manfred, A. Z. *História do Mundo. Volume II - O período moderno*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/manfred/historia/v02/index.htm>. Acesso em: 11 de março de 2018.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010b.
- \_\_\_\_\_. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Crítica do programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Miséria da filosofia*. Porto: Publicações Escorpião, 1974.
- \_\_\_\_\_. *O capital - volume I: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O capital: crítica da econômica política. Livro II. O processo de circulação do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão*. [1925]. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1835/08/16.htm>. Acesso em 11 de novembro de 2017.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da novíssima filosofia alemã em seus principais representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012.
- MIASISHEV, V. N. Problemas teóricos de la psicoterapia. In: LEBEDINSKI, M. S.; PLATONOV, K. I. *Problemas de psicoterapia*. Buenos Aires: Editorial Quetzal, 1962.
- MUKHINA, V. *Psicologia da idade pré-escolar*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- OGASAWARA, J. S. *O conceito de aprendizagem da Skinner e Vygotsky: um diálogo possível*. 2009. 46f. Monografia – Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Departamento de Educação. Curso de Pedagogia, 2009.
- PAVLOV, I. P. Resposta de um fisiólogo aos psicólogos. [1930]. In: PAVLOV, I. P., SKINNER, B. F. *Os pensadores: Textos escolhidos. Contingências do reforço, uma análise teórica*. São Paulo: Abril cultural, 1980.
- PAULO NETTO, J. *O que é stalinismo*. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1984.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.
- PAYNE, T. R. S. L. *Rubinsteinj and the philosophical foundations of soviet psychology*. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1968.
- PETROVSKI, A. V. *Psicologia general: manual didáctico para los institutos de pedagogía*. Moscú: Editorial Progreso, 1985a.
- \_\_\_\_\_. *Studies in psychology*. Moscow: Progress Publishers, 1985b.
- \_\_\_\_\_. *Personalidad, actividad y colectividad*. Buenos Aires: Editorial Cartago, 1984.
- PIAGET, J. *Comentarios sobre las observaciones críticas de Vygotsky*. [1973]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1TrFoL9OJ-ISC6kSTnoEeRe848qu5o2PV>. Acesso em: 27 de março de 2018.

- PLATONOV, C. *Psicologia Recreativa*. Lisboa: Portugália Editora, 1969.
- POLITZER, J. La filosofía del iluminismo y el pensamiento moderno. In: THOREZ, M. (Org.). *La Revolución Francesa*. México: Editorial Grijalbo, S. A. 1968.
- \_\_\_\_\_. *Crítica dos fundamentos da psicologia. A psicologia e a psicanálise*. Brasil: Editora UNIMEP, 1998.
- PONOMARIOV, Y. A. Psicología y actividad creadora. In: KOSSAKOWSKI, A. *Psicologia en el socialismo. Posiciones teóricas, resultados y problemas de las investigaciones psicológicas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1987.
- PRENANT, M. La Revolución Francesa y las ciencias. In: THOREZ, M. (Org.). *La Revolución Francesa*. México: Editorial Grijalbo, S. A. 1968.
- RIBOT, TH. *Essay on the creative imagination*. Chicago: The Open Court Publishing Co., 1906.
- RIVIÈRE, A. *La psicologia de Vygotski*. Madrid: Visor, 1984.
- RIMBAUD, A. *Uma estadia no inferno. Poemas escolhidos. A carta do vidente*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ROSENTAL, M.; IUDIN, P. *Dicionario filosófico*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1960.
- ROZET, I. M. *Psicología de la fantasía*. Madrid: Akal Universitaria, 2008.
- RUBENSTEIN, S. *Soviet Psychology in wartime*. [1944]. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=1-Iif0AL5h4BP4a6D4kzBd3Z\\_P8NT68Bi](https://drive.google.com/open?id=1-Iif0AL5h4BP4a6D4kzBd3Z_P8NT68Bi). Acesso em: 13 de novembro de 2018.
- RUBINSTEIN, S. L. *El desarrollo de la psicologia: Principios y metodos*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Principios de psicologia general*. México, D. F: Grijalbo, 1967.
- \_\_\_\_\_. *O ser e a consciência*. Lisboa: Portugália Editora, 1968.
- RUBINSHTEIN, S. L. *The principle of creative Self-activity (philosophical foundation of modern pedagogy)*. [1986] Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1QYHaVqAJb58UiYC3aqVuu5fh8q1iXCIP>. Acesso em: 14 de março de 2018.
- RUDNEVA, E. I. *Vygotsky's pedological distortions*. [2000]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1IBxLKDDo2SQPM0ShQophDP9eDvTON0vU>. Acesso em: 27 de março de 2018.
- SANTOS, M. F. *Psicologia*. São Paulo: Livraria e Editora Logos LTDA, 1958.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.
- SÈVE, L. *Marxismo e toeira da personalidade Vol. I*. Lisboa, Livros Horizonte, 1979.
- SHAKESPEARE, W. *A trágica história de Hamlet príncipe de Dinamarca*. Brasil: Ridendo Castigat Mores, 2000.
- SHDAN, A. N. S. L. Rubinstein e a universidade de Moscou. In: GOLDER, M. *Leontiev e a psicologia histórico-cultural. Um homem em seu tempo*. São Paulo: Xamã, 2004.
- SHUARE, M. *A psicologia soviética: meu olhar*. São Paulo: Terracota Editora, 2016.
- SIROTKINA, I. E. N. A. *Bernshtein*. [1991]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=17QwEGUbU2au4NI4sYQZ5T7GumnVNGzp6>. Acesso em: 27 de março de 2018.
- SKOROJODOVA, O. *Como veo com mis manos*. [1981]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0B-SmVeWcGyTlZUgyeXl1S1R0ejA>. Acesso em: 13 de novembro de 2018.
- SMIRNOV, A. A. *On the fiftieth anniversary of soviet psychology*. [1967]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1QjWYADUoDbvHKYk4TdoRosFLtAertQKE>. Acesso em: 11 de março de 2018.
- SMIRNOV, G. *O homem soviético*. Moscovo: Edições Progresso, 1978.
- SOUZA, J. A. M. *Sociedade, classe e individuo: a consciência enquanto representação do movimento real*. 2015. 132f. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Mestrado em Psicologia, 2015.
- STALIN, J. V. *Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945.
- STELIANOVA, N.I. *К 105-ЛЕТИЮ СО ДНЯ РОЖДЕНИЯ ПРОФЕССОРА Е. И. ИГНАТЬЕВА. (NO 105 aniversário do professor E. I. Ignatiev)*. Disponível em: [http://library.by/portalus/modules/biographies/readme.php?archive=&id=1426846470&start\\_from=&subaction=showfull&ucat](http://library.by/portalus/modules/biographies/readme.php?archive=&id=1426846470&start_from=&subaction=showfull&ucat). Acesso em: 25 de janeiro de 2018.
- TALANKIN, A. A. *On the Vygotsky and Luria Group*. [2000]. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1rj2VHzMEXi5T8WR55ET1rpiGfkPxUqRt>. Acesso em: 18 de março de 2018.

TEPLOV, B. M. *Psychologie des aptitudes musicales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.

TROTSKY, L. *As lições de outubro*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora LTDA, 1979.

UZNADZE, D. N. *The psychology of set*. [2004]. Disponível em:  
<https://drive.google.com/open?id=1cO4bLQ5G3zilnOQBmvyGLzVreXqTZJEq>. Acesso em: 27 de março de 2018.

VAN DER VEER, R. Nota de Van der Veer. In: VIGOTSKI, L. S. *La genialidad y otros textos ineditos*. Buenos Aires: Editorial Almagesto.

VEGA, L. G. *Historia de la psicología III. La psicología rusa: reflexología y psicología soviética*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, S. A., 1993.

VERNE, J. *A volta ao mundo em 80 dias*. São Paulo: Hemus - Livraria Editôra LTDA, 1971.

\_\_\_\_\_. *Miguel Strogoff o correio do Czar*. Grupo Ediouro: Editora Tecnoprint S. A., 1972.

VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. *La genialidad y otros textos ineditos*. Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1998a.

\_\_\_\_\_. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

\_\_\_\_\_. *Psicologia Pedagógica. Edição comentada*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

\_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

\_\_\_\_\_. *A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança*. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. Número 8, 23-36, Abril de 2007.

\_\_\_\_\_. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009a.

\_\_\_\_\_. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009b.

\_\_\_\_\_. *A arte como catarse*. In: VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas IV. Paidología del adolescente. Problemas de la psicología infantil*. Madrid: Machado Grupo de Distribución, S. L., 2012.

ZEIGARNIK, B. V.; RUBINSHTEIN, S. YA. *Psychology during the war*. [1985]. Disponível em:  
<https://drive.google.com/open?id=1aYpk34pmeyobotfRI92g0mmskMeEXgjW>. Acesso em: 27 de março de 2018.